



Universidade do Porto Faculdade de Direito

Teresa Patrícia Fernandes e Sousa

**RELAÇÕES ENTRE MORAL, AUTOCONTROLO E COMPORTAMENTO DESVIANTE:
UM ESTUDO EMPÍRICO JUNTO DE ADOLESCENTES ENTRE OS 10 E OS 17 ANOS DE
IDADE**

Mestrado em Criminologia

**Dissertação sob a orientação
da Professora Doutora Carla Cardoso
e coorientação da Mestre Josefina Castro**

Maio 2013

TERESA SOUSA

**RELAÇÕES ENTRE MORAL, AUTOCONTROLO E COMPORTAMENTO DESVIANTE:
UM ESTUDO EMPÍRICO JUNTO DE ADOLESCENTES ENTRE OS 10 E OS 17 ANOS DE
IDADE**

Dissertação para a obtenção do grau de mestre sob orientação da

Professora Doutora Carla Cardoso

e coorientação da Mestre Josefina Castro

Maio 2013

RESUMO

O autocontrolo e a moralidade são dois conceitos de relevo no estudo do crime e do comportamento desviante. O autocontrolo consiste na capacidade que cada indivíduo possui de controlar o seu comportamento no sentido de obter recompensas e evitar punições. Para a Teoria Geral do Crime fundada, em 1990 por Michael Gottfredson e Travis Hirschi, é no autocontrolo que reside o cerne da explicação para o comportamento desviante, consistindo este num dos conceitos mais testados nas ciências sociais, nomeadamente na Criminologia. Por outro lado, a moralidade diz respeito a um conjunto de regras sobre o que está certo ou errado num determinado contexto e constitui o fator central na explicação do comportamento desviante, para a Teoria da Ação Situacional. Durante um vasto período de tempo, estes dois conceitos foram estudados separadamente sem que se procurasse a sua integração na compreensão do fenómeno criminal. Contudo, recentemente, assistiu-se a um consenso no que concerne à necessidade de integrar as duas variáveis e de perceber em que sentido cada uma delas influencia os indivíduos na prática de comportamento desviante. Com esta investigação assente em dados recolhidos junto de adolescentes portugueses, com idades entre os 10 e os 17 anos, de três escolas do distrito do Porto, procuramos contribuir para um melhor entendimento da relação entre autocontrolo, moralidade e comportamento desviante. No primeiro estudo, com dados de 347 questionários autorrevelados, os resultados mostram que o autocontrolo desempenha um importante papel no comportamento desviante mas que, quando se introduz a moralidade, a importância do autocontrolo decresce. Porém, quando consideramos a relação entre autocontrolo e moralidade na produção de comportamento desviante, os resultados reiteram que o autocontrolo é, efetivamente, o fator principal. No segundo estudo, com dados de 21 entrevistas, os resultados apontam para o facto de os indivíduos, quando respondem aos itens da “impulsividade” e “procura de risco” da escala de autocontrolo de Grasmick et al. (1993), terem por base o mesmo tipo de experiências e situações. Isto justifica o facto de, no primeiro estudo, estas duas dimensões surgirem apenas como uma só e não como duas distintas, como havia sido sugerido por Gottfredson e Hirschi. Assim, é necessário continuar a testar a Teoria Geral do Crime, integrando mais variáveis na relação entre autocontrolo e comportamento desviante e promovendo reflexões sobre as medidas empíricas de autocontrolo.

Palavras-chave: Autocontrolo, moralidade, comportamento desviante, escala de autocontrolo de Grasmick et al. (1993), Teoria Geral do Crime, Teoria da Ação Situacional.

ABSTRACT

Self-control and morality are two important concepts in the study of crime and deviant behaviour. Self-control is an individual ability to control one's behaviour in order to obtain some reward or avoid some punishment. To the General Theory of Crime founded in 1990 by Michael Gottfredson e Travis Hirschi, self control is the main factor behind deviant behaviour and one of the most concepts ever tested in social sciences, especially in Criminology. In turn, morality is a set of rules about what is wrong or right in particular circumstances and the prime factor in explaining misconducts, to the Situational Action Theory. For a long time, these two concepts were studied as two independent ideas. However, in the recent years, it has been a growing consensus about the importance of their integration: which of both matters in the explanation of deviant behaviour? Using data collected from Portuguese adolescents (ages between 10 and 17) of three Oporto schools, with this investigation, we try to contribute to understand the cross talk between self control, morality and deviant behaviour. In the first study, using data from 347 self-reported survey, our results provide good support to the idea that self-control has an important role in deviant behaviour; but, when we take morality into account, the weight of self-control decreases. However, when we consider self control and morality in deviant behaviour, the results confirm that self control is the main factor. In the second study, using data collected from 21 interviews, the results suggested that when individuals answer to the "impulsivity" and "risk seeking" items from Grasmick et al. (1993) self control scale, they think about the same experiences and situations. This justifies why the two dimensions comes together in the first study, and why they not come as two different dimensions as suggested by Gottfredson and Hirschi.

In this way, it's important to test, in future research, the General Theory of Crime in an integrative perspective with more variables in the association between self control and deviant behaviour. Finally, future research should promote, too, more reflexion about the empirical self control measures.

Palavras-chave: Self-control, Morality, Deviant behavior, Grasmick et al. (1993) self-control scale; General Theory of Crime, Situational Action Theory.

AGRADECIMENTOS

Um agradecimento especial a todos os que, com o seu apoio, disponibilidade, rigor e carinho, contribuíram para que esta dissertação se tornasse possível, em especial:

Às minhas orientadoras, Professora Doutora Carla Cardoso e Mestre Josefina Castro,

À Escola de Criminologia da Faculdade de Direito da Universidade do Porto,

Às escolas, aos professores e aos alunos que colaboraram na recolha de dados,

Aos meus amigos e colegas,

À minha família.

Todos, mas mesmo todos, foram indispensáveis para que eu tivesse conseguido chegar até aqui.

LISTA DE ABREVIATURAS

TGC – Teoria Geral do Crime

TAS – Teoria da Ação Situacional

ÍNDICE GERAL

Resumo	ii
Abstract	iii
Agradecimentos	iv
Lista de Abreviaturas	v
Índice geral	vi
Índice de tabelas	ix
Índice de figuras	x
Introdução	1
Capítulo I - A Teoria Geral do Crime	4
1.1.O conceito de autocontrole	4
1.2.As origens do autocontrole	8
1.2.1.A Família	8
1.2.1.1.Ausência de monitorização, reconhecimento e punição do comportamento da criança	9
1.2.2.Constituição do agregado familiar	11
1.3.A operacionalização do autocontrole	12
1.3.1. A Escala de Grasmick, Tittle, Bursik e Arneklev de 1993.....	13
1.3.1.1.A unidimensionalidade da escala	16
1.4.O autocontrole e o comportamento desviante	18
Capítulo II - A Teoria da Ação Situacional	21
2.1. Os pressupostos da Teoria da Ação Situacional	21
2.2. A moralidade	24
2.3. O autocontrole ou a capacidade de exercer autocontrole	27
Capítulo III - O Autocontrole e a Moral	29

Capítulo IV – Metodologia	32
4.1. Objetivos e questões de investigação	32
4.2. Metodologia	34
4.3. Amostra	35
4.4. Procedimentos	36
4.4.1. Recolha de dados	36
Estudo I	36
Estudo II	37
4.4.1.1. Os instrumentos de recolha de dados	38
Estudo I – Inquérito por questionário.....	39
Estudo II – Entrevista semiestruturada	40
4.4.2. Análise de dados	41
Estudo I	41
Estudo II	44
 Capítulo V – Apresentação de Resultados.....	 45
Estudo I	45
1. Descrição global da amostra	45
2. A escala de autocontrolo	49
2.1. A validade da escala de autocontrolo	49
2.2. Autocontrolo e a sua relação com o sexo, o estatuto socioeconómico, a estrutura familiar e a idade	54
2.2.1. O autocontrolo e a sua relação com o sexo	54
2.2.2. O autocontrolo e a sua relação com o estatuto socioeconómico, a estrutura familiar, o sexo e a idade	57
3. O autocontrolo e a sua relação com o comportamento desviante	58
4. Autocontrolo, moralidade e comportamento desviante	61
Estudo II	64
1. Impulsividade	64
1.1. A compreensão do item e dos conceitos	65
1.2. A situação	67
1.3. O outro	68

2. Procura do risco	70
2.1. A compreensão do item e dos conceitos	71
2.2. A situação	73
2.3. O outro	74
 Discussão dos Resultados.....	78
 Bibliografia.....	86
 Anexos.....	92
Anexo 1 - Objetivos, amostra e medidas de estudos empíricos que testam conceitos da Teoria Geral do Crime e da Teoria da Ação Situacional	92
Anexo 2 – Folha distribuída aos inquiridos antes do preenchimento do questionário	94
Anexo 3 – Questionário	96
Anexo 4 - Consentimentos informados, dados aos pais, para autorizar a participação na Entrevista	109
Anexo 5 - Descrição das variáveis do questionário utilizadas no estudo	112
Anexo 6 - Guião da entrevista	123
Anexo 7 – Grelha de análise dos dados qualitativos – primeira	126
Anexo 8 - Grelha de análise dos dados qualitativos – segunda	191

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição da amostra por escola	45
Tabela 2 – Características sociodemográficas dos inquiridos	46
Tabela 3 – Características socioeconómicas da amostra	46
Tabela 4 – Constituição dos agregados familiares dos indivíduos	47
Tabela 5 – Características da amostra relativamente aos níveis de autocontrolo, moral e comportamento desviante	48
Tabela 6 – Caracterização da amostra relativamente aos níveis de autocontrolo em função do sexo, por item, por dimensão e enquanto medida compósita segundo a operacionalização de Grasmick et al., 1993.....	55
Tabela 7 – Correlações entre autocontrolo, estatuto socioeconómico, estrutura familiar, sexo e idade por dimensão e enquanto medida compósita segundo a operacionalização de Grasmick et al., 1993.....	57
Tabela 8 – Correlações entre o índice de autocontrolo e cada uma das suas dimensões e o comportamento desviante enquanto medida compósita e cada um dos diferentes comportamentos desviantes	59
Tabela 9 – Correlações parciais entre o índice de autocontrolo e cada uma das suas dimensões e o comportamento desviante quando controladas as variáveis estatuto socioeconómico, estrutura familiar, situação profissional, sexo e idade	60
Tabela 10 – Correlações entre o índice de moral e o comportamento desviante enquanto medida compósita e cada um dos diferentes comportamentos desviantes.....	61
Tabela 11 – Correlação entre autocontrolo e comportamento desviante quando controlada a moral; e correlação entre moral e comportamento desviante quando controlado o autocontrolo.....	61
Tabela 12 – Distribuição de comportamentos desviantes pelos níveis altos e baixos de autocontrolo e moralidade, dicotomizados a partir da média.....	62

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Modelo de explicação de atos de crime (Wikström, Ceccato, Hardie e Treiber; Wikström e Svensson, 2010).....	23
Figura 2 – Análise factorial de componentes principais da escala de autocontrolo. Imagem obtida e retirada de SPSS®	50
Figura 3 – Análise factorial de componentes principais da escala de autocontrolo – componentes da escala com recurso ao método <i>varimax</i> e de acordo com a regra de Kaiser. Imagem obtida e retirada de SPSS®	52

INTRODUÇÃO

A presente dissertação, realizada e apresentada no âmbito do Mestrado em Criminologia, tem como principal objetivo explorar a relação entre o autocontrolo, central para a Teoria Geral do Crime, e a prática de comportamentos desviantes para uma amostra juvenil portuguesa; assim como a pertinência da introdução de outras variáveis nesta relação, mais precisamente da moralidade, à luz da Teoria da Ação Situacional.

A Teoria Geral do Crime, lançada em 1990 por Gottfredson e Hirschi desloca para o autocontrolo o cerne da explicação para a prática de comportamentos desviantes – criminais ou não. Efetivamente, os estudos empíricos têm vindo a corroborar a existência de uma forte associação entre estas variáveis, isto é, que a baixos níveis de autocontrolo se fazem corresponder elevadas práticas de comportamento desviante. Porém, e sendo esta uma teoria amplamente testada no panorama criminológico, assiste-se atualmente ao aparecimento de teorias que, não retirando a importância ao autocontrolo, enquanto variável fundamental na prática de desvio, apontam para a existência de outras variáveis que tornam esta associação menos robusta. É neste contexto que surge a Teoria da Ação Situacional ao considerar que o poder da moralidade na explicação do comportamento desviante é de tal modo elevado que se sobrepõe ao do autocontrolo.

Apesar de constituir uma teoria vastamente testada, nota-se em Portugal uma lacuna a este nível. A escala de Grasmick, Tittle, Bursik e Arneklev de 1993, a medida a que mais se recorre para aferir os níveis individuais de autocontrolo ainda não havia sido, pelo que se conhece, testada para a população portuguesa. Neste sentido, com esta investigação de Mestrado procura-se, junto de uma amostra portuguesa entre os 10 e os 17 anos de idade replicar a escala já referida, assim como testar a associação entre autocontrolo e comportamento desviante. Integrando perspetivas que apontam como fundamentais outras variáveis que contribuem para a explicação do desvio, testar-se-á ainda a relação entre moralidade, autocontrolo e comportamento desviante. Deste modo, para se tornar possível a verificação destas associações, recorrer-se-á à aplicação de um inquérito por questionário junto de 347 jovens. Num momento posterior, recorrendo a entrevistas realizadas junto de 21 jovens procurar-se-á apresentar uma reflexão sobre os itens da escala de Grasmick et al. (1993) em que, à semelhança do que vem sido feito, não se aborda esta medida apenas do ponto de vista quantitativo, mas também qualitativamente.

Esta dissertação de Mestrado será constituída por cinco partes.

No capítulo I será apresentada a Teoria Geral do Crime, dando-se especial ênfase ao seu conceito central – o autocontrole – isto é, à capacidade que cada indivíduo detém para adotar comportamentos de modo a evitar punições e a obter recompensas. De seguida, abordar-se-á a questão das origens do autocontrole, nomeadamente no que ao papel da família diz respeito enquanto elemento fulcral na monitorização do comportamento das crianças e, consequentemente, na verificação e punição desses mesmos comportamentos. Finalmente, procurar-se-á ainda abordar a escala de Grasmick et al. (1993) enquanto primeira medida empírica de autocontrole e como uma das mais testadas junto de amostras diversificadas.

No capítulo II, a atenção recairá sobre a Teoria da Ação Situacional que, ao integrar perspetivas explicativas do foro individual e ambiental, procura trazer para a relação entre autocontrole e comportamento desviante a variável moralidade. Neste momento, será dada especial importância ao esclarecimento desta perspetiva teórica: desde logo o conceito de ação – uma vez que esta se apresenta como uma teoria da ação – e ainda as noções de crime, de propensão, moralidade individual e, finalmente, a capacidade que cada indivíduo detém de exercer autocontrole que está intimamente ligada ao conceito do autocontrole que para a TAS apresenta um significado diferente daquele que a TGC lhe atribui.

No capítulo III, por sua vez, procurar-se-á constatar a relação entre autocontrole, moral e comportamento desviante do ponto de vista empírico. Isto é, será apresentado um conjunto de estudos que incide particularmente sobre o estudo e a procura de associações entre estas variáveis.

No que concerne ao capítulo IV, nele constará informação relativa à metodologia adotada na presente investigação. Desde logo, proceder-se-á à descrição dos objetivos que orientam este trabalho, assim como da necessidade de recorrer a duas metodologias complementares: a quantitativa e a qualitativa que acabará por culminar na apresentação de dois estudos – Estudo I e Estudo II. Neste capítulo será ainda passível de encontrar informação relativa à amostra e aos procedimentos de recolha de dados para cada um dos estudos.

No capítulo V serão apresentados os resultados desta investigação quanto aos seus dois estudos – I e II. Assim, os dados serão expostos tendo por base os objetivos e as questões de investigação colocados como consequência dos três primeiros capítulos.

Finalmente, terminar-se-á a dissertação de Mestrado com as principais conclusões deste trabalho, tendo como subjacentes os estudos e as correntes teóricas sobre estas matérias enunciadas. Neste sentido, procurar-se-á aferir em que medida os resultados desta

investigação constituem ratificações ou refutações relativamente a pesquisas precedentes. De seguida, serão ainda apontadas críticas e dificuldades deste estudo, assim como possíveis sugestões de investigação por ele despoletadas.

CAPÍTULO I

A TEORIA GERAL DO CRIME

No início dos Anos 90, a Criminologia teórica assiste a um período de forte crescimento e desenvolvimento (Cochran, Aleksa e Chamlin, 2006), apresentando-se, nesse sentido, como um contexto promissor ao surgimento de novas correntes teóricas. É, neste contexto, que se assiste à emergência, em 1990, da Teoria Geral do Crime por Hirschi e Gottfredson que, sendo os seus autores fundadores, avançam o autocontrolo enquanto característica fundamental para a explicação da prática de comportamentos desviantes e criminais (Hirschi e Gottfredson, 1990; Wright, Caspi, Moffitt e Silva, 1999).

1.1.O CONCEITO DE AUTOCONTROLO

O conceito de autocontrolo consiste, de acordo com Gottfredson e Hirschi (1990), na capacidade individual que permite a cada sujeito agir no sentido de evitar punições e obter recompensas em função dos comportamentos que adota. Os autores consideram que as características de autocontrolo derivam precisamente da natureza dos atos criminais, remetendo neste sentido para a necessidade de ter em consideração a definição de crime por eles avançada:

“We have defined crime as acts of force or fraud undertaken in pursuit of self-interest” (p.15)

Neste sentido, os autores da TGC começam por apresentar o autocontrolo enquanto conceito comportamental na medida em que se refere às características individuais que levam a uma vulnerabilidade no sentido de agir conforme as tentações do momento, de modo a procurar recompensas e evitar punições. Esta característica do conceito remete para o desejo natural que o homem possui de maximizar o prazer e evitar a dor, mantendo-se assim esta teoria, como refere Moyer (2001) na tradição da Escola Clássica que postula o crime enquanto racional, enquanto fruto de uma escolha individual. Assim, pessoas com baixo autocontrolo responderiam às situações de uma forma mais imediata e de acordo com o seu desejo no momento comparativamente às que apresentam níveis mais elevados de autocontrolo.

Os indivíduos com baixos níveis de autocontrolo caracterizar-se-iam, deste modo, por não serem dotados de tenacidade nem de persistência ao longo da vida, o que os impele para uma incapacidade individual de atingir objetivos estabelecidos a um longo prazo. Consequentemente, também a sua vida pessoal se poderia ver afetada, assim como o emprego, pela dificuldade que os indivíduos com baixos níveis de autocontrolo apresentam no que

respeita a manterem-se vinculados, por extensos períodos de tempo, a um casamento ou a uma ocupação profissional, por exemplo.

Ao conceito inicial dotado de uma dimensão comportamental, vão-lhe sendo acrescidas outras dimensões: desde logo, uma dimensão cognitiva que aponta para o facto dos indivíduos com baixos níveis de autocontrolo se caracterizarem por adotarem comportamentos de índole física em detrimento de situações que lhes exijam mais pensamento e raciocínio. Isto é, observa-se, nestes indivíduos com níveis mais baixos de autocontrolo, numa maior preferência por atos relacionados com perigo, velocidade, aventura comparativamente aos que apresentam níveis mais elevados de autocontrolo, assim como uma indiferença relativamente às consequências a longo prazo que possam advir dos seus atos, que cede lugar a uma vontade de satisfação imediata de desejos junto desses mesmos atos.

É, em função desta última questão que os indivíduos podem ser também caracterizados como autocentrados¹. Finalmente, os sujeitos com baixo autocontrolo, ainda no que à dimensão cognitiva diz respeito, apresentam-se como dotados de pouca inteligência (Le Blanc, 2006), pelo facto de a maioria dos crimes exigir, segundo Gottfredson e Hirschi (1990), poucos requisitos cognitivos no seu cometimento.

O autocontrolo é ainda caracterizado por uma dimensão emocional que se concretiza na insensibilidade que os sujeitos demonstram. Assim, apresentam-se como pouco sensíveis ou mesmo indiferentes ao sofrimento dos outros, nomeadamente das vítimas. E, por último, uma dimensão temperamental², por serem indivíduos pouco resistentes à frustração e com uma fraca capacidade para responder aos conflitos de forma verbal em detrimento de comportamentos físicos (LeBlanc, 2006).

Deste modo, a presença de tal conjunto de traços num indivíduo levá-lo-ia a ser detentor de baixos níveis de autocontrolo, o que o colocaria numa posição de vulnerabilidade relativamente à prática de comportamentos desviantes. Os autores referem, em tom de resumo, o seguinte relativamente ao modo como se pode definir autocontrolo:

“In sum, people who lack self-control will tend to be impulsive, insensitive, and physical (as opposed to mental), risk-taking, short-sighted, and nonverbal and they will tend therefore to engage in criminal and analogous acts. (...) There is considerable tendency for these traits to come together in the same people (...). (p.90-91).

¹ O termo original é *short-sighted* e, ao longo deste trabalho, designar-se-á por “autocentração”.

² Esta categorização das dimensões do autocontrolo - comportamental, cognitiva, emocional e temperamental - é sugerida por LeBlanc (2006).

Com estas afirmações, os autores elencam então um conjunto de traços que, aparecendo em simultâneo num mesmo indivíduo, permitem caracterizá-lo quanto aos seus níveis de autocontrolo. Estes sujeitos tendem a demonstrar comportamentos impulsivos, insensíveis, físicos, de adoção de risco, de autocentração e não-verbais.

Finalmente, importa acrescentar, no que concerne ainda às dimensões do autocontrolo, que Gottfredson e Hirschi as consideram:

“Factors affecting calculation of the consequences of one’s acts” (p.95).

Isto é, na perspectiva dos autores, há pouca variabilidade na forma como os indivíduos calculam as vantagens que poderão retirar de uma ofensa, uma vez que se apresentam como sendo imediatas, óbvias e diretas. Porém, a forma como percebem as desvantagens associadas ao mesmo comportamento já não se lhes é apresentada de forma tão imediata, óbvia e direta. Ou seja, os custos que podem estar associados a um comportamento, habitualmente de ordem social ou legal, são uma consequência que resulta do ato. Porém, o facto de não se pautarem pelo mesmo imediatismo comparativamente às vantagens, faz com que alguns indivíduos manifestem dificuldades no que respeita à sua antecipação. Neste sentido, é precisamente a questão de cálculo de consequências que Gottfredson e Hirschi consideram estar afetada num indivíduo com baixo autocontrolo: percebe as vantagens imediatas do ato mas tem dificuldade em antecipar as suas consequências ulteriores.

Importa ainda acrescentar que o conceito de autocontrolo se pauta por uma ideia de versatilidade e de continuidade. No que concerne à prática de atos que resultam de um baixo autocontrolo, Gottfredson e Hirschi (1990) não veem no crime uma consequência automática. Ao longo da vida, os indivíduos com baixo autocontrolo podem adotar diversos comportamentos: criminais ou não. Fumar ou abusar de álcool são considerados comportamentos análogos ao crime e que também são facilitados na presença de baixo autocontrolo mas que não são comportamentos criminalizados.

Este conjunto de situações está presente quando os níveis de autocontrolo são mais baixos, uma vez que os indivíduos com mais alto autocontrolo têm menor probabilidade de, em qualquer circunstância, se envolver em atos criminais – ou análogos – pelo facto de serem capazes de resistir às tentações do momento.

Assim, os autores reafirmam esta ideia de versatilidade, referindo o seguinte:

“By versatility we mean that offenders commit a wide variety of criminal acts, with no strong inclination to pursue a specific criminal act or a pattern of criminal acts to the exclusion of others”
(p.91)

Esta noção de versatilidade na atividade criminal distancia-se das teorias que defendem a especialização dos ofensores, como é, por exemplo, o caso dos ofensores de crimes de colarinho branco ou de violadores. De facto, nestes indivíduos observa-se repetidamente o mesmo comportamento. Porém, Gottfredson e Hirschi alertam para o facto de que estes rótulos são retrospectivos, remontando a comportamentos passados e ignorando uma série de outros comportamentos incompatíveis com a ideia de especialidade. O mesmo é dizer que também os violadores, por exemplo, podem consumir drogas e praticar furtos. Todavia, há uma tendência natural de quem observa para dar especial ênfase aos crimes mais sérios numa vasta série de eventos, o que não deve ser confundido com a ideia de que os ofensores se especializam, efetivamente, num único tipo de crime.

Relativamente à noção de estabilidade, segundo a TGC, as diferenças individuais nos níveis de autocontrolo estabelecem-se numa fase precoce da vida dos sujeitos e mantêm-se estáveis ao longo do tempo. É pela ausência de uma socialização eficaz na infância que se tende a produzir uma predisposição criminal, isto é, um baixo autocontrolo (resultado verificado por Nakhaie, Silverman e LaGrange, 2000). Esta predisposição traduzir-se-á então em crime e noutros comportamentos análogos (Akers, 1991).

À luz desta ideia de estabilidade, Gottfredson e Hirschi referem que as diferenças entre os indivíduos na probabilidade de cometer crime persistem ao longo do tempo. Isto é, uma vez estabelecidas as diferenças nos primeiros anos de vida, essas diferenças entre grupos – uns apresentam níveis elevados de autocontrolo comparativamente aos outros – mantêm-se ao longo da vida. Assim, a nível inter-individual verifica-se estabilidade nos níveis de autocontrolo, apesar de se poderem observar algumas alterações intra-individuais decorrentes do natural processo de socialização que ocorre em cada indivíduo ao longo do seu percurso de vida.

Para os autores da Teoria Geral, a questão da estabilidade resulta da ideia de que a “dessocialização” é rara, portanto pouco ou nenhum movimento se verifica nos indivíduos com elevados níveis de autocontrolo estabelecidos nos seus primeiros anos de vida. Por sua vez, no grupo de indivíduos que pratica comportamentos desviantes é possível que se observe algum decréscimo desses mesmos comportamentos; todavia, este segundo grupo de indivíduos continua com níveis inferiores de autocontrolo comparativamente ao grupo já

socializado conforme as normas do contexto em que está inserido. Isto porque, à medida que a pessoa envelhece, apresenta menor probabilidade de praticar atos desviantes, o que pode decorrer não apenas dos níveis de autocontrole, mas também de outras características relacionadas com o próprio envelhecer.

Em suma, importa reter que embora a noção de autocontrole preceda os Anos 90, ganha especial ênfase aquando desta época com a apresentação da TGC. Os seus autores, Gottfredson e Hirschi, caracterizam os indivíduos com baixo autocontrole tendo por referência os próprios atos que, em função dessa característica individual podem ser praticados: os crimes são cometidos para corresponder a um interesse individual, sendo que é de acordo com este mesmo interesse que atuam os indivíduos com baixo autocontrole.

Assim, sujeitos com baixo autocontrole tendem a apresentar um conjunto de traços que os impele a agir de acordo com as tentações do momento sem antecipar as consequências daí advindas, para usufruir das vantagens imediatas dos seus comportamentos. Por não praticarem exclusivamente um tipo de atos, a sua conduta é versátil, obedecendo ainda o autocontrole a padrões de estabilidade ao longo da vida de um indivíduo.

1.2.AS ORIGENS DO AUTOCONTROLO

A TGC tem suscitado um vasto desenvolvimento de literatura interessada em aprofundar o conhecimento sobre as origens do autocontrole (Boutwell e Beaver, 2010).

Segundo Gottfredson e Hirschi (1990, p.94-95),

“(...) low self-control is not produced by training, tutelage, or socialization. As a matter of fact, all of the characteristics associated with low self-control tend to show themselves in the absence of nurturance, discipline, or training.”

Isto é, as características associadas ao baixo autocontrole revelam-se na ausência de carinho, disciplina ou treino, sendo portanto fulcral que tais elementos estejam presentes no decorrer do processo de supervisão parental. Neste sentido é então possível referir que é nas falhas e fragilidades da supervisão parental que reside o papel fundamental no que concerne ao desenvolvimento de baixos níveis de autocontrole.

1.2.1.A Família

Gottfredson e Hirschi (1990) consideram que a causa maior de baixo autocontrole reside na educação da criança. A supervisão parental impede a passagem ao ato quando os pais conseguem monitorizar o comportamento dos seus filhos. Porém, esta supervisão apenas

resulta se os educadores forem capazes de reconhecer condutas desviantes para, deste modo, as reprimirem, evitando futuros comportamentos análogos.

Por certo, para que uma criança seja, efetivamente, socializada, é necessário que um conjunto de condições esteja reunido. São então indicados três aspetos essenciais para uma educação adequada e, conseqüentemente, para o desenvolvimento de níveis ajustados de autocontrolo:

- i. Monitorização do comportamento da criança;
- ii. Reconhecimento, quando este ocorre, do comportamento desviante;
- iii. Punição desse comportamento.

Desta forma, o responsável por uma criança observa o seu comportamento, percebe que ela fez coisas erradas e corrige-a. Conseqüentemente, a criança dever-se-á tornar capaz de adiar a gratificação, de se mostrar sensível aos interesses e desejos dos outros, de aceitar constrangimentos e de agir com menos recurso à violência ou à força para atingir os seus fins.

Todavia, este processo pode falhar. Os autores atribuem esta possibilidade de falha no processo de socialização a um conjunto de elementos relacionados com a família.

1.2.1.1. Ausência de monitorização, reconhecimento e punição do comportamento da criança

O processo de socialização nos primeiros anos de vida pode falhar se não houver alguém que cuide da criança; se os pais mesmo que cuidem, não tiverem tempo para monitorizar o seu comportamento; se mesmo que monitorizem, não notarem quaisquer aspetos errados no comportamento, caso estes existam; e se, finalmente, mesmo que verificadas tais condutas, não atribuírem à criança uma resposta punitiva. Assim, o que parece simples, pode tornar-se numa fonte de baixo autocontrolo pelo facto de este não ter sido promovido pela supervisão dos educadores da criança.

Num estudo realizado por Hay (2001), procurou-se testar em que medida as variáveis apontadas pela TGC como estritamente ligadas a práticas de parentalidade eficaz surgem ou não negativamente relacionadas com baixos níveis de autocontrolo e se, por outro lado, os efeitos da parentalidade na delinquência são mediados pelo baixo autocontrolo. Para isto, recorreu-se a medidas de monitorização e disciplina parental, assim como de autocontrolo, delinquência e, como variáveis de controlo, idade, sexo, raça e antissocialidade na infância. Os resultados deste estudo sustentam a teoria de Gottfredson e Hirschi. As medidas de monitorização e de disciplina surgem, cada uma delas, negativamente relacionadas com baixo

autocontrole, sendo o efeito da monitorização estatisticamente significativo. Quando ambas são consideradas apenas enquanto uma medida, o coeficiente é negativo, significativo e maior do que o coeficiente para as duas medidas em separado. Por outro lado, o baixo autocontrole surge também como mediador dos efeitos da monitorização e da disciplina parental nos níveis individuais de delinquência, mas não demonstrando uma relação tão forte quanto o esperado.

Vazsonyi e Belliston (2007) chegam a conclusões semelhantes junto de uma amostra constituída por elementos de 5 países: Japão, Estados Unidos da América, Hungria, Holanda e Suíça. Os níveis de monitorização parental apresentam-se negativamente relacionados com baixo autocontrole e desvio, notando-se apenas pequenas exceções em alguns países. Das três medidas de parentalidade que usam – proximidade, apoio e monitorização – o apoio materno é o que mostra uma relação mais consistente com autocontrole, estando por isso associado o aumento do apoio da mãe a uma diminuição do baixo autocontrole no filho. Também a monitorização surge negativamente associada ao baixo autocontrole. Quanto aos níveis de proximidade, não se encontra nenhuma relação de relevo. Porém, os autores alertam que estas medidas de parentalidade apenas explicam 12% da variabilidade do autocontrole. Pelo que, considerando o papel de relevo conferido por Gottfredson e Hirschi à parentalidade, esperava-se maior variabilidade nos níveis de autocontrole em função das variáveis testadas. Este resultado alerta precisamente para o facto de haver outros processos de socialização, outros mecanismos de controlo formal ou informal e ainda fatores de outra índole, como por exemplo, biológicos, que poderão estar relacionados com a variação nos níveis individuais de autocontrole. Porém, os autores encontram evidência para um conjunto de relações entre as variáveis que se mantêm praticamente invariáveis ao longo dos diferentes países mesmo cada um deles possuindo características específicas no que concerne ao seu próprio contexto nacional: os processos familiares estão relacionados com os níveis de autocontrole, o autocontrole está relacionado com os níveis de desviância e que a parentalidade também influencia os níveis de desviância.

Por sua vez, num trabalho realizado por Phythian, Keane e Krull (2008), constata-se que os adolescentes que veem um ou ambos os pais como inconsistentes com a disciplina que aplicam, implicando com pequenas coisas, usando a ameaça de abuso físico ou negligenciando as suas responsabilidades parentais, tendem a mostrar níveis mais baixos de autocontrole do que aqueles que descrevem os seus pais como consistentes nas suas práticas. O efeito da monitorização parental surge como algo que varia conforme o tipo de família. Para as famílias intactas a monitorização parental não está associada aos níveis individuais de

autocontrolo, enquanto que, por outro lado, esta associação se apresenta como positiva para as famílias reconstituídas ou monoparentais.

No que concerne às diferenças entre géneros na prática criminal, a sua origem reside, precisamente, segundo Gottfredson e Hirschi (1990) nas diferenças quanto à educação e supervisão das crianças. Os membros do género feminino apresentam maiores níveis de controlo e supervisão e também uma forte interiorização das regras, ao contrário do género masculino, o que se reflete na maior prática de crimes pelos indivíduos do género masculino.

1.2.2. Constituição do Agregado Familiar

A constituição da família pode afetar o desenvolvimento de uma educação efetiva. Desde logo, o tamanho do agregado familiar pode tornar as crianças mais suscetíveis à delinquência porque a monitorização e a punição estão mais dificultadas, uma vez que os educadores têm mais indivíduos a seu encargo. Neste tipo de famílias, as crianças também acabam por passar mais tempo umas com as outras, o que promove um controlo diferente daquele que vivenciariam se estivessem mais tempo com adultos. Isto, pela dificuldade que as crianças têm em reconhecer, nos seus pares, comportamentos de desvio.

Relativamente à questão da monoparentalidade, as famílias em que pai e mãe são os pais biológicos apresentam menores níveis de crime comparativamente ao que acontece naquelas famílias em que um dos elementos - ou ambos - se ausentaram por divórcio ou morte (Gottfredson e Hirschi, 1990).

Num estudo realizado por Phythian et al. (2008) em que os autores procuram testar um conjunto de proposições de Hirschi e Gottfredson relativamente ao papel da família e das práticas educativas na formação do autocontrolo junto dos seus filhos, concluem que no que concerne à monitorização parental, esta depende do tipo de família. Ou seja, quando se está perante uma família em que se mantêm juntos os pais biológicos, a monitorização não aparece associada ao autocontrolo. No entanto, encontra-se uma associação positiva para as famílias monoparentais e reconstituídas, isto é, neste tipo de situações, a monitorização desempenha um papel mais demarcado na promoção de baixos níveis de autocontrolo. Assim, indivíduos de famílias intactas têm maior autocontrolo comparativamente aos de famílias reconstituídas e finalmente em relação às famílias monoparentais, sendo estas últimas aquelas em que as crianças apresentam os menores níveis de autocontrolo.

Ainda no meio familiar, a questão da mãe trabalhar fora de casa também contribui para o aumento da taxa de crime por dois motivos: tem menos tempo para supervisionar a

criança e deixa a casa desprotegida em relação a outros adolescentes que podem, por exemplo, partir para o furto da residência (Gottfredson e Hirschi, 1990).

Em suma, o autocontrole encontra as suas origens nos primeiros anos de vida de uma criança em que os pais ou educadores têm um papel fundamental no seu processo de socialização: devem monitorizar, reconhecer e punir de forma consistente o comportamento desviante. Porém este processo pode falhar, sobretudo se houver défices ao nível das tarefas de monitorização e supervisão, níveis de desvio em gerações anteriores e, finalmente, devido a determinadas características do agregado familiar relativas, por exemplo, ao seu tamanho.

1.3.A OPERACIONALIZAÇÃO DO AUTOCONTROLO

Hirschi e Gottfredson (1990) não sugerem medidas concretas para se operacionalizar e, conseqüentemente, medir os níveis individuais de autocontrole. Porém, na sua perspetiva deve recorrer-se a medidas comportamentais para aferir o conceito por eles teorizado. Para os autores, os “melhores indicadores de autocontrole são os atos em que se usa o autocontrole para explicar: atos criminais, delinquentes e imprudentes” (p. 49). Ou seja, os atos que indicariam os níveis de autocontrole seriam precisamente os mesmos cujo autocontrole se debruçaria a explicar. Esta posição leva a que a TGC receba acusações de tautologia. Isto é, o envolvimento no crime é usado como um indicador de baixo autocontrole; simultaneamente, o baixo autocontrole também é usado como preditor de envolvimento noutros crimes. O mesmo seria dizer que envolvimento no crime prediria envolvimento no crime (Arneklev, 2006).

No sentido de combater esta crítica, os investigadores têm procurado usar medidas atitudinais de baixo autocontrole e medidas comportamentais análogas, isto é, que ainda que incidam sobre determinados comportamentos, excluam aqueles que são de índole criminal.

Relativamente às medidas atitudinais, a escala de 1993 elaborada por Grasmick, Tittle, Bursik e Arneklev é a mais utilizada pela comunidade criminológica. Esta contém 4 itens para cada uma das seis dimensões que permitem aferir os níveis individuais de autocontrole. No total, possui 24 itens divididos por cada uma das seis dimensões. No que concerne às medidas comportamentais, a questão reside frequentemente em optar ou não por incluir comportamentos delinquentes para que não se caia na tautologia de que Hirschi e Gottfredson são acusados.

Na procura de medir a característica individual que auxilia na justificação do crime – o autocontrolo – vários têm sido os indicadores combinados de diferentes formas. Em Tittle, Ward e Grasmick (2003a) encontram-se exemplos desta multiplicidade de formas de avaliar o construto que têm sido aplicados por diversos autores: comportamentos análogos auto-reportados, escalas comportamentais, escalas cognitivas, indicadores comportamentais diretos, respostas obtidas junto de pais ou professores. Neste estudo, os autores concluem que as medidas cognitivas surgem como as mais fiáveis comparativamente às comportamentais. Porém, os dois tipos de escala parecem abranger diferentes aspetos do comportamento e, para se perceber melhor esta questão, os autores alertam para uma maior necessidade de teorização em torno desta matéria. Apesar de tudo, as medidas comportamentais não se apresentam como mais vantajosas como Gottfredson e Hirschi defendiam.

Segundo Dodson (2005), as medidas de autocontrolo podem ser classificadas de duas maneiras: i) escalas cognitivas e atitudinais que se assemelham a inventários de personalidade e medem, de forma relativamente consensual, os seis elementos do autocontrolo; e ii) escalas comportamentais cujo objetivo incide na procura de capturar atos imprudentes que reflitam falta de autocontrolo.

Neste sentido, importa então aprofundar aquela que tem sido a escala mais usada no que toca à aferição dos níveis individuais de autocontrolo.

1.3.1. A Escala de Grasmick, Tittle, Bursik e Arneklev de 1993

Em 1993, Grasmick, Tittle, Bursik e Arneklev publicam os resultados de um estudo em que aplicam aquela que viria a ser a escala de autocontrolo mais frequentemente submetida a testes empíricos: ora usada na íntegra (Baron, 2003, Unnever, Cullent e Pratt, 2003; Shoepfer e Piquero, 2006; Tittle et al., 2003a; Tittle, Ward e Grasmick, 2003b; Tittle, Antonaccio, Botchkovar e Kranidiati, 2010); ora como ponto de partida para outras medidas ou usada apenas parcialmente (DeLi, 2004; Nakhaie et al., 2000; Wikström e Svensson, 2010; Burt, Simons e Simons, 2006; Gibbs, Giever e Martin, 1998; Hay, 2001; Vazsonyi e Belliston, 2007).

No sentido de testar a TGC, Grasmick et al. (1993), procuraram desenvolver definições operacionais da teoria, incluindo do conceito de autocontrolo. Desde logo, afirmam o seguinte:

“Our reading of Gottfredson and Hirschi’s definition led to the identification of six components of the personality trait of low self-control (...)” (p.7)

Partindo desta ideia, apontam de imediato as seis componentes que comporiam o baixo autocontrolo enquanto traço de personalidade:

- i. “Impulsividade” que consistiria na tendência para responder aos estímulos do momento, em que os indivíduos demonstrariam falta de capacidade quanto ao adiamento da gratificação;
- ii. “Preferência por questões simples³” (originalmente designado por *simple tasks*), que remete para a falta de tenacidade, de diligência, de persistência, que leva os indivíduos a preferirem uma gratificação dos seus desejos pelas vias mais simples, procurando evitar os caminhos mais complexos;
- iii. “Procura do risco” (*risk-seeking*), uma tendência para se ser mais aventureiro e adepto da atividade física comparativamente a exercícios de índole mental, que exijam raciocínios e menos cauteloso;
- iv. “Preferência por atividades físicas⁴”, representando uma preferência dos indivíduos por atividades mais físicas do que aquelas que exijam mais pensamento, leitura ou raciocínio;
- v. “Autocentração” (*self-centeredness*) na medida em que o indivíduo é centrado em si próprio e indiferente ou insensível ao sofrimento do outro;
- vi. “Temperamento” para se referir à diminuta tolerância que estes indivíduos apresentam e à fraca capacidade que têm em responder de forma verbal a um conflito, optando alternativamente pela via física.

É ainda de acrescentar que Grasmick et al. omitiram aspetos da definição de autocontrolo que, na sua perspetiva, correspondem a consequências do baixo autocontrolo e não a elementos da sua definição: o facto de Gottfredson e Hirschi referirem que indivíduos com baixo autocontrolo não possuem valor cognitivo ou competências académicas, nem competências que requerem treino ou aprendizagem. Se isto é exposto como algo que os sujeitos não apresentam, Grasmick et al. excluem-nos da definição; relativamente aos casamentos instáveis, empregos igualmente inconsistentes, Grasmick et al. consideram-nos comportamentos que resultam de baixo autocontrolo e não elementos que o constituem.

Grasmick et al. começaram por recolher dados do décimo terceiro inquérito nacional da cidade de Oklahoma em 1991, possuindo uma amostra de 395 adultos. Inicialmente, para

³ Ao longo deste trabalho esta dimensão será designada por “questões simples”.

⁴ Ao longo deste trabalho esta dimensão será designada por “atividades físicas”.

medirem autocontrolo, consideraram adotar um inventário de Psicologia da Califórnia desenvolvido por Gough em 1975. Porém, aperceberam-se de que esta medida abrangia aspetos não referenciados pela TGC e, simultaneamente, não contemplava questões como a preferência por atividades físicas em vez de atividades mais complexas.

Os autores decidiram então desenvolver a sua própria medida de autocontrolo sustentada no conceito de Gottfredson e Hirschi e nas suas seis componentes. Depois de vários testes, chegaram a um conjunto final de 24 itens com uma escala de resposta de 4 pontos em que valores mais elevados correspondiam a níveis mais altos de autocontrolo.

No seu estudo, Grasmick et al. incluem ainda medidas de crime (os indivíduos deveriam responder se haviam praticado um ato de força e outro de fraude nos últimos 5 anos), controlando-as para oportunidade, raça e género. Dos principais resultados, é de sobressair o papel da oportunidade que interage com baixo autocontrolo na produção, de forma significativa, de comportamentos de fraude e força. Neste sentido, Gottfredson e Hirschi (1990) apontam a oportunidade como detentora de um importante papel na medida em que, na interação com o autocontrolo, pode aumentar a actividade criminal (Gottfredson e Hirschi, 1990). As oportunidades ilegítimas podem mesmo funcionar como um facilitador do comportamento desviante.

Neste sentido, dadas as mesmas oportunidades aos indivíduos, aqueles que apresentam menores níveis de autocontrolo, têm mais probabilidade de se envolverem em comportamentos desviantes, comparativamente aos que têm um autocontrolo mais elevado (DeLi, 2004). Isto acontece uma vez que quando os sujeitos com baixo autocontrolo são colocados perante uma situação imediata de satisfação de desejos ou necessidades, não são capazes de antecipar as consequências negativas desse acto. Por seu turno, pela capacidade de antecipar os impactos do ato a um prazo mais alargado, os detentores de elevados níveis de autocontrolo, evitam o comportamento para não sofrerem punições (Tittle, Ward e Grasmick, 2004).

Assim, Grasmick et al., acabam por sugerir a necessidade de integração de mais variáveis na TGC; na opinião dos autores, esta Teoria apenas conseguiu identificar um mecanismo que afeta os níveis de desvio, porém é necessário conhecer mais, como por exemplo, qual o papel da motivação na prática criminal.

1.3.1.1. A Unidimensionalidade da Escala de Grasmick

Gottfredson e Hirschi referem, relativamente aos elementos que constituem o autocontrolo, o seguinte:

“There is considerable tendency for these traits to come together in the same people, and since the traits tend to persist through life, it seems reasonable to consider them as comprising a stable construct useful in the explanation of crime” (1990, pp.90-91).

Neste sentido, os vários elementos do autocontrolo devem ser entendidos enquanto medida de um traço latente - o autocontrolo - e não como conceitos alternativos. É, por esta questão que uma análise factorial da escala subdividida nas seis dimensões já enunciadas, deve permitir que se alcance um modelo de um único fator, justificando assim a existência de uma escala única de baixo autocontrolo (Grasmick et al., 1993).

Relativamente a esta matéria da unidimensionalidade ou da multidimensionalidade da escala, vários têm sido os trabalhos empíricos interessados em contribuir para o descortinar desta questão. Desde logo, Grasmick et al. (1993) quando testam inicialmente esta medida atitudinal, realizam uma análise factorial de componentes principais aos 24 itens para perceberem se se justificava a criação de uma escala como Gottfredson e Hirschi propunham. Os autores obtêm 6 fatores com *eigenvalue* superior a 1, o que, segundo a regra de *Kaiser*, deveria conduzir à adoção de um modelo de 6 fatores. No entanto, uma vez que numa análise de componentes principais, o número de fatores com *eigenvalue* superior a 1 tende a aumentar em função do número de itens, o *scree discontinuity test* parece ser a melhor estratégia a adotar. De acordo com este, encontra-se o ponto de quebra na diferença entre o primeiro e o segundo fator (2.32). Por sua vez, entre o segundo e o terceiro fator há uma diferença de apenas .27, o que sugere, portanto, a unidimensionalidade da medida. Porém, observou-se uma outra grande descontinuidade entre o 5º e o 6º fator (.67), optando-se por examinar em detalhe uma escala de 5 fatores que tendia a combinar itens da impulsividade e itens de questões simples, enquanto os restantes 4 fatores se mantinham definidos pelos seus 4 itens, cada um. Para se melhorar este modelo, eliminaram-se um conjunto de itens, o que acabou por coincidir com a eliminação de itens de “impulsividade”. Assim, no que concerne à questão da unidimensionalidade, a investigação de Grasmick et al. realizada em 1993 aponta para uma medida de autocontrolo unifactorial devido à descontinuidade que existe entre o primeiro fator e os restantes.

Finalmente, os autores referem que a fiabilidade desta medida de autocontrolo pode ser aumentada se se retirar o último item de “atividades físicas” (“Pareço ter mais energia do que a maioria das pessoas da minha idade”). Posto isto, voltaram a realizar uma análise de

componentes principais e constataram que os itens que faziam um *loading* mais baixo eram os de “atividades físicas”, revelando que esta poderá ser a dimensão mais fraca da escala. Já o *loading* mais baixo surge para o primeiro item de “procura de risco”, o que do ponto de vista de Grasmick et al (1993) sugere a necessidade de se encontrar um item alternativo.

Para criarem uma medida compósita, a partir dos itens, transformam-nos em *z scores* e é o resultado da sua soma que nos dá o valor da escala de autocontrolo (Grasmick et al., 1993).

Seguindo o conselho de Grasmick et al., foram vários os trabalhos que procuraram aferir a questão da unidimensionalidade da escala atitudinal por eles proposta.

Em suma, importa reter que embora teorizado por Gottfredson e Hirschi, o conceito de autocontrolo careceu, desde o surgimento da TGC de uma operacionalização avançada pelos seus autores fundadores que o permitisse aferir junto de uma dada amostra. Os autores da teoria apenas indicaram que, na sua opinião, medidas comportamentais seriam as mais indicadas para aferir o conceito. Porém, desde cedo isto levantou duas questões: primeiro, a TGC foi acusada de tautologia por recorrer a um determinado conjunto de comportamentos que servindo para medir autocontrolo, seriam eles próprios consequências possíveis de baixo autocontrolo; em seguida, surgiu uma multiplicidade de trabalhos apontando diferentes medidas para aferir níveis individuais de autocontrolo. De entre elas, destaca-se a escala atitudinal desenhada e testada por Grasmick et al. em 1993. Ao longo dos anos esta tem sido a escala mais empiricamente testada. Dotada de 24 itens, quatro para cada uma das suas dimensões, esta escala deve permitir a que, sob uma análise factorial se chegue à conclusão de que ela é unifactorial, isto é, que as suas várias dimensões são a medida de um único traço latente – o autocontrolo.

1.4. O AUTOCONTROLO E O COMPORTAMENTO DESVIANTE

Numa meta-análise realizada em 2012 por Engel, por entre os 102 estudos sobre os quais dispunha de total informação, conclui-se que em 88% dos estudos empíricos, os níveis de autocontrolo explicam significativamente a frequência ou a intensidade da desviância. Acresce ainda a esta constatação, o facto de a relação entre autocontrolo e comportamento desviante ser exatamente na relação prevista pela TGC, isto é, a baixos níveis de autocontrolo, correspondem níveis mais elevados de desvio. Deste estudo, importa ainda reter que estes resultados se verificam para a prática de crimes mas também de comportamentos análogos.

Porém, quando se procura averiguar se todas as dimensões do autocontrolo elencadas por Grasmick et al. exercem igual influência sobre o cometimento de atos desviantes, constata-se que há dimensões que surgem mais relacionadas com tais comportamentos comparativamente a outras. A “procura de risco” é efetivamente a que surge como a que mais fortemente se relaciona com os comportamentos delinquentes (Arneklev, Grasmick, Tittle e Bursik, 1993; Arneklev, Grasmick e Bursik, 1999; Longshore, Turner e Stein, 1996; Nakhaie et al., 2000⁵). Tittle et al. (2003a) ao corroborarem este resultado acrescentam ainda o facto de a relação entre “procura de risco” e comportamento desviante superar a relação do próprio índice de autocontrolo com este mesmo comportamento, levando os autores a afirmar que a “procura de risco” pode encontrar esta associação pelo facto de ser um indicador mais válido ou mesmo melhor que a medida compósita. No que concerne à segunda dimensão mais fortemente relacionada com comportamento desviante, Arneklev et al. (1999); e Nakhaie et al. (2000) apontam, pelos resultados dos seus estudos, a “impulsividade”.

Relativamente às dimensões cuja relação com comportamentos desviantes é mais fraca, Arneklev et al. (1999) constataam que “questões simples” apresenta uma relação fraca e até negativa, seguida de “atividades físicas”. Esta relação, para ambas as dimensões é também verificada por Tittle et al., 2003a. Finalmente, também Nakhaie et al. (2000) obtém, junto dos seus dados a mesma conclusão de que estas dimensões se comportam de modo diferente comparativamente às restantes⁶.

Da meta-análise de Engel (2012) pode ainda concluir-se que a correspondência entre baixos níveis de autocontrolo e níveis elevados de comportamento desviante verifica-se, tal como previsto pela TGC, para indivíduos do género masculino e do género feminino. Neste mesmo sentido, a premissa de Gottfredson e Hirschi, é corroborada por vários estudos: os rapazes aparecem como os que mais praticam atos desviantes comparativamente às raparigas (Nakhaie et al., 2000; Tittle et al., 2003b) e apresentam níveis mais baixos de autocontrolo

⁵ Neste estudo os autores concluem ainda que a “procura de risco” é a dimensão mais presente também nos comportamentos não delinquentes por se apresentar quase como uma exigência que a sociedade faz a cada um dos seus cidadãos.

⁶ Importa ainda acrescentar que estes autores usaram os termos *restlessness* e *carelessness* e não *simple tasks* e *risk-seeking* como também alteraram ligeiramente os itens de cada uma destas dimensões.

(Moffitt, Arseneault, Belsky, Dickson, Hancox, Harrington, Houts et al., 2011⁷; Wright et al., 2005; Phythian et al., 2008; Tittle et al., 2003b⁸).

Por sua vez, num estudo de 2004 em que pretendem capturar o modo como a monoparentalidade, a presença ou da mãe ou do pai influenciam o comportamento desviante, Demuth e Brown concluem que os níveis de delinquência são maiores junto de adolescentes de famílias monoparentais e menores junto de famílias em que os menores vivem com os dois pais biológicos. As famílias em que ambos os progenitores são os pais biológicos reportam ainda níveis mais elevados de envolvimento parental, supervisão, monitorização e proximidade quando comparadas com as famílias monoparentais.

No que concerne ao tamanho do agregado familiar, no estudo de Phythian, Keane e Krull (2008), o número de crianças que partilham o mesmo lar não apresenta um impacto significativo no autocontrolo, como poderia ser sugerido pela TGC.

Quando em 1993, Grasmick et al., operacionalizam o conceito de autocontrolo de Gottfredson e Hirschi constatarem que, efetivamente, para uma amostra da população geral, os níveis de autocontrolo estão relacionados com a delinquência autorrevelada. Este resultado mantém-se em estudos posteriores, manifestando-se uma relação entre autocontrolo e comportamentos criminais e análogos para amostras de ofensores (Longshore e Turner, 1998), de adultos (Evans, Cullen, Burton, Dunaway e Benson, 1997), de jovens (Brownfield e Sorenson, 1993; Wood, Pfefferbaum, e Arneklev, 1993; LaGrange e Silverman, 1999; Vazsonyi, Pickering, Junger e Hessing, 2001), e de estudantes universitários (Nagin e Paternoster, 1993; Gibbs e Giever, 1995; Piquero e Tibbetts, 1996; Cochran, Aleksa e Chamlin, 2006)

Concluindo, são vários os estudos que, procurando aferir a relação entre autocontrolo e comportamento desviante, concluem que esta corresponde precisamente ao apontado pela TGC, isto é, a níveis mais baixos de autocontrolo correspondem níveis mais elevados de comportamento desviante. No que concerne às seis dimensões do autocontrolo, aquelas que surgem mais fortemente relacionadas com a prática de comportamento desviante são a “procura de risco” e a “impulsividade”. Pelo contrário, “questões simples” e “atividades

⁷ No entanto, esta diferença nos níveis de autocontrolo nos primeiros anos de vida, não apresenta implicações na idade adulta relativamente a questões de saúde, prosperidade e segurança pública para os dois géneros (este estudo procurava esclarecer em que medida os níveis de autocontrolo na infância produzem resultados na população adulta).

⁸ A diferença entre géneros é significativa quando apurada pelas medidas comportamentais a que os autores recorreram, mas não pela escala atitudinal baseada em Grasmick et al. (1993).

físicas” são aquelas cuja relação com comportamento desviante é mais fraca. Relativamente às questões de género, os rapazes praticam mais atos de desvio e apresentam níveis mais baixos de autocontrolo, comparativamente às raparigas. Finalmente, importa reiterar que esta relação entre comportamento desviante e autocontrolo se verifica em estudos realizados junto de vários tipos de amostras.

CAPÍTULO II

A TEORIA DA AÇÃO SITUACIONAL

A Teoria da Ação Situacional é uma teoria recente que incide sobre a ação moral e o crime, procurando integrar perspectivas explicativas de foro individual e ambiental (Wikström, 2009), adquirindo por isso um caráter geral. Neste sentido, Wikström (2010) considera-a uma perspectiva ecológica⁹ na análise e estudo da ação moral e do crime por ser na interação entre o indivíduo e o ambiente que reside o seu interesse.

Importa desde logo salientar que, à luz da TAS, os crimes devem ser entendidos como atos que constituem uma quebra das regras morais cuja definição reside precisamente nas normas de um dado contexto. Esta ideia de contexto conduz a um outro conceito fundamental para a TAS, o de propensão criminal, isto é, a probabilidade que cada indivíduo apresenta de agir conforme um dado modo quando exposto a um conjunto de condições ambientais.

Segundo os autores da TAS, mais do que relacionado com a capacidade que cada indivíduo detém de exercer autocontrolo sobre as suas ações, o envolvimento criminal relaciona-se, essencialmente, com questões de moralidade (Wikström e Treiber, 2007).

2.1. OS PRESSUPOSTOS DA TAS

O surgimento da TAS resulta da procura de respostas para um conjunto de problemas das teorias criminológicas: i) desde logo, o facto de haver ainda pouco esclarecimento sobre as relações de causalidade e a dificuldade em se esclarecer o que é causa ou o que está meramente correlacionado; ii) a dificuldade em se integrar diferentes níveis de explicação, nomeadamente, a interação entre características individuais e ambientais na produção de determinados atos; iii) e o conceito de crime cuja clarividência é fundamental para teorias que o procuram explicar (Wikström e Treiber, 2007).

Esta teoria pretende então fazer progredir a criminologia teórica, desenvolvendo uma teoria da ação que integre diferentes mecanismos causais e diferentes níveis de explicação (Wikström e Treiber, 2007). Assim, como questões-chave, a Teoria da Ação Situacional interroga-se sobre o seguinte:

- i. O que é que faz com que as pessoas quebrem as regras morais (ou pratiquem crimes)?;

⁹ A ecologia social ou humana pode ser definida como a análise e o estudo das consequências sociais e comportamentais a interação entre os seres humanos e o seu ambiente (Wikström, 2010).

- ii. Como é que características ambientais e individuais interagem neste processo? (Wikström e Treiber, p.245, 2007).

Uma vez que esta teoria se apresenta como uma teoria da ação, importa desde logo atender a este mesmo conceito de ação. Segundo Wikström (2009) e Wikström, Ceccato, Hardie e Treiber (2010), as ações, que se podem traduzir por exemplo em crimes, são o resultado da forma como os indivíduos geram as suas ações alternativas e fazem escolhas quando confrontados com as especificidades do contexto, dando então origem ao que se designa por processo de tomada de decisão. Este processo pode acontecer de duas formas: de forma habitual ou automática ou de forma deliberada ou racionalizada, dependendo da familiaridade que o indivíduo tem com o contexto. Quanto mais familiarizado com o contexto, mais habitual será o processo.

Assim, à luz deste conceito de ação estão a coberto todas as ações humanas, incluindo os crimes que consistem precisamente em comportamentos que quebram as regras morais que se encontram representadas nas leis criminais (Wikström, 2006). A definição de Gottfredson e Hirschi (1990) segundo a qual os crimes são atos de força ou de fraude levados a cabo para satisfazer um desejo individual de evitar penalizações e obter recompensas é criticada essencialmente por dois aspetos: i) a perseguição deste desejo individual não deve ser incluída nesta definição, mas antes na explicação do crime, uma vez que está relacionada com a motivação para a prática de tal ato. Incluir isto no conceito de crime trata-se de uma confusão entre elementos de explicação e de definição; ii) nem todos os atos considerados legalmente como crime correspondem a situações de força ou de fraude, como por exemplo, o consumo de drogas ilícitas. Portanto, as condutas criminais partilham entre si o facto de constituírem ruturas com as regras morais definidas na lei – que não precisam obrigatoriamente de ser atos de força ou de fraude. Neste sentido, uma teoria que procura explicar as causas do crime deve focar-se em incluir os atos que quebram regras morais, sejam eles atos definidos legalmente como crimes ou atos análogos, uma vez que também existem violações destas mesmas regras – as regras morais – apesar de não serem comportamentos criminais. O que se trata aqui é, efetivamente, de uma questão de moralidade, isto é, daquilo que se considera ser certo ou errado fazer numa determinada circunstância (Wikström e Treiber, 2007).

Por conseguinte, o que a TAS procura explicar é o porquê das pessoas seguirem ou quebrarem as regras morais. Ou seja, quando os indivíduos estão perante a necessidade de realizar uma determinada ação, de enveredar pelo processo de tomada de decisão, seja de índole criminal ou não, deparam-se com a convergência – no tempo e no espaço – de, por um

lado, a propensão individual (P) e, por outro lado, a exposição a fatores criminógenos (E). A interação entre estes dois elementos dá origem ao processo de percepção-escolha que culminará numa determinada ação ou inação que pode ser, por exemplo, um crime.

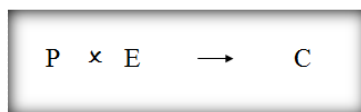


Figura 1: Modelo de explicação de atos de crime (Wikström, Ceccato, Hardie e Treiber, 2010; Wikström e Svensson, 2010)

O conceito de propensão refere-se à probabilidade de um indivíduo agir de uma determinada forma quando exposto a determinadas condições ambientais. Referir que os sujeitos variam na propensão é o mesmo que dizer que cada um de nós reage de forma diferente ao mesmo contexto. De acordo com a TAS, a propensão para quebrar as regras morais – definidas na lei criminal – que pode conduzir, por exemplo, ao cometimento de crimes, depende de dois elementos fundamentais:

- A moralidade individual, isto é, as regras que cada um considera relevantes, assim como as emoções morais, como a culpa ou a vergonha;
- E a capacidade para exercer autocontrolo, ou seja, os fatores individuais que influenciam o modo como cada um percebe e escolhe um crime enquanto ação alternativa (Wikström et al., 2010)

Assim, o facto de um sujeito considerar ou não o crime como uma hipótese de ação, como uma ação alternativa, vai depender da sua moralidade e da sua ligação à lei. Se as regras morais individuais forem concordantes com as regras morais do contexto, é provável que o indivíduo opte por um comportamento conforme a lei. Se, por outro lado, as regras morais individuais se opuserem às do contexto, o indivíduo poderá quebrá-las, levando ao surgimento do crime enquanto uma ação alternativa. Se isto suceder, cometer ou não o crime depende já de um outro elemento individual. O mesmo é dizer que, num segundo momento, e considerada já como hipótese a ação criminal, envolver-se ou não no ato depende da sua capacidade de exercer autocontrolo.

Assim, é na moralidade (valores e emoções morais) e na capacidade para exercer autocontrolo que residem as características individuais principais que influenciam a propensão para o cometimento de crimes, isto é, a tendência para ver um particular ato de desvio como uma ação alternativa e optar por realizá-lo (Wikström, 2009).

Em suma, a TAS surge da necessidade de procurar contribuir para o esclarecimento de um conjunto de questões criminológicas. A sua principal interrogação reside no porquê das

pessoas quebrarem as regras morais e na interação de características ambientais e individuais neste mesmo processo. A TAS, enquanto teoria da ação estabelece que os crimes são o resultado de como os indivíduos geram as suas ações alternativas e fazem escolhas quando colocadas num certo contexto, isto é, do processo de tomada de decisão. Este processo resulta então da interação entre a moralidade individual e a capacidade de exercer autocontrole. Deste modo, envolver-se no crime vai depender da sua moralidade: se for conforme o que rege o contexto, o comportamento tenderá a ser conforme a lei, se não, o indivíduo equacionará o crime como uma ação alternativa, sendo nesta última hipótese que o autocontrole surge como de especial relevo, na medida em que o indivíduo deverá mostrar a sua capacidade ou a sua incapacidade para o exercer na situação em concreto.

2.2. A MORALIDADE

Durante anos a procura de explicação para se clarificar em que consistem os valores morais e as crenças de cada indivíduo têm sido um objetivo constante (Shoepfer e Piquero, 2006). Se, por um lado, os sociólogos se têm preocupado em afirmar a importância da moralidade enquanto influente no comportamento humano, por outro lado, a moralidade apenas recentemente se tornou uma variável a considerar nas teorias do comportamento criminal (Antonaccio e Tittle, 2008). O agir moral das pessoas resulta do seu compromisso para com as regras que veem obedecidas pelos outros; por isto, sentem-se obrigados a comportar-se de forma semelhante, uma vez que esses são os modos aceitáveis e apropriados.

Afirmar que um indivíduo experiencia uma vida moral implica ter em consideração os seus comportamentos individuais e, em simultâneo, os comportamentos morais executados no dia-a-dia. Porém, o comportamento individual nem sempre se faz corresponder aos padrões morais de que cada sujeito partilha, assistindo-se por isso a incongruências entre as intenções ou decisões comportamentais morais e o comportamento adotado. Esta matéria tem sido alvo de interesse por parte de psicólogos que procuram encontrar explicações para tal discrepância. Por conseguinte, tem sido avançado um conjunto de hipóteses que procuram sustentar a divergência entre os dois aspetos: i) a variabilidade do comportamento individual quando confrontado com um dado contexto situacional (Lewin, 1943 in Tangney, Stuewing e Mashek, 2007); ii) a relação entre a intenção e o comportamento pode ser enfraquecida devido à negociação que o indivíduo faz com os outros atores sociais, ou seja, ao papel que atribui aos sujeitos que consigo interagem nas opções pelo seu próprio comportamento (DeVisser e Smith, 2004 in Tangney et al., 2007); iii) finalmente, a difusão e a partilha de

responsabilidades podem ainda ser apontadas enquanto enfraquecedoras da capacidade individual para se agir de acordo com crenças morais profundamente enraizadas (Latane e Darley, 1968).

Para a TAS, a moralidade releva na medida em que está relacionada com o tipo de ações alternativas que um indivíduo gera enquanto potenciais respostas a uma determinada situação (Wikström, 2009). Isto é, se por um lado, Hirschi e Gottfredson reiteram que os sujeitos se envolvem no crime por apresentarem níveis baixos de autocontrole, a TAS propõe que o crime se trata de uma ação moral na medida em que resulta da quebra de uma regra moral cuja violação foi considerada pelo indivíduo em questão. O mesmo é dizer que o indivíduo, perante uma dada situação com um conjunto de regras morais, coloca em jogo as suas próprias regras morais no sentido de ponderar ou não adotar um determinado comportamento – de rutura – enquanto uma ação alternativa que poderia executar. Passada esta fase, a realização ou não desse ato depende então da capacidade individual de exercer autocontrole. Neste sentido, é possível encontrar autores que consideram que apesar do autocontrole influenciar a prática criminal, ele releva apenas quando presente em indivíduos com fracas crenças morais na medida em que os indivíduos com elevadas crenças morais não chegarão sequer ao ponto de equacionar a adoção de um comportamento que se desvie à norma. O mesmo é dizer que o efeito do autocontrole na atividade criminal é, em primeiro lugar, condicionado pelas crenças morais do indivíduo quando confrontado com o ato em questão (e.g. Shoenfer e Piquero, 2006).

No que concerne então à moral, as principais características que afetam a propensão para o crime são as regras morais e os hábitos morais. O primeiro aspeto refere-se às regras a que o indivíduo recorre para distinguir o que considera certo do que considera errado numa dada circunstância. O segundo ponto trata-se das respostas automáticas a circunstâncias com as quais já se está familiarizado e que se baseiam no hábito de agir de uma dada forma. Assim, indivíduos com regras e hábitos morais conforme as leis apresentam baixa propensão criminal, enquanto aqueles em que os dois aspetos divergem da lei, apresentam alta propensão criminal, ou seja, têm uma maior tendência para perceber e escolher o crime como uma ação alternativa (Wikström e Svensson, 2010). O mesmo é dizer que os sujeitos com fortes crenças e hábitos morais correspondentes às regras do contexto, perceberão ações alternativas consistentes com essas mesmas regras; enquanto aqueles que detêm fracas crenças e hábitos morais conflituosos com as regras do contexto, perceberão, por sua vez, ações alternativas que quebram as regras morais e, conseqüentemente, a lei (Wikström e Treiber, 2007).

É ainda de salientar que a percepção moral que cada indivíduo possui de um particular contexto depende da correspondência entre a moralidade individual (as crenças e os hábitos morais) e as regras do contexto; e depende também da força dessas mesmas crenças e dos hábitos morais individuais. Esta questão da força das crenças e dos hábitos remete para as emoções morais que os indivíduos podem vir a vivenciar em função das suas escolhas cuja antecipação varia de sujeito para sujeito e desempenha um papel fundamental nas escolhas morais e nos comportamentos em contexto real (Wikström e Treiber, 2007). No que concerne então à questão das emoções, estas possuem variadas funções na vida diária, chamando a atenção dos sujeitos para acontecimentos importantes, motivando e dirigindo os comportamentos posteriores (Tangney, Miller, Flicker e Barlow, 1996).

No que concerne à vergonha e à culpa, estas podem ser consideradas emoções da “consciência individual”¹⁰ e, mais precisamente, emoções negativas. Por outro lado, é ainda possível apontar emoções positivas como a elevação, a gratidão ou o orgulho. Estas emoções resultam de um processo de autorreflexão e de autoavaliação que, realizado de forma implícita ou explícita, remete para o “eu”¹¹ o objeto destas emoções. Assim, quando o indivíduo reflete sobre o seu próprio “eu”, as emoções morais da “consciência individual” fornecem de imediato uma reação ao comportamento que se pode traduzir ora em punição, ora em reforço. Neste sentido, estas emoções morais atuam como um “barómetro moral emocional”, na medida em que, perante um comportamento, fornecem um *feedback* imediato sobre a aceitabilidade social e moral da conduta adotada. Ou seja, quando um indivíduo transgredir ou quebra uma norma é abalado pela vergonha, culpa ou embaraço; porém, se a opção for por um comportamento conforme a moral vigente, pode ser invadido pelo orgulho, gratidão ou elevação. Porém, é fundamental que se considere a capacidade de antecipar as emoções morais. Isto é, não é necessário um comportamento atual efetivo para que as emoções morais tenham efeito porque os indivíduos com base em experiências anteriores – e nas emoções que resultaram dessas situações anteriores semelhantes – devem ser capazes de antecipar a probabilidade de ter uma determinada reação emocional. É à luz desta ideia que se justifica o facto de os indivíduos serem capazes de aderir aos seus padrões morais (Tangney et al., 2007).

Em tom de conclusão, no que concerne ao estudo da moral, apenas recentemente captou a atenção das teorias criminológicas. Para a TAS o papel da moralidade é fundamental

¹⁰ Cujo termo original consiste em *self-conscious emotions*.

¹¹ O *self*: termo original.

pelo facto de postular o crime enquanto quebra de uma regra moral de um dado contexto. É ainda de salientar que há um outro aspeto que tem sido frequentemente negligenciado no que concerne à moral: as emoções morais cuja antecipação é fundamental para a antecipação das escolhas individuais. Isto é, se se considerar, por exemplo, a vergonha e a culpa – duas emoções negativas – o indivíduo deve ser capaz de as antever como consequência da prática de atos não conforme às regras morais.

1.3. O AUTOCONTROLO OU A CAPACIDADE DE EXERCER AUTOCONTROLO

Wikström (2007) concorda com os fundadores da TGC quando estes se referem ao autocontrolo enquanto aspeto importante na compreensão da prática de atos desviantes. Todavia, discorda no que concerne à afirmação de que o autocontrolo é a principal característica individual na origem do crime e que este deve ser visto não como um traço individual, mas como um conjunto de vários traços individuais. A definição da TGC é ainda contestada por não se tratar precisamente de uma clara definição de autocontrolo, mas antes da explanação das características que uma pessoa com baixo autocontrolo apresenta.

Segundo a perspetiva da TAS o autocontrolo não se trata de um traço individual que impulsiona ou afasta o indivíduo de práticas desviantes, mas antes de um conceito situacional que constitui parte integrante do processo de escolha. Isto é, o autocontrolo releva apenas quando, no processo de escolha, o indivíduo se depara com um contexto cujas regras morais conflituam com a sua própria moralidade. O mesmo é dizer que geradas um conjunto de ações alternativas, numa dada situação, o indivíduo é depois impelido para uma escolha que resulta da interação entre as suas características individuais, mais precisamente, a sua capacidade para exercer autocontrolo e as características do contexto em que se move. Se o indivíduo ceder às tentações que o contexto lhe apresenta, falha no exercício de autocontrolo.

No que concerne a uma definição avançada por Wikström (2006), autocontrolo pode ser assumido como uma inibição bem-sucedida de ações alternativas percebidas ou como a interrupção de uma ação em curso que é conflituante com a moralidade individual. Deste modo, para os autores da TAS, este conceito é melhor analisado enquanto situacional e não como traço individual. A capacidade para exercer autocontrolo resulta da interação entre as suas capacidades de execução (traço individual) e o contexto (o ambiente) em que se movimenta, reservando então o conceito de autocontrolo para descrever o sucesso individual de agir de acordo com a moralidade individual (Wikström e Treiber, 2007).

Importa ainda acrescentar que a capacidade de exercer autocontrole releva apenas quando a moralidade permite que o indivíduo veja no crime uma ação alternativa. Isto é, para sujeitos com elevadas crenças morais, a capacidade de exercer autocontrole poderá não ser tão relevante porque o crime nem sequer chega a ser considerado uma ação alternativa. Para estes, o autocontrole não atua ativamente no impedimento de desvio, porque a sua moralidade afasta-os da ideia de prática de crime.

Tittle et al. (2004) consideram que para além da capacidade de exercer autocontrole, há uma segunda dimensão do autocontrole: o desejo de o exercer. Este é diferente do desejo de cometer atos criminais e da motivação para uma conduta criminal. Um indivíduo pode ter uma elevada motivação para cometer crime, mas a passagem ao ato é mediada pelo seu desejo de autocontrole. Ou seja, se este for baixo, delinqui, se for elevado, controla-se.

Querer controlar a própria ação, que difere da ausência de motivação de realizar um ato, pode ser útil para prever o comportamento delinquente. Os indivíduos que conseguem controlar o seu comportamento, podem nem sempre querer praticar crimes. Porém, junto daqueles que possuem um fraco autocontrole e pouco desejo de se controlarem, o crime aparece como uma hipótese a que estão suscetíveis. Neste sentido, a capacidade de exercer autocontrole e o interesse em exercê-lo interagem na produção de atos desviantes.

Se, por um lado, a capacidade de exercer autocontrole está relacionada com a personalidade; por outro, o desejo de exercer autocontrole está ligado ao contexto externo. Este último vê-se fundado em dois aspetos: uma dimensão em que se procura recompensas e outra em que se evita punições. Enquanto a primeira está relacionada com os sentimentos positivos de evitar a violação das normas, a segunda aproxima-se das sanções que o indivíduo percebe como consequência dos seus atos (Chen e Vazsonyi, 2010¹²).

Deste modo, é possível afirmar que considerar capacidade e desejo de autocontrole melhora a compreensão do comportamento criminal (Tittle et al., 2004).

Em suma, os autores da TAS discordam de Hirschi e Gottfredson quanto ao papel do autocontrole na origem do crime. O autocontrole deve ser visto como um conceito situacional e abandonado enquanto traço individual uma vez que constitui parte integrante do processo de escolha. Isto é, o autocontrole apenas releva, quando no contexto, as regras morais conflituam a moralidade individual e o indivíduo equaciona o crime enquanto uma ação alternativa.

¹² Realizam um estudo em que procuram perceber a interação entre capacidade para exercer autocontrole, desejo de exercer autocontrole e desviância.

CAPÍTULO III

O AUTOCONTROLO E A MORAL EM RELAÇÃO AO COMPORTAMENTO DESVIANTE

A Teoria Geral do Crime suscita, como já foi frequentemente referido, desde que se implementou no campo das teorias criminológicas uma vasta produção de trabalhos empíricos e reflexões teóricas que procuram testar as suas premissas. Porém, com a afirmação da Teoria da Ação Situacional, começa-se a assistir a um surgimento de trabalhos empíricos que procuram aliar ao estudo do autocontrolo outras variáveis, nomeadamente, variáveis que se relacionam com a moralidade.

No Anexo 1 constam informações sobre os estudos empíricos que, nos últimos anos se têm debruçado sobre o estudo não apenas do autocontrolo, mas antes do papel do autocontrolo e da moral na produção de comportamentos desviantes, procurando articular os conceitos da TGC e os da TAS. Esta tabela, com dados relativos aos objetivos, à amostra e às medidas utilizadas em cada estudo, procura fornecer uma maior quantidade de informação, no sentido de se perceber os resultados posteriormente apresentados.

Em 2006, Shoenfer e Piquero, recorrendo a uma amostra de 382 indivíduos com uma média de idades de 22 anos, propõem-se a examinar o modo como autocontrolo e moral se relacionam com comportamento desviante e em que medida as crenças morais moderam ou condicionam a relação entre autocontrolo e desvio. Os autores testam a relação do autocontrolo e da moralidade para o furto e para ofensas à integridade física¹³, separadamente. Relativamente ao furto, concluem que o baixo autocontrolo está correlacionado com este comportamento, mas uma relação ainda mais forte é a verificada entre furto e crenças morais, no sentido negativo. Isto é, quanto mais elevada a moral, menores são as intenções de furtar. Posteriormente verifica-se que o autocontrolo surge como ainda significativo na sua relação com as intenções de furtar quando os indivíduos apresentam crenças morais baixas; todavia quando estas mesmas crenças são elevadas, o autocontrolo não desempenha qualquer papel neste processo. O que leva os autores a concluir que o papel da moral parece sobrepor-se ao próprio efeito do baixo autocontrolo. Por sua vez, no caso de assalto, mantém um poder mais forte entre crenças morais e comportamento desviante do que entre este último e o autocontrolo. O baixo autocontrolo exerce ainda influência quando as crenças morais são baixas e quando são altas, o autocontrolo continua a manifestar uma relação com

¹³ Na versão original “assault”.

comportamento desviante, ainda que menos forte. Os autores avançam com uma justificação para este sucedido: o crime de furto é instrumental, exige outro planeamento, conferindo ao indivíduo tempo para pensar sobre custos e benefícios do autocontrolo, dando-lhe tempo para refletir sobre as suas crenças morais.

Portanto, os autores esperavam encontrar um efeito significativo do autocontrolo em indivíduos com baixas crenças morais, mas não naquelas com elevadas crenças. Todavia, este resultado apenas se verificou para uma das intenções.

Em 2008, segundo Gallupe e Baron (2010), assistiu-se à produção de um estudo que se traduz no teste mais completo da Teoria da Ação Situacional até à data, o trabalho de Antonaccio. Neste estudo (Antonaccio e Tittle, 2008), os autores procuram testar um conjunto de relações entre diferentes variáveis. Verificam, desde logo uma relação entre autocontrolo e desvio que não se vê alterada pela introdução de variáveis de controlo – género, idade, se a família de origem é intacta ou não, estatuto socioeconómico da família percebido na infância e a religiosidade da criança. Os autores constatarem também uma associação significativa entre moralidade e desvio que, mais uma vez, não se vê diminuída quando são consideradas as variáveis de controlo. Finalmente, quando são consideradas todas as variáveis definidas no estudo – desvio, moralidade, autocontrolo e as restantes de controlo – a moralidade continua a mostrar um forte e significativo efeito no desvio. Por seu turno, a relação entre autocontrolo e desvio, ainda que se mantenha significativa, perde robustez pela introdução da moralidade. Porém, a moralidade excede os valores do autocontrolo na sua relação com o desvio, o que reitera o papel de relevo atribuído à moralidade pela Teoria da Ação Situacional.

Finalmente, no que concerne à interação entre moral e autocontrolo, na produção de comportamento desviante, os autores constatarem que o autocontrolo apenas releva para os indivíduos com níveis médios de moralidade, sendo apenas estes que podem ver no autocontrolo uma possibilidade de redução de comportamento desviante.

Em 2010, Wikström e Svensson com uma amostra de jovens entre os 14 e os 15 anos, concluem que embora a moralidade e o autocontrolo sejam ambos fortes preditores de envolvimento no crime, é entre moralidade e comportamento desviante que se verifica uma maior associação. Relativamente à premissa da Teoria da Ação Situacional de que o autocontrolo é irrelevante para indivíduos com alta moralidade mas pode desempenhar um papel para aqueles com baixa moralidade, verifica-se que a relação – entre autocontrolo e comportamento desviante – quase não existe quando a moralidade é alta e que esta mesma relação é clara e significativa quando os níveis de moralidade são baixos ou moderados. E,

mais uma vez, os resultados deste estudo reiteram a interação entre moralidade e autocontrole na produção de todos os tipos de comportamento desviante analisado: o mais forte para o roubo sério, seguido de comportamento agressivo e, finalmente furto em lojas.

Em suma, é possível concluir que existe ainda muito por testar em torno da TAS e do peso que se deve atribuir ao autocontrole e à moralidade para uma melhor compreensão do fenómeno criminal. Estes trabalhos são recentes, mas são ainda escassos comparando o volume de testes desta recente teoria com a TGC.

CAPÍTULO IV

METODOLOGIA

Nesta segunda parte do estudo, proceder-se-á à descrição dos objetivos e questões de investigação e ainda da metodologia desta investigação. Para além de considerações sobre o método, apresentar-se-á o modo como os dados foram recolhidos, analisados e, posteriormente, os resultados alcançados. É ainda de referir que no sentido de complementar os dados, foram executados dois estudos: um de índole quantitativa e um qualitativo que, para um melhor entendimento, serão designados como estudo I e estudo II, respetivamente, na descrição da metodologia adotada.

4.1.OBJETIVOS E QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO

Esta investigação insere-se num vasto conjunto de trabalhos que, nos últimos anos, tem procurado contribuir para o desenvolvimento da Teoria Geral do Crime lançada em 1990 por Gottfredson e Hirschi. Porém, caracteriza-se por uma particularidade, a de possuir uma amostra constituída por crianças e jovens com idades compreendidas entre os 10 e os 17 anos de idade, contrariando a tendência de testes anteriores da teoria que remetem frequentemente para populações adultas.

Tendo por base as matérias abordadas nos capítulos I, II e III, estabeleceram-se os objetivos deste processo que procurarão contribuir para o esclarecimento da Teoria Geral do Crime. Assim, para cada objetivo estabelecer-se-ão questões de investigação que se pretendem diretas e focadas de modo a tornar claro o objeto de estudo.

1.º Objetivo

Testar a escala de autocontrolo criada por Grasmick et al. em 1993 numa população portuguesa de jovens entre os 10 e os 17 anos de idade.

Neste sentido, será necessário ter em consideração as seguintes questões de investigação:

- 1) A escala de autocontrolo é uma medida unidimensional, isto é, os 24 itens que a constituem permitem, em conjunto, medir apenas uma variável latente – o autocontrolo?

- 2) As seis dimensões de autocontrolo, teoricamente definidas, encontram correspondência empírica nos dados ou agrupam-se de outra forma dando origem a um número diferente de dimensões?
- 3) Os níveis individuais de autocontrolo variam em função do sexo, apresentando as raparigas níveis mais elevados comparativamente aos rapazes?
- 4) É possível estabelecer uma associação entre o estatuto socioeconómico, a estrutura familiar, o sexo, a idade e o autocontrolo?

2.º Objetivo

Testar a relação entre autocontrolo, moral e comportamentos desviantes.

Assim, importa considerar as seguintes questões de investigação:

- 1) Os níveis de autocontrolo e de comportamento desviante¹⁴ estão relacionados entre si, de tal modo que a níveis mais elevados de autocontrolo se fazem corresponder níveis mais baixos de desvio? Esta relação verifica-se para todos os comportamentos?
- 2) Os níveis de moralidade individual surgem associados aos níveis de prevalência de comportamento desviante?
- 3) A relação entre moralidade e comportamento desviante varia quando se controlam variáveis como estatuto socioeconómico, estrutura familiar e situação profissional dos pais?
- 4) A relação entre autocontrolo e comportamento desviante é alterada quando se controla a moralidade?
- 5) Os baixos níveis de autocontrolo apenas relevam para a prática de comportamentos desviantes quando os níveis de moralidade também são baixos?

3.º Objetivo

Tendo por base os dados empíricos quantitativos recolhidos, constatou-se que as respostas dos indivíduos permitem agrupar duas dimensões – “impulsividade” e “procura de risco” – que teoricamente são definidas de forma distinta. Neste sentido, recorreu-se a dados qualitativos, num segundo estudo, para aferir:

¹⁴ Índice criado a partir da prevalência dos seguintes itens: “fez troça de alguém, chamou-lhe nomes ou espalhou boatos desagradáveis sobre essa pessoa”, “ameaçou bater ou magoar alguém”, “tirou alguma coisa a alguém sem o seu consentimento”, “bateu, deu pontapés ou socos em alguém propositadamente”, “participou numa briga/luta em grupo na escola”.

- 1) Em que medida os indivíduos são levados a responder de forma semelhante aos itens das duas dimensões?
- 2) Perante itens de diferentes dimensões, os indivíduos respondem tendo por base o mesmo tipo de comportamentos?

Posto isto, importa então esclarecer a metodologia adotada para se encontrar, nos dados, respostas para as questões de investigação definidas.

4.2.METODOLOGIA

A metodologia é o caminho para resolver, de forma sistemática os problemas da investigação (Kumar, 2008). Neste sentido, importa esclarecer que caminhos foram aqueles que nesta investigação, permitiram esclarecer as questões de investigação inicialmente apontadas. Assim, optou-se por realizar dois estudos complementares: o estudo I recai sobre a recolha e análise de dados quantitativos, enquanto o estudo II diz respeito a uma recolha e análise de dados qualitativos.

No caso do estudo I contou-se com a aplicação de um inquérito que se apresentou favorável à recolha de um vasto aglomerado de dados num período de tempo relativamente pequeno e a posterior possibilidade que essa recolha proporciona: a análise das relações entre as variáveis. Tendo então por base diversas questões de investigação cujo principal foco residia no estabelecimento de relações e no testar de uma escala amplamente aplicada no universo científico, este estudo procurou precisamente o abarcar de múltiplos dados sobre variadas questões de modo a se proceder a uma posterior análise sobre a forma como elas se relacionam¹⁵. Esta foi a mais-valia da aplicação da metodologia quantitativa neste estudo, à semelhança do que tem vindo a ser feito em estudos com objetivos semelhantes.

Por sua vez, o estudo II, com o recurso à metodologia qualitativa, nomeadamente à entrevista encerra em si o principal objetivo de permitir que se aceda ao próprio discurso dos sujeitos. Neste estudo, tornou-se fundamental relativamente à análise de uma das principais variáveis desta investigação – o autocontrolo – proceder a uma análise qualitativa de itens de duas dimensões da escala: “impulsividade” e “procura de risco”. Isto porque se constatou que os dados empíricos do Estudo I revelam estas duas dimensões como uma única só, sem que os seus itens possam ser divididos como se sugere do ponto de vista teórico. Isto é, apesar da unidimensionalidade da escala de autocontrolo, Gottfredson e Hirschi apontam seis

¹⁵ Ver Quivy e Campenhoudt, 1995

dimensões enquanto elementos do autocontrolo. E no Estudo I, o que se verifica é a presença de apenas cinco dimensões, havendo portanto uma convergência de itens destas duas dimensões em apenas uma única dimensão.

Efetivamente, como já foi referido, têm sido essencialmente trabalhos quantitativos aqueles que se debruçam sobre o estudo do autocontrolo pelo que se constatou que a escassez de informações sobre o modo como os indivíduos percebem cada um dos itens, a forma como os remetem para as suas experiências e o sentido que dão aos conceitos que os constituem era, efetivamente, um conhecimento ao qual se pretendia aceder com este estudo. Portanto, o recurso à metodologia qualitativa mostrou-se fundamental para cumprir estes objetivos de desconstrução do modo como os indivíduos interpretam os itens e refletem sobre os conceitos neles presentes. Isto foi feito para um pequeno grupo de itens da escala de autocontrolo.

Assim, obedecendo esta investigação a duas lógicas fundamentais de compreensão de relações entre variáveis e, simultaneamente, da procura do modo como uma delas – o autocontrolo – é apreendida, nos itens que foram apontados para a sua operacionalização, por cada indivíduo, efetivamente, as opções metodológicas apenas poderiam recair sobre uma opção mista.

4.3. AMOSTRA

No que concerne à seleção da amostra para este estudo, é de referir que foi selecionada de forma não randomizada, por conveniência¹⁶. Ou seja, os seus resultados não serão generalizados à população uma vez que nem todos os seus elementos tiveram igual probabilidade de serem selecionados; e a sua seleção resultou do facto de estar disponível para cumprir os objetivos propostos por este estudo. Porém, esta colaboração não dispensou que aos pais fossem dadas informações específicas sobre a participação nesta investigação e que, junto deles, fosse recolhida autorização para tal.

A disponibilidade dos membros que constituem a amostra – para ambos os estudos – residiu no facto de estarem a participar num projeto mais amplo que estava a ser desenvolvido pela Escola de Criminologia da Faculdade de Direito da Universidade do Porto, junto de um conjunto de escolas do distrito do Porto. Portanto, tratou-se, neste caso, de recorrer a um conjunto de sujeitos que estavam disponíveis, pela participação no projeto, a colaborar

¹⁶ Krippendorff, 2004; Neuendorf, 2002.

simultaneamente neste estudo. Isto para o Estudo I, o que levou à participação de um total de 347 alunos de duas escolas EB 2.3 e ainda uma outra escola Secundária. Relativamente ao estudo II, a amostra foi também selecionada por conveniência mas junto de um grupo mais restrito de alunos que estava a ser precisamente o alvo do projeto por parte da Escola de Criminologia de que faziam parte cinco turmas distribuídas pelas três escolas apontadas.

Isto é, o projeto da Escola de Criminologia contava com a participação direta destas cinco turmas e recorria aos restantes alunos – aleatoriamente selecionados – como grupo de controlo. Assim, no estudo I, a amostra foi constituída pelas turmas alvo da intervenção e pelas restantes do grupo de controlo; enquanto no estudo II os elementos da amostra foram apenas selecionados junto das cinco turmas alvo da intervenção. Estes últimos foram selecionados, mais uma vez, por conveniência e em função dos consentimentos informados que entregaram assinados pelos encarregados de educação.

4.4. PROCEDIMENTOS

Neste ponto, os estudos I e II serão descritos separadamente.

4.4.1. Recolha de dados

Estudo I

Neste estudo, aplicou-se um questionário a 347 indivíduos que constituem a amostra deste estudo.

Porém, estar perante uma amostra constituída exclusivamente por indivíduos menores de 18 anos, acarreta um cuidado acrescido no que concerne à autorização para a sua colaboração em estudos e pesquisas de investigação, acrescendo a esta questão o facto de os questionários serem administrados em meio escolar. Neste sentido, uma vez que os indivíduos teriam de responder a um questionário assente essencialmente em questões relacionadas com o contexto escolar e a relação dos sujeitos com esse mesmo espaço, a nível físico e humano, solicitou-se uma declaração de consentimento escrito junto de responsáveis do Conselho Diretivo de cada Escola para realizar a administração dos questionários aos indivíduos das turmas selecionadas.

A aplicação dos questionários decorreu por turma, seguindo dois momentos: inicialmente, começou por ser distribuída uma folha de rosto em que constavam as regras de preenchimento do questionário, assim como as garantias, de anonimato e confidencialidade

dadas a cada indivíduo (ver, por favor, Anexo 2); o segundo momento consistiu na administração propriamente dita do questionário. Todos os alunos de uma mesma turma responderam individualmente ao seu questionário (Anexo 3), por autopreenchimento, numa aula cedida pelos professores.

Em cada administração de questionários estiveram presentes um técnico responsável pela aplicação, selecionado pela Escola de Criminologia, assim como o/a professor/a da disciplina cuja aula estaria a ser usada para tal efeito. Desta forma, procurou-se garantir que os sujeitos responderam individualmente, sem partilhar as suas respostas com os colegas, de modo a influenciar o menos possível as opções de cada um. Cada aplicação durou cerca de 45 minutos.

Estudo II

Num momento posterior, procedeu-se à recolha de dados qualitativos, mais concretamente, à realização de entrevistas no sentido de complementar os dados quantitativos.

Assim, pelos 347 elementos da amostra, começaram a ser distribuídos consentimentos informados (ver Anexo 4) onde constavam informações sobre os objetivos do estudo e a própria entrevista assim como as garantias de confidencialidade e anonimato e ainda a necessidade de requerer a autorização do encarregado de educação para a participação do educando que se consumava no preenchimento e assinatura da declaração de consentimento. Para a realização da entrevista, tornou-se então condição, para além da já referida participação no projeto da Escola de Criminologia, apresentar o consentimento autorizado e assinado pelo encarregado de educação. Este documento procurou informar os responsáveis pelos alunos e garantir o seu esclarecimento quanto ao processo de realização da entrevista, que ocorreria em horário não letivo de modo a não prejudicar as atividades regulares dos estudantes.

Importa referir que, dos elementos da amostra do estudo I apenas foram distribuídos consentimentos pelos alunos das cinco turmas que estavam a participar no projeto da Escola de Criminologia. Neste sentido, distribuíram-se aproximadamente 100 consentimentos. Destes, foram devolvidos 34 consentimentos devidamente preenchidos nas semanas seguintes. Dos que foram entregues, 6 referiam-se a não autorizações e os restantes 28 concediam autorização ao educando para colaborar na entrevista. Decidiu-se não continuar a distribuir consentimentos pelo facto de a certa altura, os dados começarem a deixar de acrescentar novas informações. Assim, das 28 autorizações concedidas foram realizadas 21 entrevistas. Importa ainda esclarecer que os 7 indivíduos que entregaram o consentimento autorizando a

participação e não foram entrevistados, se tratam de situações em que as entrevistas foram combinadas e os alunos, por algum motivo, não puderam comparecer. Em alguns dos casos, a entrevista foi agendada mais do que uma vez, no entanto, acabou, por limitações temporais, tornar-se impossível a sua realização em tempo útil ao estudo.

No que concerne ao tamanho amostral usou-se o critério da saturação teórica que levou a que se desse por encerrada a recolha de dados oriundos da entrevista aquando da realização de 21 entrevistas, como já foi referido. Ou seja, com este número, atingiu-se um momento em que pouca ou nenhuma informação era acrescentada àquela que já havia sido recolhida. Nesta fase, havia 16 entrevistas realizadas. Porém, constatou-se que havia uma sub-representação do sexo masculino e que apenas se poderia obter novas informações se mais indivíduos do sexo masculino fossem incluídos (Glaser & Strauss, 1967). Realizaram-se então mais cinco entrevistas apenas a rapazes e assim se encerrou este momento.

As entrevistas foram realizadas, sem exceção, na escola de cada entrevistado: ou numa sala de atendimento de diretores de turma aos pais, ou numa sala de aula apenas destinada à realização da entrevista. Houve ainda outras duas que foram feitas na biblioteca pela indisponibilidade de outro espaço escolar naquele momento. As entrevistas foram gravadas em formato áudio para que, posteriormente, fosse possível a sua transcrição de forma fiel ao que os entrevistados haviam referido.

4.4.2. Os instrumentos de recolha de dados

Como já foi possível concluir a partir da descrição dos procedimentos de recolha de dados, foram dois os instrumentos fundamentais para a obtenção de dados empíricos neste trabalho de investigação.

Estudo I - Inquérito por questionário

O instrumento de recolha de dados consistiu num inquérito construído pela Escola de Criminologia no âmbito de um projeto mais alargado nas escolas já referidas. Foi-me autorizada, no âmbito do Mestrado em Criminologia, a utilização de um conjunto de variáveis atinentes aos objetivos desta dissertação. Assim, as dimensões selecionadas, cuja descrição pormenorizada consta do Anexo 5, foram as seguintes:

- 1) Características sociodemográficas e socioeconómicas do inquirido, sexo, idade, escolaridade, elementos que habitam com o próprio e quantos são menores de 16 anos

e constituição familiar (se o agregado familiar é monoparental ou constituído por ambos os pais). Para poder inferir quanto ao estatuto socioeconómico do jovem foi calculado um índice (Anexo 5) que combinava informação proveniente de : i) situação profissional dos pais; ii) condições de habitação onde reside (número de quartos e casas de banho); iii) informações sobre os destinos de férias no último ano.

- 2) Níveis individuais de autocontrolo medidos com recurso à escala construída por Grasmick et al. (1993) constituída por 24 itens com uma escala de resposta de quatro pontos (1 - concordo totalmente, 2 - concordo, 3 - discordo, 4 - discordo totalmente).
- 3) Níveis individuais de moralidade aferida através de duas subescalas adaptadas de um questionário de Wikström et al. (2010). A primeira remete para a noção de regras morais e é constituída por 7 itens que avalia a gravidade percebida de um determinado conjunto de atos através de uma escala de de Lickert de 4 pontos em que se procura perceber em que medida o indivíduo considera a prática de determinados comportamentos indicando o grau de gravidade percebido segundo uma escala de resposta de quatro pontos (1 – nada grave, 2 – pouco grave, 3 – grave, 4 – muito grave). A segunda incide sobre emoção moral – vergonha, questionando os indivíduos sobre se sentiriam vergonha, perante os pais, amigos e professores, por praticar determinados atos. A escala de resposta é de 3 pontos (1 – não, nenhuma vergonha, 2 – sim, um pouco de vergonha, 3 – sim, muita vergonha).
- 4) E, finalmente, comportamentos desviantes autorrevelados aferidos em função da prevalência, segundo a qual os indivíduos devem responder sim ou não sobre a prática do ato referido, nos últimos 12 meses; e incidência, ou seja, quantas vezes foram adotados os comportamentos indicados pelo mesmo sujeito, nos últimos 12 meses.

Estudo II - Entrevista semiestruturada

No sentido de corresponder ao objetivo estabelecido de testar a validade da escala proposta por Grasmick et al. (1993) para operacionalizar o conceito do autocontrolo de Gottfredson e Hirschi e para complementar a análise procedeu-se à realização de entrevistas junto dos indivíduos.

Os dados quantitativos, cuja recolha antecedeu a dos qualitativos, permitiram chegar a uma conclusão sobre as dimensões da escala diferente daquilo que é suportado pela teoria. Ou seja, quanto a duas dimensões teoricamente distintas – a “impulsividade” e a “procura de risco” – a análise factorial dos dados agrega-os como uma única dimensão. Portanto, no

sentido de apurar se os itens da “impulsividade” e da “procura de risco” remetem os indivíduos para questões semelhantes, procedeu-se à seleção aleatória de dois itens de cada uma destas duas dimensões. Deste modo, seria então possível esclarecer se os indivíduos compreendem os mesmos itens de forma diferente e que sentido atribuem a cada um deles. Portanto, procurou-se com isto promover uma reflexão sobre um pequeno conjunto de itens da escala de Grasmick que, pelas limitações de tempo, não seria possível estender a todos os itens da escala.

A entrevista realizada tem como ponto de partida quatro itens seleccionadas da escala de autocontrolo de Grasmick et al. (1993) e caracteriza-se por ser semiestruturada ou semidiretiva. Ou seja, não é completamente aberta, nem é definida por um número de questões precisas, mas apresenta antes um conjunto de perguntas de orientação a partir das quais é imperativo obter informações oriundas do entrevistado. Este instrumento permite uma maior profundidade dos dados recolhidos, comparativamente à recolha quantitativa e o facto de ser um instrumento flexível permite que a recolha de dados capture a precisa interpretação e o quadro de referência dos indivíduos.

A entrevista, cujo guião consta do Anexo 6, pode ser dividida em quatro grandes partes:

- 1) Compreensão do item, em que se questiona o indivíduo sobre aquilo em que pensou quando leu o item e lhe procurou responder. Isto em discurso livre de modo a possibilitar ao indivíduo que se refira a tudo o que se lembrar sobre aquela questão sem que lhe sejam questionados aspetos específicos relacionados, por exemplo com os conceitos, ficando isto para o segundo momento.
- 2) Compreensão dos conceitos em que se procura constatar que significado atribuiu cada um dos sujeitos a cada um dos conceitos. Procura-se que digam o que percebem e como veem, à luz dos seus padrões de referência, os conceitos presentes em cada item.
- 3) Situação e contextos, em que pede ao indivíduo que apresenta situações que, tendo vivenciado ou de que tenha conhecimento, remetam para o item em questão. Isto é, procura-se que esclareça se já alguma vez esteve numa situação que se adeque àquilo que ele percebeu do item a que respondeu no questionário e onde a realizou, com quem, o que sentiu, como reagiu, o que lhe aconteceu em consequência disso e o motivo pelo qual decidiu adotar tal comportamento.
- 4) Finalmente, procurar-se-á perceber a questão do outro. Isto é, num primeiro momento, o indivíduo é questionado sobre o que pensa das pessoas que fazem e das pessoas que

não fazem o que está descrito no item, acedendo-se assim ao que modo como ele vê o outro. E, num segundo momento, apura-se a forma como ele pensa que o outro o vê a ele, questionando-se sobre o modo que pensa ser aquele que os pais, amigos e professores adotariam para reagir se soubessem que ele teria perseguido o comportamento que corresponde à colocação em prática do item em questão.

4.4.2. Análise de dados

Estudo I

No que concerne aos dados quantitativos, finalizada a sua recolha, foram inseridos numa base criada em SPSS® (versão 19), o programa estatístico que permite o seu armazenamento e posterior tratamento. Por conseguinte, passou-se à análise estatística dos dados de modo a produzir resultados para esclarecer os objetivos e as questões de investigação definidas.

Neste sentido, para se proceder à caracterização da amostra a nível sociodemográfico e socioeconómico, recorreu-se, inicialmente a medidas estatísticas de tendência central (média) e de dispersão (desvio-padrão).

Por sua vez, para testar a unidimensionalidade da escala de autocontrolo, procedeu-se a uma análise factorial de componentes principais, recorrendo ao método *varimax*. E, de seguida, foi calculado, para a medida compósita de autocontrolo e para as suas dimensões, o coeficiente *alpha de Cronbach* enquanto medida de consistência interna, também conferida pelas correlações encontradas entres os diferentes itens da medida. A análise factorial é uma técnica de análise exploratória de dados que permite constatar que se duas variáveis estão correlacionadas, em princípio, é porque essa associação resulta do facto de partilharem uma característica comum não diretamente observável, como por exemplo, um fator comum latente (Marôco, 2010). Aplicada à escala de autocontrolo, a correlação entre os diferentes itens utilizados para medir autocontrolo indica que, em princípio, estarão a medir a variável latente, neste caso, o autocontrolo. A análise factorial possui vários métodos de extração dos fatores, porém, o mais recorrentemente utilizado é o de componentes principais. Efetuada então uma análise factorial de componentes principais, levanta-se uma outra questão: qual o número mínimo de fatores que se deve reter? Existem várias regras a que se pode recorrer para tomar uma decisão sobre o número de fatores a adotar, entre elas importa salientar aquelas que mais frequentemente os estudos que submetem a escala de autocontrolo a uma análise factorial

utilizam: i) Critério de Kaiser ou regra do *eigenvalue* superior a 1 segundo a qual se devem reter os fatores com *eigenvalue* superior a 1. Isto, porque se considera que o número de fatores a reter deve corresponder àqueles que explicam mais informação (variância) do que a informação (variância) estandardizada de uma variável original que corresponde precisamente a 1. Porém, isto pode levar a que se retenham mais ou menos fatores do que aquilo que efetivamente é o mais adequado; ii) Critério do *scree plot* que permite a representação gráfica dos fatores e dos seus *eigenvalues* cuja relevância reside na capacidade de permitir perceber qual a importância relativa de cada fator para explicar a variância total das variáveis originais. Portanto, os fatores a reter devem ser aqueles em que se observa uma inflexão da curva que relaciona o número do fator e o seu *eigenvalue* (Marôco, 2010). Porém, se não se recorrer à ilustração gráfica, recorrendo apenas ao *Scree discontinuity test*, o número de fatores retidos deve ser aquele em que se observa maior descontinuidade entre os valores dos seus *eigenvalues* (Antonaccio, 2008). Por exemplo, se o ponto de inflexão ou uma maior descontinuidade se observar entre o 3º e o 4º fator, então haverá, neste caso, 3 fatores (Marôco, 2010).

No que concerne à relação do autocontrolo com as variáveis sexo, estatuto socioeconómico, estrutura familiar e situação profissional dos pais, procedeu-se do seguinte modo: foram calculadas as médias de resposta por item, por dimensão e para a escala enquanto medida compósita, tendo em consideração a variável sexo. Para se perceber quais os testes estatísticos cuja aplicação seria a mais adequada no sentido de se comparar os dois grupos (sexo masculino e sexo feminino), procedeu-se à realização dos testes de normalidade Kolmogorov-Smirnov e Shapiro-Wilk (embora este seja recomendado para amostras com menos de 50 indivíduos) para os itens representados. Em ambos os testes, o valor de *p.value*, isto é a significância estatística para um intervalo de 95%, foi sempre inferior a .05, levando assim a uma rejeição da H_0 , ou seja, a distribuição dos dados não segue uma distribuição normal, pelo que, se optou pelos testes não paramétricos para comparar os dois grupos. Assim, o teste estatístico adotado foi o Mann-Whitney U.

Já para se perceber se haveria ou não relação entre autocontrolo e estatuto socioeconómico, estrutura familiar e situação profissional dos pais, realizaram-se correlações bivariadas entre as diferentes variáveis em que $p.value < .05$ representa uma correlação significativa para um intervalo de confiança de 95% representada nas tabelas por “ * ” e $p.value < .01$ remete para uma correlação significativa para um intervalo de confiança de 99%

representada por “ ** “. Uma vez que as variáveis não seguem uma distribuição normal, o coeficiente de correlação adotado foi o coeficiente não paramétrico de Spearman.

Da mesma forma se procedeu para o estabelecimento de correlações entre autocontrole e comportamento desviante. Porém, entre estas variáveis acrescentou-se uma análise de correlações parciais cujo principal objetivo consistiu no controlo do estatuto socioeconómico, estrutura familiar, sexo e idade. Assim, procurou-se averiguar se a introdução destas variáveis, afetaria ou não a relação entre autocontrole e comportamento desviante.

De seguida, para se testar a relação entre autocontrole, moralidade e comportamento desviante, estabeleceram-se correlações entre estas variáveis, seguindo os procedimentos já descritos. Finalmente, foram realizadas correlações parciais no sentido de aferir se, controlando autocontrole a relação entre moralidade e comportamento desviante era alterada; e por outro lado, se controlando moralidade, a relação entre autocontrole e comportamento desviante era alterada. Por fim, procedeu-se a uma divisão da amostra em função dos seus níveis de autocontrole e moralidade segundo um dado critério (da mediana, divisão entre os que se situavam acima e os que situavam abaixo da mediana) – alto ou baixo – para que se tornasse possível aferir em que situações é que, conjugadas estas variáveis, os índices de comportamento desviante eram mais elevados e/ ou mais baixos.

Estudo II

No momento que antecede a análise dos dados qualitativos, as entrevistas começaram por ser rigorosa e detalhadamente transcritas. No que concerne à análise, propriamente dita, inicialmente começou por se construir uma grelha que, tendo por base o guião da entrevista permitiu agrupar o material recolhido em três grandes grupos: a compreensão do item e dos conceitos, a situação e o contexto em que o indivíduo já experienciou algo do género e, finalmente, o outro e a sua posição face ao outro que pratica ou não o comportamento e o outro que reage aos seus próprios comportamentos. Esta primeira grelha consta do Anexo 7 e nela se observa o discurso tal e qual como foi referido. Nesta grelha, começou por se sublinhar e escrever algumas palavras que começaram a surgir continuamente.

Porém, dada a densidade dos dados, rapidamente se percebeu que a sua análise seria facilitada pela construção de uma segunda grelha de análise – Anexo 8 – apenas com o material cuja pertinência para as questões de investigação era fundamental.

Passada esta fase, procedeu-se então à análise da seguinte forma: i) pegando nos itens, dois a dois, por dimensão analisou-se por grupos da grelha de análise. Isto é, começou-se por incidir sobre a compreensão do item e dos conceitos de dois itens que, supostamente, integram a mesma dimensão e assim sucessivamente; ii) no final da análise dos três grupos da grelha, fez-se um breve resumo sobre os dois itens. Isto para cada uma das duas dimensões (portanto, os itens agrupados dois a dois).

Assim, com recurso a esta análise qualitativa procurou-se clarificar o resultado obtido junto dos dados quantitativos.

CAPÍTULO V

APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Recolhidos os dados empíricos necessários para o esclarecimento dos objetivos estabelecidos para a investigação, importa reportar os resultados a que permitiram chegar. Assim, neste ponto, proceder-se-á à apresentação dos resultados separadamente, para cada um dos estudos. No Estudo I: i) realizar-se-á num primeiro momento a caracterização da amostra no que respeita às suas características sociodemográficas e socioeconómicas; ii) de seguida, será feita uma análise da escala de autocontrolo que se adaptou no presente estudo, em que se procura verificar em que medida é que ela varia em função do estatuto socioeconómico, estrutura familiar, sexo e idade dos indivíduos; iii) procurar-se-á esclarecer em que medida se relacionam autocontrolo e comportamento desviante e qual a influência do estatuto socioeconómico, estrutura familiar, sexo e idade dos indivíduos nesta relação; iv) e, finalmente, estudar em que medida a moralidade e o comportamento desviante estão relacionadas e como é que o autocontrolo interfere nesta relação. Por último, procurar-se-á situar a prática de comportamentos desviantes em função dos níveis de moralidade e de autocontrolo conjugados – altos ou baixos.

No que concerne ao Estudo II, apresentar-se-á uma análise das respostas dos indivíduos relativamente ao modo como percecionam e interpretam quatro itens da escala de autocontrolo usada nesta investigação.

ESTUDO I

1. DESCRIÇÃO GLOBAL DA AMOSTRA

A amostra deste estudo é constituída por alunos de três Escolas do Distrito do Porto, reunindo um número total de 347 indivíduos, como se constata na Tabela 1.

Tabela 1: Distribuição da Amostra por Escola.

	Escola			Total
	A	B	C	
N (%)	97 (28.0%)	107 (30.8%)	143 (41.2%)	347 (100%)

N – número de alunos

Relativamente às características sociodemográficas da amostra, presentes na Tabela 2, observa-se que, dos indivíduos inquiridos, 49.7% é do sexo masculino e, no que respeita à

idade, apesar do intervalo entre os 10 e os 17 anos, a média situa-se nos 12.78 anos, pelo que a maioria dos sujeitos possui 13 anos de idade (resultado comprovado pelo valor da moda).

Relativamente à escolaridade, a maioria dos alunos situa-se ao nível do 3.º Ciclo, sendo o valor médio 7.30 anos de escolaridade. Isto é, grande parte da amostra frequenta o 7.º e o 8.º ano de escolaridade, sendo o 8.º, aquele ano em que mais membros da amostra se inserem.

Tabela 2: Características sociodemográficas dos inquiridos.

Sexo, M:F	172:174
% de inquiridos sexo masculino	49.7%
Idade (anos), média±SD	12.78±1.20
Moda	13
(mínimo-máximo)	(10-17)
Escolaridade (anos) média±SD	7.30±1.06
(mínimo-máximo)	(5-9)
Moda	8
2.º Ciclo de estudos	45(13.0%)
3.º Ciclo de estudos	297 (85.6%) ¹⁷
SD – desvio padrão.	

Por sua vez, no que diz respeito ao estatuto socioeconómico, importa referir que este foi construído a partir das variáveis que constam da Tabela 3, como já foi referido na parte da Metodologia e pormenorizadamente detalhado no Anexo 5.

Tabela 3: Características socioeconómicas da amostra.

Elementos que habitam consigo	
Total de elementos (incluindo entrevistado), média±SD	4.55±5.12
(mínimo-máximo)	(1-60)
Menores de 16 anos, média±SD	1.15±2.99
(mínimo- máximo)	(0-40)
Situação profissional do Pai	
Tem um emprego estável	190 (55.4%)
Trabalha por conta própria de modo estável	55 (16.0%)
Às vezes tem emprego ou trabalho	11 (3.2%)
Não trabalha	46 (13.4%)
Situação profissional Mãe	
Tem um emprego estável	217 (62.7%)
Trabalha por conta própria de modo estável	38 (11.0%)
Às vezes tem emprego ou trabalho	9 (2.6%)
Não trabalha	73 (21.1%)
Condições da habitação	
Quartos de dormir, média±SD	3.23±2.60
(mínimo-máximo)	(1-30)
Casas de banho, média±SD	1.98±1.42
(mínimo-máximo)	(1-15)
Férias	
Não	96 (27.8%)
Sim	249 (72.2%)
Se sim, onde	
Em Portugal	175 (51.3%)
Fora de Portugal	70 (20.5%)
Hotel/ apartamento alugado	111 (32.3%)

¹⁷ A soma da percentagem dos alunos que se situam ao nível dos 2.º e 3.º Ciclos é diferente de 100%, uma vez que 1.4% da amostra não respondeu a esta questão.

Parque de campismo	34 (9.9%)
Casa de familiares ou amigos	88 (25.6%)
Outra	15 (4.4%)

Sobre os elementos que habitam com o inquirido, a média é de 4.55 pessoas e de 1.15 no que respeita a menores de 16 anos. Em ambos os pontos, verifica-se um intervalo bastante elevado entre os valores mínimos e máximos. Isto deve-se ao facto de haver inquiridos institucionalizados, provocando a presença dos dois *outliers*: 60 quanto ao número total de elementos e 40 relativamente a menores de 16.

No que respeita à casa onde cada indivíduo reside, a média de quartos é de 3.23 e a de casas de banho de 1.98. Tal como na questão sobre os elementos que habitam com o inquirido, também neste aspeto sobre a casa se constata a presença de *outliers* e a justificação permanece a mesma: elementos da amostra institucionalizados.

Já no que à situação profissional dos pais diz respeito, verifica-se que é nas mães que reside a maior percentagem de indivíduos que reporta ter emprego estável e, simultaneamente, a maior percentagem de pessoas que não trabalham. Assim, enquanto 62.7% das mães possui um emprego estável, a percentagem desce para 55.4% quando se trata do pai. Já no que concerne à percentagem de indivíduos que não trabalha, a tendência mantém-se: 21.1% na mãe e 13.4% no pai. Desta forma, é quando se fala das mães que se encontram as percentagens mais elevadas para os dois campos mais afastados de resposta: emprego estável e não trabalha.

Finalmente, 72.2% dos indivíduos refere ter passado férias no último ano, sendo que a maioria (51.3%) ficou em Portugal. Ainda de entre os que responderam sim às férias no último ano, 32.3% aponta um hotel ou um apartamento alugado como o local em que se instalaram, logo seguido pela estadia em casa de familiares ou amigos (25.6%). A opção por parque de campismo foi real ainda para 9.9% da amostra e 4.4% respondeu outra. Neste último ponto, após uma análise do que os indivíduos responderam, uma vez que esta questão permitia que escrevessem a “outra” escolha que poderia não ter sido contemplada nas opções de resposta, constata-se que acabam praticamente por não acrescentar nada de novo, havendo apenas uma resposta diferente: “cruzeiro”¹⁸.

Tabela 4: Constituição dos agregados familiares dos inquiridos

Constituição familiar	N (%)
-----------------------	-------

¹⁸ As respostas para a questão outra neste aspeto das férias são “residência com amigos e com um tio de uma amiga”, “parque com bungalows”, “num bairro”, “no café da minha tia”, “na minha tia”, “na minha quinta”, “moradia alugada”, “Lisboa”, “em minha casa”, “em casa da minha mãe”, “cruzeiro”, “casa na aldeia”, “cada dos meus pais”, “cada da avó e da tia”, “casa alugada”.

Vivo com o meu pai e a minha mãe	292(85.1%)
Não vivo com o meu pai	41 (12.0%)
Não vivo com a minha mãe	9 (2.6%)
Não vivo com o meu pai, nem com a minha mãe	1(0.3%)

No que concerne à constituição familiar, como consta da Tabela 4, 85.4% dos inquiridos revela que vive com o pai e com a mãe. Quanto aos que não vivem com um dos progenitores, é a ausência do pai o que mais se verifica, 12% contra os 2.6% que reportam a ausência da mãe. Constata-se apenas um caso em que se regista a não coabitação com ambos os pais. Note-se que embora haja vários indivíduos institucionalizados, nas suas respostas relativas à coabitação, apenas um regista não viver com nenhum dos progenitores.

Tabela 5: Características da amostra relativamente aos níveis de autocontrolo, moral e comportamento desviante.

	Autocontrolo	Comportamento desviante	Moral	
			Regras morais	Vergonha
Média±SD (mínimo-máximo)	2.55±0.57 (1-4)	0.34±0.91 (0-5)	3.47±0.61 (1-4)	2.64±0.49 (1-3)
Moda	2.63	0	4	3

A Tabela 5 caracteriza a amostra relativamente aos níveis de autocontrolo, comportamento desviante e moral, a partir das medidas compósitas de cada uma das variáveis.

No que respeita aos níveis de autocontrolo, os indivíduos apresentam como valor médio de resposta 2.55, devendo ainda acrescentar-se que efetivamente todos os pontos de resposta foram usados, encontrando-se por isso os mínimos e máximos de resposta de 1 e 4 respetivamente. A moda reitera a constatação de que se está perante uma amostra com níveis de autocontrolo moderados.

Já o índice de comportamento desviante, em termos de prevalência, permite constatar que, relativamente ao número de atos praticados nos últimos 12 meses, a amostra responde raramente ter praticado qualquer um dos cinco atos apresentados. No entanto, verificam-se umas ligeiras variações em relação ao valor médio do comportamento, indicando precisamente uma diferença nos indivíduos uns praticam mais, enquanto outros praticam menos (desvio padrão de 0.91). A moda indica que grande parte dos inquiridos referiu não ter praticado nenhum dos comportamentos referidos; porém, houve quem tivesse respondido que adotou a totalidade desses mesmos comportamentos, pelo facto de se observar “5” no máximo dos valores de resposta. Porém, este grupo foi pequeno tendo em conta os valores médios de resposta.

Finalmente, no que concerne à moralidade dos indivíduos que constituem a amostra, quer para as regras morais, quer para a vergonha, os valores médios são elevados (3.47 e 2.64 respetivamente), o que se reflete também no valor da moda que remete sempre para o ponto mais alto da escala de resposta.

2. A ESCALA DE AUTOCONTROLO

No que respeita ao modo como se aferiu os níveis de autocontrolo, neste estudo, adotou-se, como já foi referido, a escala de Grasmick et al. (1993). A partir dos seus 24 itens, procurou-se testar em que medida constituem uma medida compósita e se os resultados dos dados empíricos remetem para as dimensões definidas do ponto de vista teórico. Posteriormente, averiguou-se se a nível de consistência interna, se poderia apontar esta escala como uma medida fiável e, finalmente, testou-se a relação do autocontrolo com as variáveis estrutura familiar, estatuto socioeconómico, sexo e idade dos indivíduos.

2.1.A Validade da Escala de Autocontrolo

Tendo como objetivo testar a unidimensionalidade da escala de autocontrolo, procedeu-se a uma análise exploratória de componentes principais, usando o método *varimax*. O recurso a esta técnica teve então como principal fim, aferir a possibilidade de usar a escala enquanto medida compósita de autocontrolo e, simultaneamente, esclarecer se as componentes que pudessem resultar dos dados seriam ou não coincidentes com as dimensões teóricas definidas por Grasmick: “impulsividade”, “procura de risco”, “atividades físicas”, “autocentração”, “temperamento” e “questões simples”.

Total Variance Explained									
Component	Initial Eigenvalues			Extraction Sums of Squared Loadings			Rotation Sums of Squared Loadings		
	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %
1	8,545	35,603	35,603	8,545	35,603	35,603	3,513	14,637	14,637
2	2,209	9,205	44,807	2,209	9,205	44,807	2,934	12,226	26,863
3	1,661	6,922	51,729	1,661	6,922	51,729	2,853	11,888	38,751
4	1,308	5,452	57,180	1,308	5,452	57,180	2,785	11,604	50,355
5	1,002	4,174	61,354	1,002	4,174	61,354	2,640	10,999	61,354
6	,912	3,799	65,154						
7	,803	3,344	68,497						
8	,750	3,127	71,624						
9	,688	2,867	74,491						
10	,666	2,777	77,267						
11	,619	2,578	79,845						
12	,542	2,258	82,103						
13	,507	2,113	84,217						
14	,460	1,917	86,133						
15	,459	1,912	88,045						
16	,417	1,736	89,781						
17	,383	1,596	91,378						
18	,375	1,561	92,939						
19	,338	1,409	94,348						
20	,322	1,343	95,691						
21	,308	1,285	96,976						
22	,260	1,085	98,061						
23	,242	1,007	99,068						
24	,224	,932	100,000						

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Figura 2: Análise Factorial de componentes principais da escala de autocontrole. Imagem obtida e retirada de SPSS®.

Os resultados da análise factorial de componentes principais, Figura 2, permitem obter cinco fatores que explicam 61% de variância dos dados como um todo. Assim, obedecendo-se à regra de Kaiser, poder-se-ia afirmar que se está perante um modelo de 5 fatores.

Porém, como o número de fatores tende a aumentar à medida que o número de itens também aumenta, a estratégia mais adequada seria de aplicar *scree discontinuity test*, segundo o qual apenas se devem considerar os fatores que antecederem uma quebra entre os *eigenvalues*. Assim, a maior descontinuidade entre fatores observa-se entre o 1º e o 2º componente ($8.545 - 2.209 = 6.336$). Entre mais nenhum outro fator se observa tal descontinuidade, pelo que, adotando o caminho mais frequente entre os investigadores que se debruçam sobre esta escala, conclui-se que apenas um fator fica acima do momento de descontinuidade,

explicando, sozinho, 35% da variância da escala, pelo que a escala pode ser considerada unidimensional.

Todavia, como os dados deste Estudo I apresentam, à luz da regra da Kaiser, 5 fatores acima do *eigenvalue* (1), proceder-se-á à análise destas componentes no sentido de se averiguar que itens abarcam e se podem ser equiparadas às dimensões teóricas apresentadas por Grasmick et al. (1993). Desde logo, importa referir que, do ponto de vista teórico, são apontadas 6 dimensões ao autocontrolo, enquanto os dados empíricos deste estudo remetem para 5 componentes, ou seja, 5 dimensões, como é possível constatar pela observação da Figura 2. Portanto, assiste-se, com estes resultados, a uma diferença entre as dimensões teóricas e os dados empíricos.

Inicialmente, procurou-se verificar se os itens que aparecem subdivididos pelos 5 componentes são os mesmos que, teoricamente, constituem as 6 dimensões.

Os dados deste estudo mostram que a maioria dos itens se distribui claramente pelos componentes, correspondendo à divisão dos quatro itens por dimensão. Por outro lado, constata-se que quatro itens fazem *loading*, simultaneamente, em duas componentes.

Neste sentido, os itens agregam-se de um modo muito semelhante à forma como teoricamente foram definidos. Isto é, a análise de componentes principais cujos resultados constam da figura 3, permite constatar que no 1º fator surgem aglomerados os itens que correspondem às dimensões da “impulsividade” e da “procura de risco”. Assim, divergindo do apontado por Gottfredson e Hischi, os dados deste Estudo I apontam para o facto da “impulsividade” e “procura de risco” surgirem como uma única dimensão e não duas. Ao 2º fator fazem-se corresponder os itens do “temperamento”, ao 3º os das “atividades físicas” e ao 5º os da “autocentração”.

Portanto, a forma como os itens se associam conduz à formação de dimensões que correspondem ao que está definido teoricamente, com exceção da “impulsividade” e da “procura de risco” que os resultados deste estudo empírico fazem surgir em conjunto.

Todavia, há itens que estão a fazer *loading* em mais do que um fator.

Rotated Component Matrix^a

	Component				
	1	2	3	4	5
Costumo fazer aquilo que me dá prazer no momento, mesmo se isso me prejudicar um objetivo futuro	,727				
Por vezes, acho excitante fazer coisas que me podem causar problemas	,666				
Por vezes corro riscos só pelo divertimento que me dão	,657		,445		
Muitas vezes faço coisas no calor do momento sem parar para pensar	,654				
De vez em quando, gosto de me pôr à prova fazendo coisas um pouco arriscadas	,593				
Estou mais preocupado com o que se passa comigo no presente do que com o que me possa acontecer no futuro	,512				
Não me esforço muito a preparar o futuro, nem penso muito nisso	,512			,466	
Excitação e aventura são mais importantes para mim do que me sentir seguro	,467		,425		
Quando estou zangado é melhor que as pessoas se afastem de mim		,783			
Quando discordo seriamente de alguém, é geralmente difícil para mim falar calmamente sobre isso sem me aborrecer		,718			
"Perco a cabeça" com muita facilidade		,662			
Muitas vezes, quando me zango com as pessoas, sinto que tenho mais vontade de as magoar do que de falar com elas sobre o assunto		,599			
Geralmente sinto-me melhor quando estou em movimento do que quando estou sentado e a pensar			,762		
Se eu pudesse escolher, preferia geralmente fazer atividades físicas do que atividades mentais			,723		
Gosto mais de sair e de fazer coisas do que ler e pensar			,657		
Eu sinto que tenho mais energia e mais necessidade de atividade do que a maioria das pessoas da minha idade			,645		
Não gosto de tarefas tão difíceis que levem as minhas capacidades até ao limite				,770	
Geralmente procuro evitar atividades que eu sei que serão difíceis				,731	
Quando as coisas se complicam, costumo desistir e afastar-me				,723	
Na vida, as coisas que são mais fáceis são aquelas que me dão mais prazer				,686	
Eu não sou muito compreensivo com as pessoas quando elas estão com problemas					,754
Se o que eu faço desagrada às outras pessoas, o problema é delas e não meu					,680
Eu tento pensar primeiro em mim, mesmo se isso tornar as coisas mais difíceis para os outros					,676
Procurarei atingir os meus objetivos mesmo que possa causar problemas aos outros		,479			,525

Extraction Method: Principal Component Analysis. Rotation Method: Varimax with Kaiser Normalization. a. Rotation converged in 8 iterations.

Figura 3: Análise Factorial de componentes principais da escala de autocontrolo – componentes da escala, com recurso ao método *varimax* e de acordo com a regra de Kaiser. Imagem obtida e retirada de SPSS®.

No que concerne à forma como os itens se agregam e à denominação dos componentes: a componente 1 reúne em si os itens da “impulsividade” e “procura de risco”; a componente 2, os itens de “temperamento”; a componente 3, os itens de “atividades físicas”; a

componente 4, os itens de “atividades simples”; e, por último a componente 5 agregar os itens.

Relativamente à 1ª componente – o item “por vezes corro riscos só pelo divertimento que me dão” aparece também na 3ª componente. Porém, isto poder-se-á dever ao facto de à prática de riscos estarem associados comportamentos de índole física¹⁹; “não me esforço muito a preparar o futuro, nem penso muito nisso”, surge também em questões simples. Este duplo *loading* em fatores diferentes pode encontrar justificação no facto de o não pensar no futuro se relacionar com a procura de opções menos complexas e mais simples no dia-a-dia de cada indivíduo; “excitação e aventura são mais importantes para mim do que me sentir seguro” surge também em “atividades físicas”, o que se compreende à luz da ideia segundo a qual excitação e aventura remetem frequentemente para a prática de atividades físicas.

Como se conclui que nenhum destes casos é da ordem do absurdo mas antes compreensível na medida em que o mesmo item pode dizer respeito a diferentes dimensões e também porque todos fazem um *loading* maior no primeiro componente, foram mantidos precisamente nessa posição.

O segundo fator surge com os seus quatro itens altamente correlacionados entre si e sem interferências de qualquer outro componente. O mesmo acontece com as 3ª e 4ª componentes.

Finalmente, na 5ª componente, o item “procurarei atingir os meus objetivos mesmo que possa causar problemas aos outros” faz também *loading* com o 1.º (temperamento). Porém, o item foi mantido em autocentração porque é no 5.º fator que faz um *loading* mais elevado e também porque efetivamente a procura de objetivos sem preocupação com o outro pode estar associado ao temperamento de cada indivíduo.

Em suma, uma vez que se observa uma grande descontinuidade entre o 1.º e o 2.º fator como entre mais nenhuns outros fatores se verifica (figura 3), é possível apontar esta escala de autocontrolo enquanto uma medida unidimensional de autocontrolo composta por 24 itens. Porém, quando se obedece à regra de Kaiser, os dados apontam para a existência de 5 fatores que, em parte, correspondem às dimensões teóricas do autocontrolo. A única diferença é que “impulsividade” e “procura de risco” se revelam como uma única dimensão e não como duas em separado.

Por último, é necessário realçar o facto de todos os itens aparecerem altamente correlacionados entre si, como se observa na mesma Figura 3, o que remete, mais uma vez,

¹⁹ Esta questão será esclarecida na análise qualitativa que constitui o Estudo II.

para o facto de que a escala de autocontrolo desenhada por Grasmick et al. constitui uma medida efetiva de uma variável latente – o autocontrolo.

Depois desta análise da escala de autocontrolo, importa referir que, a partir deste momento, para testar a relação entre autocontrolo e as outras variáveis em análise, ter-se-á em consideração i) os 24 itens enquanto medida compósita²⁰ ($\alpha=.92$ ²¹); ii) “temperamento” ($\alpha=.83$), “atividades físicas” ($\alpha=.74$), “questões simples” ($\alpha=.78$) e “autocentração” ($\alpha=.81$) com quatro itens cada uma; iii) “procura de risco” ($\alpha=.84$) e “impulsividade” ($\alpha=.74$): estas dimensões serão consideradas em separado (com quatro itens cada) e enquanto uma única dimensão de oito itens (o *Alpha de Cronbach* para as duas dimensões apreciadas em conjunto é .86). Deste modo, conjugar-se-á os resultados empíricos com o que a teoria informa.

2.2.Autocontrolo e a sua Relação com o Sexo, o Estatuto Socioeconómico, a Estrutura Familiar e a Idade

A partir da escala de autocontrolo enquanto medida compósita de 24 itens, assim como das suas dimensões, procurar-se-á aferir em que medida esta característica individual se relaciona com o sexo, o estatuto socioeconómico, a estrutura familiar e a idade dos indivíduos da amostra.

2.2.1. O Autocontrolo e a sua Relação com o Sexo

Para que seja possível constatar o modo como os níveis de autocontrolo se distribuem na amostra, em função do sexo, analisar-se-á a Tabela 6 cujas informações permitem aceder aos valores médios e ao desvio-padrão de cada item, de cada dimensão e da própria medida compósita de autocontrolo em função do sexo.

Uma vez que a escala de resposta para os itens apresentados era de 4 pontos (“1” – “concordo totalmente”, “2” – “concordo”, “3” – “discordo”, “4” – “discordo totalmente”), em que valores mais elevados refletem níveis mais elevados de autocontrolo; no que concerne à leitura dos valores médios, níveis mais altos representam igualmente níveis de autocontrolo mais elevados.

²⁰ Cujas designação consistirá, nomeadamente na representação em tabelas, em “autocontrolo”.

²¹ Note-se que a partir de $\alpha = .70$ já se considera que uma medida tem níveis adequadas da fiabilidade, sendo $\alpha = 0.80$ o indicador mais aceite. Ver: Hagan, 2000 e Nunnally, 1978 in Maroco e Garcia-Marques, 2006.

Tabela 6: Caracterização da amostra relativamente aos níveis de autocontrolo em função do sexo, por item, por dimensão e enquanto medida compósita segundo a operacionalização de Grasmick et al. (1993).

	Sexo	Média	Desvio-padrão	P.value	N
Muitas vezes faço coisas no calor do momento sem parar para pensar	M F	2.14 2.50	.97 .90	.000*	171 172
Não me esforço muito a preparar o futuro, nem penso muito nisso	M F	2.80 3.06	.97 .88	.009*	171 174
Costumo fazer aquilo que me dá prazer no momento, mesmo se isso me prejudicar um objetivo futuro	M F	2.69 2.90	.96 .90	.046*	170 174
Estou mais preocupado com o que se passa comigo no presente do que com o que me possa acontecer no futuro	M F	2.38 2.48	.97 .96	.286	171 174
Impulsividade	M F	2.50 2.74	.70 .70	.001*	171 174
Geralmente procuro evitar atividades que eu sei que serão difíceis	M F	2.56 2.48	1.00 .90	.550	171 172
Quando as coisas se complicam, costumo desistir e afastar-me	M F	2.75 2.66	.99 .94	.410	171 173
Na vida, as coisas que são mais fáceis são aquelas que me dão mais prazer	M F	2.53 2.60	1.03 .90	.579	167 174
Não gosto de tarefas tão difíceis que levem as minhas capacidades até ao limite	M F	2.68 2.68	1.01 .88	.873	168 173
Questões simples	M F	2.63 2.61	.81 .66	.954	171 174
De vez em quando, gosto de me pôr à prova fazendo coisas um pouco arriscadas	M F	2.21 2.41	.95 .87	.031*	167 172
Por vezes corro riscos só pelo divertimento que me dão	M F	2.38 2.66	1.00 .93	.006*	170 173
Por vezes, acho excitante fazer coisas que me podem causar problemas	M F	2.69 3.02	1.02 .80	.005*	169 173
Excitação e aventura são mais importantes para mim do que me sentir seguro	M F	2.71 2.91	1.00 .90	.080	168 173
Procura de risco	M F	2.50 2.75	.83 .70	.001*	170 173
Se eu pudesse escolher, preferia geralmente fazer atividades físicas do que atividades mentais	M F	1.99 2.43	.96 .98	.000*	169 173
Geralmente sinto-me melhor quando estou em movimento do que quando estou sentado e a pensar	M F	2.04 2.29	.96 .93	.006*	168 173
Gosto mais de sair e de fazer coisas do que ler e pensar	M F	1.83 2.20	.93 .91	.000*	168 173
Eu sinto que tenho mais energia e mais necessidade de atividade do que a maioria das pessoas da minha idade	M F	2.12 2.52	.95 .88	.000*	167 173
Atividades físicas	M F	1.99 2.36	.71 .70	.000*	170 174
Eu tento pensar primeiro em mim, mesmo se isso tornar as coisas mais difíceis para os outros	M F	2.28 2.55	.96 .90	.009*	167 172
Eu não sou muito compreensivo com as pessoas quando elas estão com problemas	M F	2.70 2.94	1.00 .90	.034*	168 173
Se o que eu faço desagrade às outras pessoas, o problema é delas e não meu	M F	2.68 2.79	1.04 .94	.414	165 173

Procurarei atingir os meus objetivos mesmo que possa causar problemas aos outros	M F	2.62 2.77	.99 .90	.158	167 173
Autocentração	M F	2.57 2.76	.80 .71	.038*	168 173
"Perco a cabeça" com muita facilidade	M F	2.72 2.72	1.01 1.00	.938	167 173
Muitas vezes, quando me zango com as pessoas, sinto que tenho mais vontade de as magoar do que de falar com elas sobre o assunto	M F	2.43 2.75	1.02 .96	.003*	166 173
Quando estou zangado é melhor que as pessoas se afastem de mim	M F	2.50 2.58	.98 .99	.438	166 173
Quando discordo seriamente de alguém, é geralmente difícil para mim falar calmamente sobre isso sem me aborrecer	M F	2.35 2.52	.97 .92	.076	165 173
Temperamento	M F	2.50 2.64	.79 .81	.079	168 173
Impulsividade-Procura de Risco	M F	2.49 2.75	.70 .63	.000*	168 173
Índice de Autocontrolo	M F	2.45 2.65	.59 .54	.001*	171 174

*estatisticamente significativo para um intervalo de confiança de 95%.

M- masculino; F-feminino.

No que respeita à diferença entre rapazes e raparigas, relativamente aos níveis de autocontrolo, os indivíduos do sexo feminino apresentam valores mais elevados na grande maioria dos itens. Em “não gosto de tarefas tão difíceis que levem as minhas capacidades até ao limite” e “perco a cabeça com muita facilidade”, a média dos níveis de autocontrolo é a mesma para ambos os grupos (2.68 e 2.72, respetivamente). Apenas em “geralmente procuro evitar atividades que eu sei que serão difíceis” e “quando as coisas se complicam, costumo desistir e afastar-me”, os rapazes apresentam valores mais elevados (2.56 vs 2.48 para o primeiro item e 2.75 vs 2.66 para o segundo).

Porém, segundo o teste estatístico Mann Whitney usado para averiguar a significância entre as médias com um intervalo de confiança de 95%, nenhuma destas diferenças assume significância estatística.

Por sua vez, no que respeita aos itens que apresentam diferenças estatisticamente significativas ($p < .05$), concentram-se de forma preponderante na dimensão “impulsividade”, “procura de risco” e “atividades físicas”, com este último a apresentar para todos os seus itens um $p.value < .05$. Ou seja, para estes elementos do autocontrolo, os rapazes apresentam valores significativamente mais baixos quando comparados com as raparigas. Estes resultados são ratificados pela criação de índices para cada dimensão que apontam para a diferença significativa entre os sexos para a “impulsividade” ($p=.001$), “procura de risco” ($p=.001$), “atividades físicas” ($p=.000$) e “autocentração” ($p=.038$). No caso desta última dimensão, quando se observa item a item, apenas dois deles apresentam diferenças significativas. Também no índice que agrega itens sobre “impulsividade” e “procura de risco”, é possível

observar uma diferença estatisticamente entre ambos os sexos ($p=.000$), apresentando as raparigas, mais uma vez, níveis mais elevados.

Note-se finalmente que a diferença entre rapazes e raparigas, relativamente à medida compósita de autocontrolo também é significativa ($p=.001$) como se observa na Tabela 4.

2.2.2. O Autocontrolo e a sua Relação com o Estatuto Socioeconómico, a Estrutura Familiar, o Sexo e a Idade

No sentido de esclarecer a existência de uma associação entre autocontrolo e “estatuto socioeconómico”, “estrutura familiar” e “situação profissional” dos elementos da amostra, testar-se-á a relação entre estas variáveis através do estabelecimento de correlações entre si.

Uma vez que os dados não seguem uma distribuição normal, optou-se pelo coeficiente de correlação não paramétrico de Spearman. Porém, para as variáveis “estrutura familiar” e “sexo”, como possuem apenas dois pontos de resposta e são de ordem nominal, o seu cruzamento com a variável quantitativa (autocontrolo), a medida de distribuição ideal é a “point bi-serial”. Porém, como o SPSS® não produz esta medida, pode encontrar-se o seu valor no coeficiente de correlação de Pearson.

Tabela 7: Correlações entre autocontrolo e estatuto socioeconómico, estrutura familiar, sexo, idade, por dimensão e enquanto medida compósita segundo a operacionalização de Grasmick et al. (1993).

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1.Estatuto socioeconómico											
2.Estrutura familiar	.127*										
3.Sexo	-.04	-.06									
4.Autocontrolo	.18**	.02	.18**								
5.Impulsividade	.19**	.02	.17**	.79*							
6.Questões simples	.17**	.01	-.02	.63*	.50**						
7.Procura de risco	.05	.04	.16**	.79**	.64**	.39**					
8.Atividades físicas	.04	-.02	.26**	.63**	.42**	.21**	.54**				
9.Autocentração	.18**	.01	.13*	.74**	.48**	.46**	.43**	.38**			
10.Temperamento	.13*	.00	.09	.81**	.55**	.40**	.55**	.44**	.61**		
11.Impulsividade e procura de risco	.13*	.04	.18**	.87**	.90**	.50**	.91**	.52**	.50**	.61**	
12.Idade	-.16**	-.04	-.08	-.16**	-.18**	-.07	-.16**	-.16**	-.01	-.14*	-.19**

Com base na Tabela 8, é possível constatar a associação existente entre autocontrole (na sua medida compósita e nas suas dimensões) e o “estatuto socioeconómico”, a “estrutura familiar”, o “sexo” e “idade” dos indivíduos da amostra.

O “estatuto socioeconómico” apresenta uma correlação positiva significativa com o índice de autocontrole ($r=.18$). Esta tendência mantém-se para as dimensões da “impulsividade” ($r=.19$), “questões simples” ($r=.17$), “autocentração” ($r=.18$), “temperamento” ($r=.13$), “impulsividade e procura de risco” ($r=.13$). No que concerne a “procura de risco” e “atividades físicas” a correlação mantém-se positiva mas sem significância estatística ($r=.05$ e $r=.04$, respetivamente).

Relativamente à “estrutura familiar”, esta não apresenta qualquer significância estatística na sua correlação com o autocontrole ($r=.02$), nem com qualquer uma das suas dimensões.

Por sua vez, a variável sexo surge relacionada positivamente com o autocontrole e as suas dimensões, a correlação é positiva e é ainda significativa para autocontrole ($r=.18$), “impulsividade” ($r=.17$), “procura de risco” ($r=.16$), “atividades físicas” ($r=.26$), “autocentração” ($r=.13$) e “impulsividade e procura de risco” ($r=.18$).

No que concerne à questão da idade, surge quase sempre negativamente correlacionada com o autocontrole e as suas dimensões, sugerindo que à medida que os adolescentes vão crescendo, os seus níveis individuais de autocontrole também vão aumentando.

3. O AUTOCONTROLE E A SUA RELAÇÃO COM O COMPORTAMENTO DESVIANTE

De modo a testar em que medida o autocontrole e “comportamento desviante” aparecem relacionados, procedeu-se ao estabelecimento de correlações entre ambas as variáveis. Para refinar a análise, optou-se por relacionar a medida compósita de autocontrole e cada uma das dimensões com a medida compósita de “comportamentos desviante” (construída a partir dos níveis de prevalência da amostra) e com cada um dos comportamentos em particular cujos resultados constam da Tabela 8.

De acordo com os dados, entre o autocontrole e “comportamentos desviante”, constata-se que quer para a medida compósita, quer para as dimensões, a existência de uma relação significativa para todos os casos, exceto para questões simples.

A medida compósita que contempla os 24 itens relaciona-se de forma negativa moderada com “comportamento desviante” ($r= -.34$), o que significa que a níveis mais

elevados de autocontrolo correspondem níveis mais baixos de comportamento desviante. A mesma tendência e ainda dentro do que se pode considerar uma relação moderada estatisticamente significativa, acompanha “procura de risco” ($r = -.32$), “temperamento” ($r = -.35$) (sendo esta a dimensão que apresenta maior correlação com “comportamento desviante”, embora muito ligeiramente superior à compósita) e “impulsividade e procura de risco” ($r = -.33$). Entre as outras dimensões e “comportamento desviante” as correlações obtidas são fracas, ainda que significativas. Importa ainda referir que “questões simples” ($r = -.10$) é a única dimensão que não apresenta uma relação significativa com “comportamentos desviante”.

No que concerne à prevalência de cada um dos comportamentos, a tendência mantém-se a mesma. Isto é, procura de risco é a dimensão que apresenta uma relação mais forte com “tirar coisas sem consentimento” ($r = -.15$), “bater, dar pontapés e socos” ($r = -.23$) e “participar em briga, na luta da escola” ($r = -.28$). Por sua vez, o temperamento é a dimensão que apresenta uma relação mais forte com os restantes comportamentos – “fazer troça, nomes, boatos” ($r = -.29$) e “ameaçar, bater ou magoar” ($r = -.31$). A única dimensão que não apresenta qualquer relação significativa com nenhum dos comportamentos é a de questões simples. Relativamente ao comportamento que menos significativamente se relaciona com as dimensões de autocontrolo, é “tirar coisas sem consentimento”.

Tabela 8: Correlações entre o índice de autocontrolo e cada uma das suas dimensões e o comportamento desviante enquanto medida compósita e cada um dos diferentes comportamentos desviantes.

	Comportamento desviante	Fazer Troça, nomes, boatos	Ameaçar bater ou magoar	Tirar coisa sem consentimento	Bater, dar pontapés ou socos	Participar em briga, luta na escola
Autocontrolo	-.34**	-.26**	-.24**	-.13*	-.21**	-.26**
Impulsividade	-.28**	-.23**	-.21**	-.10	-.17**	-.21**
Questões simples	-.10	-.05	-.03	-.04	-.09	-.10
Procura de risco	-.32**	-.26**	-.21**	-.15**	-.23**	-.28**
Atividades físicas	-.16**	-.14**	-.17**	-.10	-.10	-.17**
Autocentração	-.24**	-.19**	-.14**	-.10	-.16**	-.21
Temperamento	-.35**	-.29**	-.31**	-.13*	-.18**	-.24**
Impulsividade e procura de risco	-.33**	-.26**	-.24**	-.13*	-.21**	-.26**

Assim, de um modo geral o índice de autocontrolo, assim como as suas dimensões relacionam-se significativamente, de forma negativa, com os diferentes comportamentos desviantes e com a sua medida compósita.

No sentido de se esclarecer se estas relações estabelecidas entre autocontrole e “comportamento desviante” poder-se-iam deixar influenciar pelas variáveis “estatuto socioeconómico”, “estrutura familiar”, “sexo” e “idade” dos elementos da amostra, realizaram-se correlações parciais em que se controlou o efeito destas variáveis, como consta da Tabela 9.

Tabela 9: Correlações parciais entre o índice de autocontrole e cada uma das suas dimensões e o comportamento desviante quando controladas as variáveis estatuto socioeconómico, estrutura familiar, situação profissional, sexo e idade.

	Comportamento desviante	Controlando estatuto socioeconómico	Controlando estrutura familiar	Controlando sexo	Controlando Idade
Autocontrole	-.34**	-.31**	-.33**	-.31**	-.31**
Impulsividade	-.28**	-.25**	-.27**	-.25**	-.25**
Questões simples	-.10	-.07	-.11	-.08	-.08
Procura de risco	-.32**	-.32**	-.32**	-.32**	-.32**
Atividades físicas	-.16**	-.19**	-.21**	-.19**	-.18**
Autocentração	-.24**	-.23**	-.25**	-.23**	-.24**
Temperamento	-.35**	-.32**	-.32**	-.33**	-.32**
Impulsividade e procura de risco	-.33**	-.32**	-.33**	-.32**	-.31**

Os dados apresentados revelam que as variáveis “estatuto socioeconómico”, “estrutura familiar”, “sexo” e “idade” não contribuem para uma alteração da grandeza das relações entre “comportamento desviante” e o autocontrole, na sua medida compósita e nas suas dimensões. Obtendo ligeiras alterações nos coeficientes de correlação, a relação entre a medida de autocontrole, e “comportamentos desviante” não se altera quando se controla “estatuto socioeconómico”, “estrutura familiar”, “sexo” e “idade”. Isto porque a direção das relações mantêm-se as mesmas, assim como os seus níveis de significância, levando a concluir que efetivamente estas variáveis não interferem na relação autocontrole e comportamento desviante de forma significativa.

4. AUTOCONTROLE, MORALIDADE E COMPORTAMENTO DESVIANTE

No que concerne ao modo como se aferiu os níveis de moralidade, foram utilizadas, como já se referiu, das subescalas de Wikström et al. (2010), uma sobre regras morais e uma outra sobre os níveis de vergonha, construindo-se a partir de ambas um índice de moralidade.

Relativamente às regras morais, enquanto medida compósita constituída por 7 itens apresenta um *alpha* de *cronbach* elevado: $\alpha = .91$, enquanto a de vergonha possui um $\alpha = .89$, igualmente elevado. Posto isto, construiu-se então um índice global de moralidade com um $\alpha = .90$.

Tabela 10: Correlações entre o índice de moral e o comportamento desviante enquanto medida compósita e cada um dos diferentes comportamentos desviantes.

	Comportamento desviante	Fazer Troça, nomes, boatos	Ameaçar bater ou magoar	Tirar coisa sem consentimento	Bater, dar pontapés ou socos	Participar em briga, luta na escola
Moral	-.24**	-.20**	-.15**	-.17*	-.15**	-.22**

O índice de moralidade aparece significativamente relacionado com a prática de comportamentos desviantes ($r = -.24$), como se observa na Tabela 10, de forma significativa, mas moderada e em sentido negativo. Isto é, a níveis mais elevados de moralidade correspondem níveis mais baixos de comportamento desviante. A relação mais forte é precisamente entre moral e o índice global de comportamentos desviantes, embora a moral permaneça associada significativamente a cada um dos comportamentos, individualmente.

No sentido de se apurar se a moral desempenha um papel de tal ordem na relação com o comportamento desviante que acaba por interferir na própria relação entre esse mesmo comportamento e o autocontrolo, estabeleceram-se correlações parciais representadas na Tabela 11. O que se constata é que controlando para a moral, a relação entre autocontrolo e comportamento desviante ainda que se mantenha significativa passa de moderada a fraca (altera-se de $-.34$ para $-.20$).

Tabela 11: Correlação entre autocontrolo e comportamento desviante quando controlada a moral; e correlação entre moral e comportamento desviante quando controlado o autocontrolo.

	Comportamento desviante	Controlando Moral	Controlando autocontrolo
Índice de Autocontrolo	-.34**	-.20**	
Índice de moral	-.24**		-.20**

Por sua vez, quando se observa a relação entre moral e comportamento desviante quando controlados os níveis de autocontrolo, constata-se que apesar de haver uma diferença, esta é menor do que aquela que é provocada aquando da relação entre autocontrolo e comportamento desviante (o coeficiente de correlação varia de $-.24$ para $-.20$). Porém, importa acrescentar que, em nenhuma das situações, estas relações perdem significância estatística e o

seu sentido mantém-se exatamente o mesmo: a níveis mais elevados de autocontrolo e de moral fazem-se corresponder níveis mais baixos de desvio.

Importa então acrescentar que embora o autocontrolo esteja significativamente relacionado com a prática de comportamentos desviantes, a introdução da variável moral nessa mesma relação, afeta-a no sentido de a alterar de moderada para fraca.

Finalmente, analisou-se os dados no sentido, conjugando os níveis altos e baixos de autocontrolo e moral, aferir em que casos se verifica maior prática de comportamentos desviantes. Na Tabela 11 constata-se que efetivamente é quando se observam simultaneamente os níveis de moralidade e de autocontrolo elevados que se registam menos comportamentos. Note-se que da percentagem total de inquiridos que se situam neste grupo de moralidade e autocontrolo alto, 94% afirma não ter praticado nenhum dos comportamentos apontados, nos últimos 12 meses. Por sua vez, é quando possuem uma moral baixa e um autocontrolo baixo que apresentam, como seria de esperar, níveis mais elevados de prevalência de desvio. Estas duas situações são aquelas que mais facilmente se esperava encontrar: a níveis mais elevados de autocontrolo e moralidade, fazerem-se corresponder níveis mais baixos de prevalência de comportamento desviante; e por outro lado, a níveis mais baixos de autocontrolo e moralidade, fazerem-se corresponder níveis mais elevados de desvio.

Porém, quando uma das variáveis é baixa é o autocontrolo que parece apresentar uma relação mais forte com a ausência de comportamento desviante. Isto é, para moral baixa e autocontrolo alto, 92.1% dos indivíduos que se inserem nestas categorias em simultâneo dizem não ter praticado nenhum dos atos nos últimos 12 meses. Já quando a moral é alta e autocontrolo baixo, a percentagem de indivíduos que não praticaram nenhum dos comportamentos desce para 79.8%. estes dados sugerem que o autocontrolo exerce uma força maior do que a moral quanto à prática de comportamento desviante.

Tabela 12: Distribuição de comportamentos desviantes pelos níveis altos e baixos de autocontrolo e moralidade, dicotomizados a partir da média.

Nos últimos 12 meses...		Moral alto e autocontrolo alto		Moral baixo e autocontrolo alto		Moral alto e autocontrolo baixo		Moral baixo e autocontrolo baixo	
		N	%	N	%	N	%	N	%
Índice comportamentos desviantes	0	125	94.0	35	92.1	67	79.8	55	61.8
	1	5	3.8	3	7.9	12	14.3	18	20.2

2	-	-	-	-	4	4.8	4	4.5
3	2	1.5	-	-	1	1.2	4	4.5
4	1	.8	-	-	-	-	3	3.4
5	-	-	-	-	-	-	5	5.6

Assim, quando conjugados os níveis de autocontrole e moralidade: em primeiro lugar a prática de comportamento desviante surge mais relacionada com níveis mais baixos de autocontrole e moralidade; em segundo lugar, o desvio surge associado às situações em que o autocontrole é baixo e a moral alta; em terceiro lugar surge a prática de comportamentos desviantes para os casos em que a moral é alta e o autocontrole baixo; finalmente, e como seria de prever, uma menor prevalência de comportamentos desviantes é aquela em que se verifica nos indivíduos com valores de autocontrole e de moralidade altos.

ESTUDO II

No sentido de apurar se efetivamente “impulsividade” e “procura de risco” constituem uma dimensão ou como apontam os dados empíricos do Estudo I ou se remetem os inquiridos para duas distintas dimensões como informa a teoria, procedeu-se num segundo momento desta investigação à realização de entrevistas. Estas foram feitas a 21 dos adolescentes inquiridos no primeiro estudo.

A teoria, nomeadamente aquilo que Grasmick et al. apontam em 1993, considera que a impulsividade e a procura de risco são duas dimensões distintas, operacionalizadas, cada uma delas, em quatro itens. Porém, os dados empíricos, como já foi referido, lançam estas duas dimensões como uma só, em que os itens das duas dimensões surgem todos agregados numa única componente.

Neste sentido, proceder-se-á então à análise de dois itens de cada uma das dimensões: “costumo fazer aquilo que me dá prazer no momento mesmo se isso me prejudicar um objetivo futuro” e “muitas vezes faço coisas no calor do momento sem parar para pensar” para a impulsividade e “de vez em quando gosto de me pôr à prova fazendo coisas um pouco arriscadas” e “por vezes corro riscos só pelo divertimento que me dão” para procura de risco. Esta análise teve por base as grelhas dos Anexos 7 e 8.

1.IMPULSIVIDADE

Tendo por base a dimensão “impulsividade” sugerida por Gottfredson e Hirschi (1990), os indivíduos com baixos níveis de autocontrolo seriam levados a agir de acordo com os estímulos do momento, sem ter em consideração o que daí pudesse advir no futuro. Portanto, os itens correspondentes à “impulsividade” sujeitos a análise neste estudo espelham precisamente a questão do “prazer no momento, do “calor do momento” mesmo que isso possa implicar algum tipo de consequências no futuro. Efetivamente, no item “costumo fazer aquilo que me dá prazer no momento mesmo se isso me prejudicar um objetivo futuro”, é desde logo sugerida a ideia “prejudicar” pelo que os entrevistados ao lerem o item são impelidos para a noção de consequências negativas. Por sua vez, o item “muitas vezes faço coisas no calor do momento sem parar para pensar” não aponta logo a ideia anterior de consequência, deixando em aberto o que poderá resultar do “calor do momento”, avançando apenas a ideia da ausência de reflexão no momento em que se adota o comportamento.

1.1.A compreensão do item e dos conceitos

Inicialmente, os indivíduos foram questionados sobre o “que lhes veio à cabeça” quando leram a questão. Em ambos os itens, os entrevistados referiram de imediato que os conceitos neles presentes os remetiam para as consequências das suas ações e para o facto de pensarem mais no presente do que no futuro. Porém, está ainda patente a ideia de que se pensassem mais no futuro e nas possíveis consequências advindas dos seus atos, talvez houvesse comportamentos que não chegariam sequer a adotar.

Para “costumo fazer aquilo que me dá prazer no momento, mesmo se isso me prejudicar um objetivo futuro”, deve notar-se que apenas se obtiveram respostas de raparigas e que elas centralizam o seu discurso em torno daquilo que são as consequências que atribuem aos comportamentos, tal como é sugerido pelo item (*“penso sempre se aquilo me poderá trazer consequências”*). Ou seja, quando são chamadas a refletir sobre o item, é inevitável a remissão para a ideia de consequência de cada ato. Todavia, duas delas referem que mesmo tendo consciência de que fazer as coisas que lhes dão prazer no momento possam ter consequências no futuro, por vezes, esse pensamento mais a longo prazo é deixado para trás: *“gosto daquilo que faço, dá-me prazer, às vezes pode prejudicar o meu futuro, mas naquele momento quero é pensar no presente, não vou estar a pensar no futuro”* e *“mas se aquilo, pronto, se gostar de fazer aquilo, se me divertir, às vezes penso mais nisso do que no que pode acontecer depois”*. Note-se que em ambos os casos, as entrevistadas demonstram que o gostar ou o ser divertido pode levar a que as consequências no futuro sejam esquecidas em detrimento do presente. Ainda nesta fase, surge de imediato um exemplo *“faltar às aulas”*. Este exemplo concretiza o que acabou de ser referido, isto é, se por um lado *“faltar às aulas”* causa um certo prazer no momento, também é certo que trará consequências negativas para quem o pratica. E, de acordo com o que referem os indivíduos se, no momento, fossem capazes de discernir as vantagens e desvantagens de tal comportamento, provavelmente nem o chegariam a adotar.

Quanto a “prazer no momento” é frequentemente associado àquilo que *“eu gosto de fazer”*, porém há ainda a referência, mais uma vez aos riscos e às consequências do comportamento (*“uma coisa que eu gosto de fazer mas sem riscos que me possam prejudicar o futuro”*). Isto é, a opção por um comportamento que cause prazer no momento deve ser pautada pela necessidade de esse mesmo comportamento não acarretar riscos que se reflitam negativamente no futuro. Importa ainda referir que a questão do dever, do estar ou não certo

que podem conduzir a questões já de moralidade estão também aqui presentes quando para esclarecer este conceito, um indivíduo refere *“não devemos fazer aquilo que nos dá prazer no momento porque podemos ter consequências muito negativas”* e um outro *“achamos que está certo em cada momento”*. Ou seja, estes jovens admitem que, por vezes o que consideram certo naquele momento, acabam por constatar, posteriormente, que afinal não era assim tão correto quanto tinham imaginado. Já para “objetivo futuro” é unânime a ideia de que é algo traçado a longo prazo, que exige que se tenham que *“esforçar para fazer”*, é algo que *“quero atingir”* e neste sentido, enquanto resultado de um esforço, de uma meta, é apontado como exemplo uma *“profissão”*.

Por sua vez, quando lhes é pedido para falarem sobre “muitas vezes faço coisas no calor do momento sem parar para pensar”, predomina a ideia de que pensar primeiro é o mais adequado e que por vezes tomar esta atitude pode evitar fazer-se coisas que, caso se tivesse pensado, não se fariam. Neste sentido, encontram-se as seguintes expressões no discurso dos indivíduos: *“um pouco sem pensar... sem querermos realmente fazer aquilo, mas só porque naquele momento não... não pensamos naquilo e então fizemos algo que se tivéssemos pensado nunca iríamos fazer”* e *“tipo faço e depois às vezes penso se calhar não devia ter feito aquilo”*. Para este item são imediatamente apontados três exemplos²² *“chatear”*, uma situação em que um rapaz ouviu boatos sobre ele e foi ter com quem os espalhou e deu-lhe *“um soco”* e um outro que referiu que *“quando o meu irmão me bate, chateia em casa, bato-lhe, tento-lhe bater em vez de parar”*. Portanto, com estes exemplos percebe-se que o “calor do momento” impele os jovens a adotar comportamentos em relação aos quais mais tarde se apercebem que não os teriam praticado, se tivessem parado para refletir.

Quanto ao conceito “calor do momento” é unânime que os indivíduos o remetem para o que acontece no *“agora”*, no que precisamente *“está a acontecer”*. Nota-se ainda uma remissão para aspetos emocionais - *“quando estou muito nervoso”*, *“reagir logo de cabeça quente”* – que os transportam para a incapacidade de refletir sobre a sua conduta no preciso momento em que são chamados a intervir. Finalmente, surge uma outra referência ao dever ou não dever com *“não se deve decidir logo no momento”*. Já no que concerne a “parar para pensar” pode ser traduzido pela expressão comum de *“pensar duas vezes antes de agir”* referida por um entrevistado. A ideia predominante é a de que efetivamente é útil parar para

²² Note-se que nesta fase da entrevista os indivíduos ainda não eram questionados sobre situações que concretizassem o item. Todavia, eram vários os entrevistados que acabam por traduzir as suas ideias em exemplos práticos.

pensar no sentido de evitar possíveis consequências no futuro de cada sujeito (*“refletir um bocadinho...se pode ter consequências ou não”* e *“pararmos para pensar é exatamente isso para prevenir que dizer”*).

1.2.A situação

De seguida, foi pedido aos entrevistados que referissem situações, vividas por si ou de que tivessem tido conhecimento que, segundo eles, espelhassem a realidade do item. Os indivíduos apontem, frequentemente, atividades físicas do seu dia-a-dia, reações espontâneas que têm nos seus meios e na interação com os outros e, pontualmente, referem situações como fumar. A presença dos amigos é um marco nas respostas dos indivíduos relativamente à questão se costumam adotar estes comportamentos sozinhos ou acompanhados e muitas vezes são também os amigos os principais incentivadores de tais comportamentos.

Para “costumo fazer aquilo que me dá prazer no momento, mesmo se isso me prejudicar um objetivo futuro”, os exemplos apresentados estão relacionados com as aulas e o não estudar (*“não estudar depois não se consegue tirar boa nota”*), com fumar (*“não pensou que aquilo lhe possa trazer alguma consequência”*) e ainda com aspetos do quotidiano dos jovens. Neste sentido, uma rapariga refere-se a uma situação que lhe dá prazer no momento – *“comer muitos chocolates”* – mas que acaba por lhe trazer a desvantagem de aumentar o seu peso e de interferir no objetivo de se manter em boa forma física. Por outro lado, surge ainda um outro exemplo de alguém que tinha uma prova de natação e antes dela foi correr porque queria saber *“se ia ganhar ou não nessa corrida”*. Isto é, o desejo de se testar naquela primeira situação da corrida levou-o a pôr em causa a sua prestação na prova de natação. Note-se que todos referiram que estes exemplos costumam ser feitos com amigos. Quanto aos porquês de se fazer tais coisas, incidem sobre: *“o gozar o momento”*, *“os outros fazem, só por parecer bem... segue muito os outros e não pensa muito por ele próprio”* sendo este o típico comportamento de alguém que cede a provocações do género *“és um medricas, tens medo, tens medo de ser apanhado”*. Finalmente, há ainda a questão que já foi referida de procurar ver se *“ia ganhar ou não”*. Apesar de se referirem pouco a isto, quanto ao que sentem após adotarem comportamentos, de um modo geral, predomina a ideia de que após os resultados, terão que fazer algo para normalizar a situação.

Relativamente a “muitas vezes faço coisas no calor do momento sem parar para pensar” são apontados três tipos de situações: i) questões de índole física que apelam à prática de desportos ou como por exemplo *“saltar por cima de um muro”*, uma vez que foram vários

os entrevistados que se referiram à prática de *parcour* entre amigos; ii) questões que ainda que sejam dotadas de um cariz físico, remetem já para comportamentos não tão normativos como os anteriores, como “*atirar pedras uns aos outros*” ou “*dar socos e pontapés*”; iii) e, finalmente, outro tipo de atos como ouvir boatos ou algo semelhante e ir de imediato confrontar quem os lançou (“*ouvimos que alguém disse alguma coisa sobre nós... e vamos logo confrontar essa pessoa*”). Mais uma vez, sempre que se referem a este aspeto dizem que estas situações acontecem sempre com alguém, com um colega ou com amigos. As consequências advindas destes atos pautam-se essencialmente por serem físicas como “*torcer o pé*” e têm origem nos pais que se “*chateiam*” ou os colocam de “*castigo*”. Os entrevistados referem que podem ainda, por reagirem sem pensar na situação dos boatos, “*perder um amigo*” porque, por reagirem de imediato, podem acusar alguém que, efetivamente, não teve nada a ver com o assunto.

No que concerne ao porquê de tais comportamentos, as respostas dividem-se em dois grupos. Por um lado, há um conjunto de indivíduos que refere que estes atos resultam do facto de estarem com a “*cabeça quente*”. Isto é, perante situações de confronto com uma outra pessoa deixam-se levar pelo momento e reagem de acordo com a sua vontade e sem pensar nas consequências que daí poderão resultar. Por outro lado, e esta é a opinião de que mais entrevistados partilham, adotar este tipo de comportamentos está intimamente ligado ao facto de se ter que “*mostrar aos outros*”. Estes indivíduos sentem a necessidade de agir para não ficarem mal vistos junto dos seus pares e têm a ideia de que muitos jovens da sua idade atuam exatamente do mesmo modo. Uma entrevistada acrescenta “*porque às vezes é o grupo em si e as suas decisões e às vezes são tomadas mais por estarmos todos em grupo e às vezes não se pensa tanto*”. Após adotarem tais comportamentos sentem frequentemente que deviam “*ter pensado antes*”, no entanto se as coisas correrem bem gostam, caso contrário sentem-se tristes.

1.3.O outro

Já no que respeita ao que os indivíduos pensam sobre as pessoas que levam a cabo estes comportamentos e aquelas que deles se abstêm, as respostas não variam muito nos dois itens: por um lado, classificam negativamente os que fazem e acusam-nos de não pensarem nas consequências; todavia, por outro lado, enquanto classificam os que não fazem estes comportamentos com adjetivos mais positivos, acabam por afirmar que estes não se divertem.

No que concerne ao que pensam dos indivíduos que costumam fazer aquilo que lhes dá prazer no momento, a ideia predominante é a de que não pensam nas consequências, *“um bocado despreocupadas e não pensam nas consequências”*. Relativamente aos que não cedem ao prazer do momento, são vistos como aqueles que se *“aguentam”*, *“podem ser beneficiados ou não afetados”*. No entanto, por outro lado, também é dito sobre eles que por estarem sempre a pensar no que pode acontecer acabam por *“não saber o que é o prazer do momento e não vão saber o que é o divertimento”*, esta ideia também é partilhada para aqueles que se dedicam muito à escola e aos estudos. Isto apesar de considerarem *“que estas pessoas até fazem as coisas certas”*. Já no que respeita à forma como os outros reagem aos seus próprios comportamentos, os pais variam, segundo eles, entre ficar *“zangados, tristes, enervados”*, *“chamam à atenção dos filhos para não fazerem essas coisas”* e por vezes, há o recurso a *“castigos”* como por exemplo não ver televisão no caso de tirar más notas. Os professores reagem de forma semelhante aos pais. Por sua vez, no que toca aos amigos, encontra-se nas respostas obtidas dois tipos de reações *“aqueles que incentivam”*, *“apoiavam para fazer as coisas que me davam prazer”* e os outros que *“julgam”*, que *“repreendem o amigo para não fazer”*.

Relativamente ao segundo item, no que se refere aos indivíduos que muitas vezes fazem coisas no calor do momento, a ideia partilhada sobre eles é algo negativa. Isto é, são apontados como *“estúpido”*, *“burro”*, *“um bocado malucas”*, isto essencialmente porque são vistos como *“aqueles que não querem saber das consequências que podem trazer”*. *“No momento sentem-se bem mas depois mal”*, acrescenta um entrevistado. No entanto, há um rapaz que diz que estas pessoas são *“iguais a mim... boas pessoas... um bocado aceleradas em relação à vida... tentam despachar muito... querem fazer o máximo possível”*. Por outro lado, quanto aos que não são adeptos de agir no *“calor do momento”*, predomina a ideia de que *“fazem bem”*, são pessoas *“mais cautelosas”*, *“calmas”*, *“inteligentes”*. Todavia, pode-lhes acontecer duas situações: serem gozadas por não fazerem tais coisas (*“se um não consegue saltar é gozado...”**“ah, és tão pesado que não consegues saltar”*) e por outro lado *“não aproveitam tanto...porque estão sempre a pensar naquilo que pode... consequências negativas e então por muito que a seguir possa acontecer qualquer coisa boa, eles só pensam nas coisas negativas”*. Isto é, os entrevistados reconhecem que quem não atua no *“calor do momento”* é mais ponderado e age até de forma mais correta. Porém, chamam à atenção para o facto de estas pessoas pensarem apenas nas consequências destes atos, o que as leva à privação de atividades que lhe poderiam ser agradáveis, isto é, o receio do que de mal possa

acontecer, impede-as de “*aproveitar*” os momentos com que se deparam ao longo da sua vida.

Por sua vez, quando são questionados sobre a forma como os outros que lhes são mais próximos reagem aquando da prática destes comportamentos por eles próprios, de um modo geral respondem que os pais “*ficam chateados, zangados, tristes*”, os colocam de “*castigo*”. Isto na perspetiva de um entrevistado resulta do facto de os pais “*não quererem que nós corremos riscos... para depois haver consequências*”. Há apenas uma resposta que se afasta de tudo o que até aqui foi referido: “*os meus pais sempre me disseram se te baterem, tu bates logo a seguir... se não for esse o caso não deves bater*”. Relativamente aos amigos, mais uma vez, referem haver dois tipos: “*uns que são como os pais, outros incentivam*”, portanto, enquanto uns “*pensam mal*”, outros “*pensam que eu sou o maior*”. Os professores são apontados como reagindo de forma semelhante à dos pais, acrescentado um entrevistado o seguinte “*aqueles professores mais íntimos falavam connosco... opah diverte-te mas não corras riscos*”.

2. PROCURA DE RISCO

O conceito de “procura de risco” de Gottfredson e Hirschi remete para o facto de os indivíduos com níveis mais baixos de autocontrolo serem adeptos de atividades mais aventureiras, de atividades que exijam mais envolvimento físico, acabando, nesse sentido, por ser menos cautelosos. Assim, os itens desta dimensão refletem precisamente a questão do risco, da adoção de comportamentos de risco. A “De vez em quando gosto de me pôr à prova fazendo coisas um pouco arriscadas” surgem associadas as noções de “pôr à prova”, de ver do que se é capaz, mas adotando um tipo específico de comportamentos: um pouco arriscados. Por sua vez, “por vezes corro riscos só pelo divertimento que me dão” remete para o divertimento a principal causa de correr risco, isto é, os indivíduos são levados a refletir sobre o facto de correrem riscos e se o fazem apenas por uma questão de divertimento.

2.1.A compreensão do item e dos conceitos

Quando se pediu aos entrevistados que falassem sobre o que pensaram quando leram o item “por vezes corro riscos só pelo divertimento que me dão”, há três questões às quais recorrem com frequência: a alusão a consequências, aos amigos e a desportos. Em primeiro lugar, embora conscientes de que este item remete para comportamentos que lhes possam

trazer consequências, riscos, há um aluno que apresenta uma resposta que espelha o que outros também referem *“quando as coisas assim são muito divertidas, por vezes uma pessoa deixa-se levar e fá-las”* e um outro acrescenta *“só pensam naquele momento e fazem as coisas só porque acham que podem ser divertidas e não pensam no, no que realmente aquilo pode trazer”*. Embora adotem comportamentos de risco só porque são divertidos e porque lhes faz sentir “adrenalina”, têm também consciência que tais condutas lhes podem trazer consequências negativas. Em segundo lugar, a referência aos amigos surge pois é com eles que correm estes riscos (*“vou com os meus amigos”*), mas também porque estes atos servem para *“dizermos aos amigos que somos bons”* e ainda *“para não... não ser excluído de algum grupo”*. Neste sentido, há mesmo um entrevistado que refere que *“houve uma aposta e os meus colegas me desafiaram”* a fazer algo deste género. Ou seja, está mais uma vez patente a ideia de que os indivíduos sentem frequentemente a necessidade de se afirmarem perante os seus pares, sem darem a ideia de que não são capazes. Em terceiro lugar, quanto aos exemplos que imediatamente referem, relacionam-se com desportos como o *“parcour”*, *“skate”*, *“andar em coisas altas”* e *“andar de bicicleta por montanhas”*. No entanto, verifica-se ainda mais uma alusão a faltar ou chegar atrasado a uma aula *“pra ir fazer coisas mais divertidas”*. No que concerne à expressão “correr riscos” esta surge imediatamente relacionada com *“consequências”*. Os indivíduos apontam com frequência a existência de diferentes tipos de riscos: i) desde logo, os riscos que resultam de forma inesperada e involuntária (*“sem querer, porque estava a brincar”*); ii) depois há também riscos que são corridos por uma questão de integração num determinado grupo de pares (*“um rapaz... não se integra num grupo de amigos... e esse amigo quer provar aos outros que é bom e então começa a partir computadores e coisas da escola e depois será penalizado por isso”*); iii) ainda relativamente aos pares, mas já não tanto numa perspetiva de integração tão evidente como a anteriormente referida, mas para se mostrar que se está ao nível dos companheiros e para não dar parte fraca. Neste sentido, é possível que se adote comportamentos de risco para *“impressionar alguém ou assim alguma coisa”*, *“mostrar aos amigos que são bons”*; iv) e finalmente correr riscos pode ainda servir para a pessoa *“ver os seus limites”*, *“desafiarmos assim um bocadinho... os nossos limites... atrevermo-nos”*. Isto é, para testar as suas capacidades. Estes riscos podem trazer consequências *“más”* como faltar a uma aula pode levar a que o aluno reprove e consequências *“positivas”*, por exemplo, *“temos pouco dinheiro e apostamos no euro milhões... imaginemos que ganhamos”*. Finalmente o conceito “divertimento” para os entrevistados significa *“gostar daquilo que faz”*, *“sentir adrenalina”*, *“entretenimento”* e

pode ser “*sem correr riscos*”. Quanto a este último aspeto, encontra-se a referência a atividades “*mais descontraídas... ver televisão*”, “*jogar computador*”, mas há também uma rapariga que diz que para si uma coisa divertida também pode ser “*pensar alguma coisa que exige pensamento*”. A questão do divertimento surge essencialmente relacionado com o estar com os amigos.

Relativamente à questão “de vez em quando gosto de me pôr à prova fazendo coisas um pouco arriscadas” os indivíduos pensam essencialmente em dois aspetos: os limites e as questões físicas. Isto é, “*ver o meu limite*”, “*saber se eu... sou corajoso*”, “*arriscar um bocadinho para ver se conseguimos fazer aquilo*”, são respostas comuns. Um rapaz responde ainda de forma mais completa dizendo “*para nós desenvolvermos a vida temos que passar por coisas como essas, não são todas fáceis*”, havendo portanto aqui a referência de que estas coisas nem sempre são assim fáceis, havendo até quem diga “*fazer coisas mais difíceis*”. Ou seja, na perspetiva dos entrevistados “pôr à prova”, impele-os para a necessidade que cada pessoa tem de testar os seus limites. E, neste sentido, admitem que é útil para o seu próprio desenvolvimento e crescimento que se deparem com situações até um pouco mais complicadas para que sejam capazes de progredir no ultrapassar de dificuldades. Por outro lado, encontra-se também a remissão para a prática de desportos como estando associados a este item. No entanto, se por um lado associam esta questão a coisas “*excitantes*”, com “*adrenalina*”, e até “*um pouco perigosas*”, por outro “*nada o que tenha a ver com... corridas de carros, droga, tabaco, álcool*”. Isto é, os entrevistados reconhecem que para se porem à prova fazendo coisas um pouco arriscadas, acabam por se colocar em situações que representam um desafio aos seus limites. Todavia, conseguem vivenciar este tipo de sensações sem se verem obrigados a enveredar por um outro comportamento como fumar, optando pelo contrário pelo desporto. Relativamente à expressão “pôr à prova”, esta aparece intimamente ligada à ideia de “*testar*”, de “*superar*”, de “*desafiar*”, de “*melhorar*” isto no sentido de “*ver até onde é que eu consigo ir*”, “*nós queremos saber onde é que nós conseguimos, onde é que os nossos limites vão*”. Porém esta ideia de “pôr à prova”, pode ser para o próprio, isto é, “*provar o que é que eu sou... saber se consigo ou não*” ou então pode ser para mostrar a outro, “*pra me armar*” e até “*pra entrar num grupo ou assim*” como é muito “*vício*” dos rapazes, diz uma rapariga. Finalmente, “coisas um pouco arriscadas” são coisas que trazem consequências, “*são coisas perigosas*”. No entanto, os entrevistados referem que há diferentes tipos de coisas arriscadas. Há desde logo “*coisas mais arriscadas do que outras*”. Às coisas mais arriscadas, associam aquelas que têm consequências mais

graves como por exemplo *“magoarmo-nos à séria”*. Este tipo de consequências, na perspectiva dos indivíduos, estão mais facilitadas quando se opta por um conjunto de comportamentos: *“corridas de carros”, “dar com um martelo em cima da cabeça de uma pessoa”, “álcool, droga”, “roubar”*. E depois há outro tipo de coisas arriscadas que já consideram menos graves que estão essencialmente relacionadas com desportos. Importa referir que há um indivíduo que aponta que *“há coisas que as pessoas nem deviam fazer para se pôr à prova e muitas vezes fazem para se mostrarem às outras pessoas”*, remetendo mais uma vez para a importância do outro.

2.2.A situação

As situações a que os indivíduos se referem em ambos os itens conduzem para o mesmo tipo de comportamentos: atividades de cariz mais físico, desportos, havendo ainda referências a fumar ou a drogas. São atos que, para os indivíduos, lhes podem trazer consequências negativas, mas promovem o divertimento e o testar das capacidades.

Relativamente a situações que espelhem o item *“por vezes corro riscos só pelo divertimento que me dão”*, os indivíduos remetem quase exclusivamente para atividades de cariz físico, essencialmente desportos (*“skate”, “saltar pontes”, “rapel”, “escalada”*) e outras atividades como *“saltar para a água de uma rocha”* na praia ou outras brincadeiras, *“na praia, às vezes os amigos tentam-se afogar uns aos outros e é perigoso”*. Verifica-se ainda a referência a *“fumar”* ou *“experimentar droga”* e ainda *“chegar atrasada a uma aula”*. Finalmente, há também quem aluda a atividades que, sendo deste âmbito, são feitas por incentivo ou desafio dos colegas como por exemplo *“pôr-me à frente de um carro porque os meus colegas disseram para eu fazer e eu faço”* ou *“a gente às vezes faz apostas...olha não consegues meter um, alguém na rua”*, isto é, provocar de tal modo uma situação na sala de aula que o colega, sem qualquer responsabilidade, acabe por ser expulso. Habitualmente estes comportamentos são adotados com os amigos e trazem, frequentemente consequências negativas como *“castigos”* ou outras desvantagens mais relacionadas diretamente com cada comportamento, por exemplo *“tornarem-se toxicodependente... perderem o rumo da vida, esquecerem das coisas que são mais importantes... estudar ou praticar um desporto”* ou *“afogar mesmo”*. Há apenas a referência a uma consequência positiva em que um rapaz aponta *“conseguir dominar a bicicleta em descidas, treinar o controlo da bicicleta”*. Quanto ao porquê de tais comportamentos, relacionam-se essencialmente com o *“divertimento”* que lhe está associado, mas há também ainda quem fale em *“aprender coisas novas”* e também

em “queria mostrar”, “exibir”, “a gente tinha dito que ele não era capaz de fazer”. Quanto ao que sentem, de um modo geral, os indivíduos sentem-se bem com aquilo que fazem.

Para o item “de vez em quando gosto de me pôr à prova fazendo coisas um pouco arriscadas” as situações referidas remetem quase em exclusivo para questões de envolvimento físico, nomeadamente desportos (“bungee jumping”, “rapel”, “rafting”) e ainda para “fumar” focado por dois entrevistados, “faltar às últimas aulas”, ir buscar “uma bola acima do telhado” e “ir para as áreas restritas nos parques... é mais perigoso”. Há ainda a referência ao caso de um colega que “foi de propósito a casa buscar um martelo... martelou a cabeça do outro... pôr à prova a sua agressividade”, sendo esta uma situação que se havia passado na escola. Na indicação da situação apenas se fala na necessidade de adotar o comportamento para “mostrar” ou pela “influência” do outro: no caso de fumar e numa das situações em que foi buscar a bola ao telhado. Mais uma vez, quase todas as situações são referidas como sendo feitas com amigos, com alguém. As consequências de tais atos são quase sempre negativas, variando de “suspensão” para danos físicos no próprio corpo ou a “mãe a chatear”. Porém, há também duas situações em que são apontadas consequências positivas: o “divertimento” e o “mostrar que era mais forte e mais responsável”. O porquê destes comportamentos dividem-se em dois grandes grupos: aqueles que os adotam para o próprio eu, “pôr-me à prova para ver se eu era capaz”, “queria experimentar”, mas também, se encontra aqui a necessidade de situações de gozo ou exclusão pelos pares (“pra não me gozar por não saber fazer”). Entre o que estas situações podem provocar, encontra-se essencialmente “adrenalina”, “medo” (havendo um indivíduo que refere “interessante estar a desafiar o medo”, portanto aqui o medo como algo que estimula, que surge associado à novidade) e ainda o “sentir-me o maior... ser o mais popular”. Assim, constata-se que os indivíduos são, mais uma vez orientados por duas grandes questões: o mostrar a si próprio que é capaz e o mostrar ao outro, aos outros. E, nesta perspetiva se por um lado retiram prazer destas situações porque os estimulam a nível pessoal, por outro lado sentem que estas experiências contribuem, mais uma vez, para serem melhor integrados e aceites no grupo de pares a que pertencem.

2.3.O outro

As pessoas que não adotam as condutas sugeridas pelos itens são quase sempre qualificadas negativamente e caracterizadas como pertencendo ao grupo dos que não pensam antes de agir. Na perspetiva dos entrevistados, estas pessoas deveriam experimentar coisas

novas. Isto é, se por um lado são pessoas mais cautelosas, por outro lado, acabam por fazer sempre as mesmas coisas sem experienciar algo de novo.

No que concerne às pessoas que por vezes correm riscos só pelo divertimento que isso lhes dá, os indivíduos entrevistados consideram-nas *“estúpidas”, “um bocadinho malucas”, “um bocadinho estranhas”*. Afirmam que pensam *“mal”* dessas pessoas porque *“fazerem isso só para se divertirem, acho que não tem assunto”, “é uma atitude incorreta”* e *“deviam pensar nas consequências”*. Por outro lado, há também quem as considere *“corajosas porque às vezes temos medo de fazer aquilo e vamos tentar e pode não nos prejudicar tanto, mas correr um bocadinho de risco mas é corajoso, termos a experimentar coisas novas”, “são pessoas que gostam de experimentar, pessoas em que o divertimento é importante”*. Relativamente às que não gostam de fazer o que é enunciado neste item, são consideradas pessoas *“inteligentes”, “cautelosas”, “mais calmas”, “mais espertas”, “atinadinhas”* e *“não fazem o que os outros fazem, muitas das vezes”*. Todavia, apesar destas considerações mais positivas, há também quem considere estas pessoas *“menos corajosas”, “que estão sempre a fazer a mesma coisa, a mesma rotina, fazem sempre aquilo, sempre todos os dias, não fazem coisas novas, não experimentam coisas novas”*, ou seja, com o *“medo que têm das consequências”* acabam por deixar de experimentar coisas que também lhes poderia proporcionar entretenimento (*“não se vão divertir”*). Já no que concerne à reação do outro aos seus próprios comportamentos, os entrevistados referem que os pais frequentemente reagem *“mal”*, ficam *“chateados”, “zangados”,* podem *“repreender”, “castigar”,* isto porque os pais *“querem que nós nos... divirtamos... mas também não querem que nós corremos riscos. Para depois haver consequências”*. No entanto, há um entrevistado que refere ainda que em determinadas situações os pais podem reagir positivamente, congratulando o filho pelo seu comportamento, no entanto, esse reforço positivo não se verifica em situações de *“fumar e essas coisas”* porque aí *“podem reagir muito mal”*. Enquanto os professores manifestam uma reação semelhante à dos pais, os amigos podem apresentar dois tipos de atitude: por um lado podem congratular, encorajar o ato (*“se fosse amigos que, por exemplo, vão comigo até achariam que eu era melhor, assim mais corajoso”, “podes-te juntar a nós e ao nosso grupo, agora também podes fazer isso connosco”*) e por outro lado também há outros que podem reagir *“mal, iam achar que eu não devia fazer”*. Importa ainda ressaltar que mais uma vez com estes comportamentos, os indivíduos acreditam que alguns amigos reagiriam dizendo que *“és o maior, tu é que és rebelde”*.

No que toca às pessoas que gostam de, de vez em quando, se porem à prova fazendo coisas um pouco arriscadas, são consideradas *“inteligentes porque não é só coisas fáceis que lhes vão desenvolver a vida”, “mais aventureiras”, “mais corajosas, mas estúpidas ao mesmo tempo”* porque não *“pensam antes de fazer as coisas”*. E é esta necessidade de pensar nas consequências que podem resultar das suas ações que leva os indivíduos da amostra a caracterizar deste modo estas pessoas. Há ainda um que refere que são *“competitivas... não gostam que lhes digam que nós somos os piores, ou seja, os piores naquilo que fazemos... quando fazemos bem, já somos os maiores, quando humilhamos um dos nossos colegas já somos os maiores”*, verificando-se mais uma vez a necessidade de fazer algo procurando a afirmação junto dos outros. No entanto, também há quem refira que dependendo das coisas que são feitas poderá não haver grande problema *“coisas inofensivas que só tragam problemas a eles, acho, pronto... não acho mal”* e *“se tiver a saber o que faz não há assim tanto problema”*. Quanto àquelas pessoas que não costumam adotar comportamentos de pôr à prova, os entrevistados dividem-se em dois grupos: os que consideram que são *“pessoas boas... não gostam de arriscar para não serem castigadas”* nem correm riscos de se aleijar e por isso são *“inteligentes”, “cautelosas... não gostam de passar os seus limites”*. Mas, numa outra perspetiva, é defendido que estas pessoas *“não sabem o que é viver”* e que *“deveriam experimentar”* estes comportamentos porque, segundo um outro indivíduo *“às vezes faz bem adrenalina... estimula-nos”*. Já no que concerne ao modo como os pais reagem ao seu próprio comportamento quando ele se insere naquilo que é descrito neste item, os *“castigos”*, o reagir *“mal”*, o reagir com *“preocupação”*, o *“repreender”* são as respostas mais comuns. No entanto, também há uma opinião veiculada por grande parte dos entrevistados que consiste no facto de a reação dos pais depender do tipo de situação e de coisas arriscadas. Por exemplo, reagem *“mal... pode ser muito perigoso para nós... bem, por nunca termos feito isso e talvez não pormos tanto em risco e aprendermos coisas novas”*. A reação dos professores seria semelhante à dos pais ou podem nem sequer se importar com isso (*“não querem muito saber porque como não tem nada a ver com eles diretamente, acho que não se importam”*). Quanto aos amigos, o padrão de resposta mantém-se relativamente àquilo que se tem verificado para os itens anteriores, isto é, por um lado, referem aqueles que reagiriam *“mal”*, *“podiam apontar o dedo... julgar”*, *“avisam-me de que devo ter cuidado”*, mas por outro há sempre uma grande alusão ao *“hey, és o maior, tu é que és fixe”* que poderia vir de um amigo perante tal comportamento, isto é, a valorização pelos pares dos atos levados a cabo (*“hey, fizeste aquilo, que espetáculo, experimentaste”*).

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A presente investigação incide sobre a relação entre autocontrolo, a moralidade e o comportamento desviante. Acresce ainda a este principal objetivo o de esclarecer em que medida os indivíduos que são chamados a preencher a escala de autocontrolo mais usada nas pesquisas deste âmbito – a de Grasmick et al. (1993) – interpretam os itens de acordo com o esperado e se são capazes de responder a cada um dos itens tendo por base os diferentes comportamentos que cada um adota.

Neste sentido, serão então apresentados os principais resultados desta investigação quer para o Estudo I, onde se promoveu o estabelecimento de relações entre diferentes variáveis, quer para o Estudo II, em que se deu especial ênfase ao discurso dos indivíduos.

O estudo I desta investigação contou com uma amostra de 347 jovens entre os 10 e os 17 anos de idade de três escolas do distrito do Porto, sendo que 49.7% dos indivíduos era do sexo masculino.

No que diz respeito à escala de autocontrolo desenvolvida por Grasmick et al. em 1993, neste estudo obteve-se, com a realização de uma análise factorial, 5 fatores que explicam 61% da variância da medida, segundo a regra de Kaiser. Porém, se se considerar o *scree discontinuity test*, observa-se uma forte descontinuidade entre o 1.º e o 2.º fator, explicando o 1.º fator, sozinho, 35% da variância da escala. Isto, leva-nos a afirmar que estamos perante uma medida unidimensional. À semelhança do que se verificou nesta investigação, também Grasmick et al. (1993) verificaram a questão da unidimensionalidade da escala de acordo com estes dois critérios: segundo o *scree discontinuity test* observaram exatamente entre o 1.º e o 2.º fator a maior quebra nos *eigenvalues*; e segundo a regra de Kaiser constataram a presença de seis fatores. Neste último aspeto, importa anotar uma diferença entre os dados dos autores e os deste estudo que impele para uma divergência no número de fatores encontrados. Enquanto a literatura (Grasmick et al. 1993) aponta para seis dimensões – correspondentes ao que foi teoricamente definido – no estudo I quando se procede a uma extração de fatores no sentido de apurar quantos constituem esta medida de autocontrolo, observa-se um aglomerar dos itens em cinco fatores. Portanto, se Gottfredson e Hirschi (1990) elencaram seis dimensões como constituintes do autocontrolo – “impulsividade”, “procura de risco”, “questões simples”, “autocentração” e “atividades físicas”; se Grasmick et al. (1993) operacionalizaram estas mesmas seis dimensões no seu questionário atitudinal; neste estudo observa-se que os itens se associam de um modo tal que

as dimensões “impulsividade” e “procura de risco” formam uma única dimensão e não duas distintas. Porém, importa ressaltar que os itens da escala surgem, de um modo geral, fortemente correlacionados entre si, levando a concluir que embora definidas separadamente, as dimensões contribuem para medir o autocontrolo enquanto variável latente.

Relativamente às diferenças encontradas na variação dos níveis de autocontrolo para indivíduos do sexo feminino e do sexo masculino, verifica-se que efetivamente as raparigas apresentam níveis individuais de autocontrolo mais elevados tal como apontado na literatura (Moffitt et al., 2011; Wright et al., 2005; Phythian et al., 2008; Tittle et al., 2003b). Nas dimensões “impulsividade”, “procura de risco” e “atividades físicas” os rapazes apresentam níveis significativamente inferiores comparativamente às raparigas.

Por sua vez, quando se relaciona autocontrolo com estatuto socioeconómico, estrutura familiar, sexo e idade, encontram-se os seguintes resultados: o estatuto socioeconómico e autocontrolo surgem positiva e significativamente relacionados ($r=.18$), ou seja, níveis mais elevados de autocontrolo surgem relacionados com níveis igualmente mais elevados do ponto de vista socioeconómico; por sua vez, ao contrário do que sugere a literatura (Demuth e Brown, 2004), a estrutura familiar não surge correlacionada de forma significativa com o autocontrolo ($r=.02$), nem com nenhuma das dimensões. Isto, aponta para o facto de que, nesta amostra, os indivíduos estarem integrados em agregados familiares monoparentais ou com ambos os pais presentes, não se apresenta como uma questão significativa nos níveis individuais de autocontrolo; relativamente ao sexo, como já havia sido referido anteriormente e corroborando a literatura, apresenta uma correlação positiva significativa com o autocontrolo, ($r=.18$). Isto é, como já se tinha verificado, há uma diferença significativa entre rapazes e raparigas, apresentando os rapazes níveis significativamente mais baixos de autocontrolo. Por fim, no que concerne à idade, surge quase sempre negativamente correlacionada, para o índice de autocontrolo e para as suas dimensões, levando a concluir que os mais velhos apresentam níveis mais elevados de autocontrolo, o que pode derivar precisamente do processo de socialização a que vão estando sujeitos ao longo da sua vida.

No que concerne à relação entre autocontrolo e comportamento desviante, tal como previsto pela Teoria Geral do Crime e corroborado numa meta-análise de Engel (2012), a níveis mais elevados de desvio, fazem-se corresponder níveis mais baixos de autocontrolo ($r=-.34$). Esta relação mantém-se significativa para todas as dimensões, exceto para “questões simples” ($r=-.10$) que é a única que não se relaciona significativamente com a prática de comportamento desviante. A segunda dimensão com uma relação igualmente fraca mas já

significativa com o desvio é “atividades físicas” ($r=-.16$). Este resultado ratifica a literatura que aponta precisamente “questões simples” e “atividades físicas” como as dimensões em que a relação com a prática de comportamento desviante é mais fraca (Arneklev et al., 1999; Tittle et al., 2003a; Nakhaie et al., 2000). No que respeita às dimensões com uma relação mais forte com o desvio, em primeiro lugar surge “temperamento” ($r=-.35$), em segundo lugar “impulsividade e procura de risco” ($r=-.33$) e em terceiro lugar “procura de risco” ($r=-.32$), seguida pela “impulsividade” ($r=-.28$). Nestes resultados, encontram-se ligeiras alterações relativamente à literatura que aponta a “procura de risco” (Arneklev, Grasmick, Tittle e Bursik, 1993; Arneklev, Grasmick e Bursik, 1999; Longshore, Turner e Stein, 1996; Nakhaie et al., 2000), seguida pela “impulsividade” (Arneklev et al., 2000 e Nakhaie et al., 2000) como as duas dimensões mais fortemente relacionadas com a prática de comportamentos desviantes. Quando se incide sobre os comportamentos em particular, constata-se que efetivamente é com “procura de risco” e “temperamento” que cada um deles se relaciona de forma mais significativa. Assim, “tirar coisas sem consentimento” ($r=-.15$), “bater, dar pontapés ou socos” ($r=-.23$) e “participar em briga, luta na escola” ($r=-.28$) aparecem mais fortemente correlacionados com a dimensão “procura de risco”, enquanto os restantes – “fazer troça, chamar nomes ou lançar boatos” ($r=-.29$) e “ameaçar bater ou magoar” ($r=-.31$) – surgem mais fortemente associados a “temperamento”. Portanto, os comportamentos que implicam mais contacto físico, constituindo ofensas à integridade física, relacionam-se significativamente com “procura de risco”; enquanto os comportamentos que não sendo físicos, podem ser também violentos, nomeadamente, de índole verbal e que pretendem causar medo junto da outra pessoa relacionam-se com o “temperamento”. Isto está como sugerem Gottfredson e Hirschi (1990) intimamente ligado ao facto de os indivíduos com baixos níveis de autocontrolo se sentirem indiferentes perante o outro, nomeadamente as vítimas. Finalmente, quando entre autocontrolo e comportamento desviante se controlam as variáveis estatuto socioeconómico, estrutura familiar, sexo e idade, verifica-se que nenhuma delas interfere ao ponto de alterar o sentido e a grandeza desta relação (Antonaccio e Tittle, 2008).

Já no que à moral diz respeito, existe uma correlação negativa significativa entre esta variável e o comportamento desviante ($r=-.24$), remetendo para a conclusão de que a níveis mais elevados de moralidade se fazem corresponder níveis mais baixos de comportamento desviante como havia já sido constatado pela literatura (Shoepfer e Piquero, 2006). Tal como sugerem as poucas investigações (Antonaccio e Tittle, 2008; Wikström e Svensson, 2010) que

se têm debruçado sobre o estudo de ambas as variáveis – autocontrole e moralidade – e a sua relação com a prática de comportamentos desviantes, o papel do autocontrole vê-se, neste estudo diminuído pela introdução da moralidade. Isto porque quando se observa a relação entre moral e comportamento desviante controlando o autocontrole, constata-se que apesar de haver uma diferença, esta é menor do que aquela que é provocada aquando da relação entre autocontrole e comportamento desviante (o coeficiente de correlação varia de -.24 para -.20). No entanto, em nenhum dos casos se verifica perda de significância estatística ou alteração de sentido. Assim, embora o autocontrole esteja significativamente relacionado com a prática de comportamentos desviantes, esta relação é alterada de moderada para fraca com a introdução da moral.

Finalmente, e de acordo com os trabalhos de investigação precedentes (Shoepfer e Piquero, 2006; Antonaccio e Tittle, 2008; Wikström e Svensson, 2010) quando se apreciam os níveis de comportamento desviante, neste caso em percentagem relativa à incidência da prática destes mesmos comportamentos, em função da moral – alta ou baixa – e do autocontrole – alto ou baixo – verifica-se o seguinte: quando os níveis de moral e de autocontrole são ambos baixos, é quando se assiste a menos desvio. Por sua vez, quando os níveis de moral e autocontrole são ambos elevados, é quando se assiste a maiores práticas de desvio. Todavia, e é neste ponto que o presente estudo se distancia dos resultados das investigações previamente referidas, a percentagem de indivíduos que diz ter adotado um dos comportamentos desviantes enunciados é menor nos casos em que a moral é alta e o autocontrole é baixo (79.8% refere não ter praticado nenhum dos comportamentos nos últimos doze meses); comparativamente ao que se verifica quando a moral é baixa e o autocontrole alto, em que 92% dos indivíduos diz não ter praticado nenhum dos atos nos últimos dozes meses. Ou seja, ao contrário do que vinha sido apontado, quando conjugados autocontrole e moral, era nos casos em que a moral se apresentava como mais elevada que a prática de comportamentos desviantes era menor, levando a concluir da maior relevância da moral sobre o autocontrole na relação com o comportamento desviante. No entanto, os resultados deste estudo apontam no sentido contrário uma vez que é precisamente nos casos de autocontrole alto e moral baixa que se verificam menos práticas desviantes.

No que concerne ao estudo II, participaram 21 alunos de três escolas do distrito do Porto com idades entre os 10 e os 17 anos. Importa então ressaltar que o principal objetivo desta análise consistia em analisar quatro itens da escala de autocontrole de Grasmick et al. (1993) de duas das suas dimensões: “impulsividade” (“costumo fazer aquilo que me dá prazer

no momento mesmo se isso me prejudicar um objetivo futuro” e “muitas vezes faço coisas no calor do momento sem parar para pensar”) e “procura de risco” (“de vez em quando gosto de me pôr à prova fazendo coisas um pouco arriscadas” e “por vezes corro riscos só pelo divertimento que me dão”).

No sentido de esclarecer em que medida os dados empíricos, segundo a análise exploratória de componentes principais já descrita, agrupam as dimensões do autocontrole em cinco e não em seis, como é teoricamente definido, aglomerando neste sentido impulsividade e procura de risco, urge então concluir aquilo que a análise qualitativa nos permite acrescentar à análise estatística.

A impulsividade, isto é, a tendência para responder a estímulos do momento, em que os indivíduos mostram falta de capacidade quanto ao adiamento da gratificação, encontra reflexo nas respostas aos dois itens analisados. Ou seja, efetivamente os indivíduos associam de imediato os conceitos a consequências que resultam dos atos que eles, levados pela vontade em realizá-los no presente, acabam por não ser capazes de antever. Porém, importa referir que o próprio item “costumo fazer aquilo que me dá prazer no momento mesmo se isso me prejudicar um objetivo futuro” sugere a ideia de consequência a quem o lê. Quando se consideram as situações por eles referidas no sentido de corresponder aos itens enunciados, remetem com muita frequência para atividades físicas e para outras situações do dia-a-dia como reagir sem pensar a provocações. Portanto, estes itens analisados estão a encontrar o reflexo na prática relativamente ao que está teoricamente definido. Isto é, tendo por base as dimensões teóricas, é possível constatar que nas suas respostas, os entrevistados apresentam de forma quase unânime perspectivas sobre os itens que vão de encontro às definições de Gottfredson e Hirschi. Esta ideia é também reiterada quando se percebe que à luz dos indivíduos entrevistados, aqueles que não praticam tais comportamentos até podem ser mais cautelosos mas acabam por perder a oportunidade de saber o que é diversão. Ou seja, a diversão surge aqui como algo que resulta do momento e que, por vezes, supera mesmo a capacidade de antecipação das consequências.

Por outro lado, a procura de risco consiste na tendência para se ser mais aventureiro e adepto de atividade física comparativamente a exercícios de índole mental e menos cautelosos. Portanto, serem cautelosos é uma das características que atribuem precisamente àqueles que não fazem estes comportamentos, estando por isso a ir precisamente de encontro ao conceito teoricamente definido. Acresce a isto que os dois itens usados nesta análise conduzem os indivíduos a pensamentos sobre o testar dos limites, das capacidades

individuais, para ver do que é capaz e, por vezes, para se afirmar perante o outro. Quando são chamados a dar exemplos de situações, os indivíduos evocam muitas daquelas que já tinham referido para a suposta anterior dimensão.

Portanto, o que se constata com esta análise qualitativa é que efetivamente os itens da procura de risco levam os indivíduos a pensar em coisas de maior aventura, arriscadas, e principalmente físicas. Porém, são essas coisas que muitas vezes fazem porque lhes apetece naquele momento e, não raras vezes, por serem incentivados pelos próprios pares. Neste sentido, as atividades de risco são aquelas que muitas vezes eles usam para obter prazer, divertimento e gratificação sem serem capazes de pensar nas suas consequências cuja inevitabilidade se coaduna com o preciso adiamento dessa mesma gratificação.

Neste sentido, o facto de os indivíduos pensarem em tantos aspetos em comum quando se debruçam sobre os itens das duas diferentes dimensões conduz a que, à luz dos dados empíricos, elas acabem por se fundir numa só. Isto é, o facto de se encontrarem respostas semelhantes em todos os itens, no que concerne, por exemplo, às situações que espelham cada um deles, retira qualquer hipótese de absurdo à fusão entre impulsividade e procura de risco.

Apresentados os principais resultados desta investigação importa refletir sobre críticas que lhe podem ser apontadas, assim como futuras linhas de investigação que se debrucem sobre as Teorias e as variáveis em questão.

Desde logo, uma vez que a escala de autocontrolo de Grasmick et al. (1993) constituiu um dos elementos fundamentais da análise, seria pertinente o recurso a outras medidas: ora atitudinais, ora comportamentais ou até mesmo escalas que se debruçam sobre dimensões específicas como é o caso da impulsividade. Este exercício relevaria no sentido em que, conjugando diferentes medidas, poder-se-ia criar espaço para melhorar ou melhor adaptar a escala de Grasmick et al. (1993) ou até construir uma nova medida de autocontrolo.

Por outro lado, apesar de se ter incluído um conjunto de variáveis na análise, constituiria um contributo adicional a consideração de variáveis relacionadas com questões de supervisão parental. Deste modo, seria possível uma análise ainda mais robusta da Teoria Geral do Crime, nomeadamente, no que à origem do autocontrolo diz respeito. Na mesma lógica da pertinência de outras variáveis que não foram estudadas, uma vez que se trata de uma amostra em contexto escolar, seria interessante aferir em que medida o comportamento e o desempenho escolar se relacionam com as principais variáveis deste estudo: autocontrolo, moralidade e comportamento desviante.

Finalmente, uma análise qualitativa como a que está descrita no estudo II poderia ser estendida aos restantes itens no sentido de aferir se efetivamente os indivíduos ao responderem a cada um dos itens, são remetidos para o que Gottfredson e Hirschi apontaram como sendo o cerne de cada dimensão; mas também para dar indicações de como tornar a escala uma medida ainda mais refinada de autocontrole.

No que concerne a futuras linhas de investigação, constata-se a efetiva necessidade de prosseguir com os testes da Teoria Geral do Crime, mas procurando integrar outras variáveis que, em conjugação com o autocontrole, expliquem o comportamento desviante. Isto, porque apesar de neste estudo o autocontrole apresentar uma relação mais forte com o desvio comparativamente à moralidade, a moralidade não deixa de tornar a relação entre autocontrole e comportamento desviante menos intensa. Portanto, seria um especial contributo para a comunidade científica a procura de integração de múltiplas variáveis nesta relação com o desvio. E para além da moralidade, poderiam ainda ser consideradas outras variáveis como por exemplo, o papel dos pares ou outras variáveis contextuais.

O estudo da Teoria Geral do Crime ficaria inexplicavelmente enriquecido se fosse desenvolvido um estudo longitudinal que permitisse, entre outros aspetos, aprofundar a questão da estabilidade do autocontrole, da influência de determinadas acontecimentos na vida dos indivíduos. Este estudo poderia ainda estudar gerações subsequentes no sentido de aprofundar a origem do autocontrole.

Por último, e uma vez que a isto não se tem assistido na comunidade científica, seria extremamente pertinente realizar, de forma sistemática e rigorosa, análises qualitativas da escala de autocontrole de Grasmick et al. (1993) junto de indivíduos de diferentes idades. Isto, porque a medida tem sido aplicada a várias faixas etárias o que pode contribuir, em certa medida, para a ausência total de rigor nas associações que a partir daí se geram. Isto é, enquanto um adulto pode perceber um item de uma dada forma, remetendo para um conjunto de experiências, é certo que uma criança não terá desde logo o mesmo tipo de experiências como referência e pode interpretar o mesmo item de outro modo. Portanto, para que se refinasse a própria medida de autocontrole, seria muito importante desenvolver estas reflexões com diferentes grupos etários de indivíduos.

Assim, importa acima de tudo deixar presente a ideia de que, embora a Teoria Geral do Crime tenha assistido, desde a sua fundação, a constantes testes empíricos e também reflexões teóricas, o conhecimento que ela pode suscitar não está ainda esgotado. Isto é, urge continuar a aprofundar o estudo das variáveis da Teoria e, sobretudo estender o seu estudo a

diferentes contextos, a diferentes populações e a diferentes grupos etários. No futuro, a investigação desta teoria passa também, em grande medida, pelo refinamento das medidas empíricas de aferição do autocontrolo que em conjugação com outras medidas e com a reflexão sobre as que já existem devem permitir abranger, o melhor possível, os conceitos de Gottfredson e Hirschi. Finalmente, é importante que no estudo da Teoria Geral do Crime, sejam efetivamente, integradas outras variáveis para apurar o papel de cada uma delas na explicação do comportamento desviante.

BIBLIOGRAFIA

- Akers, R. L. (1991). Self-control as a General Theory of Crime. *Journal of Quantitative Criminology*, 7(2), 201-211.
- Antonaccio, O. & Tittle, C. R. (2008). Morality, self-control, and crime. *Criminology*, 46(2), 479-510.
- Arneklev, B. J., Grasmick, H. G., Tittle, C. R. & Bursik, R. J. (1993). Low self-control and Imprudent Behavior. *Journal of Quantitative Criminology*, 9 (3).
- Arneklev, B. J., Grasmick, H. G. & Bursik, R. J. (1999). Evaluating the Dimensionality and Invariance of “Low Self-Control”. *Journal of Quantitative Criminology*, 15 (3).
- Arneklev, B. J.; Elis, L. & Medlicott, S. (2006). Testing the general theory of crime: comparing the effects of “imprudent behavior” and an attitudinal indicator of “low self-control”. *Western Criminology Review*, 7 (3), 41-55.
- Baron, S. W. (2003). Self-control, social consequences and criminal behavior, street youth and the general theory of crime. *Journal of research in crime and delinquency*, 40 (4), 403-425.
- Boutwell, B. B. & Beaver, K. M. (2010). The Intergenerational Transmission of Low Self-control. *Journal of Research in Crime and Delinquency*, 47(2), 174-209.
- Brownfield, D., & Sorenson, A. M. (1993). Self-control and juvenile delinquency: Theoretical issues and an empirical assessment of selected elements of a general theory of crime. *Deviant Behavior: An Interdisciplinary Journal*, 14 (3), 243-264.
- Burt, C. H., Simons, R. L. & Simons, L. G. (2006). A longitudinal test of the effects of parenting and the stability of self-control: negative evidence for the general theory of crime. *Criminology*, 44(2).
- Chen, P. & Vazsonyi, A. T. (2010). Hedonic calculus: does self restraint desire matter? *Western Criminology Review*, 11(3), 29-44.

- Cochran, J. K.; Aleksa, V. & Chamlin, M. B. (2006). Self-Restraint: A study on the capacity and desire for self-control. *Western Criminology Review*, 7(3), 27-40.
- DeLi, S. (2004). The impacts of self-control and social bonds on juvenile delinquency in a national sample of midadolescents. *Deviant Behavior*, 25, 351-373.
- Demuth, S. & Brown, S. L. (2004). Family structure, family processes, and adolescent delinquency: the significance of parental absence versus parental gender. *Journal of Research in Crime and Delinquency*. 41, 58-81.
- Dodson, K. D. (2005). *Tracing the evolution of Gottfredson and Hirschi's concept of self-control: a conceptual and empirical analysis*. A dissertation Submitted to the School of Graduate Studies and Research in Partial Fulfillment of the Requirements of the Degree Doctor of Philosophy. Indiana University of Pennsylvania.
- Engel, C. (2012). Low Self-control as a source of crime – a meta-study.
- Evans, T. D., Cullen, F. T., Burton, Jr., V. S., Dunaway, R. G., & Benson, M. L. (1997). The social consequences of self-control: Testing the general theory of crime. *Criminology*, 35 (3), 475-504.
- Gallupe, O. & Baron, S. (2010). Morality, self-control, deterrence and drug use: street youths and situational action theory. *Crime and Delinquency*, 29.
- Gottfredson, M. R. & Hirschi, T. (1990). *A General Theory of Crime*. Stanford University Press.
- Gibbs, J. J., & Giever, D. (1995). Self-control and its manifestations among university students: An empirical test of Gottfredson and Hirschi's general theory. *JusticeQuarterly*, 12 (2), 231-255.
- Gibbs, J. J., Giever, D., & Martin, J. S. (1998). Parental-management and self-control: An empirical test of Gottfredson and Hirschi's general theory. *Journal of Research in Crime and Delinquency*, 35 (1), 42-72.

- Grasmick, H. G., Tittle, C. R., Bursik, R. J. & Arneklev, B. J. (1993). Testing the core empirical implications of Gottfredson and Hirschi's General Theory of Crime. *Journal of Research in Crime and Delinquency*, 30 (1), 5-29.
- Hay, C. (2001). Parenting, self-control, and delinquency: a test of self-control theory. *Criminology*, 39(3).
- Higgins, G. E., Jennings, W. G., Tewksbury, R. & Gibson, C. L. (2006). Exploring the Link Between Low Self-Control and Violent Victimization Trajectories in Adolescents. *Criminal Justice and Behavior*, 36(10), 1070-1084.
- Kumar, R. (2010). *Research Methodology: A Step-by-Step Guide for Beginners*. SAGE Publications Limited, 2010.
- LaGrange, T. C., & Silverman, R. A. (1999). Low self-control and opportunity: Testing the general theory of crime as an explanation for gender differences in delinquency. *Criminology*, 37 (1), 41-72.
- Latane, B. & Darley, J. M. (1968). Group inhibition of bystander intervention. *Journal of Personality and Social Psychology*, 10, 215–21.
- LeBlanc, M. (2006). Self-control and social control of deviant behavior in context: development and interactions along the life course. In P. H. Wikström & R. J. Sampson (Eds.). *The explanation of Crime*. Cambridge University Press.
- Longshore, D., Turner, S., & Stein, J. A. (1996). Self-control in a criminal sample: An examination of construct validity. *Criminology*, 34 (2), 209-228.
- Longshore, D., & Turner, S. (1998). Self-control and criminal opportunity: Crosssectional test of general theory of crime. *Criminal Justice and Behavior*, 25 (1), 81-98.
- Marôco, J. (2010). *Análise estatística com o PASW statistics (ex-SPSS)*. Pêro Pinheiro: Report Number
- Moffitt, T. E.; Arseneault, L.; Belsky, D.; Dickson, N.; Hancox, T. J.; Harrington, H. L.; Houts, R.; Poulton, R.; Roberts, B. W.; Ross, S.; Sears, M. R.; Thomson, W. M. & Caspi, A. (2011). A gradient of childhood self-control predicts health, wealth, and public safety. *Proc Natl Acad Sci*, 108(7): 2693–2698.

- Moyer, I. (2001). *Criminological Theories: Traditional and Non-Traditional Voices and Themes*. SAGE Publications.
- Nagin, D., & Paternoster, R. (1993). Enduring individual differences and rational choice theories of crime. *Law and Society Review*, 27, 467-496.
- Nakhaie, M. R; Silverman, R. A. & LaGrange, T. C. (2000). Self-control and social control: an examination of gender, ethnicity, class and delinquency. *The Canadian Journal of Sociology*, 25(1), 35-59.
- Patton, M. Q. (2002). *Qualitative Research & Evaluation Methods*. SAGE Publications.
- Phythian, K.; Keane, C. & Krull, C. (2008). Family structure and parental behavior: identifying the sources of adolescent self-control. *Western Criminology Review*, 9(2), 73-87.
- Piquero, A. R. & Tibbetts, S. (1996). Specifying the direct and indirect effects of low self-control and situational factors in offenders' decision making: toward a more complete model of rational offending. *Justice Quarterly*, 13(3).
- Wikström, P. H. (2006). Individuals, settings, and acts of crime: situational mechanisms and the explanation of crime rates. In P. H. Wikström & R. J. Sampson (Ed.). *The explanation of Crime*. Cambridge University Press.
- Wikstrom P-O H (2009). Crime propensity, criminogenic exposure and crime involvement in early to mid adolescence. *Monatsschrift für Kriminologie und Strafrechtreform* 92: 253–266.
- Wikström, P. H. & Svensson, R. (2010). When does self-control matter? The interaction between morality and self-control in crime causation. *European Journal of Criminology*, 7(5), 395-410.
- Wikström, P. H. & Treiber, K. (2007). The role of self-control in crime causation: beyond Gottfredson and Hirschi's General Theory of Crime. *European Journal of Criminology*, 4(2), 237-264.

- Wikstrom P-O H, Ceccato V, Hardie B, and Treiber K (2010) Activity fields and the dynamics of crime. Advancing knowledge about the role of the environment in crime causation. *Journal of Quantitative Criminology* 25: 55–87.
- Wright, B. R. E.; Caspi, A.; Moffitt, T. & Silva, P. A. (1999). Low self-control, social bonds, and crime: social causation, social selection, or both? *Criminology*, 37(3), 479-514.
- Wright, J. P. & Beaver, K. M. (2005). DO parents matter in creating self-control in their children? A genetically informed test of Gottfredson and Hirschi's theory of low self-control. *Criminology*, 43(4).
- Wood, P., Pfefferbaum, B., & Arneklev, B. (1993). Risk-taking and self-control: Social psychological correlates of delinquency. *Journal of Crime and Justice*, 16 (1), 111-130.
- Shoepfer, A. & Piquero, A. R. (2006). Self-control, moral beliefs, and criminal activity. *Deviant Behavior*, 27, 51-71.
- Tangney, J. P., Miller, R. S.; Flicker, L. & Harlow, D. H. (1996). Are shame, guilt and embarrassment distinct emotions? *Journal of Personality and Social Psychology*, 70 (6), 1256-1269.
- Tangney, J. P; Steuewing, J. & Mashek, D. J. (2007). Moral Emotions and Moral Behavior. *Annual Review of Psychology*, 58, 345-372.
- Tittle, C.R.; Ward, D. A. & Grasmick, H. G. (2003). Self-control and Crime/ Deviance: Cognitive vs Behavioral Measures. *Journal of Quantitative Criminology*, 19(4), 333-365.
- Tittle, C.R.; Ward, D. A. & Grasmick, H. G. (2003). Gender, age and crime/ deviance: a challenge to self-control theory. *Journal of Research in Crime and Delinquency*, 40(4), 426-453.
- Tittle, C.R.; Ward, D. A. & Grasmick, H. G. (2004). Capacity for self-control and individual's interest in exercising self-control. *Journal of Quantitative Criminology*, 20(2), 143-172.

- Tittle, C. R., Antonaccio, O., Botchkovar, E. & Kranidioti, M. (2010). Expected utility, self-control, morality, and criminal probability. *Social Science Research*, 39, 1029-1046.
- Unnever, J. D., Cullen, F. T., & Pratt, T. C. (2003). Parental management, ADHD, and delinquent involvement: Reassessing Gottfredson and Hirschi's general theory. *Justice Quarterly*, 20 (3), 471-500.
- Vazsonyi, A. T., Pickering, L. E., Junger, M. & Hessing, D. (2001). An Empirical test of a General Theory of Crime: a four-nation Comparative Study of Self-control and the Prediction of Deviance. *Journal of Research in Crime and Delinquency*, 38 (2), 91-131.
- Vazsonyi , A. T. & Belliston, L. M. (2007). The family, low self-control, deviance – A cross-cultural and cross-national test of self-control theory. *Criminal Justice and Behavior*, 34 (4), 505-530.

ANEXOS

Anexo 1

Objetivos, amostra e medidas de estudos empíricos que testam conceitos da Teoria Geral do Crime e da Teoria da Ação Situacional

Objetivos	Amostra	Medidas
Shoepfer e Piquero, 2006		
Examinar a relação entre autocontrole, crenças morais e atividade criminal: 1. Como autocontrole e moral se relacionam com comportamento desviante; 2. Em que medida crenças morais moderam ou condicionam a relação entre autocontrole e atividade desviante.	Indivíduos universitários, 382 completaram o questionário Média de idades: 22 (18-48).	Variáveis dependentes: - Comportamento desviante – cenário com vinhetas hipotéticas: probabilidade de se comportarem como no cenário de 0 a 10. Dois crimes: instrumental (furto) e outro retaliatório (ofensa à integridade física). Cenários apresentavam muito detalhe. Variáveis independentes: - Autocontrole – 24 questões de Grasmick. Análise factorial mostra uma variável latente. - Crenças morais ²³ – em que medida consideram certo ou errado o cometimento de furto ou ofensa à integridade física. - Comportamento anterior ²⁴ – atividade criminal no último ano: resposta aos 2 itens: quantas vezes no último ano cometeste furtos e ofensas à integridade física. - Pares delinquentes ²⁵ – questões sobre comportamento dos pares. - Sexo e idade.
Antonaccio, 2008		
1. Testar interação de autocontrole e moral no comportamento desviante. 2. Aplicar a Teoria da Ação Situacional a um país raramente alvo de investigações.	500 Adultos: entrevista face-to-face Recebiam recompensa de \$3.	Variáveis dependentes: - Ofensas autorreveladas – 7 ofensas de passado e projeção no futuro; também estatísticas sobre comportamentos passados. Variáveis independentes: - Autocontrole – 23 itens de Grasmick. Altos níveis de resposta = valores mais elevados de autocontrole. - Moralidade – há a “verdadeira moral”, ou seja, os comportamentos (não importa o que as pessoas dizem, mas o que fazem). É possível com isto cair em tautologia. E “moralidade cognitiva” – não há necessariamente correspondência entre o que as pessoas dizem e o que fazem. Na moralidade cognitiva, interessa aferir julgamentos morais sobre um conjunto de atos. 8 Atos: se são certos ou errados (sete de força ou fraude e um sobre consumo excessivo de álcool). 5 Categorias de resposta de sempre aceitável até nunca aceitável. Variáveis de controlo: Provavelmente antecedentes de autocontrole e moralidade e podem afetar o desenvolvimento de ambos: - Género - Idade = ano de nascimento - Família intacta = ambos os pais e outras situações - SES = como caracteriza na infância com 5 hipóteses de resposta - Religiosidade da criança = em que medida se considera religioso à medida que foi crescendo. 5 Hipóteses de resposta.
Wikström e Svensson, 2010		
Objetivo principal – papel das	1957 Indivíduos de	- Ofensas autorreveladas medidas por 4 construtos: ofensas em

²³ Respondents were asked how wrong they believed theft and assault were: “Circle the number that indicates how wrong you feel it is for someone your age to: (steal something worth less than \$20?) and (hit, or threaten to hit, someone without reason?). Response options for each question ranged from 0 “not wrong at all” to 5 “somewhat wrong” to 10 “very wrong”.

²⁴ “How many times in the past year have you: (stolen something worth than \$20?) and (assaulted someone?)”. Responses were continuous for each of the two items.

²⁵ Respondents were asked about their friend’s misbehavior: “Circle the number to indicate how many of your friends have done the following: (stolen something worth less than \$20) and (hit, or threatened to hit, someone without reason?).” response options ranged from 0 “none at all” to 5 “some have” to 10 “a lot have” for each of the two items.

<p>diferenças individuais (propensão) para cometer o crime – isto é importante porque a teoria prediz fundamentalmente que o crime é o resultado do processo de escolha – percepção baseada na interação entre indivíduo e ambiente.</p> <p>Objetivos específicos</p> <p>1. Moralidade é o fator causal individual mais importante comparativamente à capacidade para exercer autocontrole, ou seja, aqueles com forte moralidade têm menos probabilidade de se envolver no crime independentemente da sua capacidade para exercer autocontrole.</p> <p>2. Capacidade para exercer autocontrole apenas entra em jogo como um fator causalmente relevante para os indivíduos cuja moralidade lhes permite ver no crime uma ação alternativa com alguma regularidade (com fraca moralidade) – assume-se que o autocontrole tem um efeito no comportamento ofensivo apenas quando o nível de moralidade é baixo e praticamente nenhum efeito quando o nível de moralidade é elevado.</p>	<p>Peterborough</p> <p>Idade entre 14 e 15 anos</p>	<p>geral, ofensa à integridade física, comportamento agressivo, furto em loja.</p> <p>- Moralidade²⁶ – 2 dimensões de moralidade: regras morais e a vergonha perante o outro significativo e enquanto conceptualização das emoções morais. Regras morais = 14 frases sobre situações que são potencialmente erradas fazer: para aferir em que medida um indivíduo percebe certo como errado ou correto um dado comportamento. Vergonha = 6 itens: em que grau sentiriam vergonha se pais, amigos, soubessem...</p> <p>. Moral baixa = défice ao nível das regras morais e não sentiriam vergonha.</p> <p>As regras e as emoções morais surgem altamente correlacionadas ($r=.55$) porque é possível que emoções morais possam ser vistas como uma força das regras morais individuais.</p> <p>-Autocontrole²⁷ - 9 frases sobre comportamento em geral; versão modificada de Grasmick.</p>
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

²⁶ **Moral rules:** How wrong do you think it is for someone of your age to do the following? 1. Skip school without an excuse (2) Lie, disobey or talk back to adults such as parents and teachers (3) Purposely damage or destroy property that does not belong to you (4) Steal something worth less than £5 (5) Steal something worth £25 (6) Steal something worth £100 (7) Go into or try to go into a building to steal something (8) Go joyriding, that is, take a motor vehicle such as a car or motorcycle for a ride without the owner's permission (9) Hit someone with the idea of hurting that person (10) Attack someone with a weapon with the idea of seriously hurting that person (11) Use a weapon or force to get money or things from other people (12) Sell drugs such as cannabis, heroin, cocaine (13) Use cannabis, hashish or pot (14) Use hard drugs such as heroin. The answer alternatives are: Very wrong / Wrong / A little wrong / Not wrong at all

Vergonha (para pais, professores e amigos): (1) If you were caught shoplifting would you feel ashamed if your parents found out about it? (2) If you were caught breaking into a car would you feel ashamed if your parents found out about it? The answer alternatives are: No, not at all / Yes, a little / Yes, very much.

²⁷ Do you agree or disagree with the following statements about yourself?

(1) When I am really angry, other people better stay away from me (2) I often act on the spur of the moment without stopping to think (3) I sometimes find it exciting to do things for which I might get in trouble (4) I don't devote much thought and effort preparing for the future (5) Sometimes I will take a risk just for the fun of it (6) I often try to avoid things that I know will be difficult (7) I never think about what will happen to me in the future (8) I easily get bored with things (9) I lose my temper pretty easily. The answer alternatives are: Strongly agree / Mostly agree / Mostly disagree / Strongly disagree

Questionário sobre Comportamentos Juvenis

Este questionário faz parte de um estudo que a Faculdade de Direito da Universidade do Porto está a realizar sobre os jovens e as escolas que frequentam.

Estamos interessados em saber sobre o modo como vê a escola e os estudos - como se sente na escola, as atividades que aí realiza, a relação que tem com os seus colegas e professores e ainda sobre as dificuldades ou problemas possa sentir na escola.

Este questionário está a ser aplicado em várias escolas.

➤ O Questionário é Absolutamente Anónimo e Confidencial

- O seu nome não consta do questionário e portanto não poderá ser identificado. Isto significa que ninguém – incluindo os seus pais e os seus professores - saberá quais foram as suas respostas.
- É importante que procure certificar-se que os colegas que estão sentados ao seu lado também não conseguem ver as suas respostas.

➤ Instruções para o Preenchimento:

- As questões são geralmente respondidas preenchendo as ☐ → ☒

Em algumas questões é-lhe pedido para escrever a resposta.

- No caso de ter assinalado por engano uma opção que não pretende, pedimos-lhe que escreva um **m** sobre a bolinha preenchida erradamente: **m**
- Siga atentamente as informações e instruções que acompanham as questões.

- **Não hesite em pedir ajuda**, se não entender alguma palavra ou questão, se tiver alguma dúvida ou precisar de algum esclarecimento. Para isso, levante o braço e aguarde que a pessoa que está a aplicar o questionário vá ter consigo.
- **Este questionário não é um teste.** Por isso, não há respostas certas ou erradas. As questões são dirigidas à sua experiência pessoal e às suas opiniões. **O que pretendemos é que leia com atenção as questões e que seja sincero nas suas respostas.**
- **Quando terminar de responder ao questionário, deixe-o no local que lhe é indicado pela pessoa que está a aplicar o questionário.**
- **Consentimento**

Se não desejar participar neste estudo, é livre de o fazer.

A sua participação é fundamental para a realização deste estudo
que pretende conhecer melhor os jovens portugueses.

Muito obrigada pela sua colaboração!

Anexo 3

Questionário

1. Idade: anos.

2. Sexo: ☐ Masculino ☐ Feminino

3. Responda às questões que se seguem sobre as pessoas com quem vive e sobre a casa onde reside.

Por favor, responda a todas as questões

Número total de pessoas que vivem consigo na casa onde reside a maior parte do tempo (conte consigo)	<input type="text"/> <input type="text"/> pessoas
Número total de pessoas que vivem consigo e que têm menos de 16 anos	<input type="text"/> <input type="text"/> pessoas
A casa onde reside a maior parte do tempo quantos quartos de dormir tem?	<input type="text"/> <input type="text"/> quartos
A casa onde reside a maior parte do tempo quantas casas de banho tem?	<input type="text"/> <input type="text"/> casas de banho

4. O seu PAI (ou o adulto do sexo masculino que vive consigo e que desempenha esse papel) tem emprego ou trabalho pago?

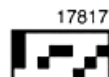
- ☐ Não vivo com o meu pai (nem com um adulto do sexo masculino que desempenhe esse papel)
- ☐ Tem um emprego estável
- ☐ Trabalha por conta própria de modo estável
- ☐ Às vezes tem emprego ou trabalho
- ☐ Não trabalha -----> Porquê?
- ☐ Porque prefere não trabalhar
- ☐ Porque tem uma doença crónica ou deficiência
- ☐ Ele gostaria de trabalhar, mas não arranja emprego
- ☐ Ele está reformado
- ☐ Não sei

5. A sua MÃE (ou o adulto do sexo feminino que vive consigo e que desempenha esse papel) tem emprego ou trabalho pago?

- ☐ Não vivo com a minha mãe (nem com um adulto do sexo feminino que desempenhe esse papel)
- ☐ Tem um emprego estável
- ☐ Trabalha por conta própria de modo estável
- ☐ Às vezes tem emprego ou trabalho
- ☐ Não trabalha -----> Porquê?
- ☐ Porque prefere não trabalhar
- ☐ Porque tem uma doença crónica ou deficiência
- ☐ Ela gostaria de trabalhar, mas não arranja emprego
- ☐ Ela está reformada
- ☐ Não sei



400090



6. No último ano, passou férias, com familiares ou sozinho, numa zona fora da sua área de residência sem vir dormir a casa durante alguns dias?

- ☐ Não -----> (Avance para a Questão nº 7)
- ☐ Sim -----> Se respondeu SIM ➡

6.1. Passou esses dias:

- ☐ Em Portugal ☐ Fora de Portugal

6.2. Onde?

- ☐ Hotel/apartamento alugado ☐ Parque de campismo ☐ Casa de familiares ou amigos
- ☐ Outra. Qual? _____

7. Que nível de ensino frequenta? (Assinale o nível de ensino e o ano)

- | | | | | |
|--------------------------------------------------------------|--------|----------------------------------------------|-------------------------------|-------------------------------|
| <input type="radio"/> 3º Ciclo do Ensino Básico | -----> | <input type="radio"/> 7º Ano | <input type="radio"/> 8º Ano | <input type="radio"/> 9º Ano |
| <input type="radio"/> Ensino Secundário | -----> | <input type="radio"/> 10º Ano | <input type="radio"/> 11º Ano | <input type="radio"/> 12º Ano |
| <input type="radio"/> Curso de Educação e Formação (CEF) | -----> | Qual o último ano de escolaridade concluído? | | |
| <input type="radio"/> Ensino Recorrente do Ensino Básico | -----> | <input type="radio"/> 1º Ano | <input type="radio"/> 5º Ano | <input type="radio"/> 9º Ano |
| <input type="radio"/> Ensino Recorrente do Ensino Secundário | -----> | <input type="radio"/> 2º Ano | <input type="radio"/> 6º Ano | <input type="radio"/> 10º Ano |
| <input type="radio"/> Outro. Qual? _____ | -----> | <input type="radio"/> 3º Ano | <input type="radio"/> 7º Ano | |
| | | <input type="radio"/> 4º Ano | <input type="radio"/> 8º Ano | |

8. Há quantos anos frequenta esta escola?

- ☐ Este é o primeiro ano que frequento esta escola
- ☐ Frequento esta escola há _____ anos

9. Em que medida concorda ou discorda das seguintes afirmações acerca do modo como os seus colegas da escola o vêem? Por favor, responda a todas as questões

	Concordo Totalmente	Concordo	Discordo	Discordo totalmente
Vêem-me como um bom aluno	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Vêem-me como uma pessoa que causa problemas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Vêem-me como uma pessoa bem sucedida	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Vêem-me como uma pessoa ajuizada	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

10. Em geral, gosta de estudar?

- ☐ Gosto muito ☐ Gosto ☐ Gosto pouco ☐ Não gosto nada

11. Como avalia o seu esforço nos estudos quando o compara com o esforço dos seus colegas?

- ☐ Esforço-me muito mais do que os meus colegas nos estudos
- ☐ Esforço-me mais do que os meus colegas nos estudos
- ☐ Esforço-me tanto como os meus colegas nos estudos
- ☐ Esforço-me menos do que os meus colegas nos estudos
- ☐ Esforço-me muito menos do que os meus colegas nos estudos

17817

400090



12. Em que medida concorda ou discorda das seguintes afirmações sobre si.

	Concordo Totalmente	Concordo	Discordo	Discordo totalmente
Vou completar o ensino secundário	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Vou tirar um curso superior	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Se estudar muito, vou conseguir o emprego que quero	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Estudo muito para ter boas notas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

13. Como avalia os seus resultados escolares quando os compara com os dos seus colegas?

- ☐ São melhores do que os da maioria dos meus colegas de turma
- ☐ Sou um aluno médio
- ☐ São piores do que os da maioria dos meus colegas de turma

14. Em que medida considera importante na escola:

Por favor, responda a todas as questões

	Muito importante	Importante	Pouco importante	Nada importante
Fazer amigos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Ter boas notas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Participar nas actividades extra-curriculares	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Aprender coisas novas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Chegar a tempo às aulas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Expressar a sua opinião na aula	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Fazer os trabalhos de casa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

15. Reprovou alguma vez?

- ☐ Não
- ☐ Sim, uma vez
- ☐ Sim, mais do que uma vez

16. Nesta escola, alguma vez foi expulso da sala de aula?

- ☐ Não
- ☐ Sim, uma vez
- ☐ Sim, mais do que uma vez. Quantas? vezes.

17. Alguma vez foi suspenso da escola? (desta escola ou de outra que tenha frequentado)

- ☐ Não
- ☐ Sim, uma vez
- ☐ Sim, mais do que uma vez.

400090

17817



18. Como se sente nas seguintes situações? *Por favor, responda a todas as questões*

	Nada seguro	Pouco seguro	Seguro	Muito seguro
No caminho até à escola, sinto-me...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
No interior do(s) edifício(s) da escola, sinto-me...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
No recreio da escola, sinto-me...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Na sala de aula, sinto-me...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

19. Nesta escola, há lugares que geralmente procure evitar por receio de ser agredido ou incomodado por alguém? *Por favor, responda a todas as questões*

	Sim	Não
Evito uma das entradas da escola	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Evito certos locais dentro do edifício da escola.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Se SIM, quais? _____		
Evito certos locais no recreio da escola.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Se SIM, quais? _____		

20. Em que medida concorda ou discorda das seguintes afirmações sobre os seus amigos? *Por favor, responda a todas as questões*

	Concordo Totalmente	Concordo	Discordo	Discordo totalmente
A maioria dos meus amigos pensa que é importante continuar os estudos e tirar um curso	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A maioria dos meus amigos acha que a escola é uma "chaticice"	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Os meus amigos tentam frequentemente levar-me a fazer coisas de que os professores não gostam	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A maioria dos meus amigos vai regularmente às aulas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

21. Nos últimos 12 meses, com que frequência participou, nesta escola, nas seguintes actividades? *Por favor, responda a todas as questões*

	Nunca ou raramente	Pelo menos 1 vez por mês	Pelo menos 1 vez por semana
Actividades desportivas extra-curriculares	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Grupo de teatro, de música ou de dança	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
No jornal da escola	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Na associação de alunos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

400090

17817



22. Em que medida concorda ou discorda das seguintes afirmações acerca da escola e dos estudos?
Por favor, responda a todas as questões

	Concordo Totalmente	Concordo	Discordo	Discordo totalmente
A escola é uma perda de tempo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A escola ensina-me coisas que me vão ajudar no futuro	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
É importante esforçarmo-nos nos estudos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A escola ajudar-me-á a arranjar um bom emprego	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Se pudesse, desistia de estudar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

23. Em que medida concorda ou discorda das seguintes afirmações. Por favor, responda a todas as questões

	Concordo	Discordo	Não tenho a certeza
Não tem mal lutar com alguém se ele me bateu primeiro	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Não tem mal lutar com alguém se ele insultou os meus amigos ou familiares	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Não tem mal lutar porque toda a gente da minha idade o faz	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Não tem mal ir contra as regras se tiver oportunidade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Não tem mal bater se é a única maneira de levar os outros a fazer o que queremos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

24. Durante o último ano, com que frequência os seus pais (ou adultos que desempenham um papel semelhante), fizeram as seguintes coisas? Por favor, responda a todas as questões

	Sempre	Com frequência	Às vezes	Raramente ou nunca
Verificaram se tinha feito os trabalhos de casa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Foram às reuniões de pais na escola	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Encorajaram-me e apoiaram-me nos estudos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Foram demasiado exigentes comigo relativamente às notas escolares	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Pude contar com a ajuda dos meus pais quando tive problemas na escola	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

25. Na escola, sempre que preciso, sinto-me à vontade para pedir ajuda?

- ☐ Sempre/Quase sempre ☐ Às vezes ☐ Nunca/Raramente

26. Acho que esta escola tem:

- ☐ Mais problemas que a maioria das escolas
☐ Os mesmos problemas que a maioria das escolas
☐ Menos problemas que a maioria das escolas

400090

17817



27. Em que medida concorda ou discorda das seguintes afirmações acerca desta escola?

Por favor, responda a todas as questões

	Concordo Totalmente	Concordo	Discordo	Discordo totalmente
Estou a obter uma boa educação nesta escola	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Sinto que pertenço a esta escola	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Sinto-me orgulhoso(a) de andar nesta escola	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Se mudasse de escola, sentiria pena	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Os alunos gostam de aprender nesta escola	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

28. Durante o último ano, com que frequência conversou com um professor fora da sala de aula?

☐ Quase todos os dias ☐ Com frequência ☐ Às vezes ☐ Raramente ou nunca

29. Diga com que frequência, nesta escola, ocorrem as seguintes situações:

Por favor, responda a todas as questões

	Sempre ou quase sempre	Com frequência	Às vezes	Raramente ou nunca
Conflitos entre alunos na sala de aula	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Conflitos entre alunos fora da sala de aula	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Conflitos entre alunos e professores na sala de aula	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Conflitos entre alunos e professores fora da sala de aula	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Conflitos entre alunos e funcionários	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Conflitos entre professores e pais	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

30. Se nesta escola (no recreio ou noutro lugar que não seja dentro da sala de aula) estiver um aluno ou um grupo de alunos a danificar ou destruir propositadamente alguma coisa no edifício ou no mobiliário/equipamento escolar, em que medida é provável...?

	Concordo Totalmente	Concordo	Discordo	Discordo totalmente
Serem abordados por um ou mais aluno(s) que tenta(m) impedi-los	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Serem abordados por um ou mais adulto(s) que tenta(m) impedi-los	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

31. Em que medida concorda ou discorda das seguintes afirmações acerca desta escola?

Por favor, responda a todas as questões

	Concordo Totalmente	Concordo	Discordo	Discordo totalmente
Nesta escola, os professores são exemplos a seguir	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Nesta escola, os professores esforçam-se para que cada aluno tenha bons resultados	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Nesta escola, os professores têm gosto em ensinar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Nesta escola, os professores tratam os alunos com respeito	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

17817

400090



32. Nos últimos 12 meses, com que frequência foi às aulas?☐ Quase todos os dias☐ Com frequência☐ Às vezes☐ Raramente ou nunca**33. Em que medida concorda ou discorda das seguintes afirmações acerca desta escola?**

Por favor, responda a todas as questões

	Concordo Totalmente	Concordo	Discordo	Discordo totalmente
Há outras actividades para além das aulas (desportos, música, teatro...)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Há muitos roubos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Há muitas coisas partidas ou vandalizadas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Há muita indisciplina nas salas de aula	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Há muito consumo de álcool e drogas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Há muitos insultos e provocações entre alunos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

34. Em que medida concorda ou discorda das seguintes afirmações? Por favor, responda a todas as questões

	Concordo Totalmente	Concordo	Discordo	Discordo totalmente
Quando quero falar, peço a palavra e espero pela minha vez	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Não preciso de lutar porque há outras maneiras de resolver os problemas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Um rapaz que seja agredido e não responda da mesma maneira perde o respeito dos outros	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Às vezes, só há duas possibilidades: bater ou levar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Os meus pais ficariam zangados comigo se soubessem que estive envolvido numa luta na escola, seja qual for a razão	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Pedir desculpa é uma boa forma de evitar um conflito	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Se alguém me faz alguma coisa que me deixe mesmo zangado, merece que eu lhe bata	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Se eu bater em alguém, não tenho muito a perder	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Se os meus amigos se põem à luta, geralmente procuro fazê-los parar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Se me afastar de uma luta, os outros vão pensar que sou um covarde	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Se os professores têm problemas com os alunos é porque merecem	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

35. Diga em que medida sentiria vergonha nas seguintes situações. Por favor, responda a todas as questões

	Não, nenhuma vergonha	Sim, um pouco de vergonha	Sim, muita vergonha
Se fosse apanhado a tirar alguma coisa sem pagar de um estabelecimento comercial (loja, supermercado...), sentiria vergonha se os seus pais ficassem a saber?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Se fosse apanhado a tentar arrombar um carro, sentiria vergonha se os seus pais ficassem a saber?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

17817

400090



36. Em que medida concorda ou discorda das seguintes afirmações. Por favor, responda a todas as questões

	Concordo Totalmente	Concordo	Discordo	Discordo totalmente
Planear tira o prazer das coisas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Gosto de experiências novas e excitantes, mesmo que para isso tenha de ir contra as regras	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Eu arranjo problemas porque faço coisas sem pensar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Gosto de fazer coisas que assustam	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Devemos viver o presente sem nos preocuparmos com o futuro	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Há muitos insultos e provocações entre alunos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Gosto de explorar lugares estranhos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Prefiro amigos que são excitantes e imprevisíveis	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Por vezes infrinjo as regras porque faço coisas sem pensar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

37. Se nesta escola (no recreio ou noutro lugar que não seja dentro da sala de aula) estiver um aluno ou um grupo de alunos a gritar ou a insultar as pessoas que passam, em que medida é provável ...?

	Concordo Totalmente	Concordo	Discordo	Discordo totalmente
Serem abordados por um adulto que tenta impedi-los	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Serem abordados por um aluno que tenta impedi-los	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

38. Em que medida concorda ou discorda das seguintes afirmações? Por favor, responda a todas as questões

	Concordo Totalmente	Concordo	Discordo	Discordo totalmente
Nesta escola, sinto-me à vontade para falar com um professor sobre um assunto/problema que me está a incomodar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Nesta escola, os professores tratam-me como alguém que causa problemas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Nesta escola, os professores escutam com atenção o que tenho para lhes dizer	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Nesta escola, os professores reparam quando faço coisas bem feitas e dizem-me	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Nesta escola, não me importo com o que os professores pensam de mim	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Nesta escola, os professores tratam-me com justiça	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

39. Diga em que medida sentiria vergonha nas seguintes situações. Por favor, responda a todas as questões

	Não, nenhuma vergonha	Sim, um pouco de vergonha	Sim, muita vergonha
Se fosse apanhado a tirar alguma coisa sem pagar de um estabelecimento comercial (loja, supermercado...), sentiria vergonha se <u>os seus amigos</u> ficassem a saber?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>
Se fosse apanhado a tentar arrombar um carro, sentiria vergonha se <u>os seus amigos</u> ficassem a saber?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>

17817

400090



40. Nos últimos 12 meses, alguma vez faltou às aulas, pelo menos durante um dia inteiro, sem uma razão séria que o justificasse?

- ☐ Não -----> (Avance para a Questão nº 41)
- ☐ Sim -----> Se respondeu SIM Responda às questões 40.1 - 40.5

40.1. Nos últimos 12 meses, quantas vezes aconteceu isso? vezes

40.2. Da última vez, quanto tempo faltou?

- ☐ Um dia ☐ Dois dias ☐ Três dias ☐ Quatro dias ☐ Cinco dias ☐ Mais de uma semana

40.3. Da última vez, fez isso sozinho ou acompanhado?

- ☐ Sozinho ☐ Com outros

40.4. Da última vez, foi descoberto?

- ☐ Não ☐ Sim, pelos meus pais ou adultos que desempenham o mesmo papel
- ☐ Sim, pela polícia ☐ Sim, por outra pessoa
- ☐ Sim, por um professor

40.5. Da última vez, foi castigado?

- ☐ Sim ☐ Não

41. Diga em que medida sentiria vergonha nas seguintes situações. Por favor, responda a todas as questões

	Não, nenhuma vergonha	Sim, um pouco de vergonha	Sim, muita vergonha
Se fosse apanhado a tirar alguma coisa sem pagar de um estabelecimento comercial (loja, supermercado...), sentiria vergonha se <u>os seus professores</u> ficassem a saber?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Se fosse apanhado a tentar arrombar um carro, sentiria vergonha se <u>os seus professores</u> ficassem a saber?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

42. Nos últimos 12 meses, aconteceu-lhe algumas das seguintes situações na escola?

Por favor, responda a todas as questões

Alguém fez troça de si, chamou-lhe nomes ou espalhou boatos desagradáveis sobre si?	<input type="radio"/> Não	<input type="radio"/> Sim,	<input type="text"/> <input type="text"/> vezes
Alguém o magoou batendo-lhe, dando-lhe pontapés ou atirando-lhe pedras?	<input type="radio"/> Não	<input type="radio"/> Sim,	<input type="text"/> <input type="text"/> vezes
Alguém pôs a circular (por telemóvel ou por computador) imagens ou fotografias suas sem o seu consentimento?	<input type="radio"/> Não	<input type="radio"/> Sim,	<input type="text"/> <input type="text"/> vezes
Alguém ameaçou bater-lhe ou magoá-lo?	<input type="radio"/> Não	<input type="radio"/> Sim,	<input type="text"/> <input type="text"/> vezes
Alguém o magoou ou tentou magoá-lo com uma arma (navalha, bastão...)?	<input type="radio"/> Não	<input type="radio"/> Sim,	<input type="text"/> <input type="text"/> vezes
Alguém lhe roubou alguma coisa que tivesse deixado em algum local?	<input type="radio"/> Não	<input type="radio"/> Sim,	<input type="text"/> <input type="text"/> vezes
Alguém tentou roubar ou roubou algo que lhe pertencia, através de ameaças ou à força?	<input type="radio"/> Não	<input type="radio"/> Sim,	<input type="text"/> <input type="text"/> vezes
Alguém foi desagradável consigo por causa da sua cor de pele?	<input type="radio"/> Não	<input type="radio"/> Sim,	<input type="text"/> <input type="text"/> vezes

400090

17817

43. Nos últimos 12 meses, aconteceu-lhe algumas das seguintes situações noutro local (diferente da escola)? Por favor, responda a todas as questões

Alguém fez troça de si, chamou-lhe nomes ou espalhou boatos desagradáveis sobre si?	<input type="radio"/> Não	<input type="radio"/> Sim,	<input type="text"/>	<input type="text"/>	vezes
Alguém o magoou batendo-lhe, dando-lhe pontapés ou atirando-lhe pedras?	<input type="radio"/> Não	<input type="radio"/> Sim,	<input type="text"/>	<input type="text"/>	vezes
Alguém pôs a circular (por telemóvel ou por computador) imagens ou fotografias suas sem o seu consentimento?	<input type="radio"/> Não	<input type="radio"/> Sim,	<input type="text"/>	<input type="text"/>	vezes
Alguém ameaçou bater-lhe ou magoá-lo?	<input type="radio"/> Não	<input type="radio"/> Sim,	<input type="text"/>	<input type="text"/>	vezes
Alguém o magoou ou tentou magoá-lo com uma arma (navalha, bastão...)?	<input type="radio"/> Não	<input type="radio"/> Sim,	<input type="text"/>	<input type="text"/>	vezes
Alguém lhe roubou alguma coisa que tivesse deixado em algum local?	<input type="radio"/> Não	<input type="radio"/> Sim,	<input type="text"/>	<input type="text"/>	vezes
Alguém tentou roubar ou roubou algo que lhe pertencia, através de ameaças ou à força?	<input type="radio"/> Não	<input type="radio"/> Sim,	<input type="text"/>	<input type="text"/>	vezes
Alguém foi desagradável consigo por causa da sua cor de pele?	<input type="radio"/> Não	<input type="radio"/> Sim,	<input type="text"/>	<input type="text"/>	vezes

44. Em que medida concorda ou discorda das seguintes afirmações acerca de si próprio?

	Concordo Totalmente	Concordo	Discordo	Discordo totalmente
Tenho uma ideia clara do que sou como pessoa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Gosto de mim	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Quando quero, sei fazer-me entender	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Às vezes, penso que não sou bom em nada	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Sei como me dar bem com os professores	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Frequentemente sinto-me estranho e "deslocado"	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Acho fácil falar com todo o tipo de pessoas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Sinto que ninguém se importa verdadeiramente com o que me acontece	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Consigo o que quero desde que me esforce	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Às vezes, sinto que não tenho muito de que me orgulhar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

45. Nos últimos 12 meses, teve algum dos seguintes comportamentos na escola, sozinho ou com os seus amigos? Por favor, responda a todas as questões

Fez troça de alguém, chamou-lhe nomes ou espalhou boatos desagradáveis sobre essa pessoa?	<input type="radio"/> Não	<input type="radio"/> Sim,	<input type="text"/>	<input type="text"/>	vezes
Ameaçou bater ou magoar alguém	<input type="radio"/> Não	<input type="radio"/> Sim,	<input type="text"/>	<input type="text"/>	vezes
Tirou alguma coisa a alguém sem o seu consentimento?	<input type="radio"/> Não	<input type="radio"/> Sim,	<input type="text"/>	<input type="text"/>	vezes
Bateu, deu pontapés ou socos em alguém propositadamente	<input type="radio"/> Não	<input type="radio"/> Sim,	<input type="text"/>	<input type="text"/>	vezes
Participou numa briga/luta em grupo na escola?	<input type="radio"/> Não	<input type="radio"/> Sim,	<input type="text"/>	<input type="text"/>	vezes

400090

17817
17817

46. Em que medida concorda ou discorda destas afirmações sobre si? *Por favor, responda a todas as questões*

	Concordo Totalmente	Concordo	Discordo	Discordo totalmente
São os outros que decidem o que me acontece	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Quando sou simpático, as pessoas reparam	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Sou responsável pelo que me acontece	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Sei ouvir os outros	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Fico triste quando os meus amigos estão com problemas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Quando digo ou faço alguma coisa de errado, peço desculpa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

47. Esta é uma lista de comportamentos que por vezes as pessoas têm. Qual é para si o grau de gravidade de cada uma destas ações? *Por favor, responda a todas as questões*

	Nada grave	Pouco grave	Grave	Muito grave
Danificar propositadamente algo que não lhe pertence	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Entrar numa casa ou edifício para roubar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Tirar dinheiro ou algo que não lhe pertence em casa ou na escola	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Tirar alguma coisa de uma loja sem pagar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Entrar num carro para roubar algo do seu interior	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Usar um carro ou outro veículo para dar uma volta, sem autorização do proprietário	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

48. Em que medida concorda ou discorda das seguintes afirmações?

Por favor, responda a todas as questões

	Concordo Totalmente	Concordo	Discordo	Discordo totalmente
Em geral, conheço as regras desta escola	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Nesta escola, há regras claras sobre agressões, conflitos e insultos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Nesta escola, se estragar de propósito alguma coisa, sei que vou ser castigado	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Nesta escola, as regras são justas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Nesta escola, se bater em alguém, sei que vou ser castigado	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Nesta escola, as regras são iguais para todos os alunos e os castigos também	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Nesta escola, quando há problemas ou conflitos entre os alunos, os adultos intervêm para os separar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Nesta escola, resolvemos os conflitos através do diálogo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

400090



49. Em que medida concorda ou discorda das seguintes afirmações. Por favor, responda a todas as questões

	Concordo Totalmente	Concordo	Discordo	Discordo totalmente
Não tem mal tirar alguma coisa ou roubar a alguém quando essa pessoa é rica e pode substituir o que lhe foi tirado	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Não tem mal tirar pequenas coisas de uma loja sem pagar, porque as lojas têm elevados lucros (ganham muito dinheiro)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Não tem mal tirar ou roubar desde que ninguém saiba	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Não tem mal copiar desde que o professor não veja	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
As pessoas que deixam as coisas por aí merecem que lhes tirem	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

50. Em que medida concorda ou discorda das seguintes afirmações.

Por favor, responda a todas as questões

	Concordo Totalmente	Concordo	Discordo	Discordo totalmente
Muitas vezes faço coisas no calor do momento sem parar para pensar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Não me esforço muito a preparar o futuro, nem penso muito nisso	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Costumo fazer aquilo que me dá prazer no momento, mesmo se isso prejudicar um objetivo futuro	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Estou mais preocupado com o que se passa comigo no presente do que com o que me possa acontecer no futuro	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Geralmente procuro evitar atividades que eu sei que serão difíceis	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Quando as coisas se complicam, costumo desistir e afastar-me	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Na vida, as coisas que são mais fáceis são aquelas que me dão mais prazer	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Não gosto de tarefas tão difíceis que levem as minhas capacidades até ao limite	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
De vez em quando, gosto de me pôr à prova fazendo coisas um pouco arriscadas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Por vezes corro riscos só pelo divertimento que dão	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Por vezes, acho excitante fazer coisas que me podem causar problemas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Excitação e aventura são mais importantes para mim do que me sentir seguro	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Se eu pudesse escolher, preferia geralmente fazer atividades físicas do que atividades mentais	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Geralmente sinto-me melhor quando estou em movimento do que quando estou sentado e a pensar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

17817

400090



49. Em que medida concorda ou discorda das seguintes afirmações. Por favor, responda a todas as questões

	Concordo Totalmente	Concordo	Discordo	Discordo totalmente
Não tem mal tirar alguma coisa ou roubar a alguém quando essa pessoa é rica e pode substituir o que lhe foi tirado	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Não tem mal tirar pequenas coisas de uma loja sem pagar, porque as lojas têm elevados lucros (ganham muito dinheiro)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Não tem mal tirar ou roubar desde que ninguém saiba	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Não tem mal copiar desde que o professor não veja	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
As pessoas que deixam as coisas por aí merecem que lhes tirem	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

50. Em que medida concorda ou discorda das seguintes afirmações.

Por favor, responda a todas as questões

	Concordo Totalmente	Concordo	Discordo	Discordo totalmente
Muitas vezes faço coisas no calor do momento sem parar para pensar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Não me esforço muito a preparar o futuro, nem penso muito nisso	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Costumo fazer aquilo que me dá prazer no momento, mesmo se isso prejudicar um objetivo futuro	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Estou mais preocupado com o que se passa comigo no presente do que com o que me possa acontecer no futuro	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Geralmente procuro evitar atividades que eu sei que serão difíceis	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Quando as coisas se complicam, costumo desistir e afastar-me	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Na vida, as coisas que são mais fáceis são aquelas que me dão mais prazer	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Não gosto de tarefas tão difíceis que levem as minhas capacidades até ao limite	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
De vez em quando, gosto de me pôr à prova fazendo coisas um pouco arriscadas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Por vezes corro riscos só pelo divertimento que dão	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Por vezes, acho excitante fazer coisas que me podem causar problemas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Excitação e aventura são mais importantes para mim do que me sentir seguro	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Se eu pudesse escolher, preferia geralmente fazer atividades físicas do que atividades mentais	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Geralmente sinto-me melhor quando estou em movimento do que quando estou sentado e a pensar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

17817

400090



Anexo 4

Consentimentos informados, dados aos pais, para autorizar a participação na entrevista

Exmo. Sr. Encarregado de Educação,

Escrevemos-lhe com o objetivo de solicitar a sua autorização relativamente à participação do seu educando num estudo que um grupo de investigadores da Faculdade de Direito da Universidade do Porto está a desenvolver.

Objectivos do estudo

Este estudo tem por objetivo recolher informações qualitativas sobre as perguntas de um questionário sobre auto-controlo, ou seja, sobre a forma como as pessoas conseguem controlar os seus comportamentos individuais.

Isto surge da necessidade sentida no Projeto que estamos a desenvolver na Escola do seu educando em que se aplica um questionário internacional. Este questionário tem sido aplicado a crianças, jovens e adultos sem se considerar as diferenças e especificidades de cada grupo e das idades que o constituem. Com as entrevistas que iremos realizar ao seu educando, procuraremos conseguir informações que nos permitam adaptar este questionário aos jovens. Assim, procederemos do seguinte modo: apresentamos uma das perguntas do questionário e pediremos ao seu educando para nos dizer o que entende daquilo que lhe perguntamos, que significado dá às palavras utilizadas e se já se deparou, alguma vez, como uma daquelas situações.

A entrevista

O método utilizado será a entrevista uma vez que permitirá recolher informações fundamentais para adaptar o questionário aos adolescentes. Este é o meio que melhor nos permite captar a forma como os adolescentes interpretam as perguntas do questionário.

A entrevista deverá ser gravada em áudio, ou seja, haverá apenas gravação da voz para que se possa preservar o máximo de palavras/ informações do seu educando.

Confidencialidade e anonimato

A informação recolhida durante a entrevista é completamente anónima e confidencial:

- O entrevistado é anónimo (o nome do jovem não consta do mesmo, nem será referido em nenhum momento);
- Apenas a equipa de investigação terá acesso à informação recolhida.

Consentimento Informado

Para podermos contar com a participação do seu educando, precisamos do seu consentimento. Nesse sentido e para que nos seja possível adaptar este instrumento à idade do seu educando, solicitamos que preencha a folha em anexo e que, através do seu educando/a ou por outro meio

que considere adequado, a entregue na escola no prazo de 5 dias úteis, contados a partir da data de entrega desta carta ao seu educando/a.

Antecipadamente gratos pela atenção dispensada e confiantes de que, enquanto encarregado de educação, será certamente sensível aos objetivos do nosso trabalho, subscrevemo-nos respeitosamente e manifestamos a nossa disponibilidade para prestarmos as informações que V. Exa. pretender solicitar através do seguinte contacto:

Josefina Castro
Faculdade de Direito da Universidade do Porto
Rua dos Bragas , 223.
4050-123 Porto
Tel. 222041641

Antecipadamente grata pela atenção dispensada, subscrevo-me com os melhores cumprimentos,

A Coordenadora do Projeto,



(Josefina Castro)

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO

Eu, Encarregado de Educação do(a) aluno(a) _____
_____ (por favor, escreva o nome
do(a) aluno(a)), tomei conhecimento da realização de uma entrevista no âmbito do
do estudo realizado pela Faculdade de Direito da Universidade do Porto,
compreendi os seus objectivos e _____ (por favor, escreva
"autorizo" ou "não autorizo") o/a meu/minha educando(a) a colaborar na entrevista,
assim como a gravação dessa mesma entrevista apenas para fins de investigação,
garantido o anonimato e a confidencialidade.

Data ____/____/____

Assinatura _____

Anexo 5

Descrição das variáveis do questionário utilizadas no estudo

1.Sexo

Cada indivíduo deveria assinalar o seu perfil quanto ao género (masculino ou feminino).

Na base de dados, o género masculino foi cotado como “1” e o sexo feminino como “2”.

No questionário:

2. Sexo: ☐ Masculino ☐ Feminino

2.Idade

Cada indivíduo deveria escrever, de forma numérica, a idade que tinha no momento em que o questionário lhe foi aplicado.

Na base de dados as idades foram introduzidas tal como tinham sido referidas, sem qualquer codificação adicional.

No questionário:

1. Idade: anos.

3.Escolaridade

Cada indivíduo era questionado sobre o nível de ensino que frequentava, no momento do preenchimento do questionário, e, de seguida, em que ano se encontrava.

Na base de dados, a cada um dos níveis foi dado um código: “1” para “3º Ciclo do Ensino Básico”, “2” para “Ensino Secundário”, “3” para “Curso de Educação e Formação (CEF)”, “4” para “Ensino Recorrente do Ensino Básico”, “5” para “Ensino Recorrente do Ensino Secundário” e “6” para “outro. Qual?”. Os anos de escolaridade foram assinalados de forma numérica, ou seja, quem respondeu no questionário “9”, na base foi exatamente colocado “9” como 9 anos de escolaridade até à data.

No questionário:

7. Que nível de ensino frequenta? (Assinale o nível de ensino e o ano)			
<input type="radio"/>	3º Ciclo do Ensino Básico	----->	<input type="radio"/> 7º Ano <input type="radio"/> 8º Ano <input type="radio"/> 9º Ano
<input type="radio"/>	Ensino Secundário	----->	<input type="radio"/> 10º Ano <input type="radio"/> 11º Ano <input type="radio"/> 12º Ano
<input type="radio"/>	Curso de Educação e Formação (CEF)	----->	<u>Qual o último ano de escolaridade concluído?</u>
<input type="radio"/>	Ensino Recorrente do Ensino Básico	----->	<input type="radio"/> 1º Ano <input type="radio"/> 5º Ano <input type="radio"/> 9º Ano
<input type="radio"/>	Ensino Recorrente do Ensino Secundário	----->	<input type="radio"/> 2º Ano <input type="radio"/> 6º Ano <input type="radio"/> 10º Ano
<input type="radio"/>	Outro. Qual? _____	----->	<input type="radio"/> 3º Ano <input type="radio"/> 7º Ano
			<input type="radio"/> 4º Ano <input type="radio"/> 8º Ano

4.Estatuto socioeconómico

Cada indivíduo era questionado sobre um conjunto de variáveis que depois, agregadas, permitiram a elaboração de um índice do estatuto socioeconómico: número de indivíduos que habita na casa do inquirido, número de quartos de dormir em casa, número de casas de banho em casa, emprego do pai e da mãe do inquirido e realização de férias no último ano.

Na base de dados, para a construção do índice do estatuto socioeconómico (em que valores mais elevados se fazem corresponder a um estatuto socioeconómico mais elevado) recorreu-se à seguinte *Syntax*:

$$\text{índicesSocioEc2} = \text{SUM}(P_quartos_ind, Q_wc_ind, Férias_ind, TrabPais_ind) / \text{NVALID}(P_quartos_ind, Q_wc_ind, Férias_ind, TrabPais_ind).$$

Cuja elaboração constou do seguinte:

O índice socioeconómico da amostra foi construído com base em cinco questões do questionário: número de quartos e número de casas de banho na habitação do inquirido, número de pessoas que habitam na casa, situação profissional dos pais e informações relativas a férias no último ano. A criação de índice procedeu-se do seguinte modo: a) primeiro, estabeleceu-se um rácio entre o número de quartos e número de casas de banho (na *Syntax*: *Q_wc_ind*). O esperado é que em cada habitação haja, pelo menos uma casa de banho, ou então que exista um rácio de um ponto entre o número de quartos e o número de casas de banho. Isto é, que por exemplo numa habitação com três quartos, haja duas casas de banho. Na criação deste primeiro índice sobre o rácio de quartos por casas de banho, procedeu-se à criação de três níveis: “0” para situações mais desfavoráveis em que o rácio é superior a 1 (quando há por exemplo quatro quartos e duas casas de banho ou três quartos e uma casa de banho); “1” para situações favoráveis nos casos em que se obtém um rácio de 1 ou 0 (três quartos para duas casas de banho ou, por exemplo, duas quartos e duas casa de banho); e “2” para situações mais favoráveis cujo rácio é inferior a 1, quando o número de casas de banho ultrapassa o número de quartos.

b) De seguida criou-se um outro índice sobre o rácio de pessoas pelo número de quartos na habitação (na *Syntax*: *P_quartos_ind*). O esperado é que haja pelo menos um quarto por cada duas pessoas, podendo um rácio de 2 ser também considerado favorável na medida em que a coabitação de quatro pessoas em dois quartos pode corresponder à ocupação de um quarto pelos pais e à partilha de outro quarto pelos dois filhos. Assim, foi atribuído “0” a situações mais desfavoráveis quando o rácio entre o número de pessoas e quartos é superior a 1 (sete pessoas para dois quartos ou, por exemplo, cinco para dois quartos. Note-se que este último caso pode não ser muito desfavorável se os pais partilharem um quarto e os três filhos outro, no entanto, por comparação é mais desfavorável quando dois pais ocupam um quarto e apenas dois filhos partilhem um outro quarto); “1” para situações favoráveis quando se obtém rácios de 0, 1 ou 2 para quatro pessoas e quatro quartos; cinco pessoas e quatro quartos ou seis pessoas e quatro quartos, respetivamente; finalmente “2”, a casos mais favoráveis em que se constata uma diferença entre pessoas e quartos inferior a zero, ou seja, quando há por exemplo três pessoas e quatro quartos e todas as situações em que se verifica uma superioridade de número de quartos relativamente ao número de pessoas.

Note-se que este índice foi feito tendo por base a comparação entre os casos porque quando se atinge um rácio de 0 também se pode estar perante uma situação mais favorável, se dois pais partilham o quarto e um filho ocupa outro, possuindo a habitação três quartos. No entanto, por comparação, se para três pessoas se houvesse quatro quartos, a situação seria ainda mais favorável, embora a outra já fosse favorável.

c) Relativamente à situação profissional dos pais (na *Syntax*: *TrabPais_ind*), questionou-se para cada um dos progenitores se “tem um emprego estável”; “trabalhe por conta própria de modo estável”, “às vezes tem emprego ou trabalho” ou “não trabalha”. Assim, “0”, ou seja, situação mais desfavorável foi atribuída àqueles casos em que nenhum dos dois pais trabalha ou em que um não trabalha e o outro tem “emprego às vezes”; “1”, situação favorável para as seguintes combinações: “emprego estável” e “às vezes tem emprego ou trabalho”, “não trabalha” e “emprego estável”, “não trabalha” e “emprego por conta própria de forma estável”; e “2”, isto é, situações mais favoráveis para os casos em que ambos trabalham com “emprego estável” ou por “conta própria de forma estável”.

No que concerne ao caso das famílias monoparentais, mais uma vez numa lógica de comparação entre o que é mais ou menos favorável, atribuiu-se “0” aos casos em que o único progenitor presente não trabalha, “1” quando tem “às vezes emprego estável” e “2” quando “tem emprego estável” ou “trabalha por conta própria de forma estável”.

d) Para finalizar, relativamente ao índice sobre as férias no último ano (na *Syntax* *Férias_ind*), os indivíduos deveriam responder se passaram ou não férias no último ano, em Portugal ou fora e se em hotel ou apartamento alugado, parque de campismo, casa de familiares ou amigos ou outra situação. Assim, “0”, situação mais desfavorável, foi atribuído

aos indivíduos que responderam que não havia passado férias no último ano; “1”, para situações favoráveis em que os indivíduos mencionaram ter passado férias em Portugal e não em hotel; “2”, para situação mais favoráveis quando referiram ter passado férias fora de Portugal ou, ainda quem em Portugal, num hotel ou apartamento alugado.

Cumpridos estes passos, construiu-se um índice global, que se fez então corresponder ao estatuto socioeconómico dos indivíduos em que se utilizou o índice da diferença entre quartos e casas de banho, de indivíduo a viver na habitação e o número de casas de banho, a situação profissional dos pais e as férias no último ano. Os valores variam entre 0 e 2, correspondendo os mais baixos a situações socioeconómicas mais desfavoráveis e os mais elevados a situações mais favoráveis.

No questionário:

- Número de quartos e número de casas de banho na habitação do inquirido, número de pessoas que habitam na casa.

3. Responda às questões que se seguem sobre as pessoas com quem vive e sobre a casa onde reside.	
<u>Por favor, responda a todas as questões</u>	
Número total de pessoas que vivem consigo na casa onde reside a maior parte do tempo (conte consigo)	<input type="text"/> <input type="text"/> pessoas
Número total de pessoas que vivem consigo e que têm menos de 16 anos	<input type="text"/> <input type="text"/> pessoas
A casa onde reside a maior parte do tempo quantos quartos de dormir tem?	<input type="text"/> <input type="text"/> quartos
A casa onde reside a maior parte do tempo quantas casas de banho tem?	<input type="text"/> <input type="text"/> casas de banho

- Situação profissional do pai e da mãe do respondente.


4. O seu PAI (ou o adulto do sexo masculino que vive consigo e que desempenha esse papel) tem emprego ou trabalho pago?

- ☐ Não vivo com o meu pai (nem com um adulto do sexo masculino que desempenhe esse papel)
☐ Tem um emprego estável
☐ Trabalha por conta própria de modo estável
☐ Às vezes tem emprego ou trabalho
☐ Não trabalha -----> Porquê?
- ☐ Porque prefere não trabalhar
☐ Porque tem uma doença crónica ou deficiência
☐ Ele gostaria de trabalhar, mas não arranja emprego
☐ Ele está reformado
☐ Não sei

5. A sua MÃE (ou o adulto do sexo feminino que vive consigo e que desempenha esse papel) tem emprego ou trabalho pago?

- ☐ Não vivo com a minha mãe (nem com um adulto do sexo feminino que desempenhe esse papel)
☐ Tem um emprego estável
☐ Trabalha por conta própria de modo estável
☐ Às vezes tem emprego ou trabalho
☐ Não trabalha -----> Porquê?
- ☐ Porque prefere não trabalhar
☐ Porque tem uma doença crónica ou deficiência
☐ Ela gostaria de trabalhar, mas não arranja emprego
☐ Ela está reformada
☐ Não sei

- Informações relativas a férias, no último ano.

6. No último ano, passou férias, com familiares ou sozinho, numa zona fora da sua área de residência sem vir dormir a casa durante alguns dias?			
<input type="radio"/>	Não	----->	(Avance para a Questão nº 7)
<input type="radio"/>	Sim	----->	Se respondeu SIM 

6.1. Passou esses dias:

☐ Em Portugal ☐ Fora de Portugal

6.2. Onde?

☐ Hotel/apartamento alugado ☐ Parque de campismo ☐ Casa de familiares ou amigos

☐ Outra. Qual? _____

5. Estrutura Familiar

Cada indivíduo deveria responder, a propósito do emprego do pai e da mãe, caso a situação se verificasse “não vivo com o/a meu/minha pai/mãe (nem com um adulto do sexo masculino/ feminino que desempenhe esse papel). A partir desta questão, foi possível aferir se os inquiridos viviam com ambos os pais, com apenas um deles ou com nenhum.

Na base de dados, fez-se corresponder “1” aos casos em que os indivíduos não vivem com o pai ou com a mãe, ou seja, não habitam com pelo menos um dos dois; e “2” para as situações em que vivem com ambos os progenitores.

No questionário:

4. O seu PAI (ou o adulto do sexo masculino que vive consigo e que desempenha esse papel) tem emprego ou trabalho pago?

- ☐ Não vivo com o meu pai (nem com um adulto do sexo masculino que desempenhe esse papel)

5. A sua MÃE (ou o adulto do sexo feminino que vive consigo e que desempenha esse papel) tem emprego ou trabalho pago?

- ☐ Não vivo com a minha mãe (nem com um adulto do sexo feminino que desempenhe esse papel)

6. Autocontrolo

Cada indivíduo deveria responder a um conjunto de 24 questões elaboradas a partir da medida atitudinal de autocontrolo elaborada em 1993 por Grasmick et al. Para cada um dos itens, o inquirido tinha quatro opções de resposta, podendo apenas assinalar uma: “1” – “concordo totalmente”, “2” – “concordo”, “3” – “discordo” e “4” – “concordo totalmente”. A valores mais elevados de resposta fazem-se corresponder valores mais elevados de autocontrolo, verificando-se isto para todos os vinte e quatro itens.

Na base de dados, para a construção da escala de autocontrolo (em que valores mais elevados correspondem a níveis individuais de autocontrolo, igualmente mais elevados) recorreu-se à seguinte Syntax:

*índiceAC_Grasmick=SUM(Ac1_I_calorMom,Ac2_I_preFuturo,Ac3_I_prazMom,Ac4_I_preocPres,Ac5_ST_evitAti
vddDif,Ac6_ST_compliDesis,c7_ST_fáceisMaisPraz,Ac8_ST_capaciddLimite,Ac9_RS_porProv_arrisc,Ac10_RS_c
orrRisc_divert,Ac11_RS_excit_coisaProbl,Ac12_RS_excitAven,Ac13_PA_prefAtivFis,Ac14_PA_melhMov,Ac15_P
A_sairEmVezLerPens,Ac16_PA_maisEeAtivv,Ac17_SC_pensarPrimEmMim,Ac18_SC_NComprOutrPrbl,Ac19_SC
_desagOut_ProblDeles,Ac20_SC_atingObj_ProblOutr,Ac21_T_perCabeça,Ac22_T_zangVont_asMag,Ac23_T_z
ngAfastMim,Ac24_T_disc_dificFalSobrIsso)/NVALID(Ac1_I_calorMom,Ac2_I_preFuturo,Ac3_I_prazMom,Ac4_I_
preocPres,Ac5_ST_evitAtivddDif,Ac6_ST_compliDesis,Ac7_ST_fáceisMaisPraz,Ac8_ST_capaciddLimite,Ac9_RS_
porProv_arrisc,Ac10_RS_corrRisc_divert,Ac11_RS_excit_coisaProbl,Ac12_RS_excitAven,Ac13_PA_prefAtivFis,A*

c14_PA_melhMov,Ac15_PA_sairEmVezLerPens,Ac16_PA_maisEeAtivv,Ac17_SC_pensarPrimEmMim,Ac18_SC_NComprOutrPrbl,Ac19_SC_desagOut_ProblDeles,Ac20_SC_atingObj_ProblOutr,Ac21_T_perCabeça,Ac22_T_zangVont_asMag,Ac23_T_zangAfastMim,Ac24_T_disc_dificFalSobrIsso).

Cuja elaboração constou do seguinte:

A criação da escala de autocontrolo fez-se com recurso aos 24 itens presentes no questionário que, com base em Grasmick et al. (1993) remetem para a aferição atitudinal dos níveis individuais de autocontrolo. A soma de todos os itens e a divisão pelos mesmos itens foi possível pelo facto de todos eles possuírem a mesma escala de resposta, isto é, de quatro pontos.

No questionário:

50. Em que medida concorda ou discorda das seguintes afirmações.
Por favor, responda a todas as questões

	Concordo Totalmente	Concordo	Discordo	Discordo totalmente
Muitas vezes faço coisas no calor do momento sem parar para pensar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Não me esforço muito a preparar o futuro, nem penso muito nisso	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Costumo fazer aquilo que me dá prazer no momento, mesmo se isso prejudicar um objetivo futuro	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Estou mais preocupado com o que se passa comigo no presente do que com o que me possa acontecer no futuro	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Geralmente procuro evitar atividades que eu sei que serão difíceis	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Quando as coisas se complicam, costumo desistir e afastar-me	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Na vida, as coisas que são mais fáceis são aquelas que me dão mais prazer	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Não gosto de tarefas tão difíceis que levem as minhas capacidades até ao limite	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
De vez em quando, gosto de me pôr à prova fazendo coisas um pouco arriscadas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Por vezes corro riscos só pelo divertimento que dão	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Por vezes, acho excitante fazer coisas que me podem causar problemas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Excitação e aventura são mais importantes para mim do que me sentir seguro	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Se eu pudesse escolher, preferia geralmente fazer atividades físicas do que atividades mentais	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Geralmente sinto-me melhor quando estou em movimento do que quando estou sentado e a pensar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

	Concordo Totalmente	Concordo	Discordo	Discordo totalmente
Gosto mais de sair e de fazer coisas do que de ler e pensar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Eu sinto que tenho mais energia e mais necessidade de actividade do que a maioria das pessoas da minha idade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Eu tento pensar primeiro em mim, mesmo se isso tornar as coisas mais difíceis para os outros	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Eu não sou muito compreensivo com as pessoas quando elas estão com problemas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Se o que eu faço desagrada às outras pessoas, o problema é delas e não meu	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Procurarei atingir os meus objetivos mesmo que possa causar problemas aos outros	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
"Perco a cabeça" com muita facilidade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Muitas vezes, quando me zango com as pessoas, sinto que tenho mais vontade de as magoar do que de falar com elas sobre o assunto	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Quando estou mesmo zangado é melhor que as pessoas se afastem de mim	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Quando discordo seriamente de alguém, é geralmente difícil para mim falar calmamente sobre isso sem me aborrecer	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Para além desta medida global de autocontrolo, procedeu-se à criação de índices relacionados com cada uma das seis dimensões apontadas pelos autores como as dimensões que caracterizam os níveis individuais de autocontrolo, sendo o procedimento para cada uma delas exatamente o mesmo do que o que foi seguido para a medida compósita. A única diferença residiu nos itens seleccionados:

1.1. Impulsividade

Syntax: índiceAC_imp = SUM(Ac1_I_calorMom, Ac2_I_preFuturo, Ac3_I_prazMom, Ac4_I_preocPres) / NVALID(Ac1_I_calorMom, Ac2_I_preFuturo, Ac3_I_prazMom, Ac4_I_preocPres).

No questionário:

Muitas vezes faço coisas no calor do momento sem parar para pensar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Não me esforço muito a preparar o futuro, nem penso muito nisso	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Costumo fazer aquilo que me dá prazer no momento, mesmo se isso prejudicar um objetivo futuro	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Estou mais preocupado com o que se passa comigo no presente do que com o que me possa acontecer no futuro	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

1.2. Atividades simples

Syntax: índiceAC_quesSim = SUM(Ac5_ST_evitAtivddDif, Ac6_ST_compliDesis, Ac7_ST_fáceisMaisPraz, Ac8_ST_capaciddLimite) / NVALID(Ac5_ST_evitAtivddDif, Ac6_ST_compliDesis, Ac7_ST_fáceisMaisPraz, Ac8_ST_capaciddLimite).

No questionário:

Geralmente procuro evitar atividades que eu sei que serão difíceis	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Quando as coisas se complicam, costumo desistir e afastar-me	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Na vida, as coisas que são mais fáceis são aquelas que me dão mais prazer	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Não gosto de tarefas tão difíceis que levem as minhas capacidades até ao limite	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

1.3. Procura de risco

Syntax: $\text{índiceAC_riskSeek} = \text{SUM}(\text{Ac9_RS_porProv_arrisc}, \text{Ac10_RS_corrRisc_divert}, \text{Ac11_RS_excit_coisaP}, \text{Ac12_RS_excitAven}) / \text{NVALID}(\text{Ac9_RS_porProv_arrisc}, \text{Ac10_RS_corrRisc_divert}, \text{Ac11_RS_excit_coisaP}, \text{Ac12_RS_excitAven})$.

No questionário:

De vez em quando, gosto de me pôr à prova fazendo coisas um pouco arriscadas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Por vezes corro riscos só pelo divertimento que dão	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Por vezes, acho excitante fazer coisas que me podem causar problemas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Excitação e aventura são mais importantes para mim do que me sentir seguro	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

1.4. Atividades físicas

Syntax: $\text{índiceAC_atividFisi} = \text{SUM}(\text{Ac13_PA_prefAtivFis}, \text{Ac14_PA_melhMov}, \text{Ac15_PA_sairEmVezLerPens}, \text{Ac16_PA_maisEeAtivv}) / \text{NVALID}(\text{Ac13_PA_prefAtivFis}, \text{Ac14_PA_melhMov}, \text{Ac15_PA_sairEmVezLerPens}, \text{Ac16_PA_maisEeAtivv})$.

No questionário:

Se eu pudesse escolher, preferia geralmente fazer atividades físicas do que atividades mentais	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Geralmente sinto-me melhor quando estou em movimento do que quando estou sentado e a pensar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Gosto mais de sair e de fazer coisas do que de ler e pensar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Eu sinto que tenho mais energia e mais necessidade de actividade do que a maioria das pessoas da minha idade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

1.5. Autocentração

Syntax: $\text{índiceAC_autoCentr} = \text{SUM}(\text{Ac17_SC_pensarPrimEmMim}, \text{Ac18_SC_NComprOutrPrbl}, \text{Ac19_SC_desagOut_ProblDeles}, \text{Ac20_SC_atingObj_ProblOutr}) / \text{NVALID}(\text{Ac17_SC_pensarPrimEmMim}, \text{Ac18_SC_NComprOutrPrbl}, \text{Ac19_SC_desagOut_ProblDeles}, \text{Ac20_SC_atingObj_ProblOutr})$.

No questionário:

Eu tento pensar primeiro em mim, mesmo se isso tornar as coisas mais difíceis para os outros	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Eu não sou muito compreensivo com as pessoas quando elas estão com problemas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Se o que eu faço desagrada às outras pessoas, o problema é delas e não meu	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Procurarei atingir os meus objetivos mesmo que possa causar problemas aos outros	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

1.6. Temperamento

Syntax: índiceAC_temper=SUM(Ac21_T_perCabeça,Ac22_T_zangVont_asMag,Ac23_T_zangAfastMim,Ac24_T_disc_dificFalSobrIsso)/NVALID(Ac21_T_perCabeça,Ac22_T_zangVont_asMag,Ac23_T_zangAfastMim,Ac24_T_disc_dificFalSobrIsso).

No questionário:

"Perco a cabeça" com muita facilidade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Muitas vezes, quando me zango com as pessoas, sinto que tenho mais vontade de as magoar do que de falar com elas sobre o assunto	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Quando estou mesmo zangado é melhor que as pessoas se afastem de mim	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Quando discordo seriamente de alguém, é geralmente difícil para mim falar calmamente sobre isso sem me aborrecer	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

7.Moralidade

Cada indivíduo deveria responder a um conjunto de 13 itens correspondentes a duas subescalas adaptadas de um questionário de Wikström et al. (2010). A primeira remete para a noção de regras morais e é constituída por 7 itens em que se procura perceber em que medida o indivíduo considera grave a prática de determinados comportamentos, tendo neste sentido como opção de resposta: “1” – “nada grave”, “2” – “pouco grave”, “3” – “grave”, “4” – “muito grave”). A segunda subescala incide sobre a noção de vergonha, questionando os indivíduos sobre se sentiriam vergonha, perante os pais, amigos e professores, por praticar determinados atos. A escala de resposta é de três pontos (“1” – “não, nenhuma vergonha”, “2” – “sim, um pouco de vergonha”, “3” – “sim, muita vergonha”).

Na base de dados, para a construção da escala de moralidade (em que valores mais elevados correspondem a níveis individuais de moralidade igualmente mais elevados) recorreu-se à seguinte *Syntax*:

Índice_Moral_Zs=SUM(índiceVergonha_Zs,índiceR_morais_Zs)/NVALID(índiceVergonha_Zs, índiceR_morais_Zs)

Criado a partir de um índice que agrega os itens das regras morais:

índiceR_morais_Zs=SUM(ZMor_faltAuls,ZMor_rudeEspaçPúbl,Mor_batMagoFerir,ZMor_mentDesobRspmal,ZMor_forçAmeaç_obtDinh,ZMor_consErvMarijHaxix,ZMor_VendDro_IntDrog)/NVALID(ZMor_faltAuls,ZMor_rudeEspaçPúbl,Mor_batMagoFerir,ZMor_mentDesobRspmal,ZMor_forçAmeaç_obtDinh,ZMor_consErvMarijHaxix,ZMor_VendDro_IntDrog).

E de um outro índice que agrega os itens de vergonha:

índiceVergonha_Zs=SUM(ZVerg_tirar_superm_pais,ZVerg_arromb_carro_pais,ZVerg_tirar_superm_amigos,ZVerg_arromb_carro_amigos,ZVerg_tirar_superm_profs,ZVerg_arromb_carro_profs)/NVALID(ZVerg_tirar_superm_pais,ZVerg_arromb_carro_pais,ZVerg_tirar_superm_amigos,ZVerg_arromb_carro_amigos,ZVerg_tirar_superm_profs,ZVerg_arromb_carro_profs).

Na base de dados a construção do índice de moralidade foi feita a partir dos *z scores* dos itens das duas subescalas. Isto, porque uma vez que apresentam diferentes níveis de resposta, procurou-se garantir que não haveria nenhuma das variáveis a contribuir mais do que qualquer outra para o índice devido a essa questão.

No questionário:

- Itens relacionados com “vergonha”

35. Diga em que medida sentiria vergonha nas seguintes situações. Por favor, responda a todas as questões

	Não, nenhuma vergonha	Sim, um pouco de vergonha	Sim, muita vergonha
Se fosse apanhado a tirar alguma coisa sem pagar de um estabelecimento comercial (loja, supermercado...), sentiria vergonha se <u>os seus pais</u> ficassem a saber?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Se fosse apanhado a tentar arrombar um carro, sentiria vergonha se <u>os seus pais</u> ficassem a saber?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

39. Diga em que medida sentiria vergonha nas seguintes situações. Por favor, responda a todas as questões

	Não, nenhuma vergonha	Sim, um pouco de vergonha	Sim, muita vergonha
Se fosse apanhado a tirar alguma coisa sem pagar de um estabelecimento comercial (loja, supermercado...), sentiria vergonha se <u>os seus amigos</u> ficassem a saber?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Se fosse apanhado a tentar arrombar um carro, sentiria vergonha se <u>os seus amigos</u> ficassem a saber?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

41. Diga em que medida sentiria vergonha nas seguintes situações. Por favor, responda a todas as questões

	Não, nenhuma vergonha	Sim, um pouco de vergonha	Sim, muita vergonha
Se fosse apanhado a tirar alguma coisa sem pagar de um estabelecimento comercial (loja, supermercado...), sentiria vergonha se <u>os seus professores</u> ficassem a saber?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Se fosse apanhado a tentar arrombar um carro, sentiria vergonha se <u>os seus professores</u> ficassem a saber?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

- Itens relacionados com regras morais

51. Esta é uma lista de comportamentos que por vezes as pessoas têm. Qual é para si o grau de gravidade de cada uma destas ações? Por favor, responda a todas as questões

	Nada grave	Pouco grave	Grave	Muito grave
Faltar às aulas sem motivo sério que o justifique	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Ser rude num espaço público, de tal modo que as pessoas se queixam ou de modo a arranjar problemas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Bater em alguém com a intenção de magoar ou ferir	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Mentir, desobedecer ou responder mal a pessoas adultas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Usar da força, ameaçar ou usar uma arma para obter dinheiro ou outra coisa de alguém	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Consumir erva, marijuana ou haxixe	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Vender drogas ou ser intermediário na venda de drogas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

8.Comportamento desviante

Cada indivíduo deveria responder a cinco questões sobre a prática ou não de um determinado conjunto de comportamentos desviantes, assinalando para isso “sim” ou “não”. E se sim, quantas vezes. Tudo isto tendo por referência os doze meses anteriores à data do preenchimento do questionário. Para este estudo utilizaram-se apenas os dados correspondentes à prevalência dos comportamentos, isto é, se o indivíduo teria ou não praticado um dado comportamento no último ano.

Na base de dados, a construção de uma medida compósita de comportamento desviante teve como base a seguinte *Syntax*:

$índiceComDesv = SUM(KAR_troça_nomes_boat, KAR_ameaç_bater, KAR_tirou_s_consent, KAR_bateu, KAR_partic_briga) / NVALID(KAR_troça_nomes_boat, KAR_ameaç_bater, KAR_tirou_s_consent, KAR_bateu, KAR_partic_briga)$.

Cuja elaboração constou da recolha dos níveis de prevalência dos indivíduos (“sim”, “não”) relativamente aos cinco comportamentos elencados no questionário.

No questionário:

45. Nos últimos 12 meses, teve algum dos seguintes comportamentos na escola, sozinho ou com os seus amigos? Por favor, responda a todas as questões			
Fez troça de alguém, chamou-lhe nomes ou espalhou boatos desagradáveis sobre essa pessoa?	<input type="radio"/> Não	<input type="radio"/> Sim,	<input type="text"/> <input type="text"/> vezes
Ameaçou bater ou magoar alguém	<input type="radio"/> Não	<input type="radio"/> Sim,	<input type="text"/> <input type="text"/> vezes
Tirou alguma coisa a alguém sem o seu consentimento?	<input type="radio"/> Não	<input type="radio"/> Sim,	<input type="text"/> <input type="text"/> vezes
Bateu, deu pontapés ou socos em alguém propositadamente	<input type="radio"/> Não	<input type="radio"/> Sim,	<input type="text"/> <input type="text"/> vezes
Participou numa briga/luta em grupo na escola?	<input type="radio"/> Não	<input type="radio"/> Sim,	<input type="text"/> <input type="text"/> vezes

Anexo 6

Guião da entrevista

Costumo fazer aquilo que me dá prazer no momento, mesmo se isso prejudicar um objetivo futuro		
Em discurso livre	- Para ti, o que é que se quer dizer com esta frase?	
Conceitos	- O que significa para ti	- “Fazer o que dá prazer no momento”? - Então, “prazer” significa o quê? - E o que significa um “objetivo futuro”? E “prejudicar um objetivo futuro”, significa o quê?
Situação	- Já estiveste em alguma situação deste género? <div style="display: flex; justify-content: flex-end; align-items: center;"> <div style="margin-right: 10px;">Não</div> <div style="margin-right: 10px;">Sim</div> </div>	- Queres-me dizer porquê? - Queres-me contar? - O que é que aconteceu? - Porquê que fizeste isso? - Porque reagiste assim? - O que levou a essa situação? - Onde/contexto? - Com quem? - Consequências disso? Porquê? - o que sentiste?
Outras situações	Se sim: - Há outras situações? - Consegues pensar noutras situações em que costumes fazer o que te dá prazer no momento, mesmo se isso te prejudicar um objetivo futuro? Se não: - Alguma vez tiveste conhecimento de uma situação deste género em que alguém tivesse feito isto?	- Fazes isso? - Porquê?
O que pensa	- Das pessoas	- Que fazem o que lhes dá prazer no momento, mesmo que isso prejudique um objetivo futuro? - Que não fazem o que lhes dá prazer no momento?
Outros	- Como é que os outros reagem quando fazes isto?/ Reagiriam se fizesses isto?	- Pais - Amigos/ pares - Professores - Outros adultos que tu achas que se importem quando fazes isso; quem são?
Muitas vezes faço coisas no calor do momento sem parar para pensar		
Em discurso livre	- Para ti, o que é que se quer dizer com esta frase?	
Conceitos	- O que significa para ti	- “Fazer coisas no calor do momento”? - “Parar para pensar”? - E “fazer coisas no calor do momento sem parar para pensar”?
Situação	- Já estiveste em alguma situação deste género? <div style="display: flex; justify-content: flex-end; align-items: center;"> <div style="margin-right: 10px;">Não</div> <div style="margin-right: 10px;">Sim</div> </div>	- Queres-me dizer porquê? - Queres-me contar? - O que é que aconteceu? - Porquê que fizeste isso? - Porque reagiste assim? - O que levou a essa situação? - Onde/contexto?

		<ul style="list-style-type: none"> - Com quem? - Consequências disso? Porquê? - o que sentiste?
Outras situações	<p>Se sim:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Há outras situações? - Consegues pensar noutras situações em que te apeteça fazer as coisas no calor do momento sem parar para pensar? <p>Se não:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Alguma vez tiveste conhecimento de uma situação deste género em que alguém tivesse feito isto? 	<ul style="list-style-type: none"> - Fazes isso? - Porquê?
O que pensa	<ul style="list-style-type: none"> - Das pessoas 	<ul style="list-style-type: none"> - Que fazem as coisas no calor do momento sem parar para pensar? - Que fazem as coisas no calor do momento?
Outros	<ul style="list-style-type: none"> - Como é que os outros reagem quando fazes isto?/ Reagiriam se fizesses isto? 	<ul style="list-style-type: none"> - Pais - Amigos/ pares - Professores - Outros adultos que tu achas que se importem quando fazes isso; quem são?
De vez em quando gosto de me pôr à prova fazendo coisas um pouco arriscadas		
Em discurso livre	<ul style="list-style-type: none"> - Para ti, o que é que se quer dizer com esta frase? 	
Conceitos	<ul style="list-style-type: none"> - O que significa para ti 	<ul style="list-style-type: none"> - “Pôr-se à prova”? - “Fazer coisas um pouco arriscadas”?
Situação	<p>- Já estiveste em alguma situação deste género?</p> <p>Não</p> <p>Sim</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Queres-me dizer porquê? - Queres-me contar? - O que é que aconteceu? - Porquê que fizeste isso? - Porque reagiste assim? - O que levou a essa situação? - Onde/contexto? - Com quem? - Consequências disso? Porquê? - o que sentiste?
Outras situações	<p>Se sim:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Há outras situações? - Consegues pensar noutras situações em que te apeteça pôr à prova fazendo coisas arriscadas? <p>Se não:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Alguma vez tiveste conhecimento de uma situação deste género em que alguém tivesse feito isto? 	<ul style="list-style-type: none"> - Fazes isso? - Porquê?
O que pensa	<ul style="list-style-type: none"> - Das pessoas 	<ul style="list-style-type: none"> - que gostam de se pôr à prova? - que não gostam de se pôr à prova?
Outros	<ul style="list-style-type: none"> - Como é que os outros reagem quando fazes isto?/ Reagiriam se fizesses isto? 	<ul style="list-style-type: none"> - Pais - Amigos/ pares - Professores - Outros adultos que tu achas que se importem quando fazes isso; quem são?
Por vezes corro riscos só pelo divertimento que me dão		
Em discurso livre	<ul style="list-style-type: none"> - Para ti, o que é que se quer dizer com esta frase? 	
Conceitos	<ul style="list-style-type: none"> - O que significa para ti 	<ul style="list-style-type: none"> - “Correr riscos”? - “Divertimento”? O que significa para ti dizer-se que algo é divertido?
Situação	<p>- Já estiveste em alguma situação deste género?</p> <p>Não</p> <p>Sim</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Queres-me dizer porquê? - Queres-me contar? - O que é que aconteceu?

		<ul style="list-style-type: none"> - Porquê que fizeste isso? - Porque reagiste assim? - O que levou a essa situação? - Onde/contexto? - Com quem? - Consequências disso? Porquê? - o que sentiste?
Outras situações	<p>Se sim:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Há outras situações? - Consegues pensar noutras situações em que te apeteça correr riscos só pelo divertimento que isso dá? <p>Se não:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Alguma vez tiveste conhecimento de uma situação deste género em que alguém tivesse feito isto? 	<ul style="list-style-type: none"> - Fazes isso? - Porquê?
O que pensa	<ul style="list-style-type: none"> - Das pessoas 	<ul style="list-style-type: none"> - Que correm riscos só pelo divertimento que isso lhes dá? - Que não gostam de correr riscos só pelo divertimento que isso lhes dá?
Outros	<ul style="list-style-type: none"> - Como é que os outros reagem quando fazes isto?/ Reagiriam se fizesses isto? 	<ul style="list-style-type: none"> - Pais - Amigos/ pares - Professores - Outros adultos que tu achas que se importem quando fazes isso; quem são?

Anexo 7

Grelha de análise dos dados qualitativos - primeira

Estas grelhas foram construídas a partir das transcrições das entrevistas realizadas junto da amostra, retirando destas as informações obtidas junto de cada entrevistado para cada um dos seguintes itens:

1. Costumo fazer aquilo que me dá prazer no momento mesmo se isso me prejudicar um objetivo futuro

- A compreensão do item e dos conceitos

Costumo fazer aquilo que me dá prazer no momento, mesmo se isso me prejudicar um objetivo futuro				
E		Discurso livre	Conceitos	
		O que te veio à cabeça quando leste isto?	“Prazer no momento”	“Objetivo futuro”
	D	3ª “ Ah... por exemplo, outra vez a questão de...de...de faltarmos às aulas porque nós queremos faltar às aulas pra imos sei lá, a um sitio qualquer com os nossos amigos... se nós faltarmos muitas vezes podemos reprovar e ao reprovarmos perdemos um ano e se nós fizermos isto constantemente podemos reprovar outra vez e eu acho que isso pode prejudicar o nosso futuro e os objetivos, porquê? Porque pronto, nós temos que estudar, não é...para...é assim o futuro eu vejo...como é que eu vejo o meu futuro? O meu futuro eu vejo com um curso tirado.. para tirar o curso é preciso fazer todos os anos, não é? E se nós reprovamos 2 ou 3 anos ou assim...eu acho que nós vamo-nos ficando um bocado desligados dos estudos e isso pode-nos prejudicar no futuro...” faltar às aulas, consequências no futuro, prejudicar o futuro	“ Que nos apetece fazer no momento...apetece-me sei lá...apetece-me ir com os meus amigos ao cinema...eu quero...tá-me a apetecer...não quero nada ir para as aulas ouvir uma aula chata...eu quero ir para ali, portanto eu vou no momento, não quero saber das outras coisas.” No final referiu: “ Ok. Queres acrescentar mais alguma coisa a esta? Não. Quer dizer, eu acho que nós <u>não devemos fazer aquilo que nos dá prazer no momento porque podemos ter consequências muito negativas</u> . Podem até prejudicar um futuro mais próximo ou um futuro, pronto, mais... o nosso futuro.”	“ Um objetivo futuro é um <u>objetivo que nós temos planeado</u> ...que nós temos planeado para o nosso futuro... muitas vezes isso vai-se alterando de anos para anos e até muitas vezes, pronto, não conseguimos atingir o objetivo pro futuro... Então, aquilo que me dá prazer no momento, pode-me influenciar relativamente aos meus objetivos futuros? Exatamente.” “ É assim, um objetivo futuro também pode ser...não quer obrigatoriamente, não tem obrigatoriamente que ser no futuro, pode ser também, por exemplo..hum...eu falto às aulas e, sei lá, os meus pais depois de eu faltar às aulas, chateiam-se connosco. Não tem que ser obrigatoriamente futuro do que nós queremos...”
2 F 1010	D	1ª “ Ah... eu normalmente quando faço alguma coisa que penso que me possa dar, neste caso, possa dar algum prazer ou algum gosto de a fazer, penso sempre normalmente, penso sempre se aquilo me poderá trazer consequências. Trazer consequências Neste caso, consequências para um objetivo futuro. Basicamente, por exemplo, com a escola, eu às vezes há coisas que não me dão tanto prazer fazer, mas que... escola Mas faço-as porque também sempre a pensar pronto, se conseguir fazer, depois consigo tirar uma boa nota. Mas aqui, sim, por exemplo, fazer algum desporto, ah... desporto Gosto daquilo que faço, dá-me prazer, às vezes pode prejudicar o meu futuro, <u>mas naquele momento quero é pensar em fazer no presente não vou estar a pensar no futuro.</u> ” Pensar no presente	“ E... Pra mim prazer do momento, talvez <u>é uma coisa que eu gosto de fazer, mas sem riscos que me possam prejudicar a mim e aos outros</u> , neste caso, só a mim. Ok. Então são coisas que tu gostas de fazer, mas ao mesmo tempo que não te prejudique, é isso que te dá prazer? Sim, dentro de... Sim, naquele momento se calhar não costumo fazer coisas que sejam muito arriscadas para mim. E se estiver com pessoas de quem goste, os meus amigos, ou mesmo que não goste, mas que não conheça ou que conheça mas não me dou tão bem, ah... Não vou arriscar talvez a minha segurança, a minha e a dos outros.” Acrescentado na descrição de um exemplo: “ Há pessoas que acho que são capazes de pensar naquilo que fazem, mas como só estão a pensar naquele momento, no presente, não estão a pensar no futuro, arriscam. Há pessoas que ainda ficam com o pé, com o pé atrás, mas não... Pensam no momento mas depois passa.”	“ São <u>objetivos que eu quero atingir</u> , por exemplo, uma profissão que eu quero seguir, algumas prefiro que não... <u>Quero ir sempre pelo caminho que seja seguro, não que tenha que me arriscar para conseguir atingir esse objetivo.</u> ”
3 1006	C	1ª “ Pensei que era para dizer as asneiras que pensamos que não é asneiras, mas depois reparamos que é asneiras.”	“ - - Que <u>achamos que está certo em cada momento</u> . E o que é dar prazer no momento? <u>Gostar de fazer.</u> Gostar de fazer alguma coisa no aqui e agora, aqui neste momento, é isso? Mas dar prazer o que é que... O que é uma coisa que te dá prazer, por exemplo? Eu gosto de <u>comer chocolate</u> . Mas sei que se comer muito chocolate, depois engordo. Então, deu-me prazer comer o chocolate no momento,... Pois... Mas depois vou ficar mais... <u>vou engordar.</u> ”	“ <u>É uma coisa que eu tenho de esforçar para fazer.</u> ”
4 1015	C	1ª “ Ahmm... Não sei. Às vezes faço coisas que me divirto, mas claro que penso um bocado sobre o que me vai acontecer a seguir, as consequências. Pensar nas consequências Mas se aquilo, pronto, se gostar de fazer aquilo, se me divertir, às vezes penso mais nisso	“ Não sei, por exemplo, ahm... há pouco tempo eu <u>bebi red bull, seu sei que isso faz mal, mas eu gosto</u> . Então pronto, <u>é prazer no momento porque gostei daquilo...</u> É uma coisa que se faz na altura e gosta-se é isso? Sim.”	“ Ahm... não sei. Talvez mostrem <u>alguma coisa que nós tenhamos em mente pra fazer no futuro</u> e que... alguma coisa que nós possamos fazer que nos vem estragar isso.”

		do que no que pode acontecer depois.” pensar no presente		
--	--	-----------------------------------------------------------------	--	--

• A situação

E	Situação						
	S/N	Exemplo	Sozinha, acompanhada?	Consequência	Porquê que fazes isso	O que sentes	Como reagiste
1 F 1003	S	“Acho que sim...por exemplo, ainda me lembro um dia no 5º ano faltei a uma aula de português e eu na altura não era assim...é assim, eu precisava daquela aula porque era a preparação para o teste e eu faltei, pronto, fui com os meus amigos...fomos dar um passeio, não quisemos saber da aula de português. Ah...na altura eu até nem gostava muito de português e o que é que aconteceu? Ah...prejudicou um objetivo do futuro. Por exemplo, eu tive uma <u>má nota</u> naquele teste porque não estive na...” faltar à aula	“fui com os meus amigos...”	“Uma <u>nota mais baixa</u> no teste, costumava tirar.”	“Eu acho que na altura eu não quis saber muito disso...eu na altura eu só tava preocupada no momento e em <u>gozar o momento</u> .”	“É assim. Quando recebi o teste, eu senti o quê? Como é natural, eu percebi que o que tinha feito, não tinha sido correto e que mais valia eu ter estado numa aula e chata e depois no teste eu ia “ter uma recompensa, uma boa nota.”	
	Outra	“Imaginemos que... que tamos num emprego e temos uma discussão com o chefe e nós...dá-nos prazer em dizer o que sentimos naquele momento... Dizer na cara, só que por vezes ao dizermos isso, podemos estar a pôr em risco o nosso emprego e daí podemos ser despedidos.”					
2 F 1010	N						
	Outra	“Sim, por exemplo, já vi a... Já vi um colega meu mais velho mas que eu conheço que é irmão de um amigo meu, que... <u>A fumar</u> mas só porque no momento lhe estava a dar prazer, fumou mas e... <u>Não pensou que talvez aquilo lhe possa trazer alguma consequência</u> .”	“Não, tava com pessoas... Com amigos...”		“Se calhar, por ser a pessoa que é, se calhar estava a fazer aquilo talvez po... Como era a primeira vez, vou experimentar, vou ver se é. Mas em <u>muitos casos e talvez naquele mais específico só porque os outros fazem, só por parecer bem</u> , para não parecer “ah, ele faz e porquê que eu não hei-de fazer?”. Vai. <u>Segue muito o que os outros fazem e não pensa muito por ele próprio</u> . Porque é isso que muitos adolescentes costumam julgar, “ah, não fazes, és um medricas, tens medo, tens medo de ser apanhado”.”		
3 1006	S	“Comer muitos chocolates. Uma vez por semana ou duas.”	“Hummm... como kinders <u>sozinha mas estou com as minhas amigas</u> .”	“ <u>Engordar</u> .”	“Porque gosto de comer kinders (risos). Porque <u>são bons</u> .”	“ <u>Vou ter que correr mais nos treinos</u> (risos).”	
	Outra	“Quando.... Não estudam pros testes, vão ter más notas nos testes.”			“Tão a ver televisão e essas coisas em vez de estudar.”		
4 1015	S	“Ahm. Sim. Ahm, uma vez <u>tinha uma prova de natação e antes da prova, eu... pediram-me... sei lá, convidaram-me para eu ir fazer umas corridas com eles pra ver só quem é que ganhava</u> . Eu fiz e depois <u>quando cheguei à prova estava muito mais cansada do que deveria estar</u> .”	“ <u>Fizeste isso com amigos, foi?</u> Foi.”	“ <u>E que consequências é que vieram daí? Foi o não teres tido uma prova tão boa?</u> Sim.”	“Porque também me <u>agradava a ideia de saber se ia ganhar ou não nessa corrida</u> .”	“ <u>No início pensei</u> um bocado “olha, se calhar eu depois não vou dar o meu máximo na prova de natação”, mas <u>depois</u>	“Depois deixei e fiz a corrida e quando acabei, pronto, ia sentir as consequências.”

						pensei, “oh, paciência, há tantas provas”.	
	Outra	“Humm... relacionado com a escola, por exemplo, um teste, temos a ter uma média muito boa de testes e se calhar <u>não estudar num dia ou numa matéria que precisemos só pra ir fazer uma coisa que nos dá prazer</u> e depois se calhar já não se consegue atingir o objetivo de ter umas notas tão boas.”					

• O outro

E		O que pensas daquelas pessoas que			Reação dos outros		
		Fazem as coisas pelo prazer que isso lhes dá no momento, mesmo se isso lhes prejudicar um objetivo futuro?	Não fazem as coisas pelo prazer que isso lhes dá no momento se isso lhes prejudicar um objetivo futuro?	Ficas do lado de quem?	Pais	Amigos	Professores
1 F 1003	S	“ Eu acho que essas pessoas <u>deviam pensar nas consequências</u> , mais uma vez...eu acho que elas também deviam pensar que se nós não fizermos isso e se nós fizermos um esforço para fazer as coisas melhor, talvez seremos recompensados ou não seremos afetados.”	“ Pois, é assim, eu acho que essas pessoas <u>podem ser beneficiadas ou não afetadas</u> mas também vão...está certo elas não fazerem isso, mas também elas vão criando assim... <u>não vão tendo, não saber o que é o prazer do momento e não vão saber o que é o divertimento, o que é fazer ...</u> Então tu achas que fazer coisas no prazer do momento também dá algum divertimento? Sim, sim, acho que sim, mas depois eu acho que <u>traz consequências</u> , por isso...quer dizer eu acho que essas pessoas até fazem as coisas certas, as pessoas que nunca fazem”	“ Eu fico no <u>intermédio, mas mais virada para o lado das pessoas que não fazem.</u> ”	“Ficam <u>zangados</u> , ficam <u>tristes</u> , ficam <u>enervados</u> . Ah... chamam à atenção dos filhos para não fazerem essas coisas, ah...”	“ Os amigos? Ah, os amigos eu acho que mais uma vez, <u>eles incentivam a fazerem mais uma vez</u> e...e como também eles fizeram... Ou não. <u>Mas também pode haver aqueles amigos que...que digam e que repreendam o amigo para não fazer mais</u> . Mas, mais uma vez eu acho que esses amigos... nós não <u>queremos saber o que eles dizem</u> , “oh, tá-me aqui a dizer isto...não quero saber nada disto”. ”	“ Eu acho que eles ficam <u>chateados, zangados e se for na escola talvez nos apliquem um castigo...</u> ”
2 F 1010	N	“ Eu não penso ter muita opinião sobre isso porque há muitos casos. Há casos e casos e <u>há situações que eu talvez possa não compreender e por isso dizer que não concordo, mas a pessoa que está a fazer pode estar a fazer aquilo por algum motivo, alguma razão que eu não compreendo</u> . Nem eu, nem ninguém. Se calhar só essa pessoa é que consegue compreender.”			“ Acho que se há coisa que eles <u>não iriam fazer, era julgar</u> . Eles iam tentar falar comigo, perguntar porquê que eu fiz e a coisa principal que eles me iam <u>perguntar</u> era se eu tinha pensado pela minha própria cabeça, <u>se eu tinha pensado por mim ou se tinha feito por causa dos outros, se eu tinha feito só porque os outros fizeram.</u> ”	“Depende também... Essas são perguntas muito... Complicadas. Não sei, talvez haja pessoas que <u>possam julgar</u> , possam “oh, não devias ter feito isso”, mas também há pessoa, professores que talvez vinham falar comigo “porquê que fizeste isso”, “ <u>não sabes que isso faz mal ou que não devias ter feito isso porque podes pôr-te a ti em perigo</u> ”. ”	“ Honestamente, ah... Acho que os professores <u>julgam um bocadinho</u> , mas também não era uma coisa que a mim me fosse... Fosse mudar a minha opinião, porque um professor pensa ou deixa de pensar daquela maneira. <u>Respeito, posso concordar ou discordar, mas não é por ele achar que faz mal, que faço bem que vou deixar de fazer o que gosto ou o que eu quero fazer</u> . Porque os nossos pais tentam-nos compreender e há professores que julgam como... Como nós às vezes não concordamos com as ideias deles... Podem não nos estar a julgar num mau sentido ou numa coisa má, mas... Não... Há professores que não... Parece que não gostam de dar aulas e que depois nos <u>julgam</u> , ou seja, se nós nos

							portamos mal com eles ou falarmos mal com eles, a partir do momento (não se percebe o que diz, uma ou duas palavras)."
3 1006	S	"Depende da gravidade... Eu comer um chocolate tem um grau menor porque depois posso correr nos treinos... Mas se não estudar para os testes, tenho más notas. assim tem um grau muito maior."	"São pessoas com uma personalidade forte. Porque aguentam-se."	Das que não fazem as coisas pelo prazer que isso lhes dá no momento	"Humm... - - dizem que se eu não tirar boas notas, não vejo televisão."	"Eles já sabem como é que eu sou... Como é que tu és então? Um bocado preguiçosa."	"- - - Não sei..."
4 1015	S	"Bem... talvez que essas pessoas sejam <u>um bocado despreocupadas e que não pensem muito nas consequências</u> . Eu penso às vezes, só faço isto de fez em quando."	"Por exemplo, quando se relaciona com a <u>escola e com os estudos. acho que essas pessoas nem têm vida própria. passam o tempo todo a pensar nas consequências e nas notas que vão ter e isso tudo e às vezes esquecem o divertimento.</u> "	" E então tu ficas mais do lado de qual? daquelas que fazem as coisas no calor do momento... Mas também penso nas consequências."	"Depende, se for relacionado com a <u>escola</u> , claro tenho que me iam <u>repreender</u> ; também se não <u>fosse</u> uma coisa assim tão grave, diziam-me para eu não voltar a fazer, <u>mas não me davam grande sermão.</u> "	"Os meus amigos quase de certeza que me <u>apoavam</u> pra eu fazer as coisas que me davam prazer."	"Acho que da mesma maneira que os pais." Igual aos pais

2. Muitas vezes faço coisas no calor do momento sem parar para pensar

- compreensão do item e dos conceitos

Costumo fazer aquilo que me dá prazer no momento, mesmo se isso me prejudicar um objetivo futuro				
E		Discurso livre O que te veio à cabeça quando leste isto?	Conceitos	
			"Calor do momento"	"Parar para pensar"
1 M 1000	C	(2.º) "muitas vezes faço as coisas logo no momento sem pensar" "vou mas não penso as minhas consequências...as consequências que vão acontecer..." penso nas consequências "Se <u>parar para pensar pode ter menos consequências ou até nenhuma. Pode nem fazer...</u> "	"No momento..." "está a acontecer agora"	"Refletir um bocadinho... se pode ter consequências ou não...no futuro..."
2 M 1007	C	(1.º) "Por exemplo, quando me <u>chateio</u> com alguém, quando tou a resmungar, digo coisas sem pensar, sai-me pela boca fora."	"quando <u>estou</u> muito nervoso" esta expressão o que é que quer dizer? Ah, isto é o calor do momento, o que é que quer dizer? "sinceramente, explicar não sei..."	"É <u>não</u> dizer as coisas à toa, pensar antes de deitar pela <u>boca</u> fora."
3 1002	D	(3.º) "Não é ter acções de...ter acções relativamente a algo quando..." "Um pouco sem pensar...sem querermos realmente fazer aquilo, <u>mas só porque naquele momento não...não pensamos naquilo e então fizemos algo que se tivéssemos, se tivéssemos pensado nunca iríamos fazer...</u> Mas, no calor do momento, ou seja...naquele momento, quando a acção está se a passar e, às vezes, por estarmos zangados com alguma coisa podemos fazer alguma coisa a outra"	"É ter alguma opção ou dizer alguma coisa que na realidade nós não sentimos ou não achamos ou...nunca iríamos fazer se pensássemos..." "Mas no calor do momento, ou seja, quando a <u>acção está a acontecer</u> e por (não se percebe) estarmos em casa ou uma coisa assim...aquilo parece-nos o mais adequado e fazemos logo." Parece-nos o mais adequado, o que é que isso quer dizer? "Não é por isso, não é adequado, mas prontos é o que nos sai, não pensamos bem..." "É o que nós estamos a sentir naquele momento e simplesmente dizemos."	"Quando queremos fazer alguma coisa. E, mas algumas vezes, sim, parámos para pensar e vemos que não é o mais <u>adequado e que, realmente, não devemos fazer aquelas coisas, dizer alguma coisa...mas... então, e se pararmos para pensar é exactamente isso para prevenir que dizer...</u> " "Digamos alguma coisa que não, não queremos ou façamos alguma coisa que também não queremos."

		<p>peessoa sem realmente pensarmos ou sentirmos aquilo.”</p>		
4 1017	C	<p>“ Uma vez, este ano... Andaram para aí a dizer uns boatos, que eu não gostei. Fui perguntar quem é que disse isso e cheguei à beira do chavalo e dei-lhe dois socos.” Agir sem pensar</p>	<p>“ <u>Não parar para pensar. Reagir logo de cabeça quente.</u> Sem falar com ele para saber o que é que se passou.”</p>	<p>“ <u>Falar com ele.</u>”</p>
5 1005	D	<p>(2.ª) “ Aquilo que me vem à cabeça é que, é como eu disse há bocado. Eu penso primeiro sempre naquilo que me vai acontecer, depois é que faço. <u>Primeiro, começo a raciocinar e assim, depois é que vejo se faço ou não faço.</u>” Primeiro pensa, depois faz “<u>Penso sempre primeiro duas vezes, neste caso.</u>” Pensar duas vezes é refletir? “Primeiro reflito... (reflito) reflito no que me pode acontecer só depois é que...”</p>	<p>“ Calor do momento... não sei... o que é que quer dizer calor do momento se calhar é tipo, faz e não.... não pergunta, não sei... e <u>dizer logo sim sem pensar</u>, sim.”</p>	<p>“ Parar para pensar é... vou pegar no mesmo exemplo: fazer uma pergunta e não responder logo sem pensar, mas pensar. <u>É pensar.</u>” É refletir. “Refletir.”</p>
6 1020	DT	<p>(2.ª) “ Que eu não <u>faço</u> as coisas sem pensar primeiro.” pensa primeiro</p>	<p>“ Não se faz as coisas no momento.” Calor do momento significa momento? “Sim. <u>Não se deve decidir logo no momento, momento quer dizer...sem pensar, parar para pensar.</u>”</p>	<p>“ <u>Primeiro pensa-se e depois faz-se, fácil.</u>” E porque é que se deve fazer isso? Porque é que não se deve fazer logo as coisas? “Pode ser <u>prejudicial connosco ou com as outras pessoas.</u>” Sim... “Depende da situação.” O que é que é ser prejudicial? “Pode-nos prejudicar...A nós e às outras pessoas.” Mas isso prejudicar, o que é que isso quer dizer? O que é uma coisa que nos prejudica? “Uma coisa que...” Porque é que há vezes em que tu estás perante uma situação e não fazes logo o que te apetece? Porque é que tu paras e pensas? Se calhar até te apetecia fazer aquilo... “Acho melhor.” Achas melhor? “Sim.” Mas não era uma coisa fixe até? Porque é que tens que parar para pensar? “Entusiasma, mas não é o corretamente melhor.” Mas o que é isso de ser melhor, agir melhor? Se tu não pensares, o que é que te pode acontecer de pior do que se tu pensares? “Não pensar, podemos errar nas coisas.” Huhum... “<u>Se eu pensar antes de fazer já se pode acertar mais as coisas.</u>” Tens mais probabilidade de ser bem sucedido, é isso? “Sim.”</p>
7 M 1008	C	<p>“ Quando o meu irmão me chateia em casa, bato-lhe, tento-lhe bater em vez de parar.”</p>	<p>“<u>É fazer logo.</u>” Fazer logo? “Ele irrita-me e eu não paro para pensar, tento ir logo bater.”</p>	<p>“<u>Sem parar pa saber se fez aquilo de propósito ou para meu bem.</u>” Ok. Então parar para pensar... quer dizer o quê? “Se calhar o que eu disse ou se calhar o que ele fez foi para me ajudar.</p>

8 F 1014	C	“ Coisas que eu faço, não sei... sem pensar, não são coisas muito <u>sérias porque coisas sérias eu penso antes</u> . Mas assim por exemplo, fazer coisas aqui na escola que não perturbem o ambiente e que não façam com que as coisas sejam más, fica-te mal... faço <u>assim tipo faço e depois às vezes penso se calhar não devia ter feito aquilo, depois pensa que não devia ter feito</u> se calhar não devia ter agido daquela maneira, mas <u>não são coisas muito importantes</u> .” <u>Coisas sérias pensa antes</u>	“ Calor do momento significa na altura em que se está a fazer sem ser mesmo... <u>no momento em que acontece</u> .”	“ Sem pensar nas consequências que elas trazem, as consequências que o ato traz no futuro.”
9 F 1016	D	“não sei” Disseste que discordavas... “ <u>Discordo, porque eu antes de fazer uma coisa penso duas vezes</u> ” <u>pensar antes</u>	“ <u>É agir sem pensar</u> .”	“ <u>Pensar duas vezes antes de agir</u> .”

- A situação

E	Situação						
	S/N	Exemplo	Sozinha, acompanhada?	Consequência	Porquê que fazes isso	O que sentes	Como reagiste
1 M 1000	Sim	“ Muitas vezes...” <u>Desporto, parcou</u> “Hum...por exemplo...tava lá na minha escola, em paranhos, é tudo em paranhos... (risos) e também era parcou...só que eu...tipo quando fui à escola do Covelo, eu parei para pensar...será que me vai acontecer alguma coisa? E como era novinho disse que não...(sorriso) mas depois era mais velho e já tinha passado um ano, tava no sexto, e fui pra uma grade assim do lado das janelas e eu cai e torci o pé... nada de especial...mas... <u>não tinha pensado antes (huhum)</u> e <u>fui por tar toda a gente a ir</u> ...então nem pensei...”	“ <u>fui por tar toda a gente a ir</u> ” “ mas fui o único que caí...”	“caí e torci o pé” “ <u>Com dor</u> ...” Para além das consequências de teres torcido o pé e de teres sido o único a cair, aconteceu-te mais alguma coisa? “Não”	“ <u>por tar toda a gente a ir</u> ”	“ <u>Que eu devia ter pensado antes</u> ...” Achas que devias “ter parado para pensar”... “Exato...”	
	Outra	“Eu acho que tenho um amigo em Paranhos, tudo em Paranhos, que... comprava os almoços mas comia no bar, não ia comer ao refeitório...era mesmo só para mãe saber que ele comia no refeitório...(sim). Eu acho que não pensava porque tava quase a morrer à fome...no bar comia-se um lanche e um sumo qualquer, um refrigerante qualquer...e estava, mas... já neste bar é melhor, tem sandes melhor...” <u>ia comer ao bar sem a mãe saber</u>		E achas que isso traria algumas consequências pra ele? “Talvez... Fraqueza...” Fraqueza...E se a mãe dele soubesse...? “Ia ficar chateada...Os pais são todos muito chateados (risos) em relação a isto...”			
2 M 1007	Sim	“ Por exemplo, numa <u>brincadeira às vezes, muitas vezes discordo com o que dizem e digo coisas sem pensar quando me chateio</u> .” Ok. Mas dá-me o exemplo de uma situação concreta de que te lembres. “Ah... Quando estava a fazer um <u>trabalho com um colega meu</u> ... Ele deu uma ideia, ele não achei... Ele... Chateámo-nos e pronto, disse coisas sem pensar...”	<u>Com o colega</u>	“ <u>Chateámo-nos</u> .”	“ Por <u>estar nervoso, estar chateado</u> .”	“ Senti-me <u>sozinho, zangado e triste</u> .”	
		“Quando estão apaixonadas, quando estão com a pessoa que <u>gostam</u> , muitas vezes fazem coisas sem pensar, ou <u>falam torto</u> ...”					
3	Não						

1002							
	Outra	<p>“Então, às vezes, quando estamos...por exemplo, alguma discussão ou assim alguma coisa estamos...ou ficamos zangados com alguém, muitas vezes não tentamos compreender o que essa pessoa está a dizer ou, por exemplo, ouvimos que alguém disse alguma coisa sobre nós ou assim algo...alguma coisa e vamos logo confrontar essa pessoa e...”</p> <p>“E tudo isso sem...sem pensarmos, sem pensarmos no que essa pessoa está a dizer ou termos em consideração a opinião dos outros...”</p> <p>Huhum...</p> <p>“E...e a parte da história deles, e apenas dizemos alguma coisa, prontos, o que estamos a sentir no momento sem...apesar de que pode nem ser o que nós sentimos na verdade mas naquele momento...o que nós sentimos na verdade em relação àquela pessoa mas naquele momento é o sentimento que nós temos e apenas dizemos.”</p> <p>E achas que isso nos pode trazer consequências?</p> <p>“Eu acho que sim porque, quer dizer...nós podemos, por exemplo, se for bater em alguém ou qualquer coisas assim, pode claro trazer consequências mas também se nós dissermos alguma coisa inadequada...não é inadequado, prontos, que possa magoar outra pessoa...”</p> <p>Huhum...</p> <p>“Podemos...podemos <u>perder aí um amigo</u> ou assim alguma coisa ou possa <u>ficar chateado connosco</u> e assim.”</p> <p>E como é que achas que nós nos sentimos nessa situação? Fazemos as coisas no calor do momento sem parar para pensar depois acontece-nos isso e o que é que nós sentimos?</p> <p>“Acho que...quando estamos a fazer aquilo nem se estamos a pensar mas depois realmente sentimo-nos mal por vermos que não devíamos ter feito aquilo e <u>ficamos até um pouco frustrados porque pensamos até: ah, se tivéssemos pensado...</u>”</p> <p>“Não tínhamos feito isto.”</p>					
4 1017	Sim	<p>“Andaram para aí a dizer uns <u>boatos</u>, que eu não gostei. Fui perguntar quem é que disse isso e <u>cheguei à beira do chavalo e dei-lhe dois socos</u>.”</p>	<p>“<u>Estava eu e um colega meu</u>.”</p>	<p>Não</p> <p>Nem a tua relação com o rapaz, eras amigo dele?</p> <p>“Era.”</p> <p>E a tua relação com ele ficou igual?</p> <p><u>“Passado algumas semanas ficou.”</u></p>	<p>“Porque <u>não gosto que falem de mim. Quando falam gosto que falem bem, não gosto que falem nada de mal</u>.”</p> <p>“É...estava com a <u>cabeça quente</u>.”</p>	<p><u>“Depois de ter feito senti-me mal. Mas quando fiz senti-me bem.”</u></p> <p>E porque é que te sentiste bem numa das formas e depois te sentiste mal?</p> <p>“Porque, quando parei para pensar e tentei perceber tudo, percebi que não deva ter feito aquilo. Mas quando eu tinha, estava com a cabeça quente só consegui, só ficava bem se fizesse aquilo.”</p>	
5 1005	Não se lembra						
	Outra	<p>“Não sei. Tipo, tamos a correr e assim... “ai, tem ali uma espécie de muro, vamos por cima dele”. Mas tipo não pensa no que vai acontecer é tá a correr, “ah, tem ali um muro, vamos saltar” e pode cair. E se não conseguir.... Eu penso sempre primeiro duas vezes e sei que posso não conseguir, por isso, eu paro, passo por cima e só depois é que continuo.” <u>saltar o muro</u></p> <p>E tu paras para ter em consideração o quê?</p> <p>“Penso duas vezes que é para. Eu estou a dizer isto que penso duas vezes, mas normalmente penso sempre primeiro no que é melhor para mim.”</p> <p>Mas o que é melhor para ti.... o que é isso do quê que é melhor pra mim? De quê que resulta isso?</p> <p>“Do que me possa acontecer... normalmente pensa-se a primeira vez, diz-se que essa primeira vez, a primeira vez num certo sentido é dizer que “eu vou fazer aquilo, mas” e depois, a segunda vez é</p>		<p>Porquê que achas que fazem isso se sabem que lhes podem trazer essas desvantagens, de cair e magoarem?</p> <p><u>“Para se acharem que são bons.”</u></p> <p>É? Pra eles próprios?</p> <p>“Não, <u>pra mostrar aos outros</u>, “ah, consigo fazer isto”.”</p> <p>E achas que normlamente fazem isso com colegas, sozinhos?</p>	<p>E como é que achas que as pessoas se sentem ao fazer esse tipo de coisas?</p> <p><u>“Quando as pessoas conseguem fazer gostam.”</u></p> <p>E quando não conseguem.</p> <p><u>“Se sabem que não conseguem param logo. Se não conseguem, sentem-se um bocadinho tristes, mas continuam, ou continuam a tentar.”</u></p>		

		refletir. Mas eu não é penso logo uma vez.“ Huhum.. “Penso logo como se fosse pensar logo à segunda vez.” E o que é que te leva a decidir ou não? “É se... no caso é.... Eu acho que aquilo só me vai magoar e tipo, posso só cair um bocadinho e magoar-me na perna. Não acho que va doer muito, por isso vou fazer.”		“Eu penso que seja com colegas, outras pessoas.”			
6 1020	Sim	“ Uns amigos meus estavam a fazer uma coisa má, e eu não pensei e eu fiz a mesma coisa.” “ <u>Atirar pedras uns aos outros.</u> ” “E eu comecei também a atirar.” E se tu agora, se te dissessem: olha, queres vir atirar pedras uns contra os outros. E se tu ficasses um bocado a pensar, achas que fazias ou achas que não? “Não fazia.” Mas porque é que tu não fazias se era divertido? “Porque da outra vez, eu como reagi logo...não pensei se nos podíamos magoar...” Huhum... “Ou podíamos ir parar ao hospital ou uma coisa desse género. “	Amigos	Não teve	“ <u>Estava a ver que os outros se estavam a divertir e também fui.</u> Não pensei se me poderia magoar.”	“ Que me estava a <u>divertir.</u> ” E depois de tu teres feito isso, o que é que tu sentiste? “Sei lá.” Sentiste que foi fixe? Que te divertiste? Se tu, se voltasses...imagina se os teus amigos estivessem outra vez a fazer isso e se tu fosses...se tu os visses a fazer isso voltavas a fazer porque te voltavas a divertir? “Talvez. Porque não aconteceu nada da primeira vez”	
7 M 1008	Sim	“ Eu vou comer para a sala, a minha mãe não quer e o meu irmão diz-lhe. Diz-lhe.” “ E eu tento bater-lhe. Come na sala, a mãe não deixa, o irmão acusa, ele bate-lhe.		“A minha <u>mãe chateia-me.</u> ”	“ Porque acho que <u>ele não devia ter feito</u> e quando tou a jantar e não quero tudo meto pra panela e ele também diz.”	Nada E depois quando a tua mãe se chateia contigo? “ <u>Sinto que ela me tá a chatear.</u> ”	
8 F 1014	Sim	“ Se calhar uma coisa que fiz a alguém e que disse se calhar em vez se calhar ri-me por um motivo que se calhar não valia a pena ou que não tinha... não sei, não sou assim... Tenho situações em que eu sinto que podia ter feito de outra maneira e não fiz. Podia ter agido de outra maneira ou ter se calhar não me ter rido se calhar.” (nenhuma situação concreta)	“ Quando estou com alguém. Quando estou sozinha é quando estou a pensar.” Então porquê? Qual é a diferença? Quando estás acompanhada não pensas tanto? “Não, às vezes não.” Mas porquê? “ <u>Porque às vezes é o grupo em si e as decisões às vezes são tomadas mais em grupo por estarmos todos em grupo e às vezes não se pensa tanto.</u> ”	“ Normalmente não.”		“ <u>Depois, a seguir, às vezes não me sinto muito bem.</u> Como não se pensa, os atos também podem... não me sinto muito bem muitas vezes.”	
9	Não						

F 1016							
	Outra	“quanto discutem... É mais os rapazes, invés de falarem não dão logo um soco ou pontapés e isso” Bater		“Por exemplo, ah, ficar de <u>castigo</u> , <u>perder amizades</u> ,”			
10 M 1009	Não	“ <u>Não. Porque eu não gosto de me divertir e acontecer riscos depois. Eu prefiro divertir-me noutra coisa, pode-me divertir menos mas eu prefiro do que, do que aparecer riscos no futuro.</u> ”					

• O outro

E		O que pensa daquelas pessoas que			Reação dos outros		
		Fazem as coisas no calor do momento sem parar para pensar?	Não fazem as coisas no calor do momento sem parar para pensar?	Ficas do lado de quem?	Pais	Amigos	Professores
1 M 1000	Sim	<p>“São iguais a mim, por isso... não é?” Ou seja, são como? “São boas pessoas (risos)” São boas pessoas... “ não sei, são... não podemos dizer que são burras, não é, porque eu sou um deles...mas, <u>se calhar um bocado aceleradas em relação à vida...tentam despachar muito.</u>” O que é que isso quer dizer “aceleradas em relação à vida”? “Que querem fazer tudo, por exemplo, no mesmo dia, <u>querem tentar fazer o máximo possível</u>...o meu amigo só almoçava no bar para ir jogar futebol a seguir...pra ter mais tempo...” E tu também és assim? Também gostas de fazer as coisas... “Um bocado...por isso é que eu pus concordo...”</p>	<p>“<u>Mais cautelosas.</u>” São mais cautelosas? “Sim, conseguem perceber que aquilo não...é perigoso ou que não se pode fazer aquilo...” Huhum....e achas que isso traz-lhes alguma vantagem relativamente às outras? “Claro” O quê? “Consequências que não vão ter...”</p>		<p>“ ficam <u>chateados</u>” “ ficam <u>zangados</u> connosco e metem-nos de <u>castigos</u>.”</p>	<p>“Depende dos amigos...” Sim...então? “Porque há alguns mais...mais...como é que eu hei-de dizer?... educados? <u>Não, não é educados... é mais calmos e pensam na situação...e talvez até saiam pra não...tipo...tarem na situação e por isso são mais cautelosos e acham que o que pensam de nós é que as pessoas que tão a fazer isso, tão a tentar despachar-se pra alguma coisa ou....</u>” E os outros amigos? Tu disseste que dependia dos amigos... “Exato... os outros amigos...” Quais é que são os outros amigos? <u>“Os amigos que fazem o mesmo....”</u> Ah, os amigos que fazem o mesmo... o que é que eles pensam? “Que são iguais a eles...” Ou seja... “Que, por exemplo eu, sou igual a um amigo</p>	<p>“Também reagiriam, mal, mas.... Não tinham tanto poder sobre nós...” Não tinham tanto, relativamente a quem? “Aos pais.” “Os pais têm, têm poder em nós...e conseguem pôr-nos de castigo...” Sim... “Enquanto os professores podem-nos dar um sermão mas de castigo não podem pôr, só se for o diretor...”</p>

						<p>meu...porque fazemos a mesma coisa...”</p> <p>Isso quer dizer o quê, para vocês?</p> <p>“Que...pra esses amigos...acho que até gostam mais de nós, porque fazemos o mesmo que ele...”</p>	
2 M 1007		<p>“ Não penso muita coisa porque também eu próprio faço isso, mas...”</p> <p>Então é o que é que pensas de ti relativamente a este aspeto?</p> <p>“Acho que <u>muitas vezes sou estúpido, digo coisas que não devo dizer...</u>”</p>	“não sei”		<p>“Ficam <u>chateados</u>, podem-me <u>pôr de castigo</u>, dar um <u>sermão...</u>”</p> <p>Estar chateado é o quê? Como é que os pais ficam chateados?</p> <p>“Ficam tristes porque ninguém gosta de tar chateado, ficam... Dão sermão...”</p>	<p>“Muitas vezes reagem <u>mal</u>.”</p> <p>Reagir mal é?</p> <p>“Podem <u>ignorar muitas vezes</u>, podem responder <u>mal</u>.”</p>	<p>“ Os meus professores muitas vezes quando ficam chateados mandam <u>recados na caderneta...</u>”</p>
3 1002		<p>“Acho que também <u>pode demonstrar que as pessoas são um bocado sentimentais de mais e não pensam nas coisas, em vez de serem um pouco mais lógicas e conseguirem manter mais a calma sem demonstrar lá todos os sentimentos...</u> todos os seus sentimentos e, às vezes podem ser...prontos, pode não ser considerado muito mal, não é, que as pessoas mostrar os seus sentimentos assim...mas porque podem ser considerados pessoas um pouco...as pessoas que não mostram os seus sentimentos também podem ser consideradas pessoas um bocado frias...”</p> <p>“Mas às vezes, mais vale ser uma pessoa fria do que também uma pessoa que faz tudo só com, com o coração, sem pensar realmente.”</p> <p>Huhum... Então achas que isto, de fazer as coisas no calor do momento é mostrarmos mesmo aquilo que estamos a sentir, mostrar os sentimentos de uma forma mais directa?</p> <p>“Sim. Sem pensar e apenas mostrarmos o que sentimos.”</p>	<p>Huhum...então na relação entre as pessoas achas...tu preferes qual aquelas pessoas mais frias que não mostram tanto os sentimentos, ou as outras que mostram mais?</p> <p>“Eu prefiro mais as pessoas que são mais frias porque, acho que as pessoas que mostram muito os seus sentimentos também...pode...mostrar os seus sentimentos não é mau, mas...as pessoas que mostram demasiados os seus sentimentos, às vezes, não conseguem pensar de uma forma mais lógica, mais racional e isso, pode também trazer algumas consequências e...não é consequências mas pode permitir... pode...pode impedir que se faça alguma coisa de uma forma mais...de uma maneira melhor e mais adequada”</p> <p>“por exemplo se tivermos num projecto...”</p> <p>Huhum...</p> <p>“Se formos pessoas um pouco mais frias relativamente aos outros, podemos avançar mais no projecto e podemos</p>		<p>“ dizem: ah, devias ter <u>parado para pensar</u>, <u>agora vais ter que remediar o que fizeste</u>”</p>	<p>“ Os amigos, às vezes, podem tentar mais <u>consolar essa pessoa ou assim alguma coisa, mas também dizer que realmente deveria ter parado para pensar...</u>”</p> <p>Consolar, o que é que quer dizer?</p> <p>“os amigos dizem: <u>Ah, mas pronto, não sei quê, vais ver que tudo...prontos</u>”</p>	<p>“ dizem: ah, devias ter parado para pensar, agora vais ter que remediar o que fizeste”</p>

			<p>fazer melhor uma vez que podemos não...como é que eu hei-de dizer...imaginemos...”</p> <p>Huhum...</p> <p>“Se alguém nos disser alguma coisa se...imagina...alguém me diz...alguém me faz uma crítica ou assim alguma coisas e, às vezes, as pessoas ficam um bocado sentimentais de mais quando alguém faz uma crítica ou...prontos...”</p> <p>Sim...</p> <p>“Ou assim alguma coisa e, ficam um pouco chateadas e, às vezes...e deixam transparecer isso, não é...”</p> <p>Huhum...</p> <p>“E se...isso às vezes não é muito bom porque, muitas vezes, as pessoas concentram-se mais nisso e no que pensam relativamente a essa pessoa do que realmente no fazer a coisa que estão ali a fazer.” A resposta afasta-se do pretendido para esta questão</p>				
4 1017		<p>“A mesma coisa que eu, devem sentir a mesma coisa que eu. Ou se calhar até não.”</p> <p>Devem de sentir, o quê?</p> <p>“<u>Revolta</u>.”</p> <p>Mas tu sentes revolta, por exemplo, tu estás chateado com alguma coisa e quando acontece passaste, quando acontece uma pequenina coisa passaste logo e explodes com tudo? Ou só explodes mesmo, por causa de uma determinada situação?</p> <p>“Depende das situações. Quando são amigos <u>meus tento-me controlar, mas quando são pessoas que eu não gosto expludo</u>.”</p>	<p>“ São pessoas, <u>são calmas e sabem que o dever delas é falar com as pessoas.</u>”</p> <p>“ Só depois se der... só depois é que se faz o que eu fiz, se for o caso”.</p>	<p>Das que para para pensar.</p> <p>Das outras. Só às vezes é que te passas?</p> <p>“Sim, só às vezes.”</p>	<p>“ Os meus pais sempre <u>me disseram se te baterem, tu bates logo a seguir mas se tu bateres primeiro (não percebi), se não for esse o caso tu não deves bater.</u>”</p>	<p>“ Mais uma vez <u>pensam que eu sou o maior.</u>”</p> <p>Também és o maior por reagires no calor do momento?</p> <p>Por bater num colega meu.</p> <p>Por bater?</p> <p>Exato.</p> <p>E tu achas que isso do bater, se calhar é porque tu estás irritado, porque se tu não bateres os outros vão achar que tu devias ter batido?</p> <p>“As duas.”</p> <p>As duas. Então é muito importante aquilo que os outros pensam?</p> <p>“Para mim, mais ou menos.”</p> <p>Mas depois acabas por agir segundo aquilo que eles pensam?</p> <p>“É.”</p> <p>Então, mas se só é importante mais ou</p>	<p>“<u>Mal</u>. Mandavam-me logo para a <u>rua</u>, se isto fosse dentro da sala de aula.”</p>

						<p>menos, porque é que não fazes aquilo que te apetece e achas correto?</p> <p>“Porque às vezes penso no que os meus colegas também pensam e noutras vezes faço o que eu penso.”</p>	
5 1005		<p>“Acho que em certas circunstâncias é <u>um bocado burro</u>.”</p> <p>O que é que é isso de ser um bocad burro?</p> <p>“Porque não pensam.”</p> <p>E porquê que as pessoas têm que tar sempre a pensar?</p> <p>“<u>Também não é tar sempre a pensar</u>. É mais ter mais ou menos uma ideia de quando me perguntam uma coisa, é mais ou menos a ideia do que pode acontecer...”</p> <p>Ter uma ideia do que pode acontecer sem estar sempre a pensar</p>	<p><u>Acho que por um lado são espertas, mas do outro</u> às vezes pode-lhes... não sei. Pode ser desfavorável.</p> <p>Porquê?</p> <p>“Neste caso, saltar o muro, às vezes... as pessoas que não conseguem saltar, às vezes depois as outras pessoas que conseguiram saltar, começam a dizer “<u>ah, não consegues saltar, isto é tão fácil!</u>”!”</p> <p>Então pode-lhes afetar as relações com os outros, é isso?</p> <p>“Podem começar a ter ideias dessas pessoas.”</p> <p>Quem, o que não salta vai ter ideia dos outros ou os outros é que vão começar a formar uma ideia do que não saltou?</p> <p>“Os outros é que vão começar a formar <u>uma ideia do que não saltou</u>.”</p> <p>E depois, como é que isso pode afetar o que não saltou?</p> <p>“Pode dizer “<u>ah, és tão pesado que não consegues saltar</u>”, um exemplo.”</p> <p>Então isto de fazer as coisas no calor do momento é como era um bocado correr os riscos, é às vezes para se mostrar alguma coisa às outras pessoas?</p> <p>“Sim.”</p>	<p><u>Pára para pensar</u></p>	<p>“ Os meus pais iam sempre dizer “<u>pensa duas vezes</u>”, têm sempre mais... querem mais proteger.”</p>	<p>“Os amigos, <u>há os que são assim como os pais e há outros que não</u>.”</p> <p>Que incentivam?</p> <p>“Sim.”</p>	<p>“ A maior parte dos professores são <u>como os pais</u>.”</p>
6 1020		<p>Não diz nada, apenas que “não pensa nada”</p>		<p>“ Parar para pensar.”</p> <p>“Somos mais, <u>somos mais bem sucedidos</u>.”</p> <p>Mais bem sucedidos, mas mais bem sucedidos a quê? Em quê? Se tu não pensasses não poderias ser tão bem sucedido como és?</p>			

				“Seria. Mas eu acho que se parar para pensar, sou mais bem sucedido.”			
7 M 1008		“Acho <u>mal</u> .” “Porque devem pensar se for pro bem delas ou não.”	“Acho que fazem bem.” “Porque... ficam... sabem... que vão perguntar a outra pessoa.”	“Das que fazem...”	(mãe) “ <u>Grita comigo...</u> ” “ <u>Não me deixa ver televisão...</u> ” E se souberes que a tua mãe te vai ralhar, não paras? “Hum.. paro, tento parar.”	“Acho que pensam <u>mal</u> . Vão-me pôr de lado.” Vão-te por de lado? Mesmo assim continuas a fazer as mesmas coisas? “Não. <u>Se souber que eles me vão pôr de lado, vou parar.</u> ”	“Acho que <u>fazem bem pra nos ajudar</u> pra nós tirarmos proveito da aula.”
8 F 1014	Sim	“Também não têm muito.... <u>não querem saber das consequências que pode trazer</u> porque são sempre tipo, não querem saber o que é que pode acontecer por muito que seja muito mau é aquilo que acontece no momento e...”	“Também às vezes há momentos em que também temos que fazer coisas, não é sempre, mas às vezes temos que fazer coisas sem pensar.... Porque às vezes são alturas em que é necessário. Que toda a gente, mesmo as pessoas que pensam e tão sempre a pensar, também não, não às vezes se calhar <u>não aproveitam tanto</u> ... Estão sempre a pensar naquilo que pode acontecer...” Mas o que é que quer dizer isso, se estou sempre a pensar, não aproveito tanto? “Porque <u>tão sempre a pensar nas consequências que traz e tudo aquilo que pode... consequências negativas e então por muito que a seguir possa acontecer qualquer coisa boa, eles como só pensam nas coisas negativas, também não fazem aquilo, não fazem as coisas no calor do momento.</u> ”	“Depende da situação. Depende de qual é a situação. Se é uma situação <u>grave, aí não, aí claro que não.</u> ” Então que tipo de situações é que nós podemos ter? Para optarmos por fazer aquilo no calor do momento ou não? O que é que são situações graves? “Situações graves são por exemplo, no calor do momento estar com um grupo e as pessoas dizem vamos, sei lá, <u>vamos pintar uma parede e toda a gente pinta a parede e a seguir, seguir pronto, tá pintado e acabou, não há nada a fazer.</u> Porque <u>foi uma situação em que não se pensou porque tava tudo em grupo a influência do grupo</u> e as pessoas disseram “ah, deve ser giro, deve ser engraçado” e isso muitas vezes traz	“não sei mesmo”	“ <u>Se for uma coisa que não é normal em mim, reagem mal</u> , de certeza porque não sou eu. Tou a fazer uma coisa que não sou eu.”	“Também vão reagir <u>mal</u> se for qualquer... vão achar que é uma coisa negativa se for... não vão reagir bem.”

				consequências.” Essa situação é grave ou não? “Eu considero que sim porque, eu considero que sim, mas...”			
9 F 1016		“ <u>No momento sentem-se bem mas depois pensam, pensam refletem e e num, e num sentem bem</u> ” “Eu acho que fazem mal” Porque? “Hum, porque <u>as vezes corre mal</u> .” O que é isso correr mal? “É ter <u>consequências más</u> ”	“ Acho que <u>fazem bem</u> . Porque assim <u>pensam nas consequências que podem causar</u> ”		Não sabe	Não sabe	“ Hum, talvez <u>chama-lo mais atenção</u> ”
10 M 1009		“ São pessoas um bocado <u>malucas</u> . “ Sim? “Depende, depende dos riscos, há outros riscos não, assim riscos pequeninos, não...” Sim?! “ <u>Aqueles que correm riscos grandes, acho que são um bocado malucas</u> .”	“São pessoas <u>inteligentes</u> .” Sim?! “Eles gostam de...elas gostam de se divertir mas não correm riscos. <u>Então divertem-se sem correr riscos</u> .”		“Reagiam um bocado...reagiam <u>mal</u> .” Porquê? “Porque é assim, eles sabem que eu...eles querem que nós estudamos e divertamos...” Huhum... “Mas também <u>não</u> querem que nós <u>corremos riscos</u> .” Ok. “ <u>Para depois haver consequências</u> .”	“ Os meus amigos, <u>alguns podem fazer isso</u> ...não sei, mas acho que eles <u>também</u> <u>reagiam mal...normal</u> .”	“Acho que <u>reagiam normal</u> .” Sim?! “É...falavam connosco, <u>aqueles professores mais íntimos</u> ...falavam connosco a dizer: <u>oh, pá diverte-te mas não corras riscos</u> .” Huhum... “Alguns professores reagiam os <u>outros não</u> <u>ligavam</u> .”

3. De vez em quando gosto de me pôr à prova fazendo coisas um pouco arriscadas

- A compreensão do item e dos conceitos

Costumo fazer aquilo que me dá prazer no momento, mesmo se isso me prejudicar um objetivo futuro				
E		Discurso livre O que te veio à cabeça quando leste isto?	Conceitos	
			“Pôr à prova”	“Coisas um pouco arriscadas”
1 F 1006	C	(2º) “Às vezes gosto de <u>experimentar coisas novas</u> ...”	“ Gosto de experimentar coisas novas...” “Hum... e <u>ver onde é que vão dar</u> ... onde é que... <u>até onde é que eu consigo ir</u> .” “ <u>Ver se eu consigo mais do que eu penso que sou</u> ”	“- - Ah... que.... <u>Pode vir a dar consequências</u> ...” Que tipo de consequências? “Hum... não sei” Más ou boas? ²⁹ “Boas ou más, tanto faz...” Dá-me um exemplo de uma pessoa ou uma coisa que te tenha acontecido a ti, pores-te à prova fazendo uma coisa arriscada...

²⁹ “Boas ou más”: foi sugerido pela entrevistadora

		experimentar	<p>capaz...”</p> <p>E para quê? “Em <u>concursos...</u>”</p> <p>mas fazes isso para te testares a ti própria?</p> <p>“Sim.”</p> <p>É para mostrares a ti alguma coisa?</p> <p>“Sim.”</p> <p>O quê?</p> <p>“Que sou capaz.”</p> <p>Há diferentes tipos de pôr à prova? Por exemplo?²⁸</p> <p>“Se for para entrar num grupo, tem que se pôr à prova alguma coisa, <u>é diferente</u> que... só pegar e ir a um concurso.”</p> <p>“Porque... hum... hum... porque <u>acham que o grupo é fixe, então querem entrar...</u>”</p>	<p>uma coisa boa, por exemplo... (ver na parte da situação)</p>
2 F 1004	C	<p>(1ª)</p> <p>“Pra mim esta quer dizer que, que uma pessoa gosta de se pôr à prova fazendo coisas, fazer coisas por exemplo, partir vidros e... <u>Coisas arriscadas de ser apanhado, de ser castigado</u>”</p>	<p>“Pôr à prova é <u>pôr à prova o nosso físico ou a nossa mente.</u>”</p> <p>“Pôr à prova...exercitar, <u>ver de que é que nós somos capazes.</u>”</p>	<p>“Um pouco arriscadas é por exemplo, <u>partir vidros, fazer asneiras...</u>”</p> <p>Como é que tu achas que os outros reagem, por exemplo, como é que achas que os teus pais reagiam se tu fizesses isto? Se te pusesses à prova fazendo coisas arriscadas?</p> <p>“Depende das coisas arriscadas que eu fizesse?”</p> <p>Então, há diferentes tipos de coisas arriscadas?</p> <p>“Há. Por exemplo, <u>se eu partisse um vidro não era a mesma coisa do que dar com um martelo em cima da cabeça de uma pessoa.</u>”</p> <p>Não?</p> <p>“Não! (risos)”</p> <p>Porquê?</p> <p>“Porque é diferente, porque depois aleijava a outra pessoa e não eram só os meus pais a darem em cima de mim, também eram os pais da outra pessoa.”</p> <p>Então, tu achas que nós às vezes podemos fazer coisas arriscadas que são arriscadas para nós e coisas arriscadas para as outras pessoas? E quais é que são piores? Qual é a diferença entre elas?</p> <p>“Por exemplo, quando um condutor vai a guiar e não vê por exemplo uma criança que vai a atravessar a rua. Se ele a atropelar é arriscado para ele...”</p> <p>Huhum..</p> <p>“Que pode ter que pagar coisas e arriscado para a criança que pode tar em perigo de vida.”</p>
3 F 1003	CT	<p>(1ª)</p> <p>“Vem-me à cabeça que às vezes para ver o meu limite faço coisas mais arriscadas. É assim, eu acho que não se deve, pronto... ir ao limite às pessoas, mas às vezes eu faço essas coisas. Às vezes tento ver o meu limite para sei lá desportos, para diversas situações. Mas por vezes essas situações podem correr</p>	<p>“Significa ir ao limite, ver, <u>testarmo-nos e ver se conseguimos fazer e basicamente é isso.</u>”</p> <p>Ir ao limite então quer dizer testarmo-nos a nós próprios?</p> <p>“Sim. Vamos testar-nos, e ver até ao ponto que conseguimos ir mais além.”</p> <p>E porque é que nós fazemos isso? Ou porque é que tu fazes isso?</p> <p>“<u>Para ver até ao ponto é que nós conseguimos fazer as coisas. Eu acho que isto nos ajuda. Porquê? Porque quanto mais além conseguirmos melhor. Mas também pode-nos trazer algumas consequências.</u>”</p> <p>E porque é que é melhor nós conseguirmos ir para além dos nossos limites?</p> <p>“Eu acho que nós conseguimos atingir objectivos ao</p>	<p>“<u>Às vezes nós vamos até ao limite. mas podemos...temos contraindicações podemos estar a fazer uma coisa arriscada.</u> Por exemplo, vou dar dois exemplos: estudar muito, muito, se nós estamos sempre a estudar podemos ter um desgaste intelectual. Por exemplo, e isso pode prejudicar os nossos estudos porque temos que ficar mais desconcentrados. Nos desportos, nos desportos, por exemplo nós fazemos um desporto e vamos até onde conseguimos. Por exemplo, quando um desporto qualquer, estamos a fazer um desporto e nós queremos sempre ir fazer melhor, só que às vezes nós podemos, pronto, pode ter consequências. E podemos ficar prejudicados ao fazer e ao querer ir mais além.”</p> <p>Então uma coisa um pouco arriscada é uma coisa que te traz consequências? E que te pode prejudicar?</p> <p>“Pode ser...uma coisa arriscada pode ou não ser. É assim, como é que eu hei-de explicar!? Nós ao fazermos, temos que ver pode ser arriscado ou não. Por exemplo: imaginemos que nós não sabemos nadar, ao ir para água nós podemos ou não afogar-nos.”</p> <p>Ok. Mas então o que é que tu entendes por uma coisa arriscada?</p> <p>“<u>É uma coisa que nós não temos bem a certeza...se é perigosa. Uma coisa arriscada é uma coisa que pode-nos trazer consequências negativas. Nunca nos pode trazer consequências positivas.</u>”</p> <p>Nunca?</p> <p>“Acho que não. Quer dizer, podemos ter sorte...e...pronto, podemos ter sorte, mas acho que não. É assim, eu não faço, eu faço isso, mas não faço coisas muita arriscadas...quer dizer...”</p>

²⁸ Esta questão surge aquando do questionar “o que pensas das pessoas que gostam de se pôr à prova...”, uma vez que ela responde “depende do que se vão pôr à prova”

		um bocado mal.” Desportos	irmos além dos nossos limites e esses objectivos podem ser benéficos para nós.”	<p>Então há diferenças entre coisas muito arriscadas e pouco arriscadas? “Eu acho que também difere de pessoa para pessoa. <u>Há aquelas pessoas que têm mais o sentido de adrenalina e outras que não têm tanto e que gostam mais de estar seguras e não...</u>é assim...o que eu penso dessas pessoas, pronto eu respeito que elas façam essas, esses desportos radicais, acho um bocado perigoso não é, mas, mas se elas gostam de adrenalina, por mim...” Mas tu ao bocado estavas então a dizer que...porque tu dissesse que concordavas não é? Então o que é que tu achas que é diferente? Há coisas muito arriscadas e coisas pouco arriscadas? “Exato.” E tu situaste nas pouco arriscadas? “Nas pouco arriscadas...” E então qual é a grande diferença entre as pouco arriscadas e as muito arriscadas? “Eu acho que, é assim...quer dizer, eu situo-me no meio, porque o exemplo que dei do mar, uma pessoa também pode pôr em risco a vida, lá está...o bungee jumping também pode pôr em risco a vida e eu sinto-me no meio. Só que eu para, para fazer coisas arriscadas eu tenho que ter a certeza que, pronto...como é que eu hei-de dizer...tenho que ter alguma segurança em mim. Acho que, por exemplo, eu não conseguiria saltar de, assim de muito metros...pronto, acho que essas sim, são muito arriscadas...” Desportos E então tem a ver com os limites, a questão que tu estavas a dizer também testar os limites, testar muito os limites é muito arriscado? “Exato, testar muito os limites é muito arriscado. Por exemplo, uma pessoa que passa noites e noites sem dormir pode-lhe dar assim uma coisinha...” Uma quebra... “Exato.”</p>
4 M 1000	CT	(1ª) “Humm, coisas que - - - que quero pôr à prova pra <u>saber se eu, tipo, se eu sou corajoso</u> , como por exemplo em Paranhos, uma vez fui à Quinta do Covelo (<i>sim</i>) <u>saltei aqueles muros</u> todos (<i>sim</i>)- e um pouco arriscado, mas gostei.”	<p>“- Humm - - - <u>provar o quê que eu sou (pequeno riso)</u>...saber se consigo ou não.” E provar a quem? “A mim próprio.” Quando é questionado sobre o que pensa das pessoas que não gostam de se pôr à prova, parece querer acrescentar algo: “Mas porem-se à prova pra si próprios, é ver se conseguem, não é pa saber pros outros...” Então achas que pôr-se à prova pode ter dois sentidos...? “Exato.” Ok, o quê então? “Uma pa saber de si próprio e outro, por exemplo, como é o caso do meu amigo que foi tirar as chaves, pra saber que os outros que sabem que ele é...que ele consegue fazer aquilo, que tem coragem...” Mas tu, aqui (apontando para o questionário), quando pensaste, quando tu próprio respondeste, foi com que sentido? “Pa mim.” Pra ti, pões-te à prova para perceberes do quê que tu próprio és capaz. (acena que sim com a cabeça) ok. Mostrar a mim e aos outros</p>	<p>“- Pra mim é tipo <u>saltar os muros</u> da Quinta do Covelo - - “ <u>“Coisas perigosas.”</u></p>
5 F 1010	C	(2ª) “Um pouco arriscadas talvez no sentido de	<p>“Pôr à prova... Quando nos pomos à prova nós mesmos é talvez quando <u>nós queremos saber onde é que nós conseguimos, onde é que os nossos limites vão.</u>”</p>	<p>“O quê que talvez seja arriscado para mim, neste momento no presente, não sei o que poderei achar mais tarde, no futuro...” Claro... tens que responder agora segundo aquilo que pensas neste momento... “Se calhar talvez as <u>drogas, o álcool</u>, ah...”</p>

		<p>escalada... desporto</p> <p>Aventuras no sentido... Nada que possa ter a ver com... Corridas de carros, drogas, tabaco, álcool, saídas à noite e estar no meio da rua aos berros ou assim. Não sei.”</p>	<p>Ok, pôr à prova é nos testarmos os nossos limites então?</p> <p>“Sim.”</p>	<p>Então coisas um pouco arriscadas são coisas... mas por exemplo, tu disseste que concordavas, de vez em quando gosto de me pôr à prova, fazendo coisas um pouco arriscadas...</p> <p>“Sim. Mas gosto... não digo... eu ao dizer aqui que não, discordo, não quer dizer que não as faça... eu aqui concordo mas poderá haver alguma situação em que ache que não me quero pôr à prova porque sei que posso não conseguir ou porque não quero, naquele momento não quero...”</p> <p>Mas então... por exemplo, há diferentes tipos de coisas arriscadas?</p> <p>“Para mim <u>há coisas arriscadas e outras coisas arriscadas.</u>”</p> <p>Ok, então faz-me a distinção entre as duas coisas.</p> <p>“Por exemplo, coisas arriscadas para mim talvez seja ah... Rapel, seja <u>montanhismo, seja escalada</u>... Ah... Por exemplo, ir para o mar quando o mar está um pouco mais turbulento...”</p> <p>Sim...</p> <p>“E as coisas que talvez eu <u>não</u> as faça por serem arriscadas é <u>as drogas, o álcool</u>, por exemplo, conduzir quando estou bêbeda, neste caso...”</p> <p>Sim, então coisas arriscadas são coisas que nos podem também trazer algum tipo de consequências?</p> <p>“Sim, isso eu penso nisso bastante no que me poderá trazer <u>consequências</u>. Ou que me possa provocar a dor neste caso.”</p>
6 M 1007	C	<p>(2º)</p> <p>“Ahm... Por exemplo quando às vezes estou com amigos... Andar, fazer... tipo andar de skate, eu nunca andei de skate e às vezes... desportos Muitas vezes <u>quando fico chateado gosto de fazer coisas que não me vêm à cabeça assim normalmente...</u>”</p>	<p>“<u>Fazer coisas que eu talvez não tenha feito, coisas que eu tenha medo...</u>”</p> <p>E porquê que fazes isso, porquê que achas que se pode pôr à prova? Para quê?</p> <p>“<u>Muitas vezes para armar...</u>”</p> <p>Para armar?</p> <p>“Sim, pra me armar...”</p> <p>Pra te armares... para ti próprio?</p> <p>“Sss... Não, <u>pra toda a gente, pra me verem que eu sei fazer isto.</u>”</p> <p>E por mais algum motivo?</p> <p>“Às vezes porque quando estou chateado gosto de coisas que não me façam pensar em mais nada e quando tou a fazer coisas que me possam pôr em perigo só penso no que me vai acontecer no perigo, não pensou noutras coisas.”</p> <p>Isto surgiu quando estava a falar das pessoas que se põem e das que não se põem à prova:</p> <p>Ok. Então se calhar estás a querer dizer que pôr à prova é armarmo-nos e ao mesmo tempo..</p> <p>“Sim e ao mesmo tempo...”</p> <p>É para nos estimularmos...</p> <p>“Sim, porque nós num dia podemos, podemos estar chateados, depois pomo-nos à prova e ficamos mais felizes por saber que conseguimos fazer aquilo.”</p> <p>Então também é uma forma de nós próprios vermos o que é que conseguimos...</p> <p>“Sim, de vermos o que conseguimos fazer...”</p>	<p>“São <u>coisas que não se faça assim no dia-a-dia</u>, por exemplo andar, andar pra muitas pessoas pode ser arriscado pra quem tem problemas, mas pra outras não. E há coisas que nós fazemos que são mais arriscadas do que outras.”</p> <p>Porquê?</p> <p>“Porque não estamos habituados a fazê-las, nunca as fizemos e então ou ficamos nervosos ou... É difícil.”</p> <p>E são coisas que nos trazem algum tipo de consequências?</p> <p>“Talvez. <u>Por vezes podemo-nos magoar, ir parar ao hospital. Outras vezes podemos pôr a nossa vida e a vida dos outros em risco.</u>”</p> <p>Então coisas arriscadas são coisas que provavelmente vão trazer consequências negativas?</p> <p>“Sim.”</p> <p>Não há coisas arriscadas que podem trazer consequências positivas?</p> <p>“Talvez. Algumas...”</p> <p>Como por exemplo?</p> <p>“Por exemplo, às vezes copiar é um bocadinho arriscado mas muitas vezes pode-nos trazer uma nota ou má, depende...”</p>
7 F 1015	D	<p>(2ª)</p> <p>“Ah... por exemplo, às vezes, numa aula de substituição ou a</p>	<p>“<u>Pôr à prova em responsabilidade, no sentido de obrigação...</u>”</p> <p>E há bocado tavas a dizer “ser capaz”, pôr à prova é ver se é capaz de fazer alguma coisa?</p>	<p>“Bem, eu <u>não pensei aqui no físico</u>, eu <u>pensei como isso do faltar</u>. São um bocado arriscadas porque depois <u>acabam sempre por descobrir.</u>”</p> <p>Mas então há diferentes tipos de coisas arriscadas?</p>

		última aula do ano que eu sei que já não vai acontecer nada de especial, às vezes gosto de me pôr à prova pra saber se sou capaz de faltar a essa aula pra me ir divertir.”faltar à aula	“Sim, acho que sim.”	“Sim. Aquelas coisas arriscadas que podem ser arriscadas para o nosso físico, podem-nos magoar fisicamente. E há outras que nos podem trazer problemas para outras pessoas...”
8 F 1014	C	(2ª) “Esta foi mais coisas físicas, não tanto de... como era a anterior, mas é mais coisas físicas, tipo, eu sei que nunca fiz, nunca experimentei, as pessoas dizem que é muito difícil, não é muito difícil... mas é preciso algum esforço físico e eu gosto de fazer às vezes, são poucas as vezes, mas eu gosto de fazer, gosto de...” Esforço físico, experimentar	“Ver até onde é que eu consigo ir, ver até onde é que eu vou.” Veres, para ti, porque tu própria queres ver? “Sim.”	“Coisas um pouco arriscadas, se calhar coisas, sei lá, que são... não é não ser seguras, mas que são, se calhar um bocadinho arriscadas pra mim porque eu nunca fiz ou porque não tenho... não tenho, sei lá, físico, capacidades físicas para o fazer.” Então tás-me a dizer que há diferentes tipos de coisas arriscadas... “Sim.” Há umas muito arriscadas.... “Exato.” Então qual é a diferença e que tipo de coisas arriscadas é que há? “A diferença é que há coisas que as pessoas tentam fazer que são arriscadas que nem se devia tentar porque são coisas que não se conseguem fazer, mas as pessoas tentam às vezes para pôr à prova, pra se porem à prova e muitas vezes para se mostrarem às outras pessoas, pra dizer “eu consegui”.” Que tipo de coisas tás a pensar quando tás a dizer isto? “Por exemplo, há aquelas pessoas que andam de um prédio para o outro. Eu lembrei-me agora por acaso... (risos). E acho que isso é assim um bocadinho, não percebo... primeiro, não percebo porquê que fazem...” Mas aquelas pessoas que saltam de um prédio para o outro, é isso? “Não. Por exemplo há aqueles recordes de andar um lado pro outro com um pau... essas pessoas é tipo por que é que se faz aquilo. Primeiro não é nenhum entretenimento, poucas pessoas vêm porque as pessoas não gostam. Pensam que a pessoa vai sempre cair por isso são aqueles que não vale a pena fazer uma coisa tão arriscada para...” E depois há as coisas menos arriscadas, então? “Sim. Nessas já não tenho exemplos.” Por exemplo, aquilo que tu referiste, de fazer rafting, o desporto, achas que se insere em que categoria? É muito arriscado? É pouco arriscado? “Depende da segurança com a qual se vai, não é? Porque se vai fazer uma coisa, se não se sabe se há segurança, se não há e tal, é mais arriscado que se for um qualquer desporto em si é arriscado. Mas sendo feito com as devidas....” Medidas de proteção... “Exato.” Então o que é que faz de uma coisa menos arriscada e outra mais arriscada. O que é que as distingue? “O que as distingue é a maneira como as pessoas a fazem.” Sim. Então tu achas que por exemplo, se, eu for saltar de um prédio para o outro e tiver um colchão por baixo, isso não é arriscado? “Não, acho que é arriscado na mesma porque também muitas vezes os prédios... esses prédios são muito altos, por isso, mesmo com um colchão, acho que não se chega às seguranças...” Então é a questão daquilo que pode acontecer, as consequências que vêm das ações é que podem tornar uma coisa mais arriscada e outra menos, é isso? “Sim.”
9 F 1002	C	(1ª) “Pensei que, às vezes, estão a falar de atividades um pouco perigosas...”atividades	“Pôr-me à prova significa testar as minhas capacidades, ver se consigo fazer algo...” Para... ao bocado estavas a dizer que era para mostrar a alguém? “Podia ser, porque, às vezes as pessoas dizem: ah, não	“São coisas que, às vezes, são perigosas e podem trazer consequências e que, às vezes, nós fazemos e...se pensássemos bem não as fazíamos mas, às vezes, no calor do momento fazemos.” E o que é que são coisas perigosas? “São coisas que podem trazer consequências e que, às vezes, não têm lógica nenhuma as pessoas as fazerem.” Huhum... Que tipo de consequências?

		<p>perigosas Huhum... “E que podem ter consequências mas que, às vezes, as pessoas gostam de <u>fazer só mesmo pelo gozo</u> que lhes fazerem, ou para <u>provar algo a alguém em atividades um pouco irresponsáveis.</u>” consequências</p>	<p>consegues fazer aquilo e não sei quê... e algumas pessoas em vez de pensarem se aquilo é perigoso ou não, às vezes, fazem e às vezes pode ter consequências.” Huhum...então, na tua opinião pôr-se à prova, podemos fazer isso para mostrarmos alguma coisa aos outros? “Sim.” Só? “Não. Também pode ser <u>só uma coisa pessoal pode...podemos querer provar algo a nós mesmos...</u>” Huhum... “Num teste ou uma coisa assim...queremos provar que conseguimos fazer aquilo e que temos capacidades para fazer alguma coisa.”</p>	<p>“Podemos, pode ser consequências físicas...” Sim... “<u>Magoar-nos</u>, ou também pode ser correremos o risco de sermos <u>castigados</u> ou...”</p>
10 M 1013	C	<p>(1ª) “Por exemplo quando... quando por exemplo, não sei bem...” “Pensei pôr à prova, <u>fazer coisas assim mais difíceis.</u>” Coisas difíceis</p>	<p>“Esforçar-me mais...” Esforçares-te? E porquê? Que podes fazer isso, podes-te à prova? “- porque... normalmente não, <u>normalmente nunca há limites, nunca sabemos o limite, o limite onde conseguimos chegar.</u>” Então achas que pôr-se à prova também é tentarmos perceber de quê que somos capazes? “Sim, um bocado.”</p>	<p>“São coisas que se fizer posso me arriscar a... sei lá.” Podes-te arriscar a... “Posso me arriscar a <u>magoar-me</u> ou ficar de castigo.” A ter alguma consequência? “Sim, exato.”</p>
11 F 1012	C	<p>(1ª) “Pensei por exemplo às vezes quando... <u>uns colegas meus dizem para fazer uma coisa e eu sei que às vezes é perigoso mas às vezes apetece-me arriscar...</u>” coisa perigosa E fazes essas coisas? “Sim... mas não é sempre, só às vezes.”</p>	<p>“Humm... pôr à prova... não sei, <u>puxar por mim...</u>” Huhum... “Não sei mais...” Puxar por ti... o que é que quer dizer isso? “Quando tenho que fazer alguma coisa e às vezes se calhar não sei fazer muito bem, mas tento... <u>esforço-me para tentar.</u>” Gostas de tentar perceber aquilo de que és capaz? “Sim.”</p>	<p>“Coisas que se calhar não devia fazer.” Sim. Só há coisas arriscadas que tu não devias fazer ou também há coisas um pouco arriscadas que tu podes fazer? “Há coisas que eu posso fazer, sendo... se... não sei explica assim muito bem... não me estou a lembrar de nenhuma coisa em especial.” Ok. Mas tu achas que as coisas um pouco arriscadas... porquê que são coisas arriscadas? “São coisas arriscadas...” Dá-me um exemplo de uma coisa... “Por exemplo, fazer... <u>saltar</u> de uma coisa, não sei...” Saltar o quê? “Humm...” Um muro? “Sim, um <u>muro</u> ou uma coisa assim...” É uma coisa um pouco arriscada para ti? “Sim.” Porquê? “<u>Porque é perigoso, posso cair e posso aleijar-me.</u>” Então as coisas arriscadas também têm a ver com aquilo que depois nos pode acontecer? “Sim...” Depois de fazermos isso? É? “Sim.”</p>
12 M 1008	C	<p>(2ª) “Gosto de andar em coisas altas, porque eu gosto.” Coisas altas</p>	<p>“Eu acho que é <u>pra ver se consigo fazer isso...</u> pra tentar...” Tentares o quê? “- fazer coisas com <u>adrenalina.</u>” Ok. E tu queres fazer isso..</p>	<p>“Andar em cima de coisas altas, fazer coisas assim.” Estas coisas podem trazer consequências? “Podem.” Que tipo de consequências? “Se eu cair, aleijo-me.”</p>

			<p>“Às vezes...”</p> <p>E é pra tu próprio perceberes se és capaz ou não?</p> <p>“Sim, às vezes, sim.”</p>	<p>Então as coisas que nós fazemos para nos testarmos, podem-nos trazer consequências negativas, é isso?</p> <p>“É.”</p> <p>E há mais algum tipo de coisas que possamos fazer que nos pode trazer mais algum tipo de consequências, ou achas que não?</p> <p>(acena que não)</p>
13 F 1011	C	<p>(1ª)</p> <p>“Atividades, desportos radicais...”</p> <p>Desportos radicais</p>	<p>“Hum... Pôr-me a fazer coisas que normalmente não faço...”</p> <p><u>Pôr-me a mim mesma à prova...</u></p> <p>O significa isso, pores-te a ti mesmo à prova?</p> <p>“Fazer coisas arriscadas, fazer coisas que não faço diariamente. Fazer coisas que às vezes gosto e não costumo fazer...”</p> <p>E para quê que se faz isto de se pôr à prova?</p> <p>“Para <u>ver até que limite chegamos...</u>”</p> <p>Então nós fazemos isto e tu fazes isto para ver do quê que tu és capaz, é isso?</p> <p>“Sim”</p> <p><i>Quando está a falar da situação, refere~</i></p> <p>Ok. Então tu achas que há um pôr à prova que é mais aceitável...?</p> <p>Sim. Que é mais radical.</p> <p>Ok. E depois há aquele que é quando se faz mais asneiras?</p> <p>Que é... Sim, é o mais... Delinquente, mais ou menos (riso).</p>	<p>Que às vezes <u>podem ter consequências, podem ser perigosas...</u></p> <p>Que tipo de consequências?</p> <p>Depende da situação. Se por exemplo for para fazer desportos radicais, também tem consequências, podemos-nos aleijar...</p> <p>Huhum... e coisas arriscadas são só coisas... tu há bocado disseste perigosas...são só coisas perigosas?</p> <p>Hum... Não. Depende...</p> <p>Depende de quê, diz lá...</p> <p>Podem ser... -- como é que eu hei-de dizer?</p> <p>Tu achas que há coisas arriscadas que podem ser perigosas...</p> <p>Sim.</p> <p>Mas também há coisas arriscadas que podem não ser perigosas...</p> <p>Sim. - - -</p> <p>E consegues pensar em algum exemplo ou não?</p> <p>Pois, é isso que eu tou a tentar fazer... Um exemplo que possa ser arriscado mas que não seja por um lado mau. - -</p> <p>Não te vem nada à cabeça assim de repente?</p> <p>Não, neste momento não.</p> <p><i>Quando está a falar da situação, refere</i></p> <p>Então, as coisas arriscadas, outra vez, são desportos e mais alguma coisa?</p> <p>Sim, são os <u>desportos</u> e também outro tipo de coisas arriscadas, <u>há quem ande a roubar...</u></p> <p>E porquê que isso é isso é arriscado?</p> <p>Podem acabar por ter consequências graves...</p> <p>E a questão dos desportos, porquê que é arriscado?</p> <p>Porque às vezes também podem ter consequências, “às vezes podes ter um acidente, apesar de não ser... Tem dois lados: é bom e mau. E acho que não é tão mau, não é daquelas coisas que não se possa fazer, enquanto na primeira opção que eu disse de andar aí a roubar, andar a fazer asneiras, isso já tem consequências piores.</p>
14 F 1001	CT	<p>(1ª)</p> <p>Porque <u>gosto de fazer as coisas arriscadas, se não tiver de prejudicar os outros, claro.</u></p> <p>Coisas arriscadas. Não prejudicar os outros</p> <p>Se não prejudicar, gosto de fazer as coisas arriscadas.</p>	<p>Pôr à prova, gosto de...como é que eu hei-de explicar. Sei o que é mas de momento não estou a ver...</p> <p>Não, mas vai dizendo, vai dizendo o que te vier à cabeça. Pôr à prova.</p> <p>Pôr à prova. <u>Gosto de fazer coisas em que eu tenha de superar as minhas próprias expectativas.</u></p> <p>Ok. Então tu fazes..., achas que te pôr à prova são coisas que para superarmos as nossas expectativas individuais?</p> <p>Sim. Individuais, sim.</p> <p>É isso?</p> <p>Sim.</p> <p><i>No seguimento do que estava a continuar numa situação que tinha acontecido, acrescenta:</i></p> <p>É?! As pessoas podem-se pôr à prova por diferentes...e trazem diferentes consequências. Que tipo de consequências?</p> <p>Por exemplo, aqui na escola, podem ser suspensos.</p> <p>E achas que as pessoas se põem à prova...uma das</p>	<p>Por exemplo, aqueles desportos assim mais...</p> <p>Desportos mais arriscados, o que é que isso quer dizer? Sem usares a palavras arriscado.</p> <p><u>Desportos radicais</u>, desse género.</p> <p>Ok. Então coisas arriscadas associas a desportos?</p> <p>Às vezes, sim.</p> <p>E mais alguma coisa?</p> <p>Assim que me venha à cabeça agora de momento, não.</p>

			<p>consequências de se porem à prova é ser suspenso? Por vezes, sim.</p> <p>Então, como é que essas pessoas se põem à prova? Pensando que um dia vão ser respeitados por exemplo.</p> <p>Ok. Então achas que as pessoas se põem à prova para testar as suas capacidades, como tu me disseste, e para tentarem ser respeitados? Sim. Por exemplo, os rapazes têm muito esse vício. Para <u>entrar num grupo de amigos ou assim.</u></p> <p>Por exemplo, ainda aqui à pouco tempo houve uma situação com um rapaz que trouxe para cá um martelo e bateu na cabeça de um amigo.</p> <p>Sim. E achas que isso foi uma forma dele se pôr à prova? Por vezes, sim. Depende da perspetiva pela qual ele estava a fazer.</p> <p>E isso trouxe-lhe consequências? Trouxe-lhe. Foi suspenso por muito tempo.</p>	
15 M 1009	C	<p>(2ª) É assim, eu vim à cabeça que há perguntas, há provas de...pá provas de corrida que são um bocado arriscadas, perigosas e que possam vir consequências graves ou não muito graves. E eu pus concordo, porque para a vida, <u>para nós desenvolvermos a vida temos que passar por algumas coisas como essas, não são todas fáceis.</u></p> <p>Sim... Temos também algumas difíceis. E eu às vezes gosto de fazer essas.</p> <p>Sim... <u>Mas que depende dos riscos.</u></p> <p>Provas de corrida Depende dos riscos</p>	<p>Pôr à prova é como, é como...pôr à prova...experimentar coisas novas.</p> <p><i>No seguimento do que estava a continuar numa situação que tinha acontecido, acrescenta:</i></p> <p>Então, tu fizeste isso também para veres... Se conseguia, ver se era capaz.</p> <p>Ok. Então, as pessoas também fazem isso de se pôr à prova para verem se são capazes de fazer alguma coisa? Sim.</p> <p>Achas que as pessoas se podem pô à prova por mais algum motivo? <u>Para impressionar</u> uma rapariga.</p> <p>E que coisas é que se pode fazer para se pôr à prova com coisas arriscadas para impressionar uma rapariga? Sim. Pode...tantas coisas.</p> <p>Dá-me o exemplo de uma. Tentar tirar...roubar dinheiro para comprar umas flores.</p> <p><i>No decorrer da explicação da "sua" situação, referiu que conseguiu um mérito do facto de se ter colocado à prova de forma arriscada, então, acrescenta as seguintes ideias a conceito de pôr à prova:</i></p> <p>Então achas que, às vezes, as pessoas quando se põem à prova podem ter consequências ou méritos? Ou achas que isso te aconteceu a ti por acaso? Não aconteceu. Há muitas pessoas que conseguem por</p>	<p>São <u>coisas perigosas que nos podem fazer consequências.</u></p> <p>E que tipo de consequências? Sei lá. Aleijarmo-nos.</p> <p>Ok. Podemos partir alguma coisa ou magoar.</p> <p>Então, tu achas que as pessoas se põem à...as pessoas que se põem à prova fazendo coisas um pouco arriscadas podem ter consequências negativas? Sim.</p> <p>Apenas esse tipo de consequências, mais nenhum? Mais nenhum.</p> <p><i>Depois de questionado sobre o que pensa das pessoas que não adotam estes comportamentos, refere:</i></p> <p>Ok. E o que é que tu pensas das pessoas que não gostam nada de se pôr à prova, fazendo coisas arriscadas? São pessoas não...são pessoas, olha, que escolhem esse método...</p> <p>Sim... Mas eu acho que não é muito correto, porque coisas fáceis arriscadas é melhor fazer coisas difíceis. Porque as coisas fáceis arriscadas são quase a mesma coisa. Mas o problema é que é fácil é melhor fazer difícil porque também são arriscadas.</p> <p>Então, qual é a diferença entre coisas arriscadas fáceis e coisas arriscadas difíceis? <u>É assim, eu para mim é melhor fazer coisas arriscadas difíceis, porque eu prefiro fazer uma coisa fácil sem ser arriscada, fazer uma coisa fácil arriscada, prefiro fazer uma coisa difícil, porque assim não vale a pena ser fácil.</u></p> <p>Sim. Então diz-me aí qual...dá-me o exemplo de uma coisa arriscada fácil e de uma coisa arriscada difícil. Uma coisa arriscada fácil. Saltar do muro da escola.</p> <p>E uma arriscada difícil? Difícil. Ir roubar um banco, é uma coisa arriscada difícil.</p> <p>Então porque é que tu achas que as pessoas gostam e devem e tu gostas mais de fazer coisas difíceis do que arriscadas fáceis? Porque é assim, as coisas arriscadas fáceis...</p> <p>Sim?! Eu nunca...eu prefiro fazer coisas fáceis, não serem arriscadas, porque eu prefiro fazer as coisas difíceis e arriscadas.</p> <p>Huum...</p>

			<p>méritos. Sim. Eu como consegui um segundo lugar e há outras pessoas que fazem e não conseguem, mas se forem tentando várias vezes, já vão tentando e já vão conseguindo, não é a primeira vez. Então, fazer também essas coisas arriscadas, pode não trazer só consequências? Sim. Sim?! Traz ou não traz só consequências? Não, não, não traz. Não?! Pode trazer coisas quê, então? Pode trazer méritos, pode trazer conflitos com pessoas...</p> <p><i>No final das perguntas sobre este item, questionei-o:</i> Huhum...ok. Tu achas que é possível, as pessoas porem-se à prova para mostrar alguma coisa aos amigos? Eu não faço isso. <u>Eu faço pôr-me à prova porque gosto, não, não, não é para impressionar ninguém.</u> Ok. Mas achas que... <u>Os meus amigos sim.</u> Fazem muitas vezes.</p>	<p>Fazer as coisas difíceis sem ser arriscadas não gosto... Sim. Depois também arriscadas também dá um lugar de mérito. Ok. Mas as coisas fáceis arriscadas não vale a pena fazer, porque é fácil. Sim. Eu prefiro fazer fácil e não ser arriscado. Sim. Eu prefiro...como é fácil e arriscado, eu prefiro fazer difícil arriscado. Ok. Mas isso que tu estás a dizer, tu preferes fazer uma fácil... Sem ser arriscada. Tu preferes fazer uma fácil, do que uma fácil arriscada, porquê? Qual é a diferença entre a fácil e a fácil arriscada? Porque é assim, a fácil eu consigo fazer na boa. Sim. Assim mais, assim fazer na boa. Sim. Mas fazer fácil arriscada prefiro fazer uma coisa difícil arriscada. Mas diz-me qual é a diferença entre uma fácil e uma fácil arriscada? Uma fácil, estar aí a fazer uma composição. Ok. Uma fácil arriscada é andar aí nos corredores a gritar. Então, onde é que tu encontras uma diferença entre a fácil e a fácil arriscada? Porque é que tu dizes que são diferentes? Porque corro alguns riscos. Ah! Então, porque tem o risco e porque te pode trazer alguma coisa? Algumas consequências. Ah! Sim, mas eu prefiro fazer a difícil arriscada porque é mais difícil e se a fácil tiver algumas consequências, eu prefiro fazer a difícil de se conseguir. Se a fácil conseguir é melhor fazer a difícil. Porque tu achas que é assim, a fácil arriscada e a difícil arriscada podem-te trazer consequências, logo tu preferes fazer a difícil... A difícil porque é mais difícil e se conseguir é melhor do que a mais fácil arriscada de se conseguir. Porquê? Porque assim consegues-te pôr à prova de forma mais... Mais rigorosa.</p>
16 ³⁰ M 1008	C	<p>(2ª) Gosto de andar em coisas altas, porque eu gosto.</p> <p>Coisas altas</p>	<p>Eu acho que é pra ver se consigo fazer isso... pra tentar... Tentares o quê? - fazer coisas com adrenalina. Ok. E tu queres fazer isso.. Às vezes... E é pra tu próprio perceberes se és capaz ou não? Sim, às vezes, sim.</p> <p><i>Quando estava a falar da “sua” experiência, referiu:</i> Ahhhh... então isso quer dizer que nós podemos-nos pôr à prova também pra mostrar coisas aos outros? Sim. Tu fazes isso?</p>	<p>Andar em cima de coisas altas, fazer coisas assim. Estas coisas podem trazer consequências? Podem. Que tipo de consequências? Se eu cair, aleijo-me.</p>

³⁰ Este miúdo tinha bastantes dificuldades em se conseguir expressar corretamente.

			Sim, às vezes.	
17 ³¹ M 1020	CT	<p>(1ª) <u>Às vezes gosto de fazer coisas arriscadas sem pensar em mim...</u> Sim...</p> <p><u>Pela adrenalina.</u> O quê? Pela adrenalina? Sim.</p> <p>Coisas arriscadas pela adrenalina</p>	<p>Pôr à prova é <u>saber se eu sei fazer as coisas corretamente.</u></p> <p><i>Quando se está ao que os amigos pensariam dele por fazer algo assim, refere:</i></p> <p>E se fossem os teus amigos a saber que tu tinhas feito assim uma coisa arriscada para te pões à prova? O que é que tu achas que eles iam pensar? Que era radical. Fixe.</p> <p>Que eras fixe? Sim.</p> <p>E achas que as pessoas também podem fazer coisas de se pôr à prova porque sabem que os outros vão achar que elas são fixes? Sim.</p> <p>Sim? Isso acontece? Acontece.</p> <p>E acontece contigo? Não.</p> <p>Não. E achas que isso acontece mais com rapazes ou com raparigas? Rapazes.</p> <p>Porque é que acontece mais com os rapazes? Os rapazes gostam de fazer mais coisas radicais do que as raparigas.</p> <p>E depois gostam de ser considerados mais fixes? Mais ou menos.</p> <p>Para que? Não sei. Para ganhar...</p> <p>Para ganharem o quê? Mais fãs? Sei lá. Para socializarem mais com as outras pessoas.</p> <p>Então para um rapaz é importante que achem que ele é bom? Sim.</p> <p>Para ele ter mais amizades é isso? Não. Não é preciso ser assim bom para ter mais amizades.</p> <p>Mas isso ajuda? Ajuda.</p>	<p><u>Coisas onde nos podemos magoar ou...</u> Achas? Diz...Achas que há coisas pouco arriscadas e coisas muito arriscadas? Ou achas que são todas as iguais as coisas arriscadas? Não.</p> <p>Não. Qual é a diferença? As coisas muito arriscadas...porque <u>podemos magoar-nos a sério ou qualquer coisa assim.</u></p> <p>E as que são...e as outras que não são muito arriscadas? <u>Não são muito perigosas.</u></p> <p>Não são muito perigosas? Não.</p> <p>E o que é...então o que é que é magoar à sério? O que é que isso quer dizer magoar à sério? Ou perigosas, o que é que isso quer dizer? O que faz de uma coisa, uma coisa perigosa? Como é que eu sei se uma coisa é perigosa? Já vi as outras pessoas a fazer.</p> <p>E o que é que lhes aconteceu para eu saber que aquilo foi perigoso? Magoaram-se ou foram parar ao hospital.</p> <p>E magoaram-se, mas tipo, se eu fizer um golpe no dedo é magoar-me. Isso é muito arriscado? Não.</p> <p>E se eu cair e partir o pescoço, isso é muito arriscado? Já é mais.</p> <p>Então qual é que é a diferença? Depende dos perigos.</p> <p>Então há coisas mais perigosas do que outras, é isso? Sim.</p> <p>E ser perigoso, depende daquilo que nos pode acontecer, é? É.</p> <p>Achas que uma coisa é arriscada porque é perigosa, ou ser perigosa pode ser apenas um tipo de coisa arriscada? <u>É preciso ser perigoso para ser uma coisa arriscada.</u></p> <p>E então há outras coisas arriscadas? Sim.</p> <p>Como por exemplo, o quê? <u>Saltar de um prédio.</u></p> <p>Mas isso é perigoso. Mas então não há coisas arriscadas sem ser perigosas? Há.</p> <p>O quê? Não sei.</p> <p>Achas que há mas não consegues pensar numa situação, é isso? Não.</p>
18 M 1019	C	<p>(1ª) Disse que concordava porque eu por acaso gosto de fazer coisas dessas, <u>gosto de fazer</u></p>	<p>Pôr à prova é <u>testar as minhas capacidades pra ver até onde é que consigo, até onde é que eu consigo chegar.</u></p> <p>Mais ou menos...</p> <p>É esse o motivo pelo qual as pessoas se põem à prova, ou essa é a tua ideia?</p>	<p>Um pouco arriscadas... por exemplo, fazer <u>slide</u> ou então subir a montanhas ou fazer <u>parcour</u>. desportos</p> <p>Sim. Ou então muitas vezes, não é bem o meu caso, muitas vezes as pessoas são chamadas para conduzir automóveis, no sentido da velocidade, fazer corridas.</p> <p>E porquê que isso são tudo coisas arriscadas? O que é que essas coisas têm que as tornam arriscadas, um pouco arriscadas?</p>

³¹ Este aluno usava frases muito simplistas para expressa o que pensava.

		<p>coisas assim excitantes, mais ou menos, coisas excitantes assim a bem dizer porque às vezes sinto assim um bocadinho livre pra as fazer. Hum... Às vezes vem-me à cabeça e eu gostava de fazer aquilo e vou. É mais ou menos assim.</p>	<p>Eu acho que essa é a minha ideia. E achas que há outras pessoas que podem pensar coisas diferentes do que é pôr à prova? Penso que sim. O quê? Ahm... muitas vezes, pôr à prova não será bem ir até às suas capacidades limites, mas por vezes é experimentar. Experimentar, no sentido de não ir tanto ao limite, mas ver, mas ver se gosta ou não. Mais nesse sentido.</p>	<p>Podem pôr à prova a nossa vida, se correr alguma coisa mal, podemos estar em risco de partirmos alguma coisa. Partirmos algum osso ou podermos até ficar paraplégicos. Então pôr em risco a nossa vida é isso? Podermos ter alguma lesão? Sim. Ok. E há coisas mais arriscadas do que outras ou são todas igualmente arriscadas? Não, há coisas mais arriscadas do que outras. Então dá-me um exemplo de uma coisa mais arriscada e uma menos arriscada. Uma coisa um bocado arriscada... fazer... subir montanhas, neste momento já há aparelhos próprios para que isso se faça, cordas... nós temos poucas probabilidades de nos magoarmos porque temos o apoio das pedras pra nos segurarmos, mesmo assim é arriscado... Porquê? Porque a corda pode romper e nós podemos perder o equilíbrio e cair. <u>Uma coisa assim muito arriscada, penso que será mais a corrida de automóveis</u> porque o carro com a velocidade pode despistar e irmos contra uma parede. Muitas vezes se a pista não tiver proteções, podemos sair fora da pista e bater-mos contra algum obstáculo. E o que é que pode acontecer? Muitas vezes podemos ficar com traumatismos cranianos. E se cairmos da parede de escala ou da montanha, também não podemos? Sim. Então qual é a diferença? É mais em termos de probabilidade porque há mais probabilidade uma pessoa se magoar mais a conduzir um automóvel a alta velocidade do que escalar uma montanha.</p> <p><i>Na sequência da narração da experiência que vivenciou:</i> E uma coisa pode ser arriscada se não puser a vida em risco? Se uma coisa pode ser arriscada se não puser a vida em risco... penso que não. Todas as coisas que são arriscadas são coisas que põem a vida em risco? Só a vida em risco, penso que não. Por exemplo, fazer um teste. Se não estudarmos pode pôr em risco a nossa nota. E não põe a nossa vida? Não, não põe a nossa vida. Então podemos fazer coisas arriscadas que põem em risco a vida e outras coisas arriscadas que não põem em risco a vida? Sim. Então, por exemplo, fazer um teste também pode ser pôr à prova fazendo uma coisa um pouco arriscada? Mas fazer um teste é uma coisa arriscada? Não, não é uma coisa arriscada mas se não estudarmos... Ok. O não estudar é que pode ser a coisa arriscada? Sim.</p>
19 M 1005	C	<p>(3ª) De vez em quando... <i>(fica a ler a pergunta outra vez)</i> é que, neste caso, aqui, às vezes temos que <u>arriscar um bocadinho para saber se nós conseguimos fazer aquilo.</u></p>	<p>Pôr à prova... é sempre... é... pôr à prova é ver se nós conseguimos fazê-lo. Como na ginástica, a professora manda-nos saltar trampolim e tipo abrir as pernas. E nós saltamos e pomos à prova ver se conseguimos tocar com as mãos nos pés. Então pôr à prova é ver se somos capazes? Sim. Porquê que fazemos isso? Por que é que queremos ver se somos capazes? Tu disseste concordo... Porque quando fazemos essas coisas e conseguimos fazer gostamos. Gostamos e depois queremos fazer outra vez e outra vez, se gostamos muito de ter feito isso.</p>	<p>Coisas um pouco arriscadas é tipo, tipo há pessoas... tipo o parcour é arriscado mas as pessoas tipo saltam e depois tipo dão a cambalhota no chão. É um bocado arriscado porque podem cair no chão e magoar a coluna, não sei... Tu às vezes também gostas de fazer isto? Gostas de te pôr à prova fazendo coisas arriscadas? Sim, um pouco arriscadas. Um pouco. Mas há diferenças entre um pouco arriscadas e muito arriscadas? Sim. Então, qual é a diferença? <u>Muito arriscadas</u> é como aquela que eu disse há bocado da praia, do homem a saltar que pode prejudicar muito. Se não souber saltar direito, se tiver seguro de que vai saltar, pronto, mas pode não estar muito seguro de saltar e depois ao tentar saltar, neste caso, <u>naquele caso da praia pode bater com a cabeça e depois ir para ao hospital.</u> E o parcour não é muito arriscado?</p>

			<p>Então sempre que nos pomos à prova e resulta bem, gostamos de nos pormos mais à prova? Mais ou menos isso...</p> <p>Pra ver até onde é que conseguimos ir sempre? Huhum.</p>	<p>O parcour não.... há certas coisas que são mais arriscadas do que outras.</p> <p>Então uma coisa muito arriscada e uma coisa pouco arriscada, são diferentes uma da outra por causa... <u>Pouco arriscada normalmente é tipo uma ferida que pode-se meter um penso, muito arriscada é algo que se pode mesmo is para o hospital.</u></p> <p>Ok. Então depende dos danos que nos causa, é isso? Sim.</p> <p><i>Sobre o porquê das pessoas fazerem coisas arriscadas, acrescenta mais à frente:</i> Porque às vezes querem-se mostrar às outras pessoas. Mostrar que conseguem fazer...</p> <p>Então tu há bocado tavas a dizer que pôr à prova pra ti era testes-te e ver até onde é que consegues ir. Mas também pode haver pessoas que se ponham à prova pra msotrar aos outros? Sim.</p> <p>Então há dois tipos de pôr À prova? Sim.</p>
20 M 1017	CT	<p>(1ª) Pôr-me à prova, fazendo coisas que não gosto, ou que são arriscadas, tipo saltar de uma parede que mede para aí 7 metros de altura. <u>Uma coisa que eu gosto mas também não gosto, porque posso vir a magoar-me e depois não posso jogar futebol.</u> Saltar parede</p>	<p>Melhorar...</p> <p>Diz lá o que é que tu achas que isso para ti quer dizer? Sinceramente, não sei.</p> <p>Mas quando tu pensas assim...ah, vou-me pôr à prova, ou quando tu dizes...ah, ele pôs-se à prova. O que é que tu achas que as pessoas querem dizer com isto? <u>Para desafiar.</u></p> <p>Desafiar...Desafiar quê? Desafiases-te a ti, desafiar as outras... Ou as pessoas desafiarem-me a mim ou eu desafia-las...as três maneiras.</p> <p>As três? Sim.</p> <p>Quais é que são as três? <u>Elas desafiarem-me a mim, eu desafia-las a elas e eu desafiar-me a mim próprio.</u></p> <p>Sim. E como é que se desafia a nós próprios? O que é isso desafiar-me a mim próprio? Não sei explicar.</p> <p>Não? Não.</p> <p>E o que é que é os outros desafiarem-nos? É dizerem uma coisa que a gente sabe que consegue fazer e eles dizerem-nos que não sabe ou que não querem ou que tem medo e a <u>gente faz para provar que sabemos.</u></p> <p>Ok. E então desafiarmo-nos a nós próprios pode ser parecido com isso? Um bocado. Digo eu...</p> <p>Como é que é? <u>Pá, fazer um...bater um recorde que a gente já tinha batido, dar o nosso melhor naquilo que estamos a fazer para melhorar.</u></p> <p>Ok. Então é sempre para nós vermos se conseguimos</p>	<p>Não sei.</p> <p><u>Coisas perigosas.</u> Coisas perigosas?! E há diferenças entre coisas arriscadas e coisas um pouco arriscadas? Há.</p> <p>Qual é que é? Coisas pouco arriscadas é...não sei explicar.</p> <p>Pensa quando tu respondeste. Tu respondeste concordo totalmente, por isso tu estavas a pensar em alguma coisa. Tu gostas de te pôr há prova fazendo coisas arriscadas. Que coisas arriscadas são essas, que tu gostas de fazer? Porque para ti arriscado pode ser uma coisa diferente daquilo que é arriscado para mim, percebes? <u>Escalar uma parede sem ter corda.</u></p> <p>Huhum... Tregar, tregar para o telhado.</p> <p>E isso são coisas arriscadas, porquê? Pode falhar o pé ou pode falhar a mão e magoam.</p> <p><i>Ao descrever a sua experiência, disse que a tinha feito mais para “mostrar” e então, foi acrescentando:</i> Mas porque é que achas que...mas tu não fizeste isso só para te testes, fizeste para mostrares aos outros porquê? É mais importante mostrar aos outros? Não.</p> <p>Então? É mais importante saber, termos noção, que algumas coisas nós não somos capazes de fazer.</p> <p>Hum... <u>Do que estar a mostrar aos outros que somos e numa segunda vez corre mal e nós nos magoamos.</u></p> <p>Então, porque é que tu fizeste isto? E porque é que estavas a pensar mais em te mostrar, aos outros que eras capaz? Mostrar que, mostrar que sou mais forte e mais responsável.</p> <p>E achas que isso acontece muito entre os jovens e os adolescentes? Todos os dias.</p> <p>É? A toda a hora.</p> <p>E porque é que isso acontece? <u>Porque somos, quase todos os jovens são competitivos entre si.</u></p> <p>Huhum...</p>

			<p>melhorar alguma coisa? Sim.</p>	<p>Eu falo pelo menos da minha turma. E isso acontece mais entre os rapazes ou entre as raparigas? Entre os rapazes. E como é que vocês mostram essa competição? O que é que vocês fazem entre vocês para mostrarem que são melhores uns do que os outros? Fazemos apostas. Huhum... De que tipo? Sei lá. Eu há pouco tempo fiz uma aposta com um colega meu, se eu conseguisse namorar com uma rapariga... Huhum... Ele dava-me, pagava-me o lanche. Fiz agora uma há pouco tempo, eu, o x e o y, a aposta se o y não tivesse mais nenhuma falta disciplinar nem fosse suspenso tínhamos-lhe de dar 50 euros e se ele fosse tinha de nos dar 50 euros a nós. Esse tipo de apostas. Huhum... Isso são tudo formas de vocês se porem à prova? Sim. Para quê? Porquê? Porque a gente se...há colegas nossos, por exemplo o y, sabemos que ele não é capaz de fazer o que (não percebo) com nós... Sim?! E a gente quer desafiar que é para ver se ele consegue.</p>
--	--	--	-----------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

• A situação

E	Situação						
	S/N	Exemplo	Sozinha, acompanhada?	Consequência	Porquê que fazes isso	O que sentes	Como reagiste
1 F 1006	C Sim	<p>E uma coisa arriscada positiva? “Ir a um <u>curso</u>...” Porquê que isso é uma coisa arriscada? “Hum... perco a tempo a ler uma coisa...” “Depois... e se tiver algum teste, posso... <u>estudo menos e tiro uma nota mais pequena</u>.” Então porquê que vais na mesma ao concurso? Pra quê? “Pra na <u>disciplina de que se trata o concurso ter uma nota mais alta</u>.” E depois vais prejudicar o teste... “Depende também da disciplina...”</p>				<p>“Nervosa, preocupada, hum...” “Nervosa <u>porque estou a experimentar uma coisa nova e nunca fiz e preocupada por causa...</u> de que - - por causa de - - porque <u>tou com medo...</u>” De quê? “De que... <u>perder tempo pra nada...</u>”</p>	
2 F 1004	C ³² Não	<p>“Não tinha pensado sobre a pergunta...” (para justificar o seu não ao facto de nunca ter feito algo do género).</p> <p>“Humm...posso dar um exemplo. Por exemplo, no ano passado tivemos um aluno da nossa turma, o C., que <u>martelou a cabeça a outro</u>. Foi de propósito <u>buscar um martelo a casa</u>, que até saiu no jornal.” “- Foi uma forma de <u>pôr à prova a sua agressividade</u>.” E isso foi uma coisa arriscada que ele fez? “Claro (a sorrir). Arriscada para ele e para o outro.”</p>	<p>Achas que fazer este tipo de coisas nos traz consequências? “Claro.” Por exemplo. “A história que eu contei, foi <u>suspenso</u>, por exemplo. E podemos ter vários castigos.” Castigos dados por quem? “Pelos pais, pela escola e por muita mais gente, pela família.”</p>	<p>Então, ele fez isso para se pôr à prova ou porque o outro o provocou? “Pois... pas duas coisas... <u>pa se pôr à prova e porque o outro o provocou também</u>.”</p>			

³² Apesar de ter respondido que concordava quando respondeu ao questionário, agora disse que nunca tinha feito nenhuma situação deste tipo. Disse que se enganou porque não tinha pensado sobre a pergunta.

3 F 1003	CT Sim ³³	<p>“Por exemplo, às vezes eu...um exemplo muito simples...”</p> <p>“Às vezes nós estamos no...sei lá...imaginemos que estamos no mar, gostamos sempre de ir mais <u>nadar mais, para além do que temos pé</u> e isso pode ser arriscado.”</p>	<p>“<u>Sozinha.</u>”</p>	<p>“Por vezes...pode-me trazer. Por exemplo, nós estarmos sempre a ver televisão, vamos ver o nosso limite, pode-nos trazer por exemplo uma consequência da vista, ou...sim eu acho que traz sempre consequências.”</p> <p>E esta questão, esta questão que tu dissesse de nadar e ir mais além, testar os limites...isso, mesmo isso traz-te alguma consequência ou pode trazer alguma consequência?</p> <p>“Pode, pode trazer...imaginemos que pronto, que eu reajo mal...que <u>dá-me uma câibra no pé</u>, ou assim, eu posso... e como eu faço sozinha não é, como eu já disse anteriormente, eu <u>posso me sentir mal e não conseguir regressar...</u>”</p> <p>E já tiveste consequências alguma vez desse género, ou alguma consequência por teres feito isso?</p> <p>“Nunca tive, felizmente...”</p>	<p>“Eu faço isso porquê? Porque me <u>dá algum interesse e porque eu fico com uma autoestima maior</u>, consegui para mais além do que consigo. Normalmente...”</p>	<p>“Sinto-me <u>agradada, feliz</u> por ter conseguido mais...”</p>	<p>“Depende se não acontecer nada e se vier...que eu primeiro reajo assim com alguma <u>desconfiança</u>. <u>Vou assim um bocado para além, mas depois volto</u>. Reajo com alguma <u>desconfiança</u>, se eu conseguir fazer o trajeto para mar que eu normalmente consigo eu acho que fico contente comigo e que...”</p>
		<p>“Sim, por exemplo as pessoas que fazem, sei lá, <u>desportos radicais</u>, tipo bungee jumping assim podem ter algumas consequências, por exemplo quando saltam podem-se aleijar, ou assim alguma coisa.”</p>		<p>“Podem ter algumas consequências, como aleijar-se”</p>			
4 M 1000	CT Sim	<p>“Eu tava lá com uns amigos e...fui pa lá...e pa não dar a volta toda à quinta, <u>saltei o muro</u>.”</p> <p>E achas que fazer parcou, parcou, é assim que se diz?, é uma forma de te pões à prova?</p> <p>“Não, para pôr à prova, tem que se fazer uma coisa arriscada para que se consiga pôr-se à prova.”</p> <p>Mas então o parcou é ou não é uma coisa arriscada?</p> <p>“É.”</p>	<p>“<u>Amigos</u>”</p> <p>“<u>Se tiver amigos à beira, vou, se não tiver, também</u>”</p>	<p>“<u>Não</u>, mas para o L.”</p> <p>“Caiu...magoou-se.”</p>	<p>“Porque em Paranhos agora ta muito...<u>tá muita gente fazia era o Parcour</u>, que é um desporto que é só saltar e fazer cambalhotas...”</p>	<p>“<u>Medo</u> (<i>ri-se um pouco</i>).”</p>	
		<p>“Em Paranhos, foi tudo em paranhos! (<i>ri-se</i>), um amigo meu...(<i>sim</i>) ah...por assim dizer, queria-se pôr à prova e fazer com que os outros gostassem mais dele ou...não percebi bem, prontos; e então foi tirar as chaves pra entrarmos mais...mais demorado, pra haver uma entrada mais demorada pa sala, tirou as chaves da porta, fechou e escondeu-a, atirou-a para lá e prontos...”</p>		<p>“Não, porque descobriram logo as chaves, senão...(<i>risos</i>)”</p>			
5	C	<p>“Sim, às veze quando tenho... Quando por</p>	<p>“Com amigos.”</p>		<p>“Não sei, se calhar talvez com... <u>pra ver</u></p>	<p>“Sinto-me bem, mas</p>	

³³ “Eu não faço, eu faço isso, mas não faço coisas muito arriscadas”, ela situa-se ao nível das “coisas pouco arriscadas”

F 1010	Sim	<p>exemplo, quando posso sair e quando vou a algum parque, gosto de às vezes ir para sítios onde talvez não seja, onde os seguranças não acham que não é tão bom estar lá. Ou seja, que é mais arriscado e aí sim, eu às vezes gosto de ver também para ver como é que me sinto e se naquele momento, porque eu de fora posso achar que estou a fazer uma coisa bem, mas depois lá no momento vou achar que não...”</p> <p>“Por exemplo, <u>ir para áreas restritas...</u>”</p> <p>Ir para as zonas restritas?</p> <p>“Sim, no sentido em que <u>é mais perigoso</u> e talvez porque é tão, é uma zona mais humm... Onde se tem mais... a terra é mais batida ou seja, é mais perigoso. E talvez passar por aí ou estar aí sentado um bocado.”</p>	<p>“Mas com amigos que eu sei que saiba que tenham cuidado, ou seja, que também não queiram arrisca demasiado e façam para além daquilo que conseguem fazer.”</p> <p>E o que é arriscar demasiado?</p> <p>“Arriscar demasiado é fazer coisas que talvez nós não consigamos controlar. Que nós sabemos que vai pra além dos nossos limites.”</p>		<p><u>se descobrem, se me apanham ou não. Se calhar talvez seja isso...”</u></p> <p>É para veres o que te vai acontecer...?</p> <p>“Exato. Mas sei que isso às vezes, há situações em que isso é arriscado e é perigoso e eu tenho consciência disso quando vou pra lá. Não vou pra lá porque... Só porque me apetece. Às vezes naquele momento, oh, vou experimentar... Mas não é por isso que vou passar a ir lá todos os dias. É uma vez, acontece e ficou por ali.”</p>	<p><u>sinto sempre aquela, aquele sentimento de talvez de erro, de às vezes de um pouco de irresponsabilidade...”</u></p> <p>E sentes-te bem com isso?</p> <p>“Não, porque depois eu às vezes quando faço isso, sinto dois sentimentos: sinto-me bem por estar ali, por estar a gostar daquilo, mas depois sinto-me sempre, aquele sentimento de... Que se acontecer alguma coisa, o que é que as pessoas vão pensar, será que vão ficar chateadas, será que vão ficar desiludidas...”</p>	
6 M 1007	C Sim	<p>“- - por exemplo, estava com uns amigos meus, <u>diziam que eu não sabia fazer nada, que era um lengrinhas</u>, pus à prova, experimentei <u>andar de skate</u>. Mas cá e magoei-me. Fiz uma coisa um pouco arriscada...”</p>	<p>“Amigos”</p>	<p><u>“Foi ter-me magoado e ser gozado e perder amigos, não é? Porque ninguém gosta de ser gozado.”</u></p>	<p>Ok. Fizeste isso com os amigos... Fizeste isso pra mostrar que conseguias?</p> <p><u>“Sim, pra não me gozar por não saber fazer.”</u></p>	<p><u>“Primeiro senti assim um bocadinho de medo, mas lá no fundo um bocadinho de coragem, não é? Senti-me triste por saber que os meus amigos me gozam por não saber fazer coisas.”</u></p> <p>E depois tu disseste-me que não correu lá muito bem...</p> <p>“Pois...”</p> <p>Caíste?</p> <p>“Cai.”</p> <p>E depois como é que te sentiste, depois de teres caído?</p> <p>“Senti-me magoado porque tava lá e também senti-me um pouco gozado porque os meus amigos também me gozaram pelo facto de eu ter caído.”</p>	
		<p>“Sim, muitas vezes uma pessoa copia pela outra e tira melhor nota que a outra e, por exemplo, eu posso deixar copiar e depois a outra pessoa que</p>					<p>Imagina que isso acontece contigo, como é que tu</p>

		copiou por mim tirar melhores notas. E isso às vezes chateia muito.” Chateia quem deixa copiar? “Sim...”					reages? “Reagia mal, hum... Dizia para nunca mais copiar porque afinal ela tá a copiar por mim pra ter boa nota e tira melhor. Enquanto eu tive que estudar, ele não estudou e tirou melhor nota só por copiar.” E o que é que tu queres dizer quando dizes que reages mal? “Fico chateado porque afinal eu tive o trabalho de estudar e ele nada e ele copiou por mim e mesmo assim tirou nota melhor do que eu. Mas só copiou, não teve o trabalho de... Pôr-se a estudar, olhar para o livro, não...”
7 F 1015	D Sim	“Foi essa do faltar às últimas aulas.”	“Com alguém.”		E tu fizeste isso porque tu querias ver se eras capaz... “Sim, sim porque... e também <u>porque já não me apetecia mais vir à aula.</u> ” E fazeres isso não teve nada a ver com os teus amigos te dizerem para fazer e isso? “Não, não, porque houve alguns que foram, outros que não foram. Primeiro porque apetecia-me mais se calhar não ir à aula do que ir à aula. <u>E também pôr-me à prova pra ver se era capaz.</u> ”	“Senti-me uma rebelde (risos). <u>Senti-me que tava a fazer uma coisa errada mas que me ia divertir.</u> ” Acaste por te sentir bem... “Sim, sim, acabei por me sentir bem.”	
		“Sim. Sei lá, às vezes há pessoas, há miudos que fazem coisas arriscadas pra, pra ficarem, se bem que eu acho isso uma estupidez, pra ficarem bem à beira dos amigos. E... pronto.” Então as pessoas também se podem pôr à prova pra mostrarem coisas aos outros? “Sim.”					

		Achas que isso acontece mais com rapazes ou raparigas? “Com rapazes.”					
8 F 1014	C Sim	“Por exemplo, quando fiz <u>rafting</u> e andas mesmo aos saltos e nunca tinha feito e as pessoas diziam-me que era mesmo muito... arriscado... não se está preparado, nunca se está preparado para o que possa vir a acontecer, foi mais isso...” E isso foi uma forma de te pões à prova? Fizeste num rio, descida de rio? “Sim.”	<u>Acompanhada</u>	“Huhum... <u>não</u> , naquela altura não.”	“Porque eu gosto muito de desportos, <u>de desporto mesmo e achei interessante a proposta</u> e como também eu acho que é uma daquelas coisas que se calhar nunca mais nos vão perguntar se queremos fazer, por isso...”	“Senti-me mais com <u>um bocado de medo porque aquilo é um bocadinho esquisito</u> . Mas foi bom, foi uma sensação boa e conseguir fazer uma coisa que se calhar era um bocadinho difícil.”	
9 F 1002	C Não						
		“Sim, às vezes, por exemplo, já vi uma situação em que <u>uma bola foi parar a um telhado de uma, a um telhado de uma escola...</u> ” “Não era de uma escola, já não me lembro do que é que era. O telhado era um bocado alto e estavam uns rapazes e eu estava lá ao lado e um deles disse para um outro que ele não conseguia ir <u>lá buscar a bola e ele foi</u> , só...depois <u>caiu e teve que ir para o hospital e depois vim</u> 2 a saber que ficou <u>parapelégico</u> . Humm... e achas que ele foi ao telhado para se pôr à prova? Subiu ao telhado e buscou, e foi buscar a prova... a bola para se pôr à prova? “Acho que não é, não é bem para se pôr à prova, acho que foi mesmo só mais...quer dizer foi para se pôr à prova mas para <u>mostrar que conseguia fazer algo, aos outros</u> .” Huhum... “Mas não...foi assim uma coisa mais...não pensou bem nisso...”					
10 M 1013	C Sim	“Ah... por exemplo, por exemplo <u>saltar de um penhasco pra água</u> .” “É uma coisa que normalmente... que não sabia que tinha coragem de fazer e, e podia correr mal. E fiz.” Quando tu decidiste... viste lá o penhasco, o rio e pensaste, vou-me atirar... “Não, primeiro pensei, pensei que era melhor não porque podia-me magoar, podia ser um bocado arriscado.”	“Com o meu <u>irmão</u> .” “ <u>Mais velho</u> .”	“ <u>Não</u> . Correu bem.”	“Decidi....(pensa em voz alta: decidi fazer porquê?), ah... - - -“ (acabou por não responder) o que é que te levou a ir fazer isso? “O meu irmão saltou e... eu vi como <u>é que ele saltou. Saltou umas três vezes primeiro que eu. E depois eu ganhei confiança e saltei também</u> .” E ti quiseste fazer como ele ou só quiseste fazer porque tu próprio querias perceber. Ou pensas, ah se ele tá a conseguir, também quero ver se consigo... “Foi mais isso.”	“ <u>Adrenalina</u> ”	

		<p>“- - não sei, mas, <u>fumar</u>... não sei bem. Uma pessoa que nunca experimentou...”</p> <p>Então vamos perceber se é ou se não... fumar, achas que fumar é pôr-se à prova?</p> <p>“Eu acho que sim, então se uma pessoa não quer, nunca tivesse experimentado, eu acho que é um desafio novo e mesmo sabendo das consequências... toda a gente sabe que o tabaco faz mal. As pessoas pa fumarem tão-se a arriscar.”</p> <p>E achas que uma pessoa quando decide fumar ela primeira vez é para provar a ela própria que é capaz de fumar?</p> <p><u>“Não, normalmente é para mostrar aos outros. É para dizer “eu fumei e tal”.</u></p> <p>Achas que essa coisa de mostrar aos outros, acontece mais com rapazes ou raparigas?</p> <p><u>“Rapazes.</u> Também os rapazes fazem isso pra impressionar... pra se exibirem para as raparigas.”</p>					
11 F 1012	C Sim	<p>“Uma vez estava a andar de <u>bicicletas com uns amigos e eles queriam saltar assim, queriam descer uma rampa muito...</u>”</p> <p>Inclinada..</p> <p><u>“Muito inclinada, mas sem travão.</u> E eu quis experimentar também, mas depois caí... arrisquei-me...”</p>	“ <u>Amigos</u> ”	“ <u>Fiquei com os joelhos esmurrados</u> (risos).”	“ <u>Pra ver se era capaz.</u> ”	<p>“<u>Senti-me bem,</u> mas ao mesmo tempo não parei para pensar se me ia aleijar.”</p> <p><u>Depois</u> de cair:</p> <p>“<u>Já não tanto</u> porque também apercebo-me que às vezes nem sempre que se calhar nem pode ser sempre assim tão mau, às vezes pode acabar por ser um bocado...”</p>	
		<p>“Sim, por exemplo, aqui acontece muito também na escola: <u>fumar</u>, às vezes irem todos... tarem numa ponta ou assim e começarem a empurrar, a dizer uns aos outros pra saltar e essas coisas assim.”</p> <p>Por exemplo, fumar achas que é pôr-se à prova?</p> <p>“Eu acho que é um bocado porque é <u>mais por influência</u>... os outros também fazem, eles acham pronto, “se eles fazem, eu também posso fazer”.”</p> <p>Então pôr à prova pode ser como aquilo que tu pensas pra ti, testares-te e, ao mesmo tempo, outras pessoas fazem para mostrar aos outros. Achas que isso de se pôr à prova para mostrar aos outros acontece mais com os</p>					

		<p>rapazes ou com as raparigas? “Eu acho que é com ambos.” Com ambos? Ok. E fumar é uma coisa um pouco arriscada? 2.25 “Hum...não é um pouco, é muito, eu acho que é muito...” Porquê que achas que é muito arriscado? “Porque <u>traz muitas consequências para o futuro e também torna-se um vício, o que é chato.</u>”</p>					
12 M 1008	C Sim	<p>“<u>Estar em cima de uma coisa alta só para dizer que o meu irmão não conseguia...</u>” Ahhhh... então isso quer dizer que nós podemos-nos pôr à prova também pra mostrar coisas aos outros? “Sim.” Tu fazes isso? “Sim, às vezes.”</p>	<p>“Sozinho” Mas com o irmão a ver (mais velho)</p>	“Não”	“- nada. Gozar com o meu irmão.”	“Nada”	
13 F 1011	C Sim	<p>Fazer uma atividade que tinha medo mas mesmo assim fim, foi fazer <u>rapel</u>.</p>	<p>Foi uma atividade da <u>escola</u>... Humm... Foi a descer uma pedra</p>		<p><u>Queria experimentar</u>, quer ver qual era a sensação de fazer aquilo que nunca tinha feito, apesar de ter tido medo porque já tinha feito uma vez uma experiência e acabei por desistir. Da segunda vez quis experimentar mesmo.</p>	<p>Senti que não era assim tanto como aquilo que eu via, que parecia... <u>Não era assim tão assustador. Mas tu gostaste de ter feito isso?</u> Gostei. Não me importava de voltar a repetir...</p>	
	outras	<p>és capaz de pensar em mais alguma situação em que as pessoas possam pôr-se à prova fazendo coisas um pouco arriscadas? Neste momento só me vêm coisas de desportos à cabeça... Então vários desportos... Sou mais virada para isso.</p>					
14 F 1001	CT Sim	<p>Por acaso nunca experimentei grandes coisas. Não? Não. Mas já experimentaste alguma coisa? Sim. Então diz-me. Foi uma vez, que ia para um jogo de basquetebol... Sim... Mas tinha lá montes de cenas de desportos radicais e tivemos a fazer <u>bungee jumping</u> e coisas do género. Então isso foi uma forma de te pões à prova.</p>	<p>Fiz com uma <u>amiga</u> minha.</p>	<p><u>Divertimento.</u> Divertimento?! Porque é que isso te trouxe divertimento? Gostei muito de fazer aquilo, foi muito giro.</p>	<p>Porque <u>gostava de experimentar. porque toda a gente fala que aquilo é divertido e coisas do género.</u> Ok. Então tu também fizeste isso para... porque tu querias experimentar ou porque já te tinham dito? Queria experimentar e também por já me terem falado disso. Ok. Depois. O que é que te levou a fazer isso? Tu chegaste lá, viste aquilo e o que é que pensaste? Estava com um bocado de medo e</p>	<p><u>Adrenalina, muito.</u> A coisa que tu fizeste trouxe-te divertimento, adrenalina... Sim. Achas que todas as coisas, que as pessoas fazem de se pôr à prova, trazem essas consequências? Não, alguns até trazem problemas. É?! As pessoas podem-</p>	

		<p>Sim.</p> <p>De testes as tuas capacidades.</p> <p>As capacidades.</p>			<p>nervosa, mas estava com, com muita vontade de experimentar.</p>	<p>se pôr à prova por diferentes...e trazem diferentes consequências. Que tipo de consequências?</p> <p>Por exemplo, aqui na escola, podem ser suspensos.</p> <p>E achas que as pessoas se põem à prova...uma das consequências de se porem à prova é ser suspenso?</p> <p>Por vezes, sim.</p> <p>Então, como é que essas pessoas se põem à prova?</p> <p><u>Pensando que um dia vão ser respeitados por exemplo.</u></p>	
<p>15 M 1009</p>	<p>C Diz que Não, mas.. .</p>	<p>É assim, eu coisas arriscadas não. Mas já aconteceu aqui na escola, no corta-mato, eu fiquei em segundo lugar. Eu tive que dar cinco voltas à escola e fiz uma coisa arriscada porque eu há quase um mês que não fazia desporto, porque eu saí do desporto e depois andava no basquete, mas o basquete não é muito de corrida, e depois e depois no fim quase que desmaiei.</p> <p>Sim.</p> <p>Foi um bocadito arriscado, mas não é muito.</p> <p>Desporto</p>	<p>Foi na <u>escola com outros colegas</u></p>	<p>durante uma semana estive quase sempre com <u>falta de ar</u>.</p> <p>Tinha muita <u>tosse</u>, estava um bocado frio e depois <u>constipei-me</u>.</p> <p>E depois também a minha <u>mãe estava-me sempre a chatear</u> por causa de correr...estava doente.</p> <p>Então, tu neste caso, nesta situação tiveste dois tipos de consequências, não tiveste?</p> <p>Tive. Uma foi ficar doente e depois a outra foi a minha mãe estar-me a chatear.</p> <p>E aquela que tu estavas a dizer, que te sentiste orgulhoso, não achas que isso seja uma consequência?</p> <p>Mas consequência, mais ou menos, não é bem consequência.</p> <p>Então?</p> <p><u>É mais, não sei explicar muito bem, é tipo um mérito de ficar em segundo.</u> Mas uma consequência não muito bem, o que a minha mãe não me chateia com isso.</p> <p>Então achas que, às vezes, as pessoas quando se põem à prova podem ter consequências ou méritos? Ou achas que isso te aconteceu a ti por acaso?</p> <p>Não aconteceu. Há muitas pessoas que</p>	<p>Isso foi piores-te à prova, também?</p> <p>Foi.</p> <p>O que é que isso quer dizer, porque é que?</p> <p>Eu não sei...eu não sabia, eu pensava que ia ficar assim no meio...</p> <p>Sim...</p> <p>Em quinto lugar e fiquei em segundo. Pá foi um bocado à prova porque eu nunca tinha ficado, num dos três primeiros lugares tinha ficado num dos 6.</p> <p>Sim.</p> <p>E foi isso.</p> <p>Então, tu fizeste isso também para veres...</p> <p><u>Se conseguia, ver se era capaz.</u></p> <p>Ok. Então, as pessoas também fazem isso de se pôr à prova para verem se são capazes de fazer alguma coisa?</p> <p>Sim.</p>	<p>Senti-me <u>orgulhoso</u> por conseguir estar em <u>segundo lugar</u>.</p>	

				<p>conseguem por méritos.</p> <p>Sim.</p> <p>Eu como consegui um segundo lugar e há outras pessoas que fazem e não conseguem, mas se forem tentando várias vezes, já vão tentando e já vão conseguindo, não é a primeira vez.</p> <p>Então, fazer também essas coisas arriscadas, pode não trazer só consequências?</p> <p>Sim.</p> <p>Sim?! Traz ou não traz só consequências?</p> <p>Não, não, não traz.</p> <p>Não?! Pode trazer coisas quê, então?</p> <p><u>Pode trazer méritos, pode trazer conflitos com pessoas...</u></p> <p>Huhum...</p> <p>Como ficar em segundo lugar e depois não ter (não percebo)...</p> <p>Huhum...</p> <p>Tu ultrapassaste-me e eu vou-te bater, pode acontecer, mas eu acho que não aconteceu aqui na prova.</p>			
17 M 1020	CT Sim	<p><u>Andar de bicicleta sem saber andar...</u></p> <p>Numa <u>montanha</u>, montanha quer se dizer cheio de saltos.</p>	<u>Sozinho</u>	<p><u>E dei um grande malho...</u></p> <p>Sabia que era perigoso, mas também sabia que podia já começar a andar de bicicleta.</p> <p>E depois de teres caído o que é que tu sentiste?</p> <p>Dor (risos).</p>	<p><u>Tentar andar de bicicleta.</u></p> <p>Mas já sabias andar de bicicleta ou ainda não?</p> <p>Ainda não.</p> <p>Então já foi há muito tempo ou não?</p> <p>Foi?</p> <p>Sim.</p> <p>Sei lá. Para tentar começar andar de bicicleta.</p> <p>No monte?</p> <p>Sim. Não havia mais nenhum sítio e eu fui para lá.</p> <p>E isso foi uma forma de te pões à prova?</p> <p>Sim, também.</p> <p>Porquê?...Disseste que pôr à prova era testes o que tu eras capaz. Isso foi uma forma de tu veres se eras capaz de andar de bicicleta?</p> <p>Sim.</p>		
		<p>E uma coisa que tu tenhas feito há pouco tempo?</p> <p>Acho que não.</p> <p>Nada. Mas então concordas totalmente?!</p> <p>Concordo totalmente não quer dizer que tenha que estar sempre a fazer.</p>					

		Mas recentemente não te lembras de ter feito nada disso? Não.					
18 M 1019	C Sim	Subir uma montanha. Dá uma sensação um bocadinho esquisita começarmos a cair, uma sensação de altitude. Mas se seguirmos bem as instruções não deveremos ter algum problema. Mas se seguirmos as intruções aquilo continua a ser arriscado? Mesmo assim continua mas menos.	<u>Não, quando fiz, fiz com outras pessoas.</u> E se fosses sozinho também fazias? Penso que sim, provavelmente se calhar até faria mas em montes mais pequenos. Porquê? Porque <u>já não teria tanto aquela, aquela, a parte segura</u> , se eu caísse, por exemplo, algu' me me poderia socorrer. Se fosse sozinho, provavelmente não teria ninguém à minha beira. Mas se tavas com bastante segurança, foi arriscado na mesma? Pareceu-me estar com segurança... (risos), mas é claro que foi arriscado.		Porque gosto, <u>gosto de subir, subir coisas, sentir novas, sentir diferentes sensações.</u>	Foi interessante estar a, <u>estar a desafiar o medo</u> de a bem dizer... Tinhas medo quando decidiste fazer? <u>Não era bem medo, mas uma pessoa sente-se um bocadinho nervosa porque nunca tinha experimentado aquilo e foi uma sensação nova.</u> O que sentiste após a experiência? Senti-me bem, era uma diferente daquelas que normalmente costumava fazer.	
	Outr a sit.	fazer slide. Sim. A grandes altitudes, descer só preso pela cintura a uma corda, também foi interessante, foi interessante. Isso é pôr à prova? Não é bem pôr à prova, é mais uma questão de tarmos bem presos, bem presos pela correia e... Mas achas que é ou não é uma forma de te pores à prova? Sim, acho que é uma forma de me pôr à prova. E achas que isso é arriscado? É um bocado porque estamos a grandes altitudes, muitas vezes de uma montanha para a outra. A altitude é grande, aquilo pode rebentar e podemos, pode-se soltar a corda e podemos cair. E o único suporte que temos para nos segurar é mesmo aquela correia.					

		<p>Há mais alguma situação em que tu aches que as pessoas se podem pôr à prova fazendo coisas arriscadas, sem ser desportos?</p> <p>Penso que não.</p> <p>É mais pelos desportos...</p> <p>Sim.</p>					
19 M 1005	C	não me lembro de nada...					
20 M 1017	CT Sim	<p>colegas que ia lá buscar. Fui buscar e à descida, já tinha mandado a bola, desci e falhou-me o pé, se não tinha conseguido pôr a mão na janela tinha-me magoado bem.</p> <p>E isso foi uma forma de te pores à prova?</p> <p>Foi, porque eu nunca tinha feito aquilo.</p> <p>Ok. E tu achas que fizeste isso só para, para te testares a ti próprio ou também para mostrares que eras capaz?</p> <p>Foi mais a segunda.</p> <p>Mais a segunda. Para mostrares que eras capaz. Mas porque é que achas que...mas tu não fizeste isso só para te testares, fizeste para mostrares aos outros porquê? É mais importante mostrar aos outros?</p> <p>Não.</p> <p>Então?</p> <p>É mais importante saber, termos noção, que algumas coisas nós não somos capazes de fazer.</p> <p>Hum...</p> <p>Do que estar a mostrar aos outros que somos e numa segunda vez corre mal e nós nos magoamos.</p>			<p>“Mostrar que, mostrar que sou mais forte e mais responsável” (aos outros)</p>	<p>Senti-me o maior.</p> <p>Sentir-se o maior é o quê?</p> <p>É...</p> <p>Cresceste?</p> <p>Não.</p> <p>Então?</p> <p>Não sei.</p> <p>O que é essa sensação de se sentir o maior?</p> <p>Ser o mais popular, sei lá.</p> <p>Mas o mais popular entre os teus colegas?</p> <p>Sim.</p> <p>E o mais popular é o quê? Ou... o que é uma pessoa popular?</p> <p>É uma pessoa que faz asneiras, pelo menos na minha turma é.</p> <p>Ou seja, quanto mais asneiras mais popular?</p> <p>Exato.</p> <p>E essas coisas que vocês fazem, por exemplo, então estás-me a dizer que é mais popular quem faz mais asneiras...</p> <p>Na minha turma é.</p> <p>Na tua turma. Então se calhar também é aquele que recebe mais castigos?</p> <p>Exato.</p> <p>E o que é que tu pensas disso? De se ser o mais</p>	Não.

						<p>popular dessa maneira? É um bocado mal para ele e para a turma. É mal para ele e para a turma, e porque é que tu achas isso? Porque é que é mau para ele? Porque ele pode vir a reprovar ao no, pode vir a ser suspenso. Pode ficar de castigo dos pais e da escola. E para a turma porque é que é mau? Porque fica com uma má reputação. Reputação. Então, porque é que as pessoas, sabendo que isso lhes vai trazer desvantagens porque é que continuam a fazer esse tipo de coisas? Para se acharem os maiores entre os colegas. E não achas que haveria outras formas de serem os maiores? Não sei, nunca tentei. Nunca pensaste noutras formas de ser popular então? Não.</p>	
--	--	--	--	--	--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

• O outro

E		O que pensas daquelas pessoas que			Reação dos outros		
		Gostam de se pôr à prova fazendo coisas um pouco arriscadas	Não gostam de se pôr à prova fazendo coisas um pouco arriscadas	Ficas do lado de quem?	Pais	Professores	Amigos
1 F 1006	C Sim	<p>“Hum... <u>depende do que se vão pôr à prova.</u>” “As pessoas... porque as pessoas que se põem... têm que se sentir sempre um bocado inseguras!” Porquê? Pôr à prova temos que nos sentir inseguros? “Não, <u>não quer dizer que têm de se sentir inseguras... mas têm de sentir um pouco com</u></p>	<p>“Hum.... São <u>pessoas que gostam de sentirem-se seguras sempre.</u>”</p>	<p>“Um bocado das <u>duas</u>... porque eu sou muito segura de mim” (percebi segura mas era insegura). O que é que isso quer dizer então? “Tenho sempre um</p>	<p>“Dizem-me que se eu tirar má nota, não vejo televisão...”</p>		<p>“Reagem bem.” “<u>Não se importam.</u>”</p>

		<p>medo. E o medo às vezes provoca insegurança nas pessoas.”</p> <p>Então quando nós nos pomos à prova sentimos um pouco de insegurança...</p> <p>“Sim...”</p> <p>Ou seja, temos medo, é isso? “Sim.”</p> <p>Sentimos um pouco medo. “Sim.”</p> <p>Medo do quê?</p> <p>“Do que possa acontecer.”</p>		<p>bocado de medo do que possa acontecer.”</p>			
2 F 1004	C. ³⁴ Não	<p>“Eu penso que essas pessoas não pensam antes de fazer as coisas porque podem-se pôr à prova de outra maneira sem ser coisas um pouco arriscadas.”</p> <p>Como é que se podem pôr à prova, então?</p> <p>“Ah... Podem-se pôr por exemplo, estudando; podem-se pôr à prova da sua inteligência; podem-se pôr à prova de quê que são capazes mas sem fazer coisas arriscadas.”</p> <p>E o que é que quer dizer de se pôr à prova estudando?</p> <p>“Pôr à prova estudando... Por exemplo, ter de se estudar muito para depois nos pormos à prova num teste para vermos a nossa capacidade mental.”</p> <p>Ok. Então pôr à prova também pode ser testarmos as nossas capacidades, é isso?</p> <p>“Exato.”</p>	<p>“Eu penso que são pessoas boas. Não gostam de arriscar para não serem castigadas.”</p>	<p>“No meio, pra não ser tão calminha, nem tão arriscado.”</p> <p>“Calminho é... é tar calado sempre nas aulas, fazer as coisas sempre certinhas, nunca fazer nada assim de arriscado, nunca responder torto.”</p> <p>O que é que tás a querer dizer com isso “nunca fazer nada de arriscado”? O que é que tás a querer dizer?</p> <p>“É não fazer asneiras.”</p> <p>Ok. Fazer uma coisa arriscada é fazer asneiras?</p> <p>“Exato.”</p>	<p>“Depende das coisas arriscadas que eu fizesse?”</p> <p>(a partir desta informação, conseguem-se novas informações para a parte do conceito de coisas arriscadas)</p>	<p>Mal.</p> <p>Mal, porquê?</p> <p>“Porque os professores.... Porque toda a gente reage mal a uma coisa destas.”</p> <p>O que é reagir mal?</p> <p>“Reagir mal é ficar constrangido com outra pessoa que é o que nós pensávamos que era e já não é o que nós pensávamos que era. É diferente, mudou.”</p> <p>Ok. E o que é que quer dizer isso de ficar constrangido?</p> <p>“Ficar constrangido, ficava... como é que eu hei-de dizer.... Ficava espantado, ficava aborrecido, mas mesmo assim ficava admirado pela atitude dessa pessoa.”</p>	<p>“Mal também.”</p> <p>Também reagem mal?</p> <p>“Podíamos perder muitas amizades fazendo estas coisas.”</p>
3 F 1003	CT Sim	<p>“É assim, eu não faço, eu faço isso, mas não faço coisas muito arriscadas...quer dizer...”</p>	<p>“É assim...respeito ambos os sentidos, há pessoas que também eu também já fui, já tive momentos em que fui assim...eu acho que as pessoas se não gostam de se pôr à prova, pronto... são pessoas cautelosas, não gostam de se pôr à prova, não gostam de passar os limites. Mas eu acho que é assim, uma pessoa se nunca passar os limites nunca saberá do que é capaz realmente...mas pronto, gosta de estar seguro, gosta de não ir até ao limite.”</p>	<p>“Eu acho que é o intermédio, o intermédio. Acho que é não muito arriscadas, porque como eu já disse pode trazer consequências, mas também não muito, não muito de se pôr à prova...porquê? porque assim nunca se saberá o que será capaz. Eu acho que é o intermédio.”</p>	<p>“Os meus pais reagem com preocupação, não é?! Que se virem, reagem assim com preocupação e alarmação, e alarmação...dizem logo: oh F., ai não sei quê não faças isso e tal...”</p>	<p>“Eu acho que, que é um bocadinho como os pais. Porquê? Porque eles são adultos e eu acho que eles estão sempre a, a também têm muita cautela e tentam-nos avisar para não fazermos isso mas nós às vezes não damos muito ouvidos e... é professora. Não damos muito ouvidos e fazemos na mesma...”</p> <p>Sim e achas que é por serem professores, ou por</p>	<p>“Os meus amigos é diferente... eu acho que os meus amigos até podem, alguns podem dizer, olha faz mais um bocado e incentivam ou fazem como que nós queremos ir mais além... acho que é, é diferente...”</p> <p>Achas que tu também podes fazer isso para pões à prova, para mostrares alguma coisa aos teus amigos ou é só pra te mostrares a ti própria?</p> <p>“Hum não...é assim, eu normalmente faço as coisas para mim, para ver, mas há pessoas que por exemplo fazem pôr à prova para, para surpreender alguém, não é, para, para que a outra pessoa veja: ah ele é muito bom,</p>

³⁴ Apesar de ter respondido que concordava quando respondeu ao questionário, agora disse que nunca tinha feito nenhuma situação deste tipo. Disse que se enganou porque não tinha pensado sobre a pergunta.

						<p>serem adultos? “Eu acho que é um bocadinho dos dois...e nós fazemos sempre, repetimos, repetimos...só que às vezes pode correr mal, não é?! E depois aí, sim...só que pode ser tarde demais e não podemos remediar.”</p> <p>Ok. Mas estavas a dizer vocês fazem sempre sempre mesmo ele chamando à atenção vocês fazem sempre...mas quando tu, fala por ti...tu achas que vocês fazem sempre ou fazes sempre porque queres mesmo ou fazes sempre para os contrariar e? “É assim, eu acho que sinceramente, por exemplo, nós imaginemos, testamos o limite, nós queremos sempre ir mais além, depois quando repetimos queremos sempre um bocadinho mais além, queremos sempre um bocadinhos, mas também às vezes se calhar é para contrariar e para ver a reação e...”</p>	<p>é muito boa e não sei quê...” Achas que isso acontece mesmo, essa questão de se... “Muito regularmente e... mas pode correr mal não é, pode...”</p>
4 M 1000	CT Sim	<p>“- - - se for uma vez ou outra, como eu, acho que também não... se souber o que faz...se tiver...se tiver a saber o que faz....” “Não há assim tanto problema...agora se for para lá sempre, pode cair e magoar-se muito.” E isso pode-lhe trazer consequências não muito agradáveis? (Acena que sim com a cabeça) é isso? “Sim, muito graves.”</p>	<p>“Não podemos criticar as pessoas, não é? Se não se querem pôr-se à prova, não se ponham...” “Mas porem-se à prova pra si próprios, é ver se conseguem, não é pa saber pros outros...” Então achas que pôr-se à prova pode ter dois sentidos...? “Exato.”</p>		<p>“Se soubessem...” (risos) Não sabem? (acena com a cabeça que não) e como é que achas que eles reagiam se soubessem? “Mal.” Porquê? “Porque, só por ir para a quinta do covelo já é um bocado mau...” Então tu achas que</p>	<p>“Meninos mal comportados...”</p>	<p>“- - <u>No parcour</u>, por exemplo, acho que é bem...que era um desporto que estava muito...que toda a gente fazia...e consideravam um desporto quase...mas quase nunca se ouvia falar, pois não?” Agora é que já se começa a ouvir mais... “Pois, agora já se começa a ouvir mais e por isso, se conseguíssemos fazer aquilo, éramos os melhores...porque pouca gente fazia...” Sim...então tu apesar de dizeres que aqui quando pensaste em te pôr à prova, pensaste pra ti, também fizeste se calhar um pouco a pensar naquilo que os outros</p>

					<p>fazer essas coisas... também não convém que os pais saibam?</p> <p>“Sim... Em algumas situações...”</p> <p>Porquê?</p> <p>“Eu acho que o meu amigo não queria que os pais soubessem que ele foi tirar a chave da sala, não é...?”</p> <p>Pois...mas não é porquê? O que é que me estás a querer dizer com isso?</p> <p>“Hum... - - - “</p> <p>O que é que acontecia se eles soubessem?</p> <p>“Ficavam chateados...” (não se percebe se está a falar de si ou do amigo)</p>		<p>pensariam.</p> <p>“Se calhar, sim....Mas mais para saber se eu conseguia ou não.”</p>
5 F 1010	C Sim	-	-	-	<p>“Eles... <u>A reação deles não é má porque eu conto...</u> Não tenho medo de dizer... Dizer as coisas aos meus pais, porque eu conto sempre tudo o que faço, e admito porque os meus pais sempre me ensinaram tudo o que fizeres podes falar connosco e podes conversar, ou seja, tenho uma relação com eles muito aberta. Claro que sei que se precisar, a minha mãe me castiga... Que me castiga, mas isso não há... Não é nada a discutir. Mas sei que posso falar com ela e dizer “oh mãe, fiz isto”, sei que não foi tão errado, mas fiz</p>	<p>“Eu acho que eles <u>não querem muito saber porque como não tem nada a ver com eles diretamente, acho que não se importam.</u> Só se gostarem do aluno ou se tiverem uma relação muito forte com ele.”</p>	<p>“Acho que <u>podiam apontar o dedo...</u> Bastantes acho que podiam apontar o dedo e <u>podiam julgar</u> mas há sempre um ou dois que... Que às vezes nem sequer falam do assunto porque sabem que há... Que sabem porquê que fizemos aquilo e não precisam de estar ali a julgar e a dizer.”</p> <p>Apontar o dedo, significa jogar?</p> <p>“De uma certa maneira acho que sim.”</p>

					isto, olha apeteceu-me, mas ela aí vai dizer o que é que acha... Pode ficar chateada no momento, mas não... Mas <u>vai-me explicar porquê que eu não devo fazer aquilo, que consequências é que me pode trazer a mim</u> e nem sempre às pessoas que podem não lá estar mas... Por exemplo, à minha mãe... Se me acontecesse alguma coisa, ela ia ficar preocupada. E isso é um sentimento que eu depois sentiria neste, neste ponto de nos pôr à prova, fazendo coisas um pouco arricadas.”		
6 M 1007	C Sim	“Penso que às vezes <u>são corajosas mas estúpidas ao mesmo tempo</u> . Porque afinal não vamos fazer coisas estúpidas, não é? Só para nos mostrarmos nós por assim dizer, só para nos armarmos...”	“Posso achar assim um bocadinho <u>medricas por assim dizer, não é? Porque às vezes faz bem adrenalina.</u> ” Faz bem a quê? “ <u>Estimula-nos</u> . Não sei...”	“Das pessoas que <u>não gostam.</u> ” Das que não gostam de se pôr à prova? “Sim, não tentam arriscar a vida das outras pessoas e a vida delas.” Então, tu apesar de gostares de às vezes de fazeres estas coisas... “Prefiro as pessoas que não fazem...”	“Depende, muitas vezes podem reagir bem ou reagir mal... Porque podem reagir mal, <u>pode ser muito perigoso para nós</u> . E às vezes reagir <u>bem por nunca termos feito isso e talvez não pôr-nos tanto em risco e aprendemos coisas novas.</u> ”	“Depende: há professores que podem falar e há outros professores que podem não ligar muito.”	“Também podem reagir bem ou mal. Mais mal porque <u>preocupam-se connosco</u> . E há outros que reagem bem porque “ <u>agora, não sei quê, és dos nossos... já sabes fazer isso, já podes andar connosco...</u> ” E não sei quê, não sei que mais.” Achas que isso do “agora és dos nossos” acontece mais com rapazes ou com raparigas? “Talvez com <u>rapazes</u> porque os rapazes gostam muito de se armar para as raparigas e...” E? “E é isso.”
7 F 1015	D Sim	“Depende, se forem <u>coisas inofensivas</u> que só <u>tragam problemas pra eles, acho, pronto... não acho mal porque são eles que vão arrecadar com as consequências</u> . Agora aqueles que podem trazer problemas a outras pessoas ou a <u>coisas, outras coisas, que outras pensam e queriam fazer, isso já é uma estupidez.</u> ”	“Também <u>acho que essas pessoas não vivem</u> . E passaram por algumas experiências que as pessoas que se põem à prova, têm.”	“Do lado das pessoas <u>que se põem à prova mas que arrecadam com as consequências.</u> ”	“ <u>Reprendiam-me.</u> ”	“ <u>Como os pais</u> , fám-me repreender.”	“Acho que não.” Não diziam nada. “Não, <u>não me iam repreender.</u> ” Mas aqui não quer dizer só repreender, é como é que eles reagem... se te diziam alguma coisa.. “Se fosse uma coisa muito <u>arriscada e que eu me pudesse aleijar fisicamente, provavelmente os meus amigos mais</u>

							chegados vinham-me dizer que aquilo foi <u>uma tolice</u> e que eu não devia ter feito. Se for uma coisa assim que até me <u>deu prazer e que eu não tive tantas consequências como tais, até pronto, até é “muito bem”</u> , pronto.”
8 F 1014	C Sim	“Depende de quais são as coisas arriscadas. Porque há coisas arriscadas que eu digo não, aquilo não vale, não é mesmo, não... acho que é um bocado arriscado de mais, mas, não tenho... nem tenho muito conhecimento de coisas assim muito arriscadas que se façam, por isso também não...” (remete para a ideia de que há diferentes coisas arriscadas: esta informação foi acrescentada à parte do conceito)			“Se for um pouco arriscada, muito provavelmente não vão reagir mal, mas agora se for assim uma coisa <u>sem segurança, sem nada, não vão reagir muito bem...</u> ”	“Os professores se calhar vão dizer <u>que não devia ter feito</u> , não passa daí.”	“Acho que não vão dizer <u>nada</u> .”
9 F 1002	C Não	“Acho que podem ser, talvez pessoas sem, que são <u>mais aventureiras...</u> ” “Tem um pouco... <u>mais corajosas...</u> mas também se calhar são pessoas que não... <u>não pensam muito nas coisas antes de as fazerem</u> , só pensam naquele momento e não pensam nas consequências que pode ter.”	“Acho que estão a mostrar que são mais... pensam... são... <u>pensam mais nas coisas</u> antes de as fazer...” E que...prontos... Podem ser mais... podem também ser <u>mais calmas...</u> não sei...”	“Prefiro as pessoas que <u>pensam (risos) antes de fazer as coisas.</u> ” “Acho que... é uma <u>atitude mais lógica e que pode, pode prevenir que nos aconteça alguma coisa</u> e que... prontos...”	“Acho que...talvez ficassem <u>um pouco zangados</u> , porque se fosse uma actividade que incluísse, que pudesse trazer riscos e...” Huhum... “Consequências, aí ficariam zangados...”	“Acho que, deveriam, iriam <u>dizer que era uma coisa errada</u> ”	“Acho que, não sei... porque...podiam não, não ter nenhuma opinião em relação a isso ou podiam...” “Talvez, se fosse uma coisa que me desafiasses a fazer...” Sim... “Podiam... às vezes, quando se desafia fazer, quando alguma pessoa nos desafia a fazer alguma coisa pode ser um pouco por maldade e...” Sim... “Por...e se nós fossemos fazer não sei...podiam sentir-se, por um lado <u>sentiam-se um pouco zangados</u> , não sei...não era bem zangados era mais chateados porque se nós não <u>tivéssemos feito essa coisa eles podiam...era uma oportunidade de gozarem connosco...</u> ” “Huhum... e se não gostassem de nós então era uma oportunidade para gozarem connosco.” Ok. Então tu achas que, às vezes, eles tentam testar-nos, desafiando-nos para nos porem à prova, é isso? “Sim.”
10 M 1013	C Sim	“São pessoas que... pessoas que nunca... que <u>ainda não descobriram bem qual o limite delas e tão sempre a tentar expandir mais.</u> ”	“- - são <u>medricas.</u> ”	“Fico... normalmente fico <u>no meio</u> . Nã sou muito assim radical, sou um bocado cauteloso. Não salto assim, olho, vejo um rio um penhasco, pronto salto, não.	“ <u>Não ficam muito zangados.</u> ”	“ <u>Não sei, nunca avisei nenhum.</u> ”	“Dizem “Hey, és o maior, tu é que és fixe”, assim...” E tu gostas de ouvir isto ou é indiferente? “Oh, é sempre bom...”

				Primeiro vejo se não há perigos e isso.“			
11 F 1012	C Sim				“Ficam <u>aborrecidos e perguntam-me porquê, normalmente, por que é que fazemos uma coisa dessas...</u> ”	“Acho que eles reagem mais ou menos parecido com os meus pais e também perguntam porquê e tentam perceber o que é que me levou a fazer aquilo.”	“Também <u>perguntam quase sempre porquê</u> . Se já tiverem feito, às vezes dizem que não é assim tão mau, não precisas de ficar assim tão triste ou porquê que fizeste isso, não faz sentido nenhum ou não és assim, uma coisa assim do género.”
12 M 1008	C Sim	“Acho <u>mal</u> .” Achas, porquê? “Porque <u>podem-se aleijar</u> .” Ok. A única consequências das pessoas podem-se À prova, fazendo coisas arriscadas é aleijarem-se. Há mais consequências ou não? “Eu acho que não.”	“Acho que são <u>inteligentes</u> . Essas <u>não têm</u> riscos de se aleijar.”	Dos que <u>se põem à prova</u>	“Reagem <u>mal, chateiam-me, castigam-me</u> .” Chatear-te é pôr-te de castigo? “É.”	“Mandam-nos <u>suspensos</u> .”	“ <u>Não sei</u> .”
13 F 1011	C Sim	É assim... Também depende muito da pessoa. Se a pessoa gostar, acho que não deve fazer mal. <u>Se gosta de se pôr mesmo assim à prova e de experimentar coisas novas, eu acho que deve fazer.</u>	Acho que <u>deveriam experimentar e que é um erro não o fazerem, pelo menos uma vez deveriam fazer.</u> E porquê que é um erro elas não fazerem? Podem ter medo também, podem não querer experimentar... Mas porquê que tu achas que elas deveriam experimentar? Porque já fiz... Huhum. Já fiz coisas arriscadas, às vezes pode ter consequências, mas mesmo assim acaba por ser divertido.	Sim, das que se <u>gostam</u> de pôr à prova.	Os meus pais <u>não se importam</u> . Também depende das situações. Se for, às vezes há coisas de pôr à prova que há pessoas que exageram um bocadinho... Que coisas? Vamos ver por outro lado, por exemplo, há pessoas que andam por aí a fazer asneiras, na rua, isso nunca faria e acho que isso também é pôr à prova uma pessoa de si mesma. De um lado mau, mas eu não faria isso, no meu lugar. É outro tipo de pôr à prova. Ok. Então tu achas que há um pôr à prova que é mais aceitável...? Sim. Que é mais radical.	<u>Depende dos professores. Então?</u> Se fosse a professora de educação física acho que ela ia achar bem (risos). Se for outra professora, talvez sim, talvez não.	Depende dos amigos. <u>Se forem amigos mais abertos e que também acham isso engraçado uns podem achar mais piada, outros não porque se calhar não gostam desse tipo de atividades</u> , de se pôr à prova a si mesmos e há outros que podem gostar mais.
15 M 1001	C Sim	<u>Depende. Se for por diversão...</u> São pessoas... como é que eu hei-de explicar. coisas divertidas. E dessas tu pensas, o quê? <u>As pessoas divertidas, que são pessoas</u>	Que <u>deviam experimentar</u> que pode vir a ser divertido.	Das que <u>gostam</u> .	Mais ou menos. <u>Depende do tipo de situações arriscadas que eu vou fazendo.</u>	<u>Não muito bem</u> . Põem-nos de <u>castigo</u> e as <u>suspensões</u> e essas coisas todas.	<u>Avisam-me de que devo ter cuidado</u> E como é que achas que os amigos, aqueles rapazes, principalmente rapazes, que se gostam de pôr à prova para se

		<p><u>divertidas gostam de experimentar coisas novas.</u></p> <p>Ok. E depois há aquelas pessoas que tu disseste que se gostam de pôr à prova, por exemplo para mostrar aos amigos. É?</p> <p>Eu acho que é uma parvoíce completa.</p>			<p>E que tipo de outras coisas estavas a pensar, quando disseste que depende das coisas arriscadas?</p> <p>Porque se eu também fizesse o mesmo dos rapazes que eu agora falei, eles podem vir a ficar muito tristes, zangados, podem vir a pôr de castigos e até mesmo levar a bater.</p>		<p>integrarem, por exemplo. Como é que achas que os amigos deles reagem?</p> <p>Hum...com...com muita...</p> <p>Vai dizendo por outras palavras.</p> <p>Com respeito a essa pessoa, de querer entrar.</p> <p>Sim. E mesmo que isso lhe traga conseqüências negativas, os amigos olham na mesma para ele com respeito?</p> <p>Sim.</p> <p>Ok. E o mais importante é mesmo ele mostrar-se?</p> <p>Sim. Para eles normalmente sim.</p> <p>Ok. Há mais alguém que tu aches que se importa com aquilo que vocês fazem, que queiras dizer, ou?</p> <p>Acho que está.</p>
14 F 1009	CT Diz que Não, mas..	<p>Acho que são <u>pessoas inteligentes, porque não é só coisas fáceis que lhes vão desenvolver a vida...</u></p> <p>Sim?!</p> <p>Eu tenho também que fazer coisas difíceis.</p>	<p>São pessoas não...são pessoas, olha, que escolhem esse método...</p> <p>Sim...</p> <p>Mas eu <u>acho que não é muito correto, porque coisas fáceis arriscadas é melhor fazer coisas difíceis.</u> Porque as coisas fáceis arriscadas são quase a mesma coisa. Mas o problema é que é fácil é melhor fazer difícil porque também são arriscadas.</p> <p><i>As ideias que ele foi apresentando remetem para a definição de coisas arriscadas.</i></p>		<p><u>Às vezes reagem bem.</u></p> <p>Então, o que é que é reagir mal? E o que é que é reagir bem?</p> <p>Mal é zangarem-se, conversar, estar ali meia hora a falar com eles, porque nós fizemos uma coisa que é perigosa.</p> <p>Huhum...</p> <p>Uma coisa, uma coisa boa...</p> <p>Huhum...</p> <p>É, se eu conseguir é melhor, porque assim os mais já veem que eu consigo e se eu tentar várias vezes, já consigo. <u>Eles já não se zangam, mas se eu não conseguir acho que eles já se vão zangar.</u></p>	<p>Acho que <u>não reagem...depende dos professores.</u></p> <p>Mas achas que reagem como os pais?</p> <p>Não. Os pais reagem mais, mais forte.</p> <p>Sim, porquê?</p> <p>Porque são os nossos pais e querem o nosso melhor.</p>	<p>Reagem nada, olha, <u>normal.</u></p> <p>Normal...</p> <p><u>Não é nada a ver com eles, mas às vezes...e, olha fixe conseguiste aquela coisa.</u></p> <p>Conseguiste...assim.</p>
17 M 1020	CT Sim	<p>São <u>malucas.</u></p> <p>Porquê?</p> <p><u>Fazem coisas perigosas.</u></p> <p>Fazer coisas perigosas é ser maluco?</p> <p>Não, mas...</p> <p>Sei lá. Porque <u>estão a pôr em risco a sua vida.</u></p> <p>Ok. E pôr em risco a vida, quer dizer o quê?</p> <p>Pode morrer. Ou magoar-se à séria.</p> <p>Ok. Magoar-se à séria é magoar-se com</p>	<p>Ok. e o que é que tua achas daquelas pessoas que não gostam nada de se pôr à prova, fazendo coisas arriscadas?</p> <p>São pessoas <u>normais.</u></p> <p>Normais?</p> <p>Sim.</p> <p>E mais coisas sobre o que é uma</p>	<p>Um bocado <u>pro maluco um bocado normal.</u></p>	<p>Poderiam <u>ficar magoados</u> mas também poder-se-iam <u>preocupar mais comigo.</u></p> <p>Podiam-se preocupar mais?</p> <p>Preocupavam-se mais comigo (não percebo)</p>	<p><u>Podiam achar mal.</u></p> <p>Isso achar mal, o que quer dizer?</p> <p><u>Diziam para não voltar a fazer que era uma coisa arriscada.</u></p>	<p><u>Que era radical. Fixe.</u></p> <p>Que eras fixe?</p> <p>Sim.</p> <p>E achas que as pessoas também podem fazer coisas de se pôr à prova porque sabem que os outros vão achar que elas são fixes?</p> <p>Sim.</p> <p>Sim? Isso acontece?</p>

		<p>muita gravidade outra vez? Sim.</p>	<p>pessoa normal? Uma pessoa <u>normal é uma pessoa que vive o seu dia-a-dia normalmente.</u> Sem arriscar muito, é isso? Sim.</p>		<p>isso. Porquê? Sei lá. Porque <u>é mais importante preocuparem-se com a minha vida do que meterem-me de castigo.</u> É mais importante preocuparem-se com a tua vida do que te porem de castigo, foi isso que tu disseste? Sim.</p>		<p>Acontece. E acontece contigo? Não.</p>
18 M 1019	C Sim	<p><u>Eu não sou assim muito contra essas pessoas porque eu também gosto de fazer isso.</u> São assim, às vezes vêem uma coisa totalmente nova porderá pôr a sua vida em risco mas que querem experimentar, querem avançar. Mas isso de pôr a vida em riscos, quer mesmo dizer morrer ou ter lesões? É mais ou menos as duas coisas.</p>	<p><u>Acho que são pessoas um bocado inseguras. Inseguras não... não sim, é quase inseguras porque são pessoas que acho muito fechadas, que provavelmente não gostarão de conhecer, de fazer outras coisas novas,</u> limitam-se, pelo menos, a uma coisa só e acho que... depende de pessoa para pessoa. As que gostam de se pôr à prova são pessoas seguras? Não são seguras mas totalmente... O que é isso de ser uma pessoa segura? O que é uma pessoa segura... é uma pessoa que se sente bem ao fazer, se sente bem ao fazer alguma coisa ou, ou sabe que provavelmente, que provavelmente... não é bem isto, mas tem na consciência, sabe o que pode acontecer mas que faz pra que isso, pra que isso não aconteça. Sim. Tem noção... Tem noção das coisas, por exemplo, da escalada, uma pessoa vê que vai fazer, vai experimentar mas tem, tem a noção que se correr alguma coisa mal, pode colocar a sua vida em risco. Eu penso que será isso... E a pessoa insegura? Não tem noção desses riscos, é isso? Não é.. não é não ter noção. <u>Tem noção mas só por esse facto não se atreve a experimentar...</u></p>		<p><u>Reagiram normalmente.</u> Sempre disseram que se fosse fazer uma coisa dessas tinha que estar muito atento, <u>seguir as instruções todas</u> mas penso que... Reagir normalmente é o quê? É “sim, podes ir desde que prestes atenção, que sigas tudo o que o instrutor te disser”.</p>	<p>(risos) essa aí é um bocadinho porque foi a minha professora de educação física que organizou essa experiência. Por isso, acho que é assim uma... acho que não consigo responder a essa...</p>	<p>Também é mais pelo “<u>hey, fizeste aquilo que espetáculo, experimentaste!</u>” E tu gostas de ouvir isso? Por vezes (risos)</p>
19	C	<p>Por um lado <u>é fixe ver os outros fazerem</u></p>	<p><u>Não penso nada.</u></p>		<p>Eles <u>tentam proteger</u></p>	<p><u>Parecido com os pais,</u></p>	<p>No caso dos amigos, <u>gostam de ver mais as</u></p>

M 1005		<u>aquilo. Mas por outro lado, também me preocupo um bocado pelo que lhes pode acontecer.</u>	O que é que pensas daquelas pessoas que não gostam nada de se testar, de ver até onde são capazes de ir... ? Não penso nada porque eu também não gosto de dizer coisas sobre as outras pessoas. é aquela coisa que se diz dizer mal das pessoas pelas costas... Mas aqui não tás a dizer mal de ninguém, é só o que tu pensas assim no geral. Sim sim.		<u>mais.</u>	como ele já tinha dito noutra questão.	<u>pessoas a fazer esse tipo de coisas.</u>
20 M 1017	CT Sim	São pessoas <u>competitivas</u> , como eu. <u>Não gosta de que lhes digam que nós somos os piores, ou seja, os piores naquilo que fazemos.</u> Huhum... <u>Que quando fazemos algo bom, já somos os maiores, quando humilhamos um dos nossos colegas já somos os maiores.</u> São os maiores ou não são? Não percebi... Quando a gente humilha os nossos colegas, já pensamos que somos os maiores... Sim... Prontos, só isso.	<u>Não sabem o que é, o que é viver.</u> Que é isso? O que é que é viver? Então? Sei lá?! Viver é gozar os outros? Não. Gozar a vida, mas não da forma que eu disse, mas também de outra maneira, como às vezes eu faço, quando estou bem disposto. Quando estou mal disposto comporto-me como eu disse, faço asneiras, humilho os meus colegas. E o que é que te traz mais vantagens? É tu seres...quando estás bem disposto... Bem disposto.		Mal. Mal. O que é que é reagir mal? Reagir mal, não. Reagem mal mas é quando eu tenho faltas disciplinares. Mas quando tu fazes este tipo de coisas, por exemplo... <u>Quase nunca sabem.</u> Quase nunca sabem?! E se eles soubessem, o que achas que eles iam pensar? Como é que eles iam reagir? Não sei. Nunca o experimentei. Não? Sim, já o experimentei mas eles não fizeram nada. Foi uma vez...	Bem. Pensam, pensam prontos, o que eu disse.	Sei lá. Os professores...se eu fizesse, <u>se eu tivesse uma falta disciplinar diziam logo que eu era mal educado e isso.</u> E

4. Por vezes corro riscos só pelo divertimento que me dão para procura de risco

- A compreensão do item e dos conceitos

Costumo fazer aquilo que me dá prazer no momento, mesmo se isso me prejudicar um objetivo futuro			
E		Discurso livre O que te veio à cabeça quando leste isto?	Conceitos
			<div>“Correr riscos”</div> <div>“Divertimento”</div>
1 F 1006	D	“Eu posso-me divertir.” “Mas é mais as vezes que eu não corro riscos do que as que corro.”	“Correr riscos é, por exemplo, <u>se eu for maior vou para uma discoteca e se eu beber muito, beber muito, posso correr o risco de ficar bêbada, alcoolizada. É um risco.</u> Beber <i>A propósito do que pensa sobre as pessoas que correm riscos...</i>

			<p>Achas que há riscos piores do que outros? “Sim” És capaz de apontar diferentes tipos de riscos? Lembra-te assim... “Um risco é beber muito e depois ir para o hospital. Outro risco é beber muito e depois, ainda por cima, ir conduzir.” Diferentes tipos de riscos Huhum... E isso é um risco maior ou menor que o primeiro? “Maior... porque o acidente, pode causar um acidente e o acidente pode ser mortal.”</p>	
2 F 1004	D	<p>“Corro riscos só pelo divertimento que dão, por exemplo, tamos a andar numa montanha, tamos a correr um risco só por causa de divertimento. É <u>tipo divertimento que é pa dizermos aos amigos que somos bons. É divertimento mas podemos cair abaixo.</u>”~ “Estamos a correr riscos só pelo divertimento. <u>Eu acho que isso é mau.</u>”</p> <p>Andar numa montanha</p> <p>Pa dizemos aos amigos que somos bons</p> <p>É mau</p>	<p>“Correr riscos, como eu já dei o <u>exemplo da montanha</u>, também pode ser, por exemplo, estarmos a <u>partir um carro</u>, ou... estarmos a correr riscos só pra nos estarmos a divertir. Mas <u>depois podem vir as consequências a seguir.</u>”</p> <p>Mas tu há bocado falaste nos amigos. Achas que tu corres riscos e as outras pessoas correm riscos só para mostrar aos amigos? “Algumas sim.” Pra mostrar o quê? “<u>Pra mostrar aos amigos que são bons.</u>”</p> <p><i>Quando está a falar sobre as situações refere:</i> “Exato. <u>Isso eu não fiz de propósito. Eu corri um risco estava a brincar</u>, podia ter acontecido a qualquer um. Eu corri um risco mas num... também se pode correr riscos sem ser de propósito!” Ok. Então podemos correr riscos de forma diferente... é isso que me estás a querer dizer? “Exato.” De que formas então? “Como me aconteceu a mim, pode ser sem a pessoa querer. E de <u>outra forma</u> pode ser por exemplo, um rapaz que não se entrega... <u>não se integra num grupo de amigos</u> e os amigos são assim... pronto... às vezes que andam ali... <u>e esse amigo quer provar aos outros que é bom e então começa a partir computadores e coisas da escola e depois será penalizado por isso.</u>” Penalizado por quem? “Pela escola, se partir alguma coisa na escola, se for lá fora pode ser pela polícia, pelos pais, pelos amigos...” Ok. Tu já me deste essa situação. Deste-me também a situação dos teus colegas. E que tipo... as consequências que pode trazer é isso das penalizações? “Sim.” Sim? “E também podemos perder algumas amizades com isso.” Porquê? “Porque imagine... esse amigo que não se integra no outro grupo já tem um grupo de amigos só que o outro grupo é certinho, mas o outro é meio “esgrouviado” e ele quer-se integrar no outro. E depois os outros amigos vão ficar chateados. Ele vai perder muitas amizades por causa disso.” Ok. “Por causa das atitudes que tá a tomar.” Portanto, achas que correr riscos, uma das consequências que pode trazer é perder amigos? “Exato.” Porquê que tu achas que as pessoas correm riscos só pelo divertimento? “É como eu disse anteriormente... querem-se integrar em grupos que... que correm riscos e eles não estão habituados a isso e querem correr riscos a todo o custo para conseguir.”</p>	<p>“Há pessoas que acham que se divertem a partir o computador da escola e depois ninguém está a ver... e isso é um risco que estão a correr só mesmo para mostrar que conseguem fazer aquilo.”</p> <p>“Quando eu penso em divertimento, <u>penso... sem correr riscos. Penso divertir-me com os meus amigos, conversar, andar por aí, ir às compras...</u>”</p>
3 F 1003	C	<p>(2.ª) “<u>Às vezes, as pessoas gostam de, de adrenalina, de... acham divertido fazer uma coisa e pronto, corre riscos e, mas está, gosta de os correr... sabe-lhes bem.</u>”</p>	<p>Correr riscos então é o quê, para ti? “Correr riscos é, pronto é passar...é assim, eu acho que tem diferentes, acho que tem diferentes...<u>quer dizer diferentes coisas...</u>” Sim...Então diz lá? “Então. Um exemplo de cima era passar, <u>ver os seus limites...</u>” Os seus limites, sim... “Aqui, eu acho, é assim, também pode-se adaptar...passar os limites, correr riscos, é...fazer algo que, que <u>pode-nos trazer consequências.</u>” Ok. E consequências de que tipo? “Pode...consequências más, consequências más...pode ser consequências irremediáveis.”</p>	<p>“Divertimento, para mim...é <u>uma pessoa gostar daquilo que faz...</u> de se divertir...<u>de ao fim ficar alegre...de gostar...</u>de se empenhar e pronto, acho que é isso...”</p>

		<p>Adrenalina</p> <p>Como por exemplo? Dá exemplo de uma consequência má e de uma consequência irremediável. “Uma <u>consequência má</u>... correr um risco, por exemplo... sei lá, <u>faltar a uma</u>...a aulas. Podemos, as faltas podem se juntar e o aluno pode <u>reprovar</u>, é uma consequência má. Uma <u>consequência irremediável</u> é, por exemplo, (pensa) sei lá...o aluno...o aluno não...<u>faz qualquer coisa e magoa-se</u> e fica gravemente ferido e...não pode, pronto, fica <u>gravemente ferido e fica com mazelas pra toda a vida</u>. Isso é irremediável.” Ok. Então para ti correr riscos é: ou aquela questão dos limites, tentar ultrapassar os limites ou fazer alguma coisa que nos traga consequências, negativas neste sentido? “Sim, quer dizer...eu acho, não sei...mas também pode trazer <u>consequências positivas</u>. Por exemplo, se nós estivermos a <u>estudar</u>, estudamos...uma pessoa preguiçosa, mas uma pessoa decide estudar, estudar, estuda e depois tem a consequência, é que tem um <u>bom resultado</u> e eu acho isso também é uma consequência positiva...quer dizer...” depois acaba por dizer que estudar n~~ao “é correr um risco De correr um risco? “Não...eu acho que é mais do exemplo de cima... correr um risco...” Ah...mas o que é que tu achas? Achas que correr um risco pode trazer consequências positivas em alguma situação? “Sim, acho que sim...por exemplo... sei lá...” Há riscos positivos? “Há, por exemplo imaginemos que nós <u>temos muito pouco dinheiro</u> e apostamos no euromilhões <u>exemplo de risco com consequências positivas</u>. Estamos a correr um risco de acertar ou de errar, imaginemos que ganhamos...” Corremos o risco de ter consequências positivas... “Exato.”</p>	
4 M 1000	CT	<p>“Sim, porque eu gosto muito de fazer desporto..., <u>parcour é um desporto que eu gosto de fazer</u>...” “Então eu vou com os meus amigos, quem é mais divertido...e eu gosto...então acho muito divertido”</p> <p>Desporto</p> <p>Vou com os amigos</p> <p>“Correr riscos <u>é ter algum perigo</u>, ter...” “Mas também <u>sabe bem ter algum perigo, ser um bocadinho, assim, entusiasmante</u>.” Sabe bem ter algum perigo, o que é que isso quer dizer? “Assim, sentir um bocadinho de perigo de vez em quando também sabe bem e...por exemplo, <u>quando se joga futebol, há sempre algum perigo de se magoar mas, é divertido e eu gosto de jogar e não é por causa de se me acontece alguma coisa</u>.” Mas sabe bem, mas sentes-te bem, é isso? “Sim, algumas vezes...”</p> <p>Bem...mas o que é que, sentes-te bem porquê? “Porque <u>não penso tanto no perigo e tento fazer as coisas como se não houvesse perigo...</u>” Huhum... “Mas <u>depois magoo-me e depois vejo o perigo...</u>” “Mas gosto de fazer coisas sem pensar no perigo.” Apesar de saberes que aquilo é uma situação perigosa, quando a vais fazer não queres pensar nisso? “Não penso.”</p>	<p>“ É de <u>gostar o que tá a fazer...</u>” “Gostar do que se está a fazer sendo as coisas perigosas...” <u>“Um pouco arriscadas... e por exemplo, ir com os amigos acho que é divertido mesmo que seja para isso...”</u> E também se pode divertir sem fazer coisas perigosas? “Às vezes...” Às vezes, por exemplo? “Se levar uma caçadeira e matar aí alguém não vai ser tão divertido, não é...” Sim... “E é perigoso.” Ok. Então há coisas perigosas que não são divertidas? “Exato.” E há coisas divertidas não perigosas? É possível nós conseguirmos nos divertir sem fazermos coisas perigosas? “Claro.” É, por exemplo fazer o quê? “Brincar. Eu tenho irmãos e gosto muito de brincar com eles e acho divertido.” E não é perigoso? “Não. (risos)</p>

5 F 1010		<p>“É... também é como disse há bocado. <u>Pode-me dar divertimento mas se me causar dor, eu venho para trás. Ou seja, nesse caso sou muito cuidadosa e sempre fui de mim e seja quem for posso tentar intervir e se achar que é mesmo perigoso, que pode pôr a minha vida em risco, eu não faço, por mais divertimento que me possa dar.”</u> <i>Se for muito perigoso não faz</i></p>	<p>“e sei lá <u>passar assim talvez possa ser um risco de ser castigada mas pode-me estar a dar divertimento só por sair e faltar às aulas e talvez por... se eu fizesse isso, ser apelidada por rebelde e não quero saber das aulas, isso talvez pra mim seja correr risco, nesse aspeto...”</u> É fazer alguma coisa que nos desafia? “Sim, é. Mas não que... Mas neste caso <u>que seja perigoso porque se... Eu gosto de desafios, de ser desafiada mas tenho que sempre ver quais as consequências que poderá trazer e se são más ou se são boas.”</u></p> <p><i>A propósito da situação refere:</i> Também podemos correr riscos para mostrarmos coisas aos outros? “Sim.” Sim? “Isso acho que é uma coisa que <u>acontece muito hoje em dia.</u>” <i>Pra se mostrar aos outros</i> E achas que acontece mais com rapazes ou com raparigas? “Depende de certas situações, das situações porque talvez se for <u>em relação a charros é uma coisa que acontece em ambos, talvez se for raparigas pra mostrar que não são fracas e talvez aos rapazes e os rapazes, muito entre si, como eles são muito competitivos e gostam muito de se mostrar”</u> “É estar feliz, divertir-me com o que eu estou a fazer. Tar a fazer uma coisa e tar a gostar do que eu estou a fazer.”</p>	<p>“ Divertimento é sentir adrenalina, <u>sentir-me bem a fazer aquilo, sentir gosto e pensar quando acabar isto quero voltar a fazer e quero continuar porque depois às vezes estas situações é porque quando nós estamos com os amigos e... Eu gosto muito de conviver com os amigos e sentir-me bem a falar com eles e talvez é nessas situações que nós nos ficamos a conhecer melhor.”</u></p>
6 M 1007	C	<p>“Por exemplo, <u>tar a fazer uma coisa que me pode pôr em risco, mas muitas vezes dá-me prazer tar a fazer isso.”</u> “É... Tarmos em perigo, <u>estar em perigo podemos ter consequências</u> com o que estamos a fazer em correr um risco.” consequências Podemos ter consequências de que género? “Magoarmos-nos, podemos ir para ao hospital se nos magoarmos gravemente. Podemos também às vezes perder amigos, aos estarmos a fazer isso podemos também estar a pôr em risco os nossos amigos.”</p>	<p>“Sim, acho que <u>é possível arriscar sem me trazer obrigatoriamente consequências negativas.</u>” Então não há apenas riscos... “Riscos negativos, sim sim. Não há obrigatoriamente. Só que neste tipo de questionários é sempre o que eu penso.” Ah, ok. “Eu tento sempre ver pelo lado menos bom.” No entanto, não é só isso que pensas? “Exatamente.” Então que tipo de riscos é que tu achas que existem para além dos negativos? “Talvez riscos... Talvez há situações <u>em que possam ser riscos, não é que sejam negativos... podem não ser bons, mas não são negativos, ou seja, negativos que possamos ser expulsos da escola e castigados, mas pra nós próprios, podemos apanhar alguma doença, ficarmos... por exemplo, partir uma perna...”</u> Então que tipo de riscos é que tu conheces que não trazem consequências negativas? “Não sei...”</p> <p>Acrescenta quando está a falar do que pensa das pessoas que... Então correr um risco também implica fazer uma coisa diferente daquilo que se faz? “Sim. Porque... Andar... Porque andar muitas vezes pode ser um risco ou não um risco, não é? E pra aprendermos coisas novas com o...” Para aprendermos coisas novas precisamos de fazer coisas.... Diferentes... “Sim.” E têm que ser arriscadas? “Sim, às vezes, <u>pra aprendermos a andar de bicicleta, andar de skate e muitas vezes aprender a conduzir temos que correr um risco porque não sabemos mas aprendemos a fazer uma coisa nova e a melhorar.</u> Cada vez vamos treinando...”</p> <p>Então esclarece-me relativamente ao que tu pensas sobre os riscos, esquece o questionário... o que é tu pensas de riscos? É uma coisa que nos traz consequências negativas ou é possível correr um risco sem que isso nos traga consequências negativas? “Eu acho que é isso, mas não consigo explicar porque nunca pensei nisso, nunca. E por acaso isso leva-nos a pensar porque nunca pensas muito nisso. O que é o risco afinal? O que é que poderá ser e o que é que é mesmo?” Por exemplo, tu achas que aquelas pessoas que jogam muitas vezes no euromilhões correm algum risco? “Correm.” Que risco?</p>	

			<p>“Talvez o risco de poderem gastar dinheiro e não ganhar o prémio que estão a apostar.”</p> <p>Mas também correm o risco de ficarem milionários.</p> <p>“Extamente. E é nesse aspeto que acho que às vezes as pessoas possam arriscar mais um pouco sem trazer consequências negativas.”</p>	
7 F 1015	C	<p>“ também relacionado com a escola, por exemplo, <u>faltar ou chegar atrasada a uma aula ir fazer coisas mais divertidas do que se calhar estar na escola.</u> mas sei que corro riscos, <u>corro risco de, de apanhar uma falta, corro riscos de os professores irem falar com os meus pais.</u>”</p>	<p>“ É... correr riscos, não sei como explicar, mas <u>saber que pode haver coisas que nos apanhem, que nos vejam.</u> “</p> <p>há mais algum tipo de riscos?</p> <p>“Sim.”</p> <p>Quais?</p> <p>“Por exemplo, ah... fazer uma coisa, lá está, <u>física</u>, por exemplo, posso <u>correr riscos de me aleijar</u>, de... sei lá, partir qualquer coisa, de me aleijar mesmo.”</p>	<p>“Sei lá, coisas que são divertidas pra mim, <u>atividades que eu gosto de fazer.</u>”</p>
8 F 1014	D	<p>(3.ª)</p> <p>“- - Acho que <u>nunca tive essa experiência</u> mesmo assim, correr mesmo o risco completamente só por divertimento que não, que nunca presenciei a essa... por isso é que disse discordava porque nunca presenciei uma...”</p> <p>Nunca fez</p>	<p>“ Correr riscos <u>é consequências más, negativas, ficar mal visto ou ficar com... ter algum problema com alguém ou uma entidade.</u>”</p> <p>Mas então se essa situação acontecesse, tu farias?</p> <p>“Acho que... não sei, depende daquilo que é. Muito provavelmente se calhar fazia, mas não sei porque depende da situação.”</p> <p>Depende do risco da situação?</p> <p>“Sim.”</p> <p>Mas porquê? Há diferentes graus de risco?</p> <p>“Não é diferentes riscos, mas há vários, há riscos que se calhar não se deviam correr.”</p> <p>Que tipo de riscos?</p> <p>“Se calhar por exemplo, ficar mal vista na escola é um risco que eu se calhar não quero correr.”</p> <p>E que riscos é que nós podemos correr?</p> <p>“Não sei. Várias coisas, não sei.”</p> <p>O que é que define um risco, vá, bom de um risco mau?</p> <p>“Se calhar correr o risco de, de ajudar uma amiga, sei lá, não sei, se calhar ajudar alguém mas ser uma coisa arriscadas, mas sabe-se que vai correr bem, mas é uma coisa arriscada, se calhar outra pessoa não quer que isso aconteça. <u>É um risco bom. Ter problemas com a escola ou com os pais, já não é um risco tão bom</u>”</p>	<p>“ Divertimento é qualquer coisa que nos dá vontade... que nos sabe, que nos sabem mas que nós <u>sentimo-nos bem com aquilo que fazemos e ficamos contentes.</u>”</p>
9 F 1002	D	<p>“São aquelas pessoas que muitas vezes, <u>só pensam naquele momento e fazem as coisas só porque. acham que podem ser divertidas e não pensam no, no que realmente aquilo lhes pode trazer.</u>”</p> <p>“Às vezes essas coisas nem são...as pessoas, naquele momento parecem-lhes que são divertidas e a finalidade nem são grande coisa.”</p> <p>Mas, porque é que tu achas que as pessoas às vezes pensam que essas coisas no início são divertidas e depois percebem que afinal não eram assim tão especiais? Acontece-lhes alguma coisa para que elas pensem isso?</p>	<p><u>É fazer coisas assim...só...sem pensar muito, sem ter atenção às consequências que pode ter, tanto para nós como para as outras pessoas e também fazer coisas assim coisas perigosas e que, às vezes, também não têm grande lógica, só que...</u></p> <p>Ok. Correr riscos por causa das consequências, o que é quer...que consequências?</p> <p>Não sei, pode...às vezes, quer dizer, correr riscos também pode ser uma coisa sem lógica mas, às vezes, também pode ser apostar em alguma coisa ou...</p> <p>Huhumm...</p> <p>Ir em frente com uma coisa mais...se for...mas aqui neste caso, acho que é correr riscos só...relativamente a <u>coisas perigosas que podem ter consequências</u></p> <p>Mas então, tu achas que é possível correr riscos por dois motivos? Por coisas...</p> <p>Sim.</p> <p>Então?</p> <p>Pode ser, pode ser correr riscos, fazendo coisas perigosas...</p> <p>Huhum...</p> <p>Que não têm lógica nenhuma e que lhe podem trazer consequências ou também pode ser correr riscos fazendo...apostando em alguma coisa e indo em frente com algo e...</p> <p>Sim...</p> <p>Pode ser um pouco incerto...mas, que nos pode trazer benefícios.</p> <p>Como por exemplo?</p> <p>Sei lá...por exemplo, se alguém tem alguma ideia e quer apostar nessa ideia se calhar...</p> <p>Sim...</p>	<p>“Eu gosto muito...gosto muito de, prontos...<u>gosto muito da escola e de estudar e tudo isso.</u>”</p> <p>Então para mim uma coisa divertida, <u>pode ser uma coisa relacionada com...pensar alguma coisa que exige pensamento.</u></p> <p>Huhum...ok. então quando tu pensas, vou fazer uma coisa divertida pensas vou fazer o quê?</p> <p>Às vezes, quer dizer...algumas vezes para mim, <u>tanto pode ser divertido fazer alguma coisa mais descontraindo e que não exija grande esforço...</u></p> <p>Como por exemplo?</p> <p>Sei lá...<u>ver televisão</u>, ou assim uma coisa...</p> <p>Ok...</p> <p>Mas também, às vezes, gosto de</p>

		<p>“Não sei, talvez as pessoas, às vezes fazem as coisas por...sem pensarem muito no assunto.”</p> <p>Huhum...</p> <p><u>“E às vezes só porque os outros também querem fazer e, muitas vezes, ou para não... não ser excluído de algum grupo, assim alguma coisa...”</u></p> <p>Huhumm...</p> <p>“E, às vezes, as pessoas nem gostam de fazer aquela coisa, mas, naquele momento, parece-lhes que é o mais adequado a fazer...”</p> <p>Huhumm...</p> <p>“Mas depois ao fazer vêem que realmente não é nada o mais adequado só que...para não ser excluídos de um grupo ou para, prontos...para não serem os únicos que não fazem aquilo decidem também fazer.”</p>	<p>Por lhe parecer que é um pouco incerto apostar ou...</p> <p>Huhum...</p> <p>Tentar...não sei...quando as pessoas, pronto...se têm alguma ideia ou se acham que essa ideia é boa e ir apostar...</p> <p>Huhum...</p> <p>Nela, apesar de que não terem a certeza se vai ganhar algum resultado positivo.</p> <p>Huhum...e fazer coisas perigosas sem lógica, o que é que isso quer dizer?</p> <p>Não sei...são coisas que muitas vezes, ou seja, são <u>coisas que não trazem nada de...de positivo mas que às vezes as pessoas pensam que fazendo aquilo podem, pode trazer alguma coisa positiva...</u></p> <p>Huhum...</p> <p><u>Para impressionar alguém ou assim alguma coisa...</u></p> <p>Huhum...Tu achas? Diz, diz...</p> <p>Como se as pessoas pensassem, realmente...</p> <p>Sim...</p> <p>Aquelas coisas não tinham importância.</p> <p>Ok. Então tu achas que as pessoas correm riscos fazendo essas coisas perigosas, por vezes, porque...por causa daquilo que os outros pensam sobre elas?</p> <p>Às vezes sim.</p> <p>E outras vezes?</p> <p>Outras vezes correm riscos só mesmo porque, prontos...há pessoas que gostam de...como que...procurar o perigo, fazer assim algumas coisas.</p> <p>E achas que por algum motivo especial? Se não é por causa dos outros é por causa de quê?</p> <p>Há alguma pessoas que gostam de fazer coisas mais arriscadas...</p> <p>Ok. Então tu achas que as pessoas correm riscos fazendo essas coisas perigosas, por vezes, porque...por causa daquilo que os outros pensam sobre elas?</p> <p>Às vezes sim.</p>	<p>fazer alguma coisa que exija pensamento e...</p> <p>“tanto posso fazer coisas que exijam algum pensamento”</p> <p>“Ou coisas que são mais relaxadas e descontraídas”</p>
10 M 1013	D	<p>“eu normalmente a correr um risco, <u>quando corro um risco, normalmente não me divirto.</u> Normalmente fico sempre assim... sempre com aquela, com o pé atrás. Fico sempre um bocado... um bocado desconfiado da situação”</p>	<p>“ É fazer uma coisa que pode correr mal. Pode ter consequências negativas.”</p> <p>Há riscos que podem ter consequências positivas? Ou os riscos são riscos porque têm consequências negativas?</p> <p>“Não, também podem ter consequências positivas, por exemplo, se saltarmos de um penhasco para a água, se correr bem, vai-se querer fazer outra vez porque se gostou.”</p>	<p>“ Divertimento é tar... é gostar de alguma coisa, é tar a gostar de fazer alguma coisa.”</p>
11 F 1012	D	<p>“ Eu acho que é um <u>bocado mau porque, às vezes pode-se mesmo magoar a sério e não há volta a dar.</u>”</p>	<p>“ Por exemplo, <u>tar numa situação assim um bocado... sei que aquilo é perigoso, mas vou fazer na mesma porque sabe bem, é divertido...</u>”</p> <p>Correr riscos é fazer perigosas?</p> <p>“Eu acho que sim.”</p> <p>Achas que correr riscos são coisas perigosas... achas que há mais algum tipo de riscos? Ou todos os riscos são perigosos?</p> <p>“Nem todos. <u>Nem todos são perigosos.</u>”</p> <p>Então que riscos é que são esses que não são perigosos?</p> <p>“Não sei, <u>quando se tá a fazer uma coisa que se calhar é importante para nós, às vezes é importante correr riscos.</u>”</p> <p>Como por exemplo? Que tipo de situações é que tás a falar?</p> <p>“Hummm... uma situação assim... - - <u>ajudar alguém,</u> não sei...”</p> <p>Pra ajudar alguém, que risco é que nós podemos correr?</p> <p>“Às vezes... não sei, se uma pessoa tiver com algum problema mais... como, não sei, com a polícia ou uma coisa assim e às vezes tentar meter-me na situação e tentar ajudar e às vezes até se calhar ser prejudicada por causa disso...”</p> <p>Ok. Isso é uma forma de que nós podemos correr riscos, tentando fazer o bem aos outros...</p> <p>“Sim, a ajudar os outros...”</p>	<p>“ Divertimento é <u>fazer uma coisa que se gosta e ao mesmo tempo, não sei... dá prazer no momento</u> ou assim...”</p>
12	C	<p>“- - quando ando em <u>coisas</u></p>	<p>“ <u>Posso cair e aleijar-me.</u>”</p>	<p>“ Acho que é divertido, para mim.”</p>

M 1008		altas”		Mas o que é divertido, quando pensas em divertido, pensas em quê? “ <u>Jogar computador.</u> ”
13 F 1011	C	“Acerca da questão acima que era por causa de fazer as atividades...” Ok... “Às vezes esses <u>deportos dão-</u> <u>me motivação e acho que é</u> <u>interessante, motivante.</u> ”	“Eu acho que correr riscos, pronto, <u>pode ser também visto de várias maneiras.</u> ” Sim, então explica-me as várias maneiras. “ <u>Correr riscos de se aleijar,</u> de ... Pode às vezes correr mal...” Fazer uma coisa que nós possa trazer consequências... “ <u>Consequências negativas...</u> Posso-me pôr à prova...” “Posso-me correr risco na nossa vida também. Pronto, não tou a ver mais anda.”	“ <u>É um entretenimento,</u> é entretermo-nos, é ser divertido... <u>É</u> <u>emocionante.</u> ”
14 F 1001	D	“ Porque não, não <u>arrisco assim</u> <u>lá muito. Primeiro tento ver a</u> <u>segurança e coisas do género e</u> só depois penso pela segunda vez se vou entrar ou não. “ Não arrisca muito	“ Correr riscos, quando por exemplo, <u>estamos num jogo de apostas a dinheiro.</u> ” Sim?? “Nunca entro, nunca se entra num antes de ver bem as coisas, as situações.” Huhum...Mas então correr riscos é o quê? “Correr riscos. Como dei agora o exemplo dos jogos...” Sim... “Nunca devemos entrar neles sem termos em conta as...” Sim... “Situações em que nos encontramos lá, estamos a correr riscos ao entrarmos lá, depois estamos a perder dinheiro a mais e...” Ok. Ou seja, correr riscos é a fazer alguma coisa que nos pode prejudicar. “Prejudicar.” Só há esse tipo de riscos ou há mais algum tipo de riscos? “Agora assim...acho que é só esse.” <i>Sobre correr riscos, referiu mais à frente. Estava a falar de riscos que trazem consequências...</i> Mas tu estavas a dizer que uma das consequências de correr riscos pode ser ficar suspenso? “Sim.” Então, que risco é que tem que se correr antes para levar à suspensão? “Aleijar alguém, partir bens materiais da escola.” Huhum... “ <u>Existem vários tipos.</u> ” Tu achas que há pessoas que podem fazer isso só pelo divertimento? “Acho.” Muitos desses casos. Aqui na escola, já ouviste falar? “Já, às vezes. Mas agora assim de momento já não...” “ E porque é que tu achas que essas pessoas fazem essas coisas, sabendo que podem ter essas consequências? Da suspensão, por exemplo. Porque é que mesmo assim, fazem isso? “Porque <u>pensam que são os maiores da escola, que querem é que as outras pessoas pensem neles como se eles fossem os reis.</u> ”	“Divertimento... existem vários tipos de divertimento.” Então? “Há divertimentos por desporto, <u>há</u> <u>divertimentos porque gostamos</u> <u>muito daquela coisa e queremos</u> <u>continuar a seguir esse tipo de</u> <u>coisas, há vários tipos de</u> <u>divertimento.</u> ”
15 M 1009	D	3. ^a “ É assim. Eu às vezes corro riscos e discordo. Eu divirto- me se... <u>se eu souber que</u> <u>depois no futuro vai-me correr</u> <u>riscos...</u> Eu não vou fazer.”	“ Correr riscos é, é fazer... <u>divertirmo-nos...</u> <u>E no futuro, acontecer...vai acontecer uma consequência na nossa vida.</u> ” Então, correr riscos traz-nos riscos ou consequências? “Os dois.” Qual é a diferença? E o que é que eles representam... “ <u>Riscos pode trazer alguma coisa no nosso corpo, podemos fraturar, podemos zangar. E consequências pode haver, porque depois os nossos amigos já</u> <u>não são nossos amigos por causa disso, assim.</u> ”	“ É <u>divertir com os amigos, com os</u> <u>parentes.</u> <u>Jogar à bola. Sei lá...há muitas</u> <u>formas de divertir.</u> ”
17 M	D	“ <u>Às vezes podemos correr</u> <u>riscos só para nos divertirmos.</u> ”	“ <u>Depende da situação.</u> ” Há diferentes riscos é isso?	“ É <u>uma coisa que nós gostamos de</u> <u>fazer.</u> ”

1020			<p>“Acho que sim.”</p> <p>Então, que riscos é que temos?</p> <p>“<u>Há aqueles em que nos podemos magoar.</u>”</p> <p>Huhum...</p> <p>“Aquele em que nós <u>podemos tirar má nota.</u>”</p> <p>Sim.</p> <p>“<u>Há mais riscos.</u>”</p> <p>Mais algum ou só esses dois?</p> <p>“Nada”</p>	
18 M 1019	C	<p>3.^a</p> <p>“Concordo porque... (relêm a pergunta). Sim, a descer, por exemplo, <u>andar de bicicletas por montanhas</u>, é divertido. É divertido descer estradas com bicicletas. Já tive essa experiência. É divertido levar com o vento na cara. Sentir aquela sensação de frescura. E acho... <u>por vezes, por vezes corremos riscos, isso é verdade, mas quando as coisas assim são muito divertidas, por vezes uma pessoa deixa-se levar e fá-las, por exemplo, treina de bicicleta.</u> Descer estradas foi divertido para mim mas tenho sempre aquele pensamento tenho carros a passar por mim, e de repente uma pessoa vai a acelerar muito, a travar e a bicicleta desvia-se e aquele medo vou cair, vou pro meio dos carros.”</p>	<p>“Correr risco... <u>desafiarmos assim um bocadinho, desafirmos os nossos limites...</u></p> <p>Aterremo-nos, pormos em risco algumas coisas, coisas que nos podem acontecer e <u>provavelmente influenciarão o nosso futuro.</u> Penso que será mais ou menos isso.”</p> <p>Então correr riscos pode estar relacionado com o futuro?</p> <p>“Sim, podemos correr um risco de ficarmos paraplégicos e provavelmente alguma coisa que estaríamos a pensar hoje pode já não acontecer no futuro.”</p> <p>Mais à frente refere:</p> <p>Mas há diferentes riscos? Os riscos não são todos iguais?</p> <p>“Não, não, não são todos iguais. Podem acontecer <u>riscos diferentes</u>, mas o cair é certo, cai-se sempre da bicicleta.”</p> <p>Mas o que é que faz os riscos diferentes então?</p> <p>“Podemos cair mas não nos magoarmos muito, tivemos alguma sorte, a bem dizer, apanhamos algum sítio onde nos pudessemos segurar ou o sítio onde caímos não era assim muito grave, mas sempre fazemos alguns arranhões ou então podíamos estar a andar de bicicleta, descer uma estrada, como foi exemplo, cairmos no meio da estrada, sermos atropelados.”</p> <p>Ok, então os riscos também são diferentes consoante os problemas que nos trazem, é isso?</p> <p>“Sim.”</p>	<p>“Divertimento é alguma coisa que <u>quando nós fazemos, nos sentimos bem, nos sentimos felizes. Uma coisa que gostamos</u>, sentimo-nos bem.”</p>
19 M 1005	C	<p>1.^a</p> <p>“ Humm.. o que me veio à cabeça porque quando eu <u>ando de skate às vezes gosto de fazer certos truques e às vezes corro riscos porque sei que posso cair.</u> Mas eu <u>sei que tou protegido por isso não, não me importo de arriscar.</u>”</p>	<p>“Humm.. o que me veio à cabeça porque <u>quando eu ando de skate às vezes gosto de fazer certos truques</u> e às vezes corro riscos porque sei que posso cair. Mas eu sei que tou protegido por isso não, não me importo de arriscar.”</p>	<p>Uma coisa divertida... é <u>uma coisa de que eu gosto de fazer.</u>”</p>
20 M 1017	DT	<p>3.^a</p> <p>“ Às <u>vezes meto-me com pessoas, ou seja, que não gostam de mim e eu também não gosto delas.</u></p>	<p>“ Meter-me com pessoas que não gosto, <u>por exemplo pôr-me à frente de um carro porque os meus colegas disseram para eu fazer e eu faço.</u>”</p> <p>Então, correr riscos é isso, é quando nos metemos com outras pessoas? Só quando nos metemos com outras pessoas, ou também podemos correr riscos só nós?</p> <p>“Hum...não sei.”</p>	<p>“ É uma pessoa que faz... é <u>uma coisa que faz feliz a mim, que faz divertir as outras pessoas.</u>”</p>

		Só mesmo por causa... <u>houve uma aposta de os meus colegas me desafiarem</u> e prontos é isso.”	
--	--	---------------------------------------------------------------------------------------------------	--

• A situação

E	Situação						
	S/N	Exemplo	Sozinha, acompanhada?	Consequência	Porquê que fazes isso	O que sentes	Como reagiste
1 F 1006	Não						
2 F 1004	Não , mas muda pra sim	“ Quer dizer, eu tive uma cicatriz, mas isso não foi de propósito feito por mim. Estamos a <u>brincar à apanhada</u> e na escola amarela tem uns vidros, tem uma parte amarela e eu ía a tocar com a mão...Ah..e então eu ia com mão esquerda só que <u>desviei-me um bocadinho e fui contra o vidro e abri o braço</u> ” Mas não fizeste de propósito? “Exato. Isso eu não fiz de propósito. Eu corri um risco estava a brincar, podia ter acontecido a qualquer um. <u>Eu corri um risco mas num... também se pode correr riscos sem ser de propósito!</u> ” Ok. Então podemos correr riscos de forma diferente... é isso que me estás a querer dizer? “Exato.”					
3 F 1003	Não se lembra						
	Outra	“ Sim, vou referir mais uma vez os <u>desportos radicais</u> ...ahm...pode correr riscos por exemplo” <i>bunjee jumping</i> “Pode correr riscos, mas faz por divertimento, porque gosta da adrenalina e depois ao fazer fica alegre e gosta do que faz e acho que faz só por divertimento.” “					
4 M 1000		“ A situação do <u>parcour</u> ...” “Que eu <u>gosto muito e se for com os amigos ainda é melhor...</u> ” E achas perigoso? “É um bocado.” É um bocado perigoso... “Tento esconder o perigo e... fazer.”	“Com <u>amigos</u> ” “ <u>Sozinho</u> , não. Acho que <u>não dá tanto divertimento</u> .”		“ <u>Porque os meus amigos também fazem e eu tentei e achei fácil e prontos, continuei...</u> ” “Eu gosto muito de experimentar desportos mas também foi muito porque os meus amigos também faziam.”		“ <u>Se me magoar, sinto-me com dor.</u> ” E se não te magoares? “Talvez <u>um pouco mais corajoso...</u> ” Huhum... “Porque <u>consegui ultrapassar este perigo.</u> ”
5 F	Sim	“ Por exemplo, estas férias <u>amigos meus a fumarem charros e perguntaram-me se queria</u> . Eu sabia que aquilo me poderia trazer	“ É assim, naquele caso foi uma situação muito especifica foi num				

1010		<p>algun divertimento mas sei que é uma coisa estúpida, ou seja, não julguei, estive ao lado, prontos, falei com eles mas nem sequer disse que não. E isso foi um coisa boa pra mim porque sei que foi um desafio que me puseram em que eu consegui, <u>consegui dizer que não, consegui resistir e dizer que não</u>. Não queria porque sabia que aquilo podia dar gozo mas que não (nao se percebe uma palavra)”</p> <p>Tu achas que até podia ser uma coisa positiva mas no entanto, sabendo que te ia trazer consequências negativas...</p> <p>“Exato. E talvez porque e isso em relação aos pais, isso a minha <u>mãe iria ficar muito chateada comigo, ia ficar desiludida e isso a mim, eu ia ficar muito chateada e muito triste por saber que ela estava desiludida comigo.</u>”</p>	<p>parque de campismo com <u>amigos</u>, com um amigo que eu já conheço há bastante tempo mas que também é mais velho, já anda no 10º ano. E eu mesmo fiquei um bocado surpreendida por ser ele a fazer porque ele nunca foi de aspeto de ser assim e de nunca fazer essas coisas. Foi uma vez sem exemplo e não quero voltar ou tentar não voltar a estar numa situação dessas. E tento ao máximo afastar-me disso, sempre...”</p>				
6 M 1007	Sim	<p>“ Eu... Tentei... <u>Andar de skate</u> na, <u>nos paralelos</u> lá fora. Era divertido, mas ao mesmo tempo estava a correr um risco, podia cair, podia passar um carro, podia...”</p>	<p>“<u>Sozinho</u>”</p>	<p>“Não”</p> <p>“ <u>Consegui um bocadinho, mas depois quando vi que eraum bocadinho difícil, desisti.</u> Mais ou menos. “</p>	<p>“ Para <u>aprender coisas novas</u>, pa num tar com o skate a andar ali, não sei quê, não sei que mais. Pra também <u>quando tiver a andar num sítio que seja liso, quando tiver que passar para as paralelas, poder conseguir andar nas paralelas</u> e não tirar o skate nessa parte.”</p>	<p>“ <u>Senti-me bem, tar a fazer uma coisa que eu gosto mas ao mesmo tempo assutado, com medo.... podia cair, podia passar um carro e atropelar-me ou então passar alguém e eu ir contra ela, podia pôr-me em risco.</u>”</p>	
	Outra	<p>“Por exemplo, as <u>pessoas que gostam de fumar</u> tão a <u>correr o risco de apanhar com o fumo</u> mas... Muitas vezes estamos com os <u>amigos, estamos a fumar só para acharmos, só por estarmos a fumar já somos bons</u>, é divertido, pronto..”</p> <p>“O fumo pode-nos prejudicar as vias respiratórias.”</p>					
7 F 1015	sim	<p>“ Uma vez, também relacionado com a escola, eu e duas colegas minhas, sabendo que podíamos <u>correr riscos de chegar atrasadas a uma aula, num intervalo de almoço saímos da escola</u>, fomos até à Casa da Música e viemos. Chegamos atrasadas à aula, mas pronto, divetimo-nos.”</p>	<p>“com <u>colegas</u>”</p>	<p>“ Tivemos uma <u>falta de atraso.</u>”</p>	<p>“Porque <u>queríamos ir muito lá e sabíamos que nos íamos divertir.</u>”</p>	<p>“ <u>Não nos sentimos mal, nem nada do género, foi uma pena leve...</u>”</p>	
8 F 1014	Não						
9 F 1002	Não						
	Outra	<p>“ As vezes, quando...por exemplo, às vezes...não sei...as pessoas fazem <u>alguma brincadeira</u> ou assim alguma coisa que pode ser divertida mas que também pode trazer riscos e... <u>pode não ser, naquele momento directamente para eles mas depois podem ter consequências</u>, como por exemplo, às vezes, <u>gozar com uma pessoa ou chatear alguém</u>...alguma pessoas gostam de fazer isso e está sempre a chatear alguém...mas e...acham piada aquilo...”</p> <p>“Mas na realidade aquilo pode trazer-lhes consequências e não...e</p>		<p>“podem <u>ser apanhados</u>”</p> <p>“ Ter um castigo ser até suspensos ou assim alguma coisa”</p>			

		não estão a pensar realmente nos riscos que estão a correr, estão apenas a fazer aquilo.”					
10 M 1013	Não						
11 F 1012	Não	E porquê que tu não corres riscos só pelo divertimento? “Porque eu <u>tenho muito medo das consequências...</u> ”					
	Outra	“ Conheço... eu tenho amigos que gostam muito de ir assim para sítios... <u>fazer coisas perigosas, por exemplo, saltar pontes</u> e... ou, <u>experimentar droga</u> e essas coisas assim...” E eles fazem isso só porque é divertido? “Só porque acham que é divertido...” Então tu achas que eles estão a correr riscos porquê? “Porque além daquilo também lhes ser... vai-lhes prejudicar a saúde, hum...”.	“ <u>acompanhados</u> ”	“ <u>Tornarem-se toxicodependentes</u> , não sei... <u>perderem o rumo da vida, esquecerem das coisas que são mais importantes</u> , por exemplo, <u>estudar ou praticar um desporto</u> .”	“ <u>Para se exhibir, pra mostrar aos outros que também fazem tudo como eles...</u> ”	“ Eu acho que no <u>momento sentem-se bem, mas no final acabam sempre por sentir um bocado de remorsos</u> pelo que fizeram...”	
12 M 1008	Sim	“ Uma vez em vez de subir as escadas, fui pelo <u>corrimão a subir</u> .”	<u>Sozinho, mas irmão a ver</u>		“ <u>Pra ver se conseguia subir até lá cima</u> .” “Saber que consigo.” “ <u>Também lhe queria mostrar</u> ”.		
13 F 1011	Sim	“ fazer <u>rapel ou escalada</u> , são, vamos dizer, divertimento.” E tu achas que fazer escalada é correr um risco? “Sim, mais ou menos.” Então diz-me porquê? Não te estou a dizer que não, só te estou a perguntar... “Acho que depende... Às vezes pode correr mal, não é?” Sim “Também pode não ser. Não podemos ver as coisas sempre do lado negativo senão também nunca fazemos as coisas, mas se...”					
14 F 1001	Não						
	Outra	“Só me lembro de uma vez. Uma amiga minha, nós estávamos na primária, estávamos a gozar...” Hum... “Era um jogo divertido, mas já não me lembro do jogo...nós tínhamos que tocar nas cores que escolhíamos e fugir de quem estava a apanhar. Só que ela, em vez de tocar na cor, tocou no vidro. Só por causa do jogo enfiou a mão no vidro e cortou o pulso, basicamente.” Ok. Ela correu o risco pelo divertimento... “Pelo divertimento.” Ok. Como é que achas que ela se sentiu? “Um bocadinho aflita, por causa disso.” Ok. Portanto, as consequências que ela teve foram o quê? “Cortar o pulso, cortar o pulso.”					
15	Não						

M 1009							
	Outra	“ Sei lá...que é o <u>homem que tem mais piercings</u> , trezentos e tal piercings na cara, é um risco, porque <u>a cara pode vir a ter consequências</u> , mas também é um mérito.”		“ Porque ganhou o <u>primeiro lugar</u> , tem uma medalha e <u>está feliz</u> , ou deve estar ou também <u>está feliz e está triste</u> . Tem piercings, <u>pode-se ver mal no espelho</u> , assim.”			
	Outra	“Depende, <u>se formos apanhados a fazer alguma coisa...</u> ”		“Pequenina, eles podem tomar medidas um bocado grandes ou um bocado pequenas.” Por exemplo, diz...dá-me um exemplo. “Pá, <u>pode chamar a polícia</u> .” Sim. “Pá, outra pode só <u>falar com os teus pais</u> é menor do que falar com a polícia.”			
17 M 1020	Não	(refere apenas o <u>atirar pedras com os colegas uns contra os outros</u> , mas isso já foi há muito tempo)					
	Outra	“ <u>Nas praias às vezes</u> . ” “Os <u>amigos tentam-se afogar uns aos outros e às vezes é perigoso</u> . Que se podem afogar mesmo.” E achas que as pessoas têm consciência do risco? “Não.” Achas que não? “Não, não pensam. Fazem mal.”	Amigos	“Que se podem afogar mesmo”	“ <u>Só pelo divertimento</u> . ”		
18 M 1019	Sim	Ok. Agora exemplo de alguma situação, tavas a dizer.... pode ser por exemplo esse exemplo de andar de bicicleta a descer a montanha. Isso é correr risco? Já me tinhas dito que sim, que podes cair. E é divertido também? “É, é divertido.”	“Não. <u>Fiz com mais alguém</u> . ”	“ <u>Conseguir dominar a bicicleta em descidas, treinar o controlo da bicicleta</u> . ” “É, se um dia me der na cabeça para ir fazer isso ou então alguém me convidar para fazer isso, eu ao não ter o tal controlo da bicicleta poderia-me aleijar.”	“Porque (risos), <u>porque gosto e também já tenho alguma experiência na bicicleta...</u> Porque já dominava mais ou menos, já sabia o risco que ia correr e tentava que isso não acontecesse. <u>Esquecia esse lado, sabendo que poderia me acontecer alguma coisa mas ia só para o lado do divertimento</u> . ”		
19 M 1005	Sim	“ Quando eu <u>ando de skate</u> , a parte que eu <u>gosto de andar de skate é mais a velocidade</u> . Gosto de sentir o vento e assim.”	“ <u>Sozinho</u> . Na garagem que é onde tem o terreno, o piso mais liso.”	Traz-te algum tipo de benefício, de desvantagem? “ <u>Não</u> . ”	“ Porque o skate que eu tou a falar é aquele de duas rodas e <u>diverte-me porque tenho que tar sempre a mexer com as pernas e assim</u> , de um lado pro outro... Vou andar de skate porque <u>gosto de andar de skate</u> . ”	“Quando ando de skate... é mesmo só <u>por divertimento</u> , eu gosto mesmo. <u>Mas num sinto nada</u> . ”	

	Outra	“Quando tamos, <u>quando tou na praia e naquelas bóias, em cima, gosto de ir lá para longe.</u> Lá pa longe. Neste caso no Algarve porque não costuma haver muitas ondas, depois estou lá ao fundo e estou a ver a praia, tou... lá no colchão... Sim, porque <u>podemos cair da bóia e depois não conseguimos nadar.</u> Eu faço isso porque sei nadar bem. Há outras pessoas que se calhar que se não nadarem bem, não fazem isso.”					
	Outra	“Quando tive uma vez no Algarve, <u>uma pessoa tava em cima de uma rocha e tava a saltar para a água.</u> E um dos riscos é que podia não saltar bem, <u>podia bater com a cabeça na pedra.</u> ”					
20 M 1017	Não						
	Outra	“por exemplo pôr-me à frente de um carro porque os meus colegas disseram para eu fazer e eu faço.” O quê? Meteres-te à frente de um carro, ele vai na estrada e tu vais a correr... “Sim.” Tu metes-te e depois foges? Exato. Sim, já tive um colega meu que fez isso.”	“ <u>Mas já vi colegas meus a fazerem.</u> ”		Só porque era divertido? “Exato.”		
	Outra	“E a gente virou-se para um colega meu e disse que, ele não era capaz de fazer aquilo que a gente tinha dito, que era: ele passava, <u>famos a passar numa rua e ele punha-se a andar em cima dos carros.</u> Sempre assim até chegarmos ao fundo, ao cimo da rua.” Mas os carros estavam parados? “Exato.” Ah! E ele fez isso? “Fez.”	“O ano passado, noutra escola, a gente saía da escola, <u>famos um grupo de amigos...</u> ”	E achas que isso foi correr um risco? “Para ele foi, porque depois <u>apareceu o dono de um, e queria chamar a polícia.</u> ”	“Porque <u>a gente tinha dito que ele não era capaz de fazer.</u> ”	“Mais uma vez, <u>senti-se o maior.</u> ” E depois do senhor o ter apanhado, ele continuou-se a sentir o maior? “Não.” Achas que... “ <u>Senti-se mal porque, porque a gente tinha mandado fazer aquilo e ele não fez pela cabeça própria fez porque a gente disse.</u> ”	E o que é que aconteceu depois? “ <u>Ele fugiu.</u> ”
	Outra	“Há. Na minha turma há. <u>A gente às vezes faz apostas</u> que, a gente diz às vezes a um colega, ao x, ao y ou ao z, dizer: <u>olha não consegues meter um, alguém na rua.</u> E às vezes essa pessoa vai para a rua sem fazer nada, que é mesmo...”				“Sim, porque <u>primeiro essa pessoa vai ficar magoada com...vai ficar triste com quem meteu na rua e às vezes não corre muito bem.</u> ”	

• O outro

E		O que pensas daquelas pessoas que			Reação dos outros		
		Correm riscos só pelo divertimento?	Que não correm riscos só pelo divertimento?	Ficas mais do lado de quem?	Pais	Amigos	Professores
1 F 1006	Não	“ <u>Acho mal.</u> ” Porque é que tu achas mal? O que é achar mal? “Discordo.” porquê?	“ <u>Acho bem.</u> Porque <u>não vão estar a arriscar as suas vidas, só porque é divertido.</u> ”	“ <u>Não arriscar.</u> não correr riscos só porque é divertido.”	“ <u>reagiam mal</u> ”	“Eles também <u>eram da minha idade, também gostavam disso,</u> correr riscos e isso.”	“ <u>reagiam mal</u> ”

		<p>“Porque se correr riscos é divertir, não sei...mas não, não concordo. Porque ao correr riscos <u>alguma coisa</u> pode correr mal, podem ir para o hospital, ou até mesmo morrer. E fazerem isso só para se divertirem, acho que não tem assunto.”</p>					
2 F 1004		<p>“Penso mal. Porque correr riscos pelo divertimento pode dar várias consequências e...” O que é que é pensar mal? “Pensar mal... ah... pensa que essas pessoas têm uma atitude incorreta, que.... Que não se devia, <u>não deviam correr riscos só pelo divertimento. Deviam correr riscos por coisas sérias.</u> Como por exemplo, aconteceu alguma coisa de grave, a pessoa vai a correr e pode riscos da estrada, de ir demasiado depressa, mas aconteceu alguma coisa com um familiar e a pessoa tem que ir depressa. Isso é que são correr riscos, mas não por divertimento, por... por razões graves, graves”.³⁵</p>	<p>“- Penso que... que... pronto, vou usar esta expressão, são <u>pessoas inteligentes</u> porque.... Porque não correm riscos só pelo divertimento. Como eu disse anteriormente, podemos <u>correr riscos mas é por coisas graves, correr riscos pelo divertimento só mesmo aquelas pessoas que não batem muito bem da cabeça</u> (risos).”</p>	<p>“Das que <u>não correm</u>.”</p>	<p>“Reagiam mal porque eu <u>podia-me magoar ou podia fazer</u>... Podia magoar alguém se fosse por divertimento. Se fosse por uma coisa grave ainda prontos, mas se fosse só por divertimento, podia magoar alguém.” “Reagir mal é... <u>castigar, não gostar da atitude... ficar constrangidos.</u>”</p>	<p>“Os amigos também. Por exemplo, eu podia magoar, imagine... ah... ah... uma pessoa anda à porrada e sem querer vai dar esse soco ao outro, o outro baixa-se e dá um soco ao amigo porque o amigo tá a tentar parar a luta. Já <u>perdeu a amizade</u> desse amigo, porque ele tava a tentar parar a luta e ainda levou um soco.”</p>	<p>“Também ficavam <u>constrangidos, ficavam admirados, ah... também ficavam chateados, também podia ser penalizada</u> por isso, se fosse aqui dentro da escola que eu magoasse alguém e pronto.”</p>
3 F 1003		<p>“Ahm... acho que essas pessoas <u>deviam pensar também nas, nas consequências</u>... acho que fazer só por divertimento... eu respeito, mas eu não faria. Vai tar sempre na cabeça o que é que vai acontecer depois.”</p>	<p>“Acho que são <u>cautelosas, têm amor à vida</u>.”</p>	<p>“Neste caso, situo-me mais nas pessoas que, que <u>não gostam</u> de correr riscos só pelo divertimento.”</p>	<p>“Ficam <u>irritados, ficam... alarmados, ficam preocupados e penso que dizem que... para a pessoa não fazer mais.</u>”</p>	<p>“Ui, os amigos, ahm... eu acho que os amigos <u>reagem com espanto</u> e... como o exemplo anterior, eu acho que eles <u>incentivam a fazer outra vez e pedem para ir com ele.</u>”</p>	<p>“Os professores é <u>um bocado como os pais mas com uma pressão menor</u> porque <u>não são... não são nada</u>. Quer dizer, são professores.”</p>
4 M 1000		<p>“Um <u>bocadinho estúpidas. Porque tão a fazer uma coisa perigosa...</u>” “Eu até gosto de fazer mas tento afastar o perigo...mas acho que as outras pessoas pensam que é perigoso e não se devia fazer.” O que é que isso quer dizer, tento afastar o perigo? “Que...é como se não tivesse, tento esquecer e tentar fazer aquilo mas sem sentir o perigo...tento fugir ao perigo.” Mas para ti fugir ao perigo é só não pensar no perigo? “Não, é tentar fazer também não tantas coisas perigosas.” Ah, ok. Então é fazer coisas perigosas mas o menos perigosas possível? “Exato.” (risos) Como é que se faz isso, no parcou, por exemplo? “É saltar murinhos baixos”</p>	<p>“São mais calmas.” “E talvez não tanto corajosas...” Sim... “E têm... acham que têm muito perigo, conseguem... consideram que aquilo seja muito perigoso...” Sim... “Por isso não fazem.”</p>	<p>“<u>Prefiro o mais corajoso, o mais divertido.</u>”</p>	<p>“se soubessem reagiam mal” E porque é que, porque é que tu achas que os teus pais reagiam mal por tu fazeres uma coisa perigosa? “Porque gostam de mim.” Sim, e... “E por isso, <u>tentam cuidar de mim o melhor possível...</u>” Sim... “E não querem que eu corra perigos.”</p>	<p>“Não haveria tantos problemas...” Não!? “Mas, depende outra vez...” Sim?! “Se fosse amigos que, por exemplo, <u>vão comigo até achariam que eu era melhor, assim mais corajoso. Mas se não fossem comigo talvez achariam que eu era assim...que não pensasse tanto e que não fosse tão cuidadoso com a vida...</u>” Huhum...ser cuidadoso com a vida está relacionado com correr riscos? “Sim. Porque se não corremos riscos podemos ser mais cuidadosos com a vida...” Huhum... “Se acontecer alguma coisa, se partirmos alguma coisa, se calhar pode prejudicar o futuro...”</p>	

						<p>Huhum... “Por exemplo se ficarmos sem pernas pode prejudicar muito, por exemplo, para quem quer ser futebolista.” Ok!?</p>	
5 F 1010		<p>“ Acho que é uma coisa... Eu não posso falar muito porque não conheço muito mas acho que não, que <u>não é uma coisa assim muito boa.</u>”</p>	<p>“ Acho que <u>talvez sejamos um bocadinho tímidas nesse assunto e se calhar em certas situações deveríamos arriscar um pouco mais.</u> “</p>	<p>“<u>neutra</u>”</p>	<p>(mãe) “ Sim, mas que não... A situação, ou seja, <u>dizia tudo o que tinha a dizer, podia até ficar chateada mas o assunto ficava por ali.</u> Se eu mais tarde voltasse a ter outra situação do género, ela não iria buscar a situação anterior para me apontar à cara e dizer “vês o que fizeste, eu já te tinha avisado”, assim...”</p>	<p>“ Acho que <u>a maior parte iria concordar, dizer que tinha feito bem.</u>”</p>	<p>“ É o que já disse na anterior, acho que <u>não tenho muita opinião sobre isso.</u> “</p>
6 M 1007		<p>“<u>Penso muitas vezes que são corajosas mas outras vezes estúpidas que podem fazer coisas que podem... Muito graves.</u>” Que tipo de coisas graves? “Por exemplo, podem... Fumar só porque acham, <u>porque acham-se que são boas mas tão-se a prejudicar a elas, ao ambiente e às outras pessoas que indiretamente também fumam e acho que isso é estúpido.</u>” E corajosas porquê? “Neste caso, fumar não há corajoso nenhum, mas <u>corajosas porque às vezes temos medo de fazer aquilo e vamos tentar e pode não nos prejudicar tanto, mas correr um bocadinho de risco mas é corajoso termos a experimentar coisas novas</u> para não estarmos sempre a fazer as mesmas coisas...” Então há diferentes tipos de riscos? “Talvez...” Talvez? “Há um risco que pode-nos trazer más consequências, há um risco que pode-nos trazer boas consequências.” Ok. É por exemplo isso de nos testar-mos e o outro é o exemplo de fumar não é? “Sim.”</p>	<p>“- - acho que... <u>Não são pessoas más mas também não... Estão sempre a fazer a mesma coisa, a mesma rotina, fazem sempre isto e aquilo sempre todos os dias, não fazem coisas novas, não experimentam coisas novas.</u>”</p>	<p>“<u>Depende.</u> Posso pôr-me muitas vezes das que correrem risco, <u>depende do risco</u> e muitas vezes das que não correm risco.” Depende do risco? “Sim.”</p>	<p>“ Não... Podem reagir <u>bem ou mal porque muitas vezes,</u> “ah, boa filho, <u>experimentaste uma coisa nova, foi um bocadinho arriscado mas não muito</u>”. Mas por exemplo fumar e <u>essas coisas podem reagir muito mal</u> “<u>isso faz-te mal</u>”, “<u>não deves fazerisso</u>”, <u>podem-nos pôr de castigo.</u>”</p>	<p>“<u>Depende dos amigos...</u>” Há diferenças entre os amigos? “Sim, <u>há os amigos que se preocupam, acham que não devemos fazer isso...</u> Que é muito perigoso para nós e para os outros. Mas aqueles amigos que são amigos mas não se preocupam tanto, acham “<u>boa, ainda bem que fizeste isto, agora tal como eu te disse há bocado, podes-te juntar a nós e ao nosso grupo, agora também podes fazer isso connosco e isso</u>”. ” E vocês gostam de se juntar... Por exemplo, tavas-me a dizer que os amigos que dizem isso “podes-te junta ao grupo” e isso são aqueles que não são tão amigos. E vocês gostam de se juntar a grupos de rapazes, por exemplo, que não são tão amigos porquê? “<u>Muitas vezes pra nos armarmos. Tamos a andar com aquelas pessoas que são mais populares e por andar com elas também estamos a ser mais populares e sem dar por ela estamos a pôr a nossa vida em risco.</u>” E isso acontece, nas escolas, por</p>	<p>“ <u>Muitas vezes mal, não é?</u> <u>Podemos estar a prejudicar a nossa saúde, mas por vezes aqueles professores que não se preocupam tanto ignoram.</u> Mas isso depende da personalidade e dos professores.”</p>

						exemplo? “Acontece muitas vezes. Por exemplo, tão ali enconstados a fumar, depois vai lá um, quer experimentar. Não. Sim. Se experimenta “Ah, agora já te podes juntar a nós aqui, já vais ser fixe” e não sei quê, n sei quê...”	
7 F 1015	sim	" Lá está, depende, <u>se for riscos para toda a vida e físicos</u> , acho pronto... que é um <u>bocado estúpido</u> . Mas <u>coisas que nem dão repreensão, nem muitas penas</u> , pronto se calhar, isso até pronto.”	“ <u>acho que pensam demasiado no presente</u> e que, pronto, não vão correr riscos, mas também <u>não se vão divertir</u> ”		“ me vão <u>repreender</u> , menos os amigos”	“ Vão reagir <u>normalmente</u> . Alguns vão dizer se calhar, ah, boa ideia, <u>gostei do que fizeste</u> . Outros se calhar não vão gostar tanto, mas acho que a maioria, ninguém vai ficar chateado, simplesmente não vão dizer nada.”	“me vão <u>repreender</u> , menos os amigos”
8 F 1014		“ <u>Não penso muito bem, acho que não vale a pena</u> porque já que é um ato que se faz, que acontece e que são as pessoas que decidem fazer, então era preferível se calhar não fazer...”	“ <u>Não penso nada.</u> ”	“ <u>Das que não correm risco</u> , porque maioritariamente as pessoas que correm riscos só por diversão, são riscos desnecessários.”	“ Acho que não iam achar, iam ficar menos.... não me iam deixar fazer tantos.. não é não ter tanta liberdade, mas <u>acho que não me iam deixar ter liberdade</u> porque se calhar quando não corro riscos por divertimento, deixavam...”	“ <u>Alguns iam reagir mal, iam achar que eu não devia fazer e outros nem se iam importar?</u> ”	“ <u>Não tenho nenhuma ideia...</u> ”
9 F 1002		“Acho que são pessoas que não... <u>pensam pouco nas coisas, não têm um pensamento lógico, relativamente às coisas...</u> ” “ <u>não pensam nas coisas antes de as fazerem...</u> ”	“ Acho que são pessoas que têm...são mais...não é inteligentes, mas...mais..prontos, <u>mais espertas...</u> ” “E eu acho <u>que deve-se sempre pensar nas coisas antes de as fazer.</u> ” “Que...às vezes, quando pensamos no que fazemos <u>podemos...prevenir alguma...algumas consequências</u> e...e isso é sempre bom quando prevenimos alguma coisa de mal de nos acontecer.”	Dos que <u>não preferem correr riscos</u> .	“ Os...os pais, acho que, <u>ficavam preocupados e chateados uma vez que podia-me acontecer alguma coisa ou</u> , prontos...e...os professores, acho que, ficavam talvez, não sei...nas aulas também não...isso, talvez os pais preocupados...”	“ <u>poderiam achar que essa pessoa era engraçada e divertida talvez?</u> ” Huhum...então tu achas que, às vezes, fazemos coisas um pouco perigosas que nos possam trazer consequências negativas? Mesmo que isso seja divertido, pode fazer com que os nossos amigos nos vejam como alguém... “Sim!” Mais divertido? Mais fixe, se calhar? “Sim...acho que, às vezes, as pessoas que...essas pessoas assim, às vezes, fazem algumas coisas que toda...fazem coisas sem pensar e por isso, podem... <u>fazem coisas sem pensar e podem seguir o exemplo dos outros e fazer o que eles estão a fazer, sendo por isso considerados pelo seus amigos mais divertidos</u> , mais...”	“ Agora os professores <u>podiam não ter uma grande reacção</u> , uma vez que, normalmente, se fosse... se fosse não vêem...os alunos vêem durante as aulas, não é? E apenas...se fosse o director de turma ou alguma coisa,... Podia saber que...que esse aluno tem esses comportamentos... <u>repreender</u> o aluno e prontos “
10	Não	“ Acho que se podem arriscar, <u>acho que se podem</u>	“ Acho que são <u>pessoas mais</u>	Que <u>não arriscam</u>	“ Acho que se <u>zangavam</u>	“ <u>Iam reagir como se fosse outro</u>	“acho que iam <u>dizer para não</u>

M 1013		arriscar a magoarem-se ou acho que... normalmente quando se faz uma coisa que se gosta, faz-se outra vez e outra vez, faz-se várias vezes e se for assim uma coisa perigosa, às vezes corre bem, mas outras vezes pode correr mal.”	cautelosas, são... têm mais cuidado.”		um bocado.” O que é zangar? “ <u>Davam-me na cabeça</u> ”	divertimento qualquer...” Ou seja, “Iam reagir normalmente, “ <u>és o maior e tal</u> ”, “ <u>tu é que és rebelde</u> .””	voltar a fazer isso porque <u>posso-me magoar</u> .”
11 F 1012	Não	“ Hum... penso que são umas pessoas que devem ter <u>algum problema e que arranjam isso como uma maneira de esquecer ou de... se sentirem bem com eles próprios mesmo não estando bem...</u> ”	“ Não sei, têm medo, <u>têm medo das consequências...</u> ”	“das que <u>têm medo</u> ”	“ Ficavam chateados. Se fosse um mau risco. Quer dizer, mesmo que não fosse. Se mesmo, se metesse algum envolvimento que fosse mais complicado, ficavam chateados. “	“ Os amigos, acho que <u>também reagiam assim um bocadinho mal. a não ser que tivesse a ver com eles também. aí se calhar reagiam bem.</u> mas acho que também não reagiam assim muito bem...!	“ Também reagiam <u>mal</u> .”
12 M 1008	Sim	“ Acho <u>mal</u> .” Porquê que achas mal? “Porque <u>podem-se magoar...</u> ”	“ Acho bem porque assim não têm risco nenhum de se aleijar.”	Dos que <u>correm riscos</u> Mas repara, se tu sabes que isso te pode trazer consequências negativas, porquê que fazes na mesma? “porque é fixe.” Porque é fixe para ti quando? No momento? “Sim.” Tu divertes-te, é isso? “É.”	“ Não sei.”	“ <u>A mesma coisa.</u> ” A mesma coisa? Que tu és tolo? “Sim” Porquê que vão pensar que tu és tolo. “Por fazer coisas, correr riscos só por ser divertido.”	“Vão-me <u>tratar de maneira diferente. pior.</u> ” Pior porquê? O que é que eles vão fica a pensar de ti? “ <u>Que eu sou tolo</u> ”
13 F 1011	C	“ Penso que são <u>pessoas um bocadinho malucas</u> , mas...” Porquê que são malucas? “Porque gostam de se ariscar, <u>gostam de fazer coisas</u> que normalmente as pessoas não fazem muito.” E as pessoas gostam de fazer isso porquê? “Por diversão, acho que é por <u>quererem sentir aquela adrenalina</u> de fazer coisas...” Huhum. E achas que as pessoas fazem isso e depois não pensam naquilo que lhes pode acontecer? “Acho que não.” Não? Huhum. Tu costumavas pensar ou não? “De vez em quando. Depende das situações. Só se tiver mesmo com muito medo é que penso nisso.”	“Acho que... que é um <u>bocadinho exagerado. mas...</u> Não <u>experimentarem fazer...</u> ” É exagerado porquê? “Porque de vez em quando fazer <u>alguma coisa que seja de risco só pelo divertimento</u> acho que não há <u>mal nenhum...</u> ” Huhum... “E que não há problema de se fazer.!”		“ Neste caso, assim, pode ser um bocadinho mal. Podem reagir <u>um bocadinho mal</u> .” Porquê? “Porque às vezes... Porque sabem que, que pode acontecer, pode haver riscos e correr riscos que <u>podem ter consequências más, negativas</u> .”	“ <u>Depende dos amigos.</u> ” Então? “Se for amigos que não gostam de <u>correr riscos</u> acham que é grave, que pode acontecer, pensam logo no pior. <u>Se for mais mais abertos, acho que é normal.</u> Que podem pensar no lado de acontecer alguma coisa, mas não exageram tanto.”	“ Os professores <u>são como os pais. Mais ou menos.</u> Vêm mais pelo lado... <u>Mau</u> , pode acontecer alguma coisa de mal.”
15 M 1001	Não	“Só pelo divertimento...que são um <u>bocadinho estranhas.</u> ” Estranhas?!	“ São pessoas muito <u>atinadinhas.</u> ”	“estou <u>no meio</u> ” “ Não sou lá muito atinadinha, porque	“ <u>Preocupados</u> ”	“Depende. Por exemplo, aqui na sala de aula, um amigo estava a embirrar com o professor e os	“ <u>Também (preocupados).</u> Porque podem vir a trazer vários castigos, que podem

		<p>“Sim.”</p> <p>Porquê?</p> <p>“Porque não...acho que é um bocadinho estranho, se arriscar só pelo divertimento. Que se <u>devia pensar bem</u> antes de fazer essas coisas.”</p> <p>Mas porque é que tu achas isso?</p> <p>“Porque <u>podem vir a trazer situações que são um bocado complicadas</u>, que podem vir a trazer muitos problemas.”</p>		<p>nem...já fiz asneiras, sim. Mas também não sou daquele tipo de pessoas que corre riscos à toa.”</p> <p>Huhum...ok.</p> <p>Correr riscos à toa é correr riscos...</p> <p>“É mais ou menos como os riscos arriscados, só que tem um pequeno grau de diferença nas situações. Algumas são mais graves, outras são mais...”</p>		<p>outros rapazes puseram-se a rir mesmo, mas não tinha sentido nenhum.”</p> <p>Ok.</p> <p>“<u>Só os rapazes é que se riam</u>, não entendemos porquê, na altura.”</p> <p>E achas que ele estava a correr um risco ao gozar com o professor?</p> <p>“Estava. <u>Depois podia ser posto fora da sala de aula.</u>”</p> <p>E porque é que achas que os rapazes se riam, disso então?</p> <p>“Então. Também não percebo.”</p> <p>Também não percebes?</p> <p>“Não.”</p> <p>E porque é que vocês não se riam, as raparigas?</p> <p>“Porque é um assunto sério, não devemos gozar com os professores.”</p>	<p>vir a trazer dificuldades muito grandes.”</p> <p>Ok. E dificuldades, em quê?</p> <p>“Dificuldades económicas, por exemplo.”</p> <p>Por causa do jogo é isso que estás a pensar?</p> <p>“Sim. Estava mais a falar da escola, porque pode vir a trazer...pode vir a ser suspensão e pode vir a trazer problemas.”</p>
14 F 1009	N	<p>“São pessoas <u>um bocado malucas</u>. “</p> <p>Sim?</p> <p>“Depende, depende dos riscos, há outros riscos não, assim riscos pequeninos, não...”</p> <p>Sim?!</p> <p>“Aqueles que correm riscos grandes, acho que são um bocado malucas.”</p>	<p>“São pessoas <u>inteligentes</u>. Eles gostam de...elas gostam de se divertir mas não correm riscos. <u>Então divertem-se sem correr riscos.</u>”</p>	<p>“Das pessoas divertidas sem correr riscos. “</p>	<p>“Reagiam um bocado...reagiam <u>mal</u>. Porque é assim, eles sabem que eu...eles <u>querem que nós estudamos</u> e <u>divirtamos...</u> Mas também não querem que nós <u>corremos riscos</u>. Para <u>depois</u> <u>haver consequências.</u>”</p>	<p>“ Os meus amigos, alguns podem fazer isso...não sei, mas acho que eles também reagiam mal...normal.”</p> <p>Ok. Reagir mal, o que é que isso quer dizer reagir mal?</p> <p>“Não, <u>Normal</u>. ”</p>	<p>“ <u>Acho que reagiam normal</u>. É...falavam connosco, aqueles professores mais íntimos...<u>falavam connosco</u> a dizer: oh, pá diverte-te mas <u>não corras riscos</u>. Alguns professores reagiam os <u>outros não ligavam</u>. ”</p>
17 M 1020		<p>Não diz nada</p>	<p>“ São <u>pessoas boas</u>. ”</p> <p>“Têm <u>consciência</u> daquilo que <u>fazem</u>. ”</p>				
18 M 1019	S	<p>“São pessoas experimentais, assim a bem dizer, <u>que gostam de experimentar outras coisas, pessoas em que o divertimento é uma coisa importante para elas</u>. ”</p>	<p>“Eu não tenho muito contra essas <u>pessoas</u>, eu pelo menos sou uma pessoa que acho que me dou bem com todos, acho que me dou bem...”</p> <p>Não tens nenhuma opinião sobre isso?</p> <p>“Não (risos).”</p>		<p>“A mesma questão de que falei há bocado, eles <u>não se importam desde que eu tome cuidados...</u>”</p>	<p>E para os teus amigos e professores, também é o mesmo que disste há bocado?</p> <p>“Sim, sim.”</p>	
19 M 1005	S	<p>“ Eu às vezes que elas são um bocado malucas. Mas se correm mas sabem fazê-lo, sabem, podem correr o risco de cair, não é, mas se sabem mesmo fazê-lo, já treinaram muitas vezes e assim...”</p>	<p>“Isso significa que pensam em... <u>pensam mais em si próprias do que na prática</u>. Eles <u>pensem fazer... pensa primeiro o quê que iriam fazer, no caso de meter riscos</u>. Mas quando vão a fazer, <u>pensam mais nos riscos</u>. do que no próprio...”</p>		<p>“ Normalmente eu quando estou a fazer coisas, normalmente não costumo <u>estar com os meus pais por isso eles não têm muito bem...</u> Se soubessem... não acho</p>	<p>“ Às vezes <u>normalmente os amigos tentam sempre que as pessoas faça, corram esses riscos, tentam sempre que façamos</u></p>	<p>“ Acho que <u>diziam que não deveria fazer isso...</u>”</p>

			Divertimento... “Próprio <u>divertimento</u> .”		que reagiam mal porque eu <u>também penso nas consequências</u> , logo.”	os riscos. Porque são amigos. Mas há outros <u>amigos que também dizem, que dizem que não deves fazer isso, pode-te acontecer alguma coisa...</u> ”	
20 M 1017	S	“ <u>São pessoas iguais a mim, mais ou menos iguais a mim</u> . Mas...” Mas tu gostas ou não gostas? “Eu não, não gosto. Fazer, também não tive a oportunidade de fazer, mas quando fizer vou-me...se calhar vou sentir aquilo que eles sentiram.”	“ São pessoas iguais a mim. <u>Iguais a mim porque, para já eu ainda não corri...</u> ” Huhum... “Por isso são pessoas que <u>não fazem o que os outros fazem, muitas das vezes</u> .”		“ <u>Mal</u> , os meus pais iam reagir mal.”	“Os meus amigos iam reagir <u>bem</u> .”	“ Os professores... Punham-me de <u>castigo</u> .” Huhum... E eles põem-te de castigo muitas vezes? “Não, só quando faço asneiras. Quando faço asneiras e também quando me porto mal ou tiro alguma negativa”

Anexo 8

Grelha de análise dos dados qualitativos - segunda

Esta grelha foi construída a partir da grelha do Anexo 7. Desta, consta apenas o discurso sublinhado num primeiro momento (anexo 7).

1. Costumo fazer aquilo que me dá prazer no momento mesmo se isso me prejudicar um objetivo futuro

Costumo fazer aquilo que me dá prazer no momento, mesmo se isso me prejudicar um objetivo futuro Impulsividade (item e conceitos)			
	Discurso livre	Prazer no momento	Objetivo futuro
F D 1003	Faltar às aulas Poder ter consequências no futuro, prejudicar o futuro	“Não devemos fazer aquilo que nos dá prazer no momento porque podemos ter consequências muito negativas”	“Objetivo que nós temos planejado”
F D 1010	“Penso sempre se aquilo me pode trazer consequências” Consequência Presente “Gosto daquilo que faço, dá-me prazer, às vezes pode prejudicar o meu futuro, mas naquele momento quero é pensar no presente, não vou estar a pensar no futuro”	“Uma coisa que eu gosto de fazer, mas sem riscos que me possam prejudicar a mim e aos outros”	“objetivo que quero atingir” Ex.: profissão. “quero ir sempre pelo caminho que seja seguro, não que tenha que me arriscar para conseguir atingir esse objetivo”
C 1006		“achamos que está certo em cada momento” “Gostar de fazer” = dar prazer Ex.: comer chocolate – depois engordo.	“uma coisa que tenha que me esforçar para fazer”
C 1015	Pensa nas consequências Presente “Mas se aquilo, pronto, se gostar de fazer aquilo, se me divertir, às vezes penso mais nisso do que no que pode acontecer depois”	“bebi uma <i>red bull</i> , sei que isso faz mal, mas gosto” “é prazer no momento porque gostei daquilo”	“alguma coisa que tenhamos em mente para fazer no futuro”

Costumo fazer aquilo que me dá prazer no momento, mesmo se isso me prejudicar um objetivo futuro Impulsividade (situação)						
	Exemplo	Sozinha?	Consequência	Porquê	Sentes	Reagiste
F S 1003	Faltar a uma aula – má nota	Amigos	Nota mais baixa: teste.	“Gozar o momento”	Depois da consequência , era melhor não ter feito	
F N 1010	Outro: colega a filmar “Não pensou que talvez aquilo lhe possa trazer alguma consequência”	Amigos		“Em muitos casos e talvez naquele em específico só porque os outros fazem, só por parecer bem” “segue muito os outros e não pensa por ele próprio” “muitos adolescentes costumam julgar “ah não fazes, é medricas, tens medo de ser apanhado””		
S 1006	Comer muitos chocolates uma vez ou duas por semana Outra: estar a ver tv e não estudar para os testes	sozinha, mas está com as amigas	Engordar.	“porque gosto” “são bons”	“vou ter que correr mais nos treinos”	
S 1015	Fazer corridas antes da prova de natação “quando cheguei à prova estava muito mais cansado do que deveria estar” Outra: teste, não estudar depois não se consegue tirar tão boa nota.	Amigos	Prova não tão boa.	“ aguardava a ideia de saber se ia ganhar ou não nessa corrida”	Primeiro refletiu mas depois “oh, paciência há tantas provas”	Quando acabou

Costumo fazer aquilo que me dá prazer no momento, mesmo se isso me prejudicar um objetivo futuro Impulsividade (o outro)						
	Pensa das pessoas que			Reação dos outros		
	Fazem	Não fazem	Lado de?	Pais	Amigos	Professores
F <u>S</u> 1003	Deviam pensar nas consequências	“podem ser beneficiados ou não afetados...não vão tendo, não saber o que é o prazer do momento e não vão saber o que é o divertimento, o que é fazer...” “acho que essas pessoas até fazem as coisas certas, as pessoas que nunca fazem”.	Intermédio, mais para o não	Zangados, tristes, enervados “chamar à atenção dos filhos para não fazerem essas coisas”	“eles incentivam a fazer” “mas também pode haver aqueles amigos que repreendem por não fazer mais” - “nós não queremos saber o que eles dizem”	Zangados Chateados Castigo
F <u>N</u> 1010	“há situações que eu talvez possa não compreender e a pessoa tar a fazer por algum motivo, alguma razão que eu não compreendo”			Não iam julgar. Iam tentar perceber se foi “pela minha própria cabeça” ou se “tinha feito porque os outros fizeram”	Alguns: julgar “não sabes que isso faz mal ou que não devias ter feito isso porque podes pôr-te a ti em perigo”	“julgam um bocado” “respeito...mas não é por ele achar que faz mal, que faço bem que vou deixar de fazer o que gosto ou o que quero fazer”.
<u>S</u> 1006	“depende da gravidade” comer chocolate versus não estudar para os testes.	“Personalidade forte” “aguentam-se”		“Se não tiver boas notas, não vejo tv”	“já sabem como é que eu sou” “um bocado preocupados”	
<u>S</u> 1015	“um bocado despreocupados é não pensar nas consequências”	Quando tem a ver com escola e estudar: “acho que essas pessoas não têm vida própria, passam o tempo todo a pensar nas consequências e nas notas que vão ter...às vezes esquecem o divertimento”	Das que fazem , mas também pensa nas consequências	Escola – “repreender” Se não for assim tão grave – “diziam-me para não voltar a fazer, mas não me davam grande sermão”	“quase de certeza me apoiavam por fazer as coisas que me davam prazer”	Igual aos pais

2. Muitas vezes faço coisas no calor do momento sem parar para pensar

Muitas vezes faço coisas no calor do momento sem parar para pensar Impulsividade (item e conceitos)			
	Discurso Livre	Calor do momento	Parar para pensar
M <u>C</u> 1000	“Muitas vezes faço as coisas logo no momento sem pensar, não penso nas consequências” “se parar para pensar pode ter menos consequências...pode nem fazer”	“Está a acontecer agora” No momento	“refletir um bocadinho...se pode ter consequências ou não”
M <u>C</u> 1007	ex.: chatear	“Quando estou muito nervoso”	“não dizer coisas à toa, pensar antes de deitar pela boca fora”

<u>D</u> 1002	“um pouco sem pensar...sem querermos realmente fazer aquilo, mas só porque naquele momento não...não pensamos naquilo e então fizemos algo que se tivéssemos pensado nunca iríamos fazer”.	“ter alguma opção ou dizer alguma coisa que na realidade nós não sentíamos ou não achamos...nunca iríamos fazer se pensássemos” “é o que nos sai, não pensamos bem” “quando a ação está a acontecer”	“paramos para pensar e vemos que não é o mais adequado e que realmente não devemos fazer aquelas coisas, dizer alguma coisa...” “paramos para pensar é exatamente isso para prevenir que dizer...”
<u>C</u> 1017	Disseram boatos e ele deu um soco – agora sem pensar	“não parar para pensar”, “reagir logo de cabeça quente”	“falar com ele”
<u>D</u> 1005	“primeiro começo a raciocinar e assim, depois vejo se faço ou não” “penso sempre primeiro duas vezes, neste caso”	“dizer logo sim sem pensar”	“é pensar”
<u>D</u> 1020	“eu não faço as coisas sem pensar primeiro”	“não se deve decidir logo no momento, momento quer dizer...sem pensar, parar para pensar”	“primeiro pensa-se e depois faz-se, fácil” “pode-nos prejudicar, a nós e às outras pessoas” “se eu pensar antes de fazer, já se pode acertar mais as coisas”
M <u>C</u> 1008	“quando o meu irmão me chateia em casa, bato-lhe, tento-lhe bater em vez de parar”	“fazer logo”	“sem parar para saber se fez aquilo de propósito ou para meu bem”
F <u>C</u> 1014	“coisas que eu faço, não sei, sem pensar, não são coisas muito sérias porque coisas sérias eu penso antes” “tipo faço e depois às vezes penso se calhar não devia ter feito aquilo” “mas não são coisas muito importantes”	“no momento em que acontece”	“sem pensar nas consequências que elas trazem, as consequências que o ato traz no futuro”
F <u>D</u> 1016	“Discordo, porque eu antes de fazer uma coisa penso duas vezes”	“agora sem pensar”	“Pensar duas vezes antes de agir”

Muitas vezes faço coisas no calor do momento sem parar para pensar Impulsividade (situação)						
	Exemplo	Sozinho?	Consequências	Porquê	Sentes	Reagiste
M <u>S</u> 1000	Parcour Foi por uma grade ao lado das janelas, caiu e torceu o pé. “Não tinha pensado antes e fui por tar toda a gente a ir...então nem pensei.”	“fui por tar toda agente a ir”	torceu o pé, caiu	“por tar toda a gente a ir”	“devia ter pensado antes”	
	Amigo que ia comer ao bar sem a mãe saber		Mãe ia ficar chateada			
M <u>S</u> 1007	Brincadeira – às vezes discorda e diz coisas sem pensar. Trabalho com colega – não concordar e chatearam-se pessoas apaixonadas, “falam torto”	Com o colega	“chatearam-se”	“Por estar nervoso, estar chateado”	“Sozinho, zangado, triste”	
<u>N</u> 1002	“Ouvimos que alguém disse alguma coisa sobre nós...e vamos logo confrontar essa pessoa”		“perder um amigo” “ficar chateado”		“ficamos até um pouco frustrados porque pensamos até: ah, se tivéssemos pensado”	
<u>S</u>	Boatos	“Eu e um colega meu”	Era amigo e passado	“não gosto que falem de mim,	“Depois de ter feito senti-me	

1017	“cheguei à beira do chaval e dei-lhe dois socos”		algumas semanas ficou igual.	quando falam, gosto que falem bem, não gosto que falem nada de mal.” “estava com a cabeça quente”	mal, mas quando fiz senti-me bem.”	
<u>Outra</u> 1005	Saltar por cima do muro			“Por se acharem que são bons” “para mostrar aos outros: ah, consigo fazer isto”	Quando conseguem – gostam. Se não: sentem-se tristes, continuam a tentar. Se sabem que não conseguem, param logo.	
<u>S</u> 1020	Atirar pedras uns aos outros			“estava a ver que os outros se estavam a divertir e também fui”	Divertir	
M <u>S</u> 1008	A mãe não deixa comer na sala, ele come, irmão acusa, ele bate-lhe.		Mãe chateia-o.	“ele não devia ter feito”	Mãe o tá a chatear	
F <u>S</u> 1014	(não refere nada em concreto)	“porque às vezes é o grupo em si e as decisões, às vezes são tomadas mais em grupo por estarmos todos em grupo e às vezes não se pensa tanto.”			Depois às vezes, a seguir não se sente muito bem.	
F <u>N</u> 1016	Mais os rapazes quando discutem: socos ou pontapés.		- Ficar de castigo - Perder amizades			
M <u>N</u> 1009	“Não. Porque eu não gosto de me divertir e acontecer riscos depois. Eu prefiro divertir-me noutra coisa, pode-me divertir menos mas eu prefiro de que, de que aparecer riscos no futuro.”					

Muitas vezes faço coisas no calor do momento sem parar para pensar (Impulsividade – o outro)						
	Pensa das pessoas que			Reação dos outros		
	Fazem	Não fazem	Tu?	Pais	Amigos	Professores
M 1000	“iguais a mim” “boas pessoas” “um bocado acelerados em relação à vida...tentam despachar muito” “querem tentar fazer o máximo possível”	“mais cautelosas”		Chateados, zangados. Castigo	“há uns...mais calmos e pensam na situação...e talvez até saiam p’ra não...tipo...tarem na situação e por isso são mais cautelosos.” Depois há outros amigos “que fazem o mesmo” – “acho que até gostam mais de nós porque fazemos o mesmo que ele.”	Igual aos pais, mas não têm tanto poder, só põem de castigo se for o diretor.
M	“acho que muitas vezes sou estúpido, digo coisas que não devo dizer.”			Chateados, castigo. Tristes, dão sermão.	“mal” = “podem ignorar muitas vezes, podem responder mal.”	Recados na caderneta.

1007						
1002	“Pode demonstrar que as pessoas são um bocado sentimentais de mais e não pensam nas coisas, em vez de serem um pouco mais lógicas e conseguirem manter mais a calma sem demonstrar lá todos os sentimentos” – “muitas vezes mais vale ser uma pessoa fria do que também uma pessoa que faz tudo só com o coração, sem pensar realmente.”			“devias ter parado para pensar, agora vais ter que me dizer o que fizeste”	“tentar consolar essa pessoa... mas também dizer que realmente deveria ter parado para pensar.” Consolar = “ah, mas pronto, não sei quê, vais ver que tudo, prontos.”	Igual aos pais
1017	Sentem revolta “quando são amigos meus tento controlar-me, mas quando são pessoas que eu não gosto, expludo.”	Calmas “sabem que o dever delas é falar com as pessoas”	Para p’ra pensar	“Os meus pais sempre me disseram se baterem, tu bates logo a seguir... se não for esse o caso não deves bater”	“pensam que eu sou o maior” “às vezes pensa no que os colegas pensam, outras no que ele próprio pensa”	Mal. Rua (se fosse na sala de aula).
1005	Burro – “não pensam” Ter mais ou menos a ideia de que pode acontecer – “não é tar sempre a pensar.”	“por um lado são os espertos, mas do outro...” Se um não consegue saltar é gozado Formam ideias: “ah, és tão pesado que não consegues saltar.”	Para p’ra pensar	“Pensa duas vezes”	Uns são como os pais, outros incentivam	Como os pais
1020			Parar para pensar. “Somos mais bem sucedidos.”			
M 1008	Acho mal	Fazem bem.	Das que fazem.	Mãe grita, não deixa ver tv.	Pensam mal. “Vão-me pôr de lado.” Se souber que eles me vão pôr de lado, vou parar.”	Fazem bem porque ajudam os alunos.
F S 1014	“ Não querem saber das consequências que podem trazer”	As pessoas que estão sempre a pensar “não aproveitam tanto.” “porque tão sempre a pensar naquilo que pode... consequências negativas e então por muito que a seguir possa acontecer qualquer coisa boa, eles só pensam nas coisas negativas.”	Depende da situação: grave não faz. Situação grave: ex.: pintar uma parede, traz consequências, “foi uma situação em que não se pensou porque tava tudo em grupo.”		“se for uma coisa que não é normal em mim, reagem mal.”	Se for negativo reagem mal.
F 1016	No momento sentem-se bem, depois mal. “Poder correr mal.” – “Ter consequências más.”	Fazem bem: “pensam nas consequências.”				Chamar à atenção
M 1009	“um bocado malucas”, as que correm “riscos grandes”.	“inteligentes”, “divertem-se sem correr riscos”		Mal. “não querem que nós corremos riscos”.	Alguns também podem fazer isso. “reagem mal...normal”	“normal”, uns reagem outros não ligavam. “aqueles professores mais

				“Para depois haver consequências.”		íntimos falavam connosco... opah diverte-te mas não corras riscos.”
--	--	--	--	------------------------------------	--	---------------------------------------------------------------------

3. De vez em quando gosto de me pôr à prova fazendo coisas um pouco arriscadas

e vez em quando gosto de me pôr à prova fazendo coisas um pouco arriscadas (Riscos – item e conceitos)						
	Discurso livre	Pôr à prova	Coisas um pouco arriscadas			
F C 1006	“experimentar coisas novas”	“ver onde é que vão dar”, “até onde é que eu consigo ir”, “ver se eu consigo mais do que penso que sou capaz”, ex.: concursos. “se for para entrar num grupo é diferente”, “acham que o grupo é fixe, então querem entrar.”	“pode vir a dar consequências”			
F C 1004	“coisas arriscadas de ser apanhado, de ser castigado”	“pôr à prova o nosso físico ou a nossa mente”, “ver de é que somos capazes.”	“partir vidros, fazer asneiras” Há diferentes coisas arriscadas: ex.: partir vidro, dar com um martelo em cima da cabeça de uma pessoa”			
F CT 1003	“para ver o meu limite” “Acho que não se deve...mas às vezes eu faço essas coisas” Desportos	“ir ao limite, testarmo-nos e ver se conseguimos fazer, basicamente é isso” “acho que isto nos ajuda...porque quanto mais além conseguimos, melhor. Mas também pode-nos trazer algumas consequências.”	“às vezes nós vamos até ao limite, mas podemos ...temos contraindicações podemos estar a fazer uma coisa arriscada” “é uma coisa que nós não temos bem a certeza se é perigosa.”, “pode-nos trazer consequências. Nunca nos pode trazer consequências positivas.” “há aquelas pessoas que têm mais o sentido de adrenalina e outras que não gostam tanto e que gostam de estar seguras...” - Desportos			
M CT 1000	“saber se eu...sou corajoso” Saltar muros	“Provar o que é que eu sou...saber se consigo ou não.” Dois sentidos: para si próprio e para mostrar-se aos outros que tem “coragem”.	Saltam muros Coisas perigosas			
F C 1005	Desporto, aventuras, mas “nada que tenha a ver com...corridas de carros, drogas, tabaco, álcool.”	“nós queremos saber onde é que nós conseguimos, onde é que os nossos limites vão.”	Drogas, álcool. “há coisas arriscadas e outras coisas arriscadas.” Ex.: escalada, montanhismo, mas álcool, droga já são de outro tipo. “penso nisso bastante, no que me poderá trazer consequências.”			
M C 1007	Skate “quando fico chateado gosto de fazer coisas que não me vêm à cabeça assim normalmente.”	“fazer coisas que eu talvez não tenha feito, coisas que eu tenho medo” “para me armar” – para os outros.	“coisas que não se faça assim no dia-a-dia” “por vezes podemos-nos magoar, ir parar ao hospital. Outras vezes podemos pôr a nossa vida e a vida dos outros em risco.”			
F D 1015	“saber se sou capaz de faltar a essa aula para me divertir”: aula que já não importa.	“pôr à prova em responsabilidade, no sentido de obrigação.”	Não físico, mas faltar à aula: depois alguém descobre. Coisas arriscadas para o físico, outras que podem trazer problemas para outras pessoas.			
F C 1014	Coisas físicas, “nunca experimentei”	“ver até onde é que consigo ir.”	“não é não ser seguras, mas que são, se calhar um bocadinho arriscadas para mim porque eu nunca fiz ou porque tenho...não tenho, sei lá, físico, capacidades físicas para o fazer” Diferentes coisas arriscadas: coisas que às pessoas nem deviam fazer “para se pôr à prova e muitas vezes para se mostrarem às outras pessoas”. Ex.: saltar prédios – bater recordes. Se for uma coisa muito arriscada com muita segurança já não é tão arriscada.			

F C 1002	“atividades um pouco perigosas” “consequências” Fazem “só mesmo pelo gozo ou para provar algo a alguém em atividades um pouco irresponsáveis”	“testar as minhas capacidades, ver se consigo fazer algo.” Pode ser pessoal, para mostrarmos algo a nós próprios ou provar a alguém.	“coisas que às vezes são perigosas e podem fazer consequências”, “se pensássemos bem não as fazíamos mas às vezes no calor do momento fazemos” “consequências físicas”, “castigados”.
M C 1013	“fazer coisas mais difíceis”	“Esforçar-me mais.” “normalmente nunca há limites, nunca sabemos o limite onde conseguimos chegar.”	“posso-me arriscar e magoar-me ou ficar de castigo”
F C 1012	“uns colegas meus dizem para fazer uma coisa e eu sei que às vezes é perigoso mas às vezes apetece-me arriscar.”	“puxar por mim” “esforçar-me para tentar” fazer algo que não sabe muito bem.	“coisas que se calhar não devia fazer” Saltar um muro ou assim: “é perigoso, posso cair e aleijar-me”
M C 1008	Coisas altas	“para ver se consigo fazer isso...para tentar” “fazer coisas com adrenalina”	Andar em cima de coisas altas Consequências
F C 1011	Desportos radicais	“coisas que normalmente não faço” “pôr-me a mim mesma à prova” “para ver até que limite chegamos”	“podem ter consequências, podem ser perigosas” Vários tipos de coisas arriscadas: “desportos”, “roubar”.
F C 1001	“gosto de fazer as coisas arriscadas, se não tiver a prejudicar os outros, claro.”	“fazer coisas em que eu tenha que superar as minhas próprias expectativas.” “rapazes têm muito esse vício” – “para entrar num grupo de amigos ou assim”.	Desportos radicais.
M C 1009	“para a vida, para nós desenvolvermos a vida temos que passar por coisas como essas, não são todas fáceis”. Depende dos riscos. Provas de corrida	Podem fazer isso para ver de que são capazes ou para impressionar	“coisas perigosas que nos podem fazer consequências”: físicas. “parar mim é melhor fazer coisas arriscadas difíceis, porque eu prefiro fazer uma coisa fácil sem ser arriscada, fazer uma coisa difícil, porque assim não vale a pena ser fácil.” Fácil = saltar muro da escola, difícil = roubar um banco.
M C 1008	Andar em coisas altas.	Para ver se consigo fazer isso. Fazer coisas com adrenalina.	Andar em coisas altas. Tem consequências.
M CT 1020	“às vezes gosto de fazer coisas arriscadas sem pensar em mim.” “pela adrenalina”	“saber se eu sei fazer as coisas corretas”	“coisas onde nos podemos magoar” “Coisas muito arriscadas...podemos magoar-nos à sério ou qualquer coisa assim.”; “não são muito perigosas” – pouco arriscadas. “é preciso ser perigoso para ser uma coisa arriscada.” Ex.: saltar de um prédio.
M C 1019	“gosto de fazer assim coisas excitantes, mais ou menos, coisas excitantes assim a bem dizer porque às vezes sinto assim um bocadinho livre para as fazer.”	“testar as minhas capacidades para ver até onde é que eu consigo, até onde é que eu consigo chegar.” Por vezes é “experimentar” para ver se gosta.	Desportos, corridas de carros. “podem pôr à prova a nossa vida” “há coisas mais arriscadas do que outras”: muito – corrida de carros, menos – subir montanhas; é diferente nas consequências.
M C 1005	“arriscar um bocadinho para ver se conseguimos fazer aquilo.”	“ver se nós conseguimos fazê-lo” Ex.: aula de ginástica, saltar no trampolim.	Parcour – “arriscado porque podem cair no chão e magoar a coluna, não sei.” Coisas muito arriscadas – homem que salta na praia pode bater com a cabeça e ir parar ao hospital. Muito arriscado – “hospital”; pouco arriscada – “ferida que pode-se meter um penso.”
M CT 1017	Saltar uma parede. “uma coisa que eu gosto mas também não gosto porque posso vir a magoar-me.”	“melhorar.” “Para desafiar”: “desafiarem-me a mim, eu desafia-las a elas e eu desafiar-me a mim própria.” “a gente faz para provar que sabemos.”	“coisas perigosas” Escalar uma parede sem corda. Mais importante a noção de “que algumas coisas nós não somos capazes de fazer. Do que estar a mostrar aos outros que somos e

		“dar o nosso melhor naquilo que estamos a fazer, para melhorar.”	numa segunda vez correr mal e nós nos magoarmos.” Mostram-se porque “quase todos os jovens são competitivos entre si.”
--	--	------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

De vez em quando gosto de me pôr à prova fazendo coisas um pouco arriscadas (Riscos – situação)						
	Exemplo	Sozinho?	Consequências	Porquê	Sentes	Reagiste
F <u>C</u> Sim 1006	Concurso – corre o risco de baixar nota noutras disciplinas e subir à de concurso.				“nervosa, preocupada” “nervosa – experimentar uma coisa nova” “medo de perder tempo pra nada”.	
F <u>C</u> Não 1004	Colega – “foi de propósito a casa buscar um martelo” – “martelar a cabeça a outro”. “pôr à prova a sua agressividade”.		Foi suspenso.	“para se pôr à prova e porque o outro o provocou também”.		
F <u>CT</u> Sim 1003	No mar – “nadar mais, para além de que temos pé” Desportos radicais.	Sozinha.	Cãibra no pé – “posso-me sentir mal e não conseguir regressar”.	“me dá algum interesse e porque eu fico com uma autoestima maior”.	“agradada, feliz”	“desconfiança” – vai um bocado e volta.
M <u>CT</u> Sim 1000	Saltar o muro.	Amigos (mas também vai sozinho)	Não.	Porque agora há muita gente a fazer.	“Medo”.	
F <u>C</u> Sim 1010	“ir para as áreas restritas” nos parques, é mais perigoso.	Amigos.		“Pra ver se descobrem, se me apanham ou não”.	“sinto-me bem. Mas sinto sempre, aquela, aquele sentimento de talvez de erro, de às vezes de um pouco de irresponsabilidade”.	
M <u>C</u> Sim 1007	Andar de skate.	Amigos.	“ter-me magoado e perder amigos... porque ninguém gosta de ser gozado” (porque ele só fez isto porque lhe estavam a chamar lingrinhas”.	“pra não me gozar por não saber fazer”.	“um bocadinho de medo, mas lá no fundo um bocadinho de coragem”. “senti-me um pouco gozado porque os meus amigos também me gozaram por ter caído.”	
F <u>D</u> Sim 1015	“faltar às últimas aulas”.	Com alguém.		“e já não apetecia mais vir à aula” “pôr-me à prova para ver se era capaz”	“rebelde” “senti que estava a fazer a coisa errada mas que me ia divertir.”	
F <u>C</u> Sim 1014	Rafting.	Acompanhado.	“não”.	“Gosto muito de desportos e achei interessante a proposta”.	“um bocadinho de medo porque aquilo era esquisito.”	
F <u>C</u> Não 1002	De outro: um rapaz foi buscar a bola acima do telhado.		Caiu, hospital, paraplégico.	“para mostrar que conseguia fazer algo aos outros”		

M <u>C</u> Sim 1013	“saltar de um penhasco para a água”. Outro: fumar.	Irmão mais velho.	Não.	Irmão saltou, ele ganhou confiança e saltou também. (fumar) – “normalmente é para mostrar aos outros” – mais os rapazes.	“adrenalina”	
F <u>C</u> Sim 1012	Descer rampa sem travões a andar de bicicleta, numa “rampa muito inclinada” Outro: fumar “mais por influência”, “traz muitas consequências para o futuro e torna-se um vício”.	Amigos.	Joelhos esmurrados.	“para ver se era capaz”	Antes sentiu-se bem mas depois já “não tanto”.	
M <u>C</u> Sim 1008	“estar em cima de uma coisa alta”	Com o irmão, para lhe mostrar que ele não conseguia.	Não.	“gozar com o irmão”	Nada	
F <u>C</u> Sim 1011	Rapel (tinha medo) Desportos	Colegas da escola		“queria experimentar”	“não era assim tão assustador”	
F <u>CT</u> Sim 1001	Bungee jumping	Amiga	Divertimento.	“gostava de experimentar, porque toda a gente fala que aquilo é divertido e coisas do género” Há pessoas que se põem à prova “pensando que um dia vão ser respeitados, por exemplo”.	“adrenalina, muito”	
M <u>C</u> Não 1009	Desporto	Colegas: escola	Dores, constipada, mãe a chatear. E “tipo um mérito de ficar em segundo”. “pode trazer méritos, pode trazer conflitos com outras pessoas”.	“se conseguia, se era capaz”.	“orgulhoso” pelo 2º lugar.	
M <u>CT</u> Sim 1020	“andar de bicicleta sem saber andar numa montanha”.	Sozinho	Caiu.	“Tentar andar de bicicleta”		
M <u>C</u> Sim 1019	“subir uma montanha”	Com outras pessoas. Sozinha fazia, mas em montes mais pequenos por causa de segurança.		“gosto, gosto de subir, subir coisas, sentir novas, sentir diferentes sensações.”	“interessante estar a desafiar o medo”. “não era bem medo, mas uma pessoa sente-se um bocadinho nervosa porque nunca tinha experimentado aquilo e foi uma sensação nova”.	
M <u>CT</u> Sim 1017	Foi buscar a bola à descida falhou-lhe o pé, mas conseguiu pôr a mão na janela.		“mostrar que era mais forte e mais responsável”	“senti-me o maior” “ser o mais popular, sei lá” – “é uma pessoa que faz asneiras, pelo menos na minha turma é”.		

De vez em quando gosto de me pôr à prova fazendo coisas um pouco arriscadas (Riscos – o outro)						
	Pensa das pessoas que			Reação dos outros		
	Fazem	Não fazem	Tu?	Pais	Amigos	Professores
F <u>C</u> Sim 1006	“depende de que se vão pôr à prova”. “não quer dizer que têm que se sentir inseguras...mas têm de sentir um pouco de medo. E o medo às vezes provoca insegurança nas pessoas”.	“são pessoas que gostam de sentirem-se seguras sempre”.	“um bocado das duas”, “tenho sempre medo de que possa acontecer”.	“não vejo tv”, se tirar má nota.	“não se importam” “reagem bem”.	
F <u>C</u> Não 1004	“não pensam antes de fazer as coisas”. Podem-se pôr à prova sem fazer coisas arriscadas: estudando.	“pessoas boas”. “não gostam de arriscar para não serem castigadas”.	“no meio, pra não ser tão calminho, nem tão arriscado”. “calminho é...é tar calado sempre nas aulas, fazer as coisas sempre certinhas, nunca fazer nada assim de arriscado, nunca responder torto”.	2depende das coisas arriscadas”.	Mal, “podíamos perder muitas amizades”	Mal – “toda a gente reage mal a uma coisa destas”. “espantado, ficava aborrecido, mas mesmo assim ficava admirado pela atitude dessa pessoa”.
F <u>CT</u> Sim 1003		“respeito ambos os sentidos”. “cautelosas”, “não gostam de passar os seus limites”, “gosta de estar seguro”.	Intermédio “pode trazer consequências”, mas se não fizer “nunca se saberá o que será capaz”.	Preocupação.	“tentam-nos avisar para não fazermos isso mas nós às vezes não damos muito ouvidos”.	“um bocadinho como os pais”. “é diferente”, “até podem, alguns podem dizer: olha, faz mais um bocado e incentivam” Acontece muito “para que a outra pessoa veja”.
M <u>CT</u> Sim 1000	“...se for uma vez ou outra...se tiver a saber o que faz...não há assim tanto problema agora se for para lá sempre, pode cair-se e magoar-se muito.”	“não podemos criticar as pessoas” “mas porem-se à prova por si próprias é para ver se conseguem, não é para saber pros outros”.		“se soubessem” Mal	No Parcour bem, porque havia muita gente a fazer.	“meninos mal comportados”.
F <u>C</u> Sim 1010				“não é má porque eu conto” “vai-me explicar porque é que eu não devo fazer aquilo, que consequências é que me pode trazer a mim”.	“podiam apontar o dedo...julgar”.	“não querem muito saber porque como não tem nada a ver com eles diretamente, acho que não se importam”.
M <u>C</u> Sim 1007	“corajosas, mas estúpidas ao mesmo tempo”	“medricas...porque às vezes faz bem adrenalina” – “estimula-nos”	Não gostam	Depende: “mal” – “pode ser muito perigoso para nós”, “bem por nunca termos feito isso e talvez não pôr-nos tanto em risco	Depende. Mais com rapazes. Bem – “agora não sei quê, és dos nossos... já sabes fazer isso, já podes andar connosco” ou mal: “preocupam-se connosco”.	

				e aprendemos coisas novas”.		
F D Sim 1015	Depende “coisas inofensivas que só tragam problemas para eles, acho, pronto...não acho mal porque são eles que vão arrecadar as consequências”. “problemas a outras pessoas ou a coisas...que outras pensam e queiram fazer, isso já é uma estupidez”.	“acho que essas pessoas não vivem”	“que se põem à prova mas arrecadam com as consequências”.	Repreendiam-me	Não me iam repreender.	Como os pais. Coisa negativa, eles diziam que foi “tolice”, senão “muito bem”: os mais chegados.
F C Não 1002	“mais aventureiras” “mais corajosas...não pensam anto nas coisas antes de as fazerem”.	“pensam mais nas coisas antes de as fazer”, “mais calmas”.	Não fazem (pensam antes) “atitude mais lógica”. “pode prevenir que nos aconteça alguma coisa”.	Um pouco zangados.	Se conseguisse fazer bem e se tivessem sido os outros a desafiar: “se não gostassem de nós era uma oportunidade para gozarem connosco”; se não: sentiam-se um pouco zangados, era uma oportunidade de gozarem connosco”.	Diziam que “era uma coisa errada”.
F C Sim 1014	Depende das coisas arriscadas.			Pouco arriscada- “não vão reagir mal”, “se for um coisa sem segurança, sem nada, não vão reagir muito bem”.	Nada.	“não devia ter feito”.
M C Sim 1013	“ainda não descobriram bem o limite delas e estão sempre a tentar expandir”.	“medricas”.	“no meio”.	“não ficam muito zangados”.	“hey, és o maior, tu é que és fixe”.	Não sei.
F C Sim 1012				“ficam aborrecidos e perguntam porquê, normalmente, para que é que fazemos uma coisa dessas”.	“perguntam quase sempre porquê. Se já tiverem feito, às vezes dizem-me que não é assim tão mau, não precisas de ficar assim tão triste ou porque é que fizeste isso, não faz sentido nenhum ou não és assim”.	Mais ou menos parecido com os pais.
M C Sim 1008	“mal” “podem-se aleijar”	“inteligentes” “não têm riscos de se aleijar”.	“que fazem”.	“mal, chateiam-me, castigam-me”.	“não sei”	“suspensas”
F C Sim 1011	“se gosta de se pôr à prova e de experimentar coisas novas, eu acho que deve fazer”.	“deveriam experimentar e que é um erro não o fazerem, pelo menos uma vez deveriam fazer”.	Fazem.	“não se importam” “depende das situações”	Depende dos amigos. “se forem amigos mais abertos e que também acham isso engraçado mas podem achar mais piada, outros não porque se calhar não gostam desse tipo de atividades”.	Depende dos professores.
M C	“depende. Se for por diversão”. “as pessoas divertidas, que são	“deviam experimentar”.	“gostam”.	“depende do tipo de situações arriscadas que eu	Avisam-me de que devo ter cuidado”.	Não muito bem. Castigos.

Sim 1001	“pessoas divertidas gostam de experimentar coisas novas”.			vou fazendo”.		Suspensões.
F CT Não 1009	“pessoas inteligentes, porque não é só coisas fáceis que lhes vão desenvolver a vida”.	“acho que não é muito correto, porque coisas fáceis arriscadas é melhor fazer coisas difíceis”.		“às vezes reagem bem”. “eles não se zangam, mas se eu não conseguir acho que eles já se vão zangar”.	“normal” “não é nada a ver com eles, mas às vezes...e, olha fixe conseguiu aquela coisa.”	“não reagem...depende dos professores.”
M CT Sim 1020	“malucas” “fazem coisas perigosas” “porque estão a pôr em risco a sua vida”.	“normais” “uma pessoa normal é uma pessoa que vive o seu dia-a-dia normalmente.”	“um bocado pro maluco, uma bocado normal”.	“Ficar magoados. “preocupam-se mais”: é mais portante do “que meterem-me de castigo”.	“era radical. Fixe.”	Mal. “diziam para não voltar a fazer que era uma coisa arriscada.”
M C Sim 1019	“não sou muito contra essas pessoas porque eu também gosto de fazer isso”.	“são pessoas um bocado inseguras...é quase inseguras porque são pessoas muito fechadas, que provavelmente não gostarão de conhecer, de fazer coisas novas”. Tem noção dos riscos das coisas “mas só por esse facto não se atreve a experimentar”.		“normalmente”. (está a falar na sua situação concreta: os pais só disseram para seguir todas as instruções)	“hey, fizeste aquilo, experimentaste!”	
M C 1005	“é fixe ver os outros a fazer aquilo...mas também me preocupo um bocado pelo que lhes possa vir a acontecer.”	“não penso nada”		“tentam proteger mais”.	“gostam de ver mais as pessoas a fazer esse tipo de coisas”.	“parecido com os pais”.
M CT Sim 1017	“competitivas” “não gosta de que lhes digam que nós somos os piores, ou seja, os naquilo que fazemos”. “que quando fazemos algo bom, já somos os maiores, quando humilhamos um dos nossos colegas já somos os maiores”.	“não sabem o que é viver”.		“quase nunca sabem”.		“se eu tivesse uma falta disciplinar diziam logo que eu era mal educado”.

4. Por vezes corro riscos só pelo divertimento que me dão para procura de risco

Por vezes corro riscos só pelo divertimento que me dão (Riscos – item e conceitos)			
	Discurso livre	Correr riscos	Divertimento
F D 1006	“mais as vezes que eu não corro riscos do que as que corro”.	“se eu for maior vou para uma discoteca e se eu beber muito, beber muito, posso correr o risco de ficar bêbeda, alcoolizada. É um risco”. “um risco é beber muito e depois ir para o hospital. Outro risco é beber muito e depois, ainda por cima conduzir”.	“estar com os amigos, divertir-nos, conversarmos”.
F	“é tipo divertimento que é para dizermos aos	“andar numa montanha”.	“penso...sem correr riscos. Penso divertir-me com os meus

D 1004	amigos que somos bons. É divertimento mas podemos cair abaixo”. “eu acho que isso é mau”.	“partir um carro”. “depois podem vir as consequências a seguir”. “pra mostrar aos amigos que são bons”. Correr riscos sem querer, porque estava a brincar, “correr riscos sem ser de propósito”. Outra forma: “um rapaz... não se integra num grupo de amigos... e esse amigo quer provar aos outros que é bom e então começa a partir computadores e coisas de escola e depois será penalizado por isso”.	amigos, conversas, andar por aí, ir às compras”.
F C 1003	“às vezes, as pessoas gostam de, de adrenalina... sabe-lhes bem”.	“quer dizer diferentes coisas”. “ver os seus limites” – “pode-nos trazer consequências”. “Consequência má” – “faltar a uma... a aulas... o aluno pode reprovar”. “consequência irremediável... faz qualquer coisa e magoa-se... fica gravemente ferido e fica com mazelas para toda a vida”. “consequências positivas” – “temos muito pouco dinheiro e apostamos no euromilhões... imaginemos que ganhamos”.	“uma pessoa gostar daquilo que faz... de ao fim ficar alegre... de gostar”.
M CT 1000	“parcour é um desporto que eu gosto de fazer”. “vou com os meus amigos”.	“é ter algum perigo”, “sabe bem ter algum perigo, ser um bocadinho assim, entusiasmante”. “quando se joga futebol, há sempre algum perigo de se magoar mas, é divertido e eu gostara de jogar e não é por causa de se me acontece alguma coisa”. “não penso tanto no perigo e tento fazer as coisas como se não houvesse perigo” – “depois magoo-me e depois vejo o perigo”.	“gostar o que tá a fazer”. “um pouco arriscadas... e por exemplo, ir com os amigos acho que é divertido mesmo que seja para isso”.
F 1010	“pode-me dar divertimento mas se me causa dor, eu venho para trás, ou seja, nesse caso sou muito cuidadosa e sempre fui de mim e seja quem for posso tentar intervir e se achar que é mesmo perigoso, que pode pôr a minha vida em risco, eu não faço por mais divertimento que me possa dar”.	“passear assim talvez possa ter um risco de ser castigada mas pode-me estar a dar divertimento só por sair e faltar às aulas e talvez por... se eu fizesse isso, ser apelidada de rebelde e não quero saber das aulas, isso talvez para mim seja correr um risco” – “não que seja perigoso... eu gosto de desafios, de ser desafiada, mas tenho que sempre ver quais as consequências que poderá trazer e se são boas ou más.” “acontece muito hoje em dia” – correr riscos para mostrar aos outros – “se for em relação a charros é uma coisa que acontece em ambos, talvez se for raparigas pra mostrar que não são fracas e talvez ao rapazes e os rapazes, muito entre si, como eles são muito competitivos e gostam muito de se mostrar”.	“é sentir adrenalina, sentir-me bem a fazer aquilo, sentir gosto e pensar quando acabar isto quero voltar a fazer e quero continuar porque depois às vezes estas situações é porque quando nós estamos com os amigos... eu gosto muito de conviver com os amigos e sentir-me bem a falar com eles e talvez é nessas situações que nós nos ficamos a conhecer melhor”.
M C 1007	“tar a fazer uma coisa que me pode pôr em risco, mas muitas vezes dá-me prazer”. “podemos ter consequências”.	“é estar feliz, divertir-me com o que estou a fazer. Tar a fazer uma coisa e tar a gostar do que estou a fazer”. “é possível arriscar sem me trazer obrigatoriamente consequências negativas” – “para aprendermos a andar de bicicleta, andar de skate e muitas vezes aprender a conduzir temos que correr um risco porque não sabemos mas aprendemos a fazer uma coisa nova e a melhorar”.	
F C 1015	“faltar ou chegar atrasado a uma aula por ir fazer umas coisas mais divertidas” – risco de apanhar “falta, de os professores irem falar com os meus pais”.	“saber que pode haver coisas que nos apanham, que nos vejam”. Fazer uma coisa física- risco de aleijar.	“atividades que eu gosto de fazer”.
F D 1014	“nunca tive essa experiência”	“é consequências más, negativas, ficar mal visto ou ficar com... ter algum problema com alguém ou alguma entidade”. “se calhar correr o risco de, de ajudar uma amiga... mas ser uma coisa arriscada, mas sabe-se que vai correr bem, mas é uma coisa arriscada, se calhar outra pessoa não quer que isso aconteça. É um risco bom. Ter problemas com a escola ou com os pais, já não é um risco tão bom.”	“sentimo-nos bem com aquilo que fazemos e ficamos contentes”.
F D	“só pensam naquele momento e fazem as coisas só porque acham que podem ser divertidas e não	“é fazer coisas... sem pensar muito, sem ter atenção às consequências que pode ter, tanto para nós como para as outras pessoas e também fazer coisas assim coisas	“gosto muito da escola e de estudar e tudo isso”. “pode ser uma coisa relacionada com... pensar alguma coisa

1002	pensam no, no que realmente aquilo lhes pode trazer” “e às vezes só porque os outros também querem fazer e, muitas vezes, ou para não... não ser excluído de algum grupo, assim alguma coisa”.	perigosas e que, às vezes, também não têm grande lógica”. “Aqui... coisas perigosas que podem ter consequências”. “coisas que não trazem nada de positivo mas que às vezes as pessoas pensam que fazendo aquilo podem, podem trazer alguma coisa positiva”. “para impressionar alguém ou assim alguma coisa”. “outras vezes correm riscos só mesmo porque, prontos... há pessoas que gostam de... como que... procurar o perigo, fazer assim algumas coisas”.	que exige pensamento” “tanto pode ser divertido fazer alguma coisa mais descontraída e que não exija grande esforço” – TV.
F D 1012	“é um bocado mau porque, às vezes pode-se mesmo magoar a sério e não há volta a dar”.	“tar numa situação assim um bocado... sei que aquilo é perigoso, mas vou fazer na mesma porque sabe bem, é divertido”. “nem todos são perigoso” – “quando se tá a fazer uma coisa que se calhar é importante para nós às vezes é importante correr riscos” – “ajudar alguém”.	“é fazer uma coisa que se gosta e ao mesmo tempo, não sei... dá prazer no momento ou assim”.
M C 1008	“quando ando em coisas altas”.	“posso cair e aleijar-me”.	“jogar computador”.
F C 1011	“desportos: dão-me motivação e acho que é interessante, motivante”.	“pode ser também visto de várias maneira” – “correr riscos de se aleijar”. “consequências negativas”.	“é um entretenimento”. “é emocionante”.
F D 1001	Não arrisca muito. “primeiro tento ver a segurança e coisas do género”	“jogo de apostas a dinheiro” “existem vários tipos” “pensam que são os maiores da escola, que querem é que as outras pessoas pensem neles como se eles fossem os reis”.	“há divertimentos por desporto, há divertimentos porque gostamos muito daquela coisa e queremos continuar a seguir esse tipo de coisas, há vários tipos de divertimento”.
M D 1009	“se eu souber que depois no futuro vai-me correr riscos... eu não vou fazer”.	“correr riscos é, é fazer... divertirmo-nos...” “e no futuro, acontecer uma consequência na nossa vida” “riscos podem trazer alguma coisa no nosso corpo... fraturar... zangar. E consequências... porque depois os nossos amigos já não são nossos amigos por causa disso”.	“divertir com os amigos, com os parentes”. “há muitas formas de divertir”. “jogar à bola”.
M D 1020	“às vezes podemos correr riscos só pelo divertimento”.	“depende da situação”, “há aqueles em que nos podemos magoar”, “aquele em que nós podemos tirar má nota”, “há mais riscos”.	“é uma coisa que nós gostamos de fazer”.
M C 1019	“andar de bicicleta por montanha”. “por vezes corremos riscos, isso é verdade, mas quando as coisas assim muito divertidas, por vezes uma pessoa deixa-se levar e fá-las, por exemplo, treina de bicicleta”.	“desafiarmos assim um bocadinho... os nossos limites” “atrevermo-nos... coisas... que provavelmente influenciarão o nosso futuro”. “riscos diferentes” = diferentes consequências de queda de bicicleta.	“quando nós fazemos nos sentimos bem, nos sentimos felizes... uma coisa que gostamos”.
M C 1005	“ando de skate às vezes gosto de fazer certos truques e às vezes corro riscos porque sei que posso cair... sei que tou protegido por isso não, não me importo de arriscar”.	“quando eu ando de skate às vezes gosto de fazer certos truques”.	“uma coisa de que eu gosto de fazer”.
M DT 1017	“às vezes meto-me com pessoas, ou seja, que não gostam de mim e eu também não gosto delas... houve uma aposta de os meus colegas me desafiarem e prontos, é isso”.	“por exemplo, pôr-me à frente de um carro porque os meus colegas disseram pra eu fazer e eu faço”.	“uma coisa que faz feliz a mim, que faz divertir as outras pessoas”.

**Por vezes corro riscos só pelo divertimento que me dão
(Riscos – situação)**

	Exemplo	Sozinho?	Consequências	Porquê	Sentes	Reagiste
F Não 1006						
F Não, mas sim 1004	Brincar à apanhada “desviei-me um bocadinho e fui contra o vidro e abri o braço” “corri um risco mas também se pode correr um risco sem ser de propósito”.					
F 1003	Não se lembra. Outra: desportos.					
1000	“gosto muito e se for com os meus amigos ainda é melhor” Parcour.	Amigos “sozinho... não dá tanto divertimento”.		“Porque os meus amigos também fazem, eu tentei e achei fácil e prontos, continuei”.		“se me magoar ...dor”. Se não – um pouco mais corajoso... consegui ultrapassar este perigo”.
F Sim 1010	“estas férias amigos meus a fumarem charros e perguntaram-me se eu queria”. Resisti e disse que não.	Amigos	“mãe iria ficar muito chateada comigo, ia ficar desiludida e isso a mim, eu ia ficar muito chateada a muito triste por saber que ela estava desiludida comigo”.			
M Sim 1007	“andar de skate nas paralelas” Outro: “pessoas que gostam de fumar”. “muitas vezes estamos com os amigos, estamos a fumar só por acharmos, só por estarmos a fumar já somos bons”.	Sozinho.	“consegui um bocadinho, mas depois quando vi que era um bocadinho difícil, desisti”.	“aprender coisas novas”. “para quando tiver a andar num sítio que seja liso, quando tiver que passar para as paralelas, poder conseguir andar nas paralelas”.	“senti-me bem” “assustado, com medo... podia cair, podia passar um carro e atropelar-me ou então passar alguém e eu ir contra ele”.	
F Sim 1015	“correr riscos de chegar atrasada a uma aula, num intervalo de almoço saímos da escola”.	“com colegas”.	“falta de atraso”.	“queríamos muito ir lá e sabíamos que nos íamos divertir”	“não nos sentimos mal, nem nada do género, foi uma pena leve”	
F Não 1014						
F Não 1002	Outra: “alguma brincadeira...naquele momento diretamente pra eles” pode não trazer consequência, mas depois sim. “gozar com uma pessoa ou chatear alguém”.		Castigo Suspenso			
M Não 1013						
F Não 1012	Outra: “tenho amigos que gostam de ir assim para sítios fazer coisas perigosas, por exemplo, saltar pontes e...ou experimentar droga”.	“acompanhados”	“tenho muito medo das consequências” “tornarem-se toxicod dependentes... perderem o rumo da vida, esquecerem das coisas que são mais importantes... estudar ou praticar	“para se exhibir, pra mostrar aos outros que também fazem tudo como eles”.	“no momento sentem-se bem, mas no final acabam sempre por sentir um bocado de remorsos”.	

			um desporto”.			
M Sim 1008	Subir pelo corrimão em vez de ir pelas escadas.	“sozinho, mas o irmão a ver”		“pra ver se conseguia subir até lá cima”. “também lhe queria mostrar”.		
F Sim 1011	Rapel Escalada					
F Não 1001						
M Não 1009	Outra: “o homem que tem mais piercings...a cara pode vir a ter consequências, mas também é um mérito”. Outra: “se formos apanhados a fazer alguma coisa”		“ganhou o 1º lugar, tem uma medalha e está feliz, ou deve estar ou também está feliz e está triste. Tem piercings, pode ver-se mal ao espelho” “pode chamar a polícia”. “só falar com os teus pais”.			
M Não 1020	Atirar pedras com os colegas uns aos outros. Outra: “nas praias às vezes...os amigos tentam-se afogar uns aos outros e às vezes é perigoso”.	Amigos	“que se podem afogar mesmo”.	“só pelo divertimento” Não tem consequências de risco.		
M Sim 1019	Andar de bicicleta a descer a montanha.	“fiz com mais alguém”	“conseguir dominar a bicicleta em descidas, treinar o controlo da bicicleta”.	“porque gosto e também já tenho alguma experiência na bicicleta”. “esquecia esse lado, sabendo que poderia me acontecer alguma coisa, mas ia só pelo lado do divertimento”.		
M Sim 1005	“ando de skate...gosto de andar de skate é a mais velocidade” Outra: “tar na praia e naquelas boias, em cima, gosto de ir lá para longe...podemos cair da boia e depois não conseguimos nadar”. Outra: “uma pessoa tava em cima de uma rocha e tava a saltar para a água... podia bater com a cabeça na pedra”.	Sozinho	Não	“diverte-me porque tenho que tar sempre a mexer com as pernas e assim”.	“por divertimento...mas num sinto nada”.	
M Não 1017	Outra: “por exemplo, pôr-me à frente de um carro porque os meus colegas disseram para eu fazer e eu faço”. Outra: “a gente virou-se para um colega meu e disse que ele não era capaz de fazer aquilo que a gente tinha dito que era: ele passava, fomos a passar numa rua e ele punha-se a andar em cima dos carros...até chegarmos ao fim da rua” – carros parados Outra: “a gente às vezes faz	“já vi colegas meus a fazerem isso”. “fomos um grupo de amigos”.	“apareceu o dono de um e queria chamar a polícia”.	Era divertido “a gente tinha dito que ele não era capaz de fazer”.	“sentiu-se o maior”, depois “sentiu-se mal porque, porque a gente tinha mandado fazer aquilo e ele não fez pela cabeça própria fez porque a gente disse”. “essa pessoa vai ficar magoada com...vai ficar triste com que meteu na rua e às vezes não corre muito bem”.	Fugiu.

	apostas...olha não consegues meter um, alguém na rua”.				
--	--------------------------------------------------------	--	--	--	--

Por vezes corro riscos só pelo divertimento que me dão (Riscos – o outro)						
	Pensa das pessoas que			Reação dos outros		
	Fazem	Não fazem	Tu?	Pais	Amigos	Professores
F Não 1006	“acho mal” “alguma coisa pode correr mal, podem ir parar ao hospital ou até mesmo morrer. E fazerem isso só para se divertirem, acho que não tem assunto”.	“acho bem...não vão estar a arriscar as suas vidas, só porque é divertido”.	Não arriscar.	“mal”	“eram da minha”, “também gostavam disso”.	“mal”
F 1004	“mal” “essas pessoas têm uma atitude incorreta...não deviam correr riscos só pelo divertimento. Deviam correr riscos por coisas sérias”.	“pessoas inteligentes” “podemos correr riscos mas é por coisas graves, correr riscos pelo divertimento só mesmo aquelas pessoas que não batem muito bem da cabeça”.	Não correm.	“mal porque eu podia-me magoar” “castigar, não gostar da atitude, ficar constrangido”.	Perder amizades.	“constrangidos, ficavam admirados, também ficavam chateados, também podia ser penalizada”.
F 1003	“deviam pensar também nas consequências”.	“cautelosas, têm amor à vida”.	Não gostam.	“irritados, ficam alarmados, ficam preocupados e penso que dizem que...para a pessoa não fazer mais”.	“reagem com espanto...incentivam a fazer outra vez e pedem para ir com ele”.	“um bocado como os pais mas com uma pressão menor porque não são...não são nada”.
M 1000	“um bocadinho estúpidas. Porque tão a fazer uma coisa perigosa”.	“são muito calmas” “e talvez não tanto corajosas”.	“prefiro o mais corajoso, o mais divertido”.	“se soubessem reagiam mal”, “porque gostam de mim...tentam cuidar de mim o melhor possível”.	“não haveria tantos problemas” “se fosse amigos que, por exemplo, vão comigo até adorariam que eu era melhor, assim mais corajoso. Mas se não fossem comigo talvez achariam que eu era assim, que não pensasse tanto e que não fosse tão cuidadoso com a vida”.	
F 1010	“não é uma coisa assim muito boa”.	“talvez sejamos um bocadinho tímidos nesse assunto e se calhar em certas situações deveríamos arriscar um pouco mais”.	“neutra”	“dizia tudo o que tinha a dizer, podia até ficar chateada mas o assunto ficava por ali”.	“a maior parte iria concordar, dizer que tinha feito bem”.	“não tenho muito opinião sobre isso”.
M 1007	“penso muitas vezes que são corajosas mas outras vezes que são estúpidas que podem fazer coisas que podem...muito graves”. “fumar só porque acham que são boas mas tão-se a prejudicar a elas, ao ambiente e às outras	“não são pessoas mais, mas também não...estão sempre a fazer a mesma coisa, a mesma rotina, fazem sempre aquilo sempre todos os dias, não fazem coisas novas, não experimentam coisas novas”.	“depende... depende do risco”.	“bem ou mal porque muitas vezes: ah, boa filho, experimentaste uma coisa nova, foi um bocadinho arriscado mas não muito”. “fumar e essas coisas podem reagir muito mal: isso faz-te mal, não deves fazer isso” –	“depende dos amigos” “há amigos que se preocupam, acham que não devemos fazer isso”. Outros: “boa ainda bem que fizeste isto, agora tal como eu te disse à bocado, podes-te juntar a nós e ao nosso grupo, agora também podes fazer isso connosco e isso”.	“muitas vezes mal...podemos estar a prejudicar a nossa saúde, mas por vezes aqueles professores que não se preocupam tanto ignoram”.

	<p>peessoas que indiretamente também fumam e acho que isso é estúpido”.</p> <p>“corajosas porque às vezes temos medo de fazer aquilo e vamos tentar e pode não nos prejudicar tanto, mas correr um bocadinho de risco mas é corajoso, tamos a experimentar coisas novas”.</p>			castigo.	<p>“muitas vezes pra nos armarmos. Tamos a andar com aquelas pessoas que são mais populares e por andar com elas também estamos a ser mais populares e sem dar por ela estamos a pôr a nossa vida em risco”.</p>	
F 1015	<p>“se for riscos para toda a vida e físicos...um bocado estúpido...coisas que não dão repreensão, nem muitas penas, pronto se calhar, isso até pronto”.</p>	<p>“acho que pensam demasiado no presente...não se vão divertir”.</p>		Repreender.	<p>“normalmente...alguns vão dizer: se calhar ah, boa ideia, gostei do que fizeste. Outros se calhar não vão gostar tanto”.</p>	Repreender.
F 1014	<p>“não penso muito bem, acho que não vale a pena”.</p>	<p>“não penso nada”.</p>	Das que não correm.	<p>“acho que não me iam deixar ter tanta liberdade”.</p>	<p>“alguns iam reagir mal, iam achar que eu não devia fazer e outros não se iam importar”.</p>	Não sabe.
F 1002	<p>“pensam pouco nas coisas, não têm um pensamento lógico, relativamente às coisas”.</p> <p>“não pensam nas coisas antes de as fazerem”.</p>	<p>“mais espertas”</p> <p>“deve-se sempre pensar nas coisas antes de as fazer... podemos... prevenir alguma... algumas consequências”.</p>	Não correm.	<p>“ficavam preocupados e chateados uma vez que podia-me acontecer alguma coisa”.</p>	<p>“achar que essa pessoa era engraçada e divertida talvez”.</p> <p>“fazem coisas sem pensar e podem seguir o exemplo dos outros e fazer o que eles estão a fazer, sendo por isso considerados pelos seus amigos mais divertidos”.</p>	<p>“podiam não ter uma grande reação”</p> <p>Repreender.</p>
M 1013	<p>“acho que se podem arriscar e magoarem-se”.</p>	<p>“pessoas mais cautelosas”</p>	Não arriscam.	<p>“zangavam... davam-me na cabeça”.</p>	<p>“iam reagir como se fosse outro divertimento qualquer”. “És o maior e tal, tu é que és rebelde”.</p>	<p>“dizer para não voltar a fazer isso porque posso-me magoar”.</p>
F 1012	<p>“devem ter algum problema e que arranjam isso como uma maneira de esquecer ou de...se sentirem bem com eles próprios mesmo não estando bem”.</p>	<p>“têm medo das consequências”.</p>	Têm medo.	<p>“chateados”.</p>	<p>“também reagiam assim um bocadinho mal, a não ser que tivesse a ver com eles também, aí se calhar reagiam bem”.</p>	Mal.
M 1008	<p>Mal</p> <p>“podem-se magoar”</p>	<p>“bem porque assim não têm risco nenhum de se aleijar”.</p>	Correm riscos.	<p>“não sei”.</p>	<p>“a mesma coisa”, que ele é tolo.</p>	<p>Vão-me tratar de maneira diferente, pensar...que eu sou tolo”.</p>
F 1011	<p>“são pessoas um bocadinho malucas...gostam de fazer coisas que normalmente as pessoas não fazem muito”.</p> <p>“querem sentir aquela adrenalina”.</p>	<p>“um bocadinho exagerado...não experimentarem fazer”.</p> <p>“de vez em quando fazer alguma coisa que seja de risco só pelo divertimento acho que não há mal nenhum”.</p>		<p>“um bocadinho mal”.</p> <p>“podem ter consequências más, negativas”.</p>	<p>“depende dos amigos”</p> <p>“se for amigos que não gostam de correr riscos acham que é grave...se for mais abertos acho que é normal”.</p>	<p>“como os pais, mais ou menos”.</p> <p>Mau.</p>
M 1001	<p>“um bocadinho estranhas”</p> <p>“devia pensar bem antes de fazer essas coisas”</p> <p>“podem vir a trazer situações que são um bocadinho complicadas”.</p>	<p>“atinadinhas”</p>	No meio.	<p>“preocupados”.</p>	<p>Na sal estariam a gozar com o professor – “só os rapazes é que se riam”, “depois podia ser posto fora da sala de aula”.</p> <p>“depende”.</p>	Preocupados.

F 1009	“um bocado malucas”.	“inteligentes” – “divertem-se sem correr riscos”.	Divertidas sem correr riscos.	“mal”. “querem que nós nos...divirtamos... mas também não querem que nós corremos riscos. Para depois haver consequências”.	“normal”.	“normal” “falavam connosco a dizer: oh pá diverte-te mas não corras riscos” “outros não ligavam”.
M 1020		“pessoas boas” “têm consciência daquilo que fazem”.				
M 1019	“são pessoas experimentais, assim a bem dizer, que gostam de experimentar outras coisas, pessoas em que o divertimento é uma coisa importante para elas”.	“não tenho muito contra essas pessoas”.		“não se importam desde que eu tome cuidados”.	“não se importam desde que eu tome cuidados”.	“não se importam desde que eu tome cuidados”.
M 1005	“são um bocados malucas”.	“pensam mais em si próprio do que na prática...pensam o quê que iriam fazer, no caso de meter riscos, do que no próprio... divertimento”		“não costumo estar com os meus pais por isso eles não têm muito bem...se soubessem...não acho que reagiam mal porque eu também penso nas consequências”.	“normalmente os amigos tentam sempre que as pessoas façam, corram esses riscos, tentam sempre que façamos os riscos”. “Mas há outros amigos que também dizem, que dizem que: não deves fazer isso, pode-te acontecer alguma coisa”.	“acho que diziam que não deveria fazer isso”.
M 1017	“são pessoas iguais a mim, mais ou menos iguais a mim”.	“iguais a mim porque, para já eu ainda não corri”. “não fazem o que os outros fazem, muitas das vezes”.		“mal”.	“bem”.	“castigo”.